

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

LUCIANA LANHI BALTHAZAR

ATITUDES LINGUÍSTICAS DE ÍTALO-BRASILEIROS
EM CRICIÚMA (SC) E REGIÃO

CURITIBA

2016

LUCIANA LANHI BALTHAZAR

ATITUDES LINGUÍSTICAS DE ÍTALO-BRASILEIROS
EM CRICIÚMA (SC) E REGIÃO

Tese apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Doutor em Letras no Curso de Pós-Graduação em Letras, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Odete Pereira da Silva Menon

CURITIBA

2016

Catálogo na publicação
Mariluci Zanela – CRB 9/1233
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Balthazar, Luciana Lanhi

Atitudes linguísticas de ítalo-brasileiros em Criciúma (SC) e região
/ Luciana Lanhi Balthazar – Curitiba, 2016.
298 f.

Orientadora: Profa. Dra. Odete Menon

Tese (Doutorado em Letras) – Setor de Ciências Humanas da
Universidade Federal do Paraná.

1. Língua italiana – Linguística - Conversação. 2. Língua italiana
– Estudo e ensino. 3. Linguagem e história – Santa Catarina – Língua
italiana. I.Título.

CDD 458



Setor de Ciências Humanas
Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Letras
Tel./Fax: +55 41 3360-5102

PARECER

Defesa de tese de doutorado de **LUCIANA LANHI BALTHAZAR** para obtenção do título de **Doutor em Letras**.

Os abaixo-assinados Odete Pereira da Silva Menon, Edson Domingos Fagundes, Jacqueline Ortelan Botassini, Loremi Loregian-Penkal, Ermani Fritoli arguiram, nesta data, a candidata, a qual apresentou a tese: **“ATTITUDES LINGUÍSTICAS DE ÍTALO-BRASILEIROS EM CRICIÚMA E REGIÃO”**.

Procedida a arguição segundo o protocolo que foi aprovado pelo Colegiado do Curso, a Banca é de parecer que a candidata está apta ao título de **Doutora em Letras**, conforme especificações abaixo:

Banca	Assinatura	APROVADO Não APROVADO
Dr. ^a Odete P. da S. Menon (Presidente)		Aprovado
Dr. Edson Domingos Fagundes		APROVADO
Dr. ^a Jacqueline Ortelan Botassini		Aprovada
Dr. ^a Loremi Loregian-Penkal		Aprovada
Dr. Ermani Fritoli		Aprovada

Curitiba, 04 de março de 2016.

Prof. Dr. Antonio Augusto Nery
Vice-Coordenador



Setor de Ciências Humanas
Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Letras
Tel./Fax: +55 41 3360-5102

Ata septingentésima trigésima primeira, referente à sessão pública de defesa de tese para a obtenção do título de doutora a que se submeteu a doutoranda **LUCIANA LANHI BALTHAZAR**. No dia quatro de março de dois mil e dezesseis, às quatorze horas, na sala 1005B, 10.º andar, no Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná, foram instalados os trabalhos da Banca Examinadora, constituída pelos seguintes Professores Doutores: Odete Pereira da Silva Menon, Presidente, Edson Domingos Fagundes, Jacqueline Ortelan Botassini, Loremi Loregian-Penkal, Ernani Fritoli, designados pelo Colegiado do Curso de Pós-Graduação em Letras, para a sessão pública de defesa de tese intitulada: "**ATITUDES LINGÜÍSTICAS DE ÍTALO-BRASILEIROS EM CRICIÚMA E REGIÃO**", apresentada por **LUCIANA LANHI BALTHAZAR**. A sessão teve início com a apresentação oral da doutoranda sobre o estudo desenvolvido. Logo após, a senhora presidente dos trabalhos concedeu a palavra a cada um dos examinadores para as suas arguições. Em seguida, a candidata apresentou sua defesa. Foi lido o parecer emitido pela doutora Clarice Von Borstel, enviado pela internete, com suas considerações e sugestões para a versão final, importantes porque da lavra de especialista na área de pesquisa de comunidades bilíngues. Na sequência, a Professora Odete Pereira da Silva Menon retomou a palavra para as considerações finais. Na continuação, a Banca Examinadora, reunida sigilosamente, decidiu pela aprovação da candidata. Em seguida, a senhora Presidente declarou **APROVADA** a candidata, que recebeu o título de **Doutora em Letras**, área de concentração **Estudos Linguísticos**. A versão final da tese deverá ser encaminhada à Coordenação em até 60 dias. Encerrada a sessão, lavrou-se a presente ata, que vai assinada pela Banca Examinadora e pela candidata. Feita em Curitiba, no dia quatro de março de dois mil e dezesseis.

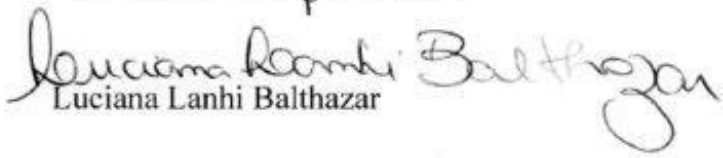

Dr.ª Odete Pereira da Silva Menon


Dr. Edson Domingos Fagundes


Dr.ª Jacqueline Ortelan Botassini


Dr.ª Loremi Loregian-Penkal


Dr. Ernani Fritoli


Luciana Lanhi Balthazar

Aos meus dois amores em outro plano: Pai e Pietro

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Profa. Dra. Odete Menon, por ter aceitado o desafio de trabalhar com atitudes, pelas correções, pelo acompanhamento, pelo respeito por minhas escolhas como pesquisadora, pelo ser humano sensível que ela se demonstrou em todo o processo. Meu respeito pelo seu profissionalismo e pela sua competência.

Ao Governo Federal, que através do Programa Bolsa REUNI financiou três dos quatro anos desta pesquisa.

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPR pelo atendimento.

Aos professores da banca de qualificação, Ernani Fritoli e Jacqueline Ortelan Botassini. Obrigada pelas preciosas contribuições antes da conclusão do trabalho.

Aos membros da banca de defesa, professores Edson Domingos Fagundes, Jacqueline Ortelan Botassini, Loremi Loregian-Penkall e Ernani Fritoli, minha gratidão pela participação, pelas sugestões e pela disponibilidade para que a defesa pudesse ocorrer na data prevista.

À professora Clarice Von Borstel pela leitura, pelas interessantes contribuições e pelo parecer, meu sincero agradecimento.

À minha família. Ao meu pai e meu irmão pelo apoio psicológico e por terem me emprestado o carro para que eu pudesse fazer as entrevistas. À minha mãe amada por me incentivar a estudar desde a infância, por ser meu exemplo de dedicação e amor ao trabalho e à família. Ao meu pai que acompanhou o início da pesquisa, deu palpites sobre as cidades escolhidas, me orientou e me fez acreditar que eu era capaz de conseguir. Ao meu marido, Thiago Freitas, pelo apoio à minha carreira e por entender minha ausência e ainda assim me incentivar para que eu pudesse chegar até aqui. Ao Pietro que já consegue fazer com que eu me sinta mais forte para lutar pelos meus objetivos de vida. Amo vocês.

Às minhas amigas Paula, Karina, Viviane, Marivone e Patrícia. Paula, o que seria de mim sem poder desabafar minhas angústias profissionais e pessoais contigo? Obrigada pelo carinho, por me ouvir e por me dar sugestões para este trabalho. Cá, Vivi, Bambolina e Pati, vocês podem até não entender nada de Sociolinguística, mas a tese só saiu porque vocês existem, muito obrigada.

Obrigada, Zélia (Siderópolis), Cândida, Rafael (Urussanga), Zé (Pedras Grandes) e Aurélia (Nova Veneza), por terem me ajudado a selecionar os informantes, vocês foram importantíssimos. Muito obrigada!

Aos funcionários da biblioteca da Universidade do Estado de Santa Catarina. Obrigada pelos empréstimos do adaptador do carregador do meu computador nas inúmeras vezes que eu esquecia o meu em casa.

Aos meus entrevistados. Sem vocês esta pesquisa não existiria. Obrigada pela confiança, por abrirem as portas das suas casas para mim. Esta pesquisa é por vocês e para vocês. Obrigada também pelos almoços, cafés, lanches, queijos, puínas, cachaças, bolos e outros presentes que vocês me deram.

*Un populu
mittitilu a catina
spughiatilu
attuppatici a vucca
è ancora libiru.*

*Livatici u travagghiu
u passaportu
a tavula unnu mancia
u lettu unnu dormi,
è ancora riccu.*

*Un populu
diventa poviru e servu
quannu ci arrubbanu a lingua
addutata di patri:
è persu pi sempri.*

Lingua e dialetto, Ignazio Buttitta

RESUMO

O presente estudo investigou as atitudes linguísticas de ítalo-brasileiros em relação à língua italiana falada no sul de Santa Catarina. As cinco cidades envolvidas na pesquisa são: Pedras Grandes, Urussanga, Criciúma (a maior cidade do sul do estado), Nova Veneza e Siderópolis. Então, uma das dimensões analisadas foi a diatópica (geográfica). A pesquisa objetivou analisar também outras três dimensões: diageracional (idade), diagenérica (sexo) e diazonal (zona rural e urbana). Ou seja, pretendeu-se verificar as proporções das atitudes linguísticas positivas, negativas e neutras de jovens e idosos, homens e mulheres, habitantes da zona rural e urbana em cinco cidades do sul de Santa Catarina. Após fazer a verificação dos percentuais das atitudes positivas, negativas e neutras nas quatro dimensões mencionadas, pretendeu-se também analisar os motivos econômicos, sociais e/ou históricos que justificariam tais resultados. Para tanto, foram feitas 80 entrevistas semiestruturadas, 16 em cada uma das cinco cidades escolhidas para a pesquisa. Todos os entrevistados possuem descendência italiana por parte de pai, mãe ou ambos. Os resultados apontaram que a maior parte das atitudes linguísticas manifestadas pelos ítalo-brasileiros são positivas em relação à língua italiana falada na região. As cidades com mais atitudes positivas, em ordem decrescente, são: Nova Veneza, Urussanga, Siderópolis, Criciúma e Pedras Grandes. Incentivos municipais e precedentes históricos podem ser as justificativas para tais resultados no que se refere às duas primeiras cidades da lista. Por outro lado, as atitudes negativas foram mais frequentes nas cidades de Pedras Grandes, Criciúma, Siderópolis, Urussanga e Nova Veneza, nessa ordem. Constataram-se mais atitudes positivas na zona urbana que na zona rural. Isso talvez possa ser explicado pela retomada e pela revalorização da italianidade que está ocorrendo em todo o sul de Santa Catarina, mas, em especial, na zona urbana. Além disto, movimentos de conservação linguística, geralmente, tendem a ter início exatamente na zona urbana (FISHMAN, 1975). No que diz respeito à idade, os mais velhos apresentaram mais atitudes positivas em relação à língua italiana falada na região. Talvez o motivo seja que ela é a sua língua mãe; essa língua está atrelada a boas recordações da família e da infância. Finalmente, os resultados em relação às atitudes de homens e mulheres foi o menos representativo nesta pesquisa e verificou que as mulheres apresentam mais atitudes negativas em relação à língua italiana falada na região que os homens. Mulheres se preocupam mais com o *status* social da língua e os resultados obtidos podem revelar resquícios dos pensamentos originários da Campanha de Nacionalização da década de 1930, época na qual ser italiano era considerado vergonhoso. Ou seja, o sul de Santa Catarina parece estar em um período de transição no qual, apesar da presença de atitudes linguísticas negativas, existem superiormente mais atitudes positivas, sobretudo entre os mais velhos e nas zonas urbanas.

Palavras-chave: Atitudes linguísticas. Ítalo-brasileiros. Línguas em contato.

SOMMARIO

Il presente studio ha esaminato gli atteggiamenti linguistici di italo-brasiliani in relazione alla lingua italiana parlata nel sud di Santa Catarina. Le cinque città coinvolte nella ricerca sono: Pedras Grandes, Urussanga, Criciúma (la più grande del sud dello Stato), Nova Veneza e Siderópolis. Così, una delle dimensioni da analizzare è stata la diatopica (geografica). La ricerca si propone di rivedere anche altre tre dimensioni: diagenazionale (età), diasessuale (sesso) e zona rurale e urbana. Cioè, l'obiettivo è verificare le proporzioni di atteggiamenti linguistici positivi, negativi o neutri per gli uomini e donne, giovani e anziani, abitanti delle zone rurali e urbane in cinque città nel sud di Santa Catarina. Dopo aver effettuato la verifica della percentuale di atteggiamenti linguistici positivi, negativi e neutri nelle quattro dimensioni sopracitate, si intende analizzare anche le ragioni economiche, sociali e/o storiche che giustificano tali risultati. Pertanto, sono state fatte 80 interviste semi-strutturate, 16 in ciascuna delle cinque città scelte per la ricerca. Tutti gli intervistati hanno origini italiane dalla parte del padre, della madre o di entrambi. I risultati hanno dimostrato che la maggior parte degli atteggiamenti linguistici espressi dagli italo-brasiliani sono positivi in relazione alla lingua italiana parlata nella regione. Le città con un atteggiamento più positivo, in ordine, sono: Nova Veneza, Urussanga, Siderópolis, Criciúma e Pedras Grandes. Incentivi comunali e precedenti storici possono essere le ragioni di tali risultati per quanto riguarda le due prime città della lista. D'altra parte, gli atteggiamenti linguistici negativi sono stati più frequenti nelle città di Pedras Grandes, Criciúma, Siderópolis, Urussanga e Nova Veneza, in questo ordine. Abbiamo verificato più atteggiamenti linguistici positivi nelle aree urbane che nelle zone rurali. Ciò può essere spiegato con la ripresa e la rivalutazione dell'identità italiana che si svolge nel sud di Santa Catarina, in speciale, nelle zone urbane. Inoltre, i movimenti di conservazione linguistica tendono generalmente a cominciare esattamente dalla zona urbana (FISHMAN, 1975). Per quanto riguarda l'età, abbiamo incontrato più atteggiamenti linguistici positivi tra i più vecchi e forse il motivo è che questa è la loro lingua madre ed è legata ai bei ricordi di famiglia e d'infanzia. Infine, i risultati per quanto riguarda gli atteggiamenti linguistici degli uomini e delle donne è stato il meno interessante in questa ricerca e ha dimostrato che le donne hanno più atteggiamenti linguistici negativi verso la lingua italiana parlata nella regione rispetto agli uomini. Le donne si preoccupano di più dello *status* sociale della lingua e i risultati ottenuti possono rivelare tracce del pensiero originario della *Campanha de Nacionalização* negli anni '30, periodo in cui essere italiano era considerato vergognoso. Cioè il sud di Santa Catarina sembra essere in un periodo di transizione in cui, nonostante la presenza di atteggiamenti linguistici negativi, ci sono superiormente atteggiamenti linguistici positivi, soprattutto tra i più anziani e nelle aree urbane.

Parole chiave: Atteggiamenti linguistici. Italo-brasiliano. Lingue in contatto.

ABSTRACT

The present study investigated the linguistic attitudes of Italian-Brazilians in relation to the Italian language spoken in southern Santa Catarina. The five cities involved in the survey are: Pedras Grandes, Urussanga, Criciúma (the largest city in the south of the state), Nova Veneza and Siderópolis. Thus, one of the dimensions to be analyzed was the diatopical (geographical). The research aims also to review other three dimensions: diageracional (age), diagenérica (sex) and diazonal (rural and urban), in other words, the study want to check the proportions of positive, negative and neutral lingusitic atitudes between young and old, men and women, inhabitants of rural and urban areas in five different cities of in southern Santa Catarina. After making the verification of the percentage of positive, negative and neutral attitudes in the four aforementioned dimensions, it intends to also analyze the economic, social and / or historical reasons that would justify such results. For this purpose, there have been made 80 semi-structured interviews, 16 in each of the five cities chosen for research. All respondents have Italian descent on his father, mother or both sides. The results showed that the majority of the language attitudes expressed by Italian-Brazilians are positive in relation to the Italian language spoken in the region. Cities with more positive attitudes, in order, are: Nova Veneza, Urussanga, Siderópolis, Criciúma and Pedras Grandes. Municipal incentives and historical precedents may be the reasons for such results with concerns the first two cities on the list. On the other hand, negative attitudes were more frequent in the towns of Pedras Grandes, Criciúma, Siderópolis, Urussanga and Nova Veneza, in that order. More positive attitudes in urban areas than in rural areas where found. This might be explained by the resumption and the revaluation of the Italian identity that is taking place throughout the south of Santa Catarina, but in particular in the urban area. Furthermore, linguistic conservation movements generally tend to start at exactly the urban area (FISHMAN, 1975). In regard to age, the older showed more positive attitudes towards spoken Italian language in the region. Perhaps the reason is because this is their mother language; this language is linked to good family and childhood memories. Finally, the results in relation to the attitudes of men and women were the least representative in this study and found that women have more negative attitudes towards spoken Italian in the region than men. Women care more about the social status of the language and the results obtained can reveal traces of the original thoughts of the nationalization campaign of the 30s, a time where being Italian was considered shameful, in other words, the south of Santa Catarina appears to be in a transition period in which, despite the presence of negative language attitudes, there are superiorly more positive attitudes, specially among older and in urban areas.

Keywords: Language atitudes. Italian-Brazilian. Languages in contact.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	17
1.1 O CONCEITO DE “ATITUDE LINGUÍSTICA”: DEFINIÇÕES E INTERPRETAÇÕES	18
1.2 COMPONENTES DAS ATITUDES LINGUÍSTICAS: COMPORTAMENTALISTAS X MENTALISTAS	27
1.3 FORMAÇÃO DAS ATITUDES LINGUÍSTICAS	32
1.4 MANIFESTAÇÃO DAS ATITUDES LINGUÍSTICAS	35
1.5 O PAPEL DAS ATITUDES LINGUÍSTICAS NA SOCIEDADE	37
1.6 A ORIGEM DOS ESTUDOS EM ATITUDES LINGUÍSTICAS	41
1.7 COMO MEDIR ATITUDES LINGUÍSTICAS	43
1.8 ESTUDOS ENVOLVENDO ATITUDES LINGUÍSTICAS E A LÍNGUA ITALIANA EM ÂMBITO NACIONAL	52
2 METODOLOGIA	65
2.1 ABORDAGEM ETNOGRÁFICA	65
2.2 DIMENSÕES DE ANÁLISE	68
2.2.1 Dimensão diageracional (idade)	68
2.2.2 Dimensão diazonal (zona rural e urbana)	70
2.2.3 Dimensão diagenérica (gênero/sexo)	72
2.2.4 Dimensão diatópica (cidades)	74
2.3. SELEÇÃO DOS INFORMANTES DA PESQUISA	76
2.4 INSTRUMENTOS DE COLETA DOS DADOS	82
2.5 ANÁLISE DOS DADOS	89
3 CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO DA REGIÃO DE COLONIZAÇÃO ITALIANA NO SUL DE SANTA CATARINA	98
3.1 A UNIFICAÇÃO DA ITÁLIA, O COMEÇO DE TUDO	100
3.2 O NORTE DA ITÁLIA: PROVENIÊNCIA DOS IMIGRANTES QUE COLONIZARAM CRICIÚMA E REGIÃO	113
3.3 A IMIGRAÇÃO PARA O BRASIL E PARA O SUL DE SANTA CATARINA	116
3.3.1 Pedras Grandes: fundação e aspectos da sua italianidade	122
3.3.2 Urussanga: fundação e aspectos da sua italianidade	129

3.3.3 Criciúma: fundação e aspectos da sua italianidade	138
3.3.4 Nova Veneza: fundação e aspectos da sua italianidade.....	150
3.3.5 Siderópolis: fundação e aspectos da sua italianidade.....	161
4 CONTEXTO LINGUÍSTICO DA REGIÃO DE COLONIZAÇÃO ITALIANA NO SUL DE SANTA CATARINA	172
4.1 A LÍNGUA ITALIANA FALADA NO SUL DE SANTA CATARINA PELOS ÍTALO-BRASILEIROS	172
4.2 O PORTUGUÊS COM SOTAQUE ITALIANO NA REGIÃO SUL DE SANTA CATARINA: VARIAÇÃO ESTIGMATIZADA.....	186
4.3 CARACTERÍSTICAS POLÍTICAS DAS COLÔNIAS DO SUL DE SANTA CATARINA	195
4.3.1 Campanha de nacionalização de Getúlio Vargas e suas consequências nas atitudes linguísticas dos ítalo-brasileiros em relação à língua italiana/dialeto em Criciúma e região.....	197
5 ANÁLISE DAS ATITUDES LINGUÍSTICAS	209
5.1 ATITUDES LINGUÍSTICAS ENCONTRADAS EM RELAÇÃO À LÍNGUA ITALIANA/DIALETO NA REGIÃO PESQUISADA.....	210
5.2 ATITUDES LINGUÍSTICAS DE JOVENS E IDOSOS: DIMENSÃO DIAGERACIONAL.....	219
5.2.1 Ressignificações da palavra <i>baieco</i> entre idosos e jovens.....	231
5.3 ATITUDES LINGUÍSTICAS DA ZONA RURAL E URBANA: DIMENSÃO DIAZONAL	234
5.4 ATITUDES LINGUÍSTICAS DE HOMENS E MULHERES: DIMENSÃO DIAGENÉRICA.....	250
5.5 ATITUDES LINGUÍSTICAS NAS CINCO CIDADES DA PESQUISA: DIMENSÃO DIATÓPICA.....	258
5.5.1 Traços da personalidade de italianos e brasileiros segundo os ítalo-brasileiros.....	267
CONCLUSÃO	272
LIMITAÇÕES DA PESQUISA E RECOMENDAÇÕES PARA TRABALHOS FUTUROS	282
REFERÊNCIAS.....	285
ANEXOS	295

INTRODUÇÃO

O sul do Brasil, e em especial o sul de Santa Catarina, localidade pesquisada neste trabalho, recebeu uma grande quantidade de imigrantes, entre eles, os italianos. A partir de 1875, essa localidade recebeu, aproximadamente, 14.500 italianos (FURLAN, 2001, p. 103).

Os descendentes de italianos que se instalaram no sul de Santa Catarina trouxeram na bagagem aspirações de construir uma vida nova, diferente daquela que estavam levando na Itália. Trouxeram também sua língua e suas tradições. A língua italiana falada pelos imigrantes que aqui chegaram não era o italiano padrão conhecido e estudado hoje porque a Itália não estava unificada e não tinha ainda um idioma oficial. Assim, cada região italiana tinha o seu dialeto, era esta a língua usada pelos imigrantes.

Ao chegarem ao sul de Santa Catarina, os dialetos dos imigrantes eram usados para a comunicação diária e entraram em contato com o português brasileiro, além do contato também com a língua dos outros imigrantes presentes na região (poloneses, alemães...). Gradativamente, através desse contato linguístico, houve a formação de uma nova língua, *a língua italiana dos imigrantes do sul de Santa Catarina*.

Embora o português brasileiro seja a língua oficial no Brasil, não se pode ignorar a presença dessa língua que é até hoje usada pelos descendentes ítalo-brasileiros. Não se pode desconsiderar, também, no contexto linguístico do nosso país e, sobretudo, no sul de Santa Catarina, a presença de comunidades que não se desvincularam da língua de seus ascendentes.

Nesta tese pretendem-se investigar quais são as *avaliações, os sentimentos e/ou os comportamentos dos ítalo-brasileiros do sul de Santa Catarina em relação a esta língua italiana falada na região*.

Para tentar verificar cientificamente tais aspectos, foi necessária a cooperação de várias disciplinas, além da sociolinguística: história, etnografia, linguística aplicada, psicologia e sociologia. A interdisciplinaridade apresentada nesta tese foi uma tentativa de organização do comportamento linguístico da comunidade estudada para poder entender e analisar suas atitudes linguísticas.

Na verdade, o uso de tantas disciplinas nesta investigação reflete o conceito de “atitudes linguísticas” aqui utilizado. Quando se entende “atitude linguística” como *avaliações, sentimentos ou comportamentos positivos, negativos ou neutros perante a língua e/ou aos seus usuários na sociedade*, é inevitável analisar todo o contexto social, histórico, cultural e, obviamente, linguístico com o qual os cidadãos que usam essa língua estão envolvidos e do qual provêm suas atitudes. Dentro dessa definição, levam-se em consideração aspectos emotivos ao acrescentar a palavra *sentimentos* ao conceito e, sobretudo, o *aspecto social* das avaliações que passam pela sociedade antes de ser sentidas ou demonstradas pelos falantes.

Além dos fatores científicos e históricos citados, que justificam o desenvolvimento desta pesquisa, existem também fatores pessoais.

Minha descendência italiana me fez entrar em contato com o dialeto vêneto e o bilinguismo desde pequena. Meus bisavós maternos nasceram em Torrebelvicino, província de Vicenza (região do Vêneto) e vieram para o Brasil falando apenas dialeto. O vêneto era a língua falada pelos meus avós e pela minha mãe na infância.

Na universidade¹, cursei Letras Italiano, o que ampliou meu conhecimento científico na área da sociolinguística. A Itália é um país com apenas 300 mil quilômetros quadrados e com muitos dialetos, o que torna a observação das variações quase uma obrigação para um estudante universitário de Letras Italiano.

Ao levar em conta fatores pessoais e, sobretudo, científicos, acredito que analisar a conduta avaliativa linguística dessas comunidades significa dar visibilidade à língua italiana falada pelos ítalo-brasileiros do sul de Santa Catarina. Além disso, esta análise pode fortalecer a identidade linguística dos ítalo-brasileiros, pois a língua desempenha um papel crucial na identidade de cada cidadão. Portanto, reconhecer e analisar as condições em que esse fenômeno se concretiza na sociedade ítalo-brasileira seria uma contribuição para o objetivo de fortalecer a identidade linguística dessas comunidades.

A identidade social e a linguística são fenômenos que caminham juntos e, dessa forma, a partir da observação das atitudes linguísticas manifestadas por um grupo em relação a sua fala, faz-se possível analisar, também, quais as concepções da própria identidade da comunidade. Portanto, estudos sobre língua e sociedade são considerados como objeto desta pesquisa, pois as atitudes linguísticas estão

¹ Universidade Federal de Santa Catarina, conclusão da graduação em 2003.

relacionadas às manifestações que os falantes de certa comunidade podem ter sobre sua própria fala. Do ponto de vista social, a função da linguagem não é simplesmente a de estabelecer relações sociais, mas também tem a função de transmitir informações sobre o próprio falante.

Ao levar em conta esse panorama, esta pesquisa tem como *objetivo principal* investigar as atitudes linguísticas de ítalo-brasileiros de Pedras Grandes, Urussanga, Criciúma, Nova Veneza e Siderópolis, cinco cidades do sul de Santa Catarina, em relação à língua italiana falada na região.

Além da dimensão diatópica (cinco cidades), esta tese objetiva verificar as atitudes linguísticas de ítalo-brasileiros(as) nas seguintes dimensões: idade (dimensão diageracional), zona onde mora (rural ou urbana – dimensão diazonal) e sexo (dimensão diagenérica).

Assim sendo, os *objetivos específicos* desta tese são:

- a) analisar atitudes linguísticas de jovens e idosos nas cinco cidades;
- b) analisar atitudes linguísticas de habitantes rurais e urbanos das cinco cidades;
- c) analisar atitudes linguísticas de homens e mulheres das cinco cidades.

Para nortear o presente trabalho, as seguintes *perguntas de pesquisa* foram definidas:

1. As atitudes linguísticas de ítalo-brasileiros jovens e idosos em relação à língua italiana falada na região se manifestam nas mesmas proporções? Por quê?
2. As atitudes linguísticas de ítalo-brasileiros da zona rural e urbana em relação à língua italiana falada na região se manifestam nas mesmas proporções? Por quê?
3. As atitudes linguísticas de homens e mulheres ítalo-brasileiros (as) em relação à língua italiana falada na região se manifestam nas mesmas proporções? Por quê?
4. Quais das cinco cidades (Urussanga, Pedras Grandes, Criciúma, Nova Veneza e Siderópolis) apresentam mais atitudes positivas, negativas e neutras em relação à língua italiana falada na região? Quais fatores poderiam justificar estes resultados?

A tese foi dividida em cinco capítulos. O primeiro apresenta a fundamentação teórica do trabalho com o conceito e os componentes de atitudes linguísticas. Explica, também, como elas são formadas e manifestadas, como seus estudos se

originaram e como medi-las. Além disso, o capítulo 1 traz um panorama dos estudos envolvendo atitudes linguísticas e a língua italiana em âmbito nacional.

O capítulo 2 refere-se à metodologia utilizada. Inicialmente, justifica-se o uso da abordagem etnográfica e, em seguida, apresentam-se as dimensões de análise: diageracional (idade), diazonal (zona rural e urbana), diagenérica (sexo) e diatópica (cidades). O capítulo explica, também, como foi feita a seleção dos informantes, quais os instrumentos de coleta dos dados utilizados e como foi desenvolvida a análise.

O capítulo 3 refere-se ao contexto sócio-histórico da região de colonização italiana pesquisada. As três primeiras seções começam apresentando a situação da Itália, em especial do norte, para que se entenda como se deu a emigração para o Brasil, principalmente para o sul de Santa Catarina. Em seguida, as cinco cidades pesquisadas são descritas. São destacados, nesse momento, aspectos relacionados à italianidade das cidades, ou seja, aulas de italiano, monumentos arquitetônicos, festas, tradições, entre outros elementos. Para tanto, são utilizados trechos das entrevistas dos próprios moradores explicando suas cidades.

O quarto capítulo refere-se ao contexto linguístico da região pesquisada. Para começar, é feita uma breve descrição da língua que é falada na região pesquisada: quais dialetos a constituíram, como e onde ela é usada. Em seguida, é feita uma análise do português falado na região; a variação é estigmatizada e alguns exemplos recolhidos das entrevistas são dados para exemplificar isso. As duas últimas seções desse capítulo envolvem questões políticas: são analisadas as consequências da campanha de nacionalização de Getúlio Vargas para as atitudes linguísticas dos ítalo-brasileiros em relação à língua italiana falada na região da pesquisa.

O quinto e último capítulo traz as análises das atitudes linguísticas. São apresentados os gráficos e os percentuais utilizados na pesquisa. A primeira análise é da dimensão diageracional (idade). Existe ainda uma subseção com a análise da palavra *baieco*, usada, na região, com diferentes sentidos por jovens e idosos. Posteriormente, as análises seguem a seguinte ordem: diazonal, diagenérica e diatópica. Criou-se uma subseção na dimensão diatópica intitulada “Traços da personalidade de italianos e brasileiros segundo os ítalo-brasileiros” na qual é feita uma análise dos adjetivos utilizados nas entrevistas para descrever e diferenciar italianos de brasileiros.

Em seguida, são apresentadas as conclusões e as limitações da pesquisa.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para fundamentar esta pesquisa, apresenta-se, inicialmente, a definição de “conceito de atitude linguística” como entendida por Lambert e Lambert (1975), Moreno Fernández (1998), Bisinoto (2000), López Morales (2004), Aguilera (2008), Frosi *et al.* (2010), Botassini (2011), entre outros. Discute-se também a noção de “identidade” (RAJAGOPALAN, 2003; AGUILERA, 2008), outro conceito que norteia o tema. Para finalizar a primeira seção (1.1), apresento a minha definição de “atitude linguística”, que será usada nesta pesquisa.

Na segunda seção (1.2) desta fundamentação teórica, expõem-se as duas correntes que norteiam os estudos em atitudes: os comportamentalistas, que, como o próprio nome já sugere, percebem a atitude como um comportamento; e os mentalistas (LAMBERT, 1964; FISHBEIN, 1965; ROKEACH, 1968), que, por outro lado, afirmam ser a atitude um estado interno do ser humano. Cada uma dessas correntes apresenta componentes diferentes para a atitude.

Posteriormente, na terceira e quarta seções (1.3 e 1.4), expõe-se, com base na Psicologia Social (LAMBERT; LAMBERT, 1975), como a atitude é formada e manifestada. Além disso, elucida-se como o meio social interfere nesses fatores.

Na quinta seção (1.5) desta fundamentação, demonstra-se a importância das atitudes linguísticas na vida em sociedade. Serão apresentadas algumas áreas influenciadas pelas atitudes, tais como o ensino/aprendizado de língua, as mudanças ou manutenção linguística, entre outros. O objetivo da seção é, portanto, mostrar como a manifestação das atitudes pode trazer consequências para a vida dos falantes.

Em seguida, na sexta e sétima seções (1.6 e 1.7), faz-se uma apresentação da origem, na Psicologia Social, das “atitudes” com base em autores como Lambert (2003 [1967]) e em algumas metodologias para mensurá-las.

Finalmente, na oitava e última parte dessa fundamentação (1.8), retrata-se um panorama nacional das pesquisas realizadas que envolvem atitudes linguísticas e língua italiana.

1.1 O CONCEITO DE “ATITUDE LINGUÍSTICA”: DEFINIÇÕES E INTERPRETAÇÕES

Definir o principal conceito desta pesquisa não é tarefa fácil. Primeiramente por existir na literatura opiniões diversificadas que se orientam por diferentes ângulos teóricos. Além disso, quando se fala de “atitudes linguísticas”, entram em jogo questões de avaliações linguísticas, sociais e políticas, o que abrange posições delicadas e amplamente discutíveis sobre língua, poder e pessoas.

Bisinoto (2000) vê o lado positivo desse panorama e afirma que o pesquisador pode trabalhar sem as “amarras da ortodoxia científica” (p. 41) e propor seu próprio caminho. Ela alerta também que, por outro lado, toda essa diversidade de propostas pode ser perigosa, pois pode aumentar os riscos de se perder o rumo, além de agravar as chances de errar e se cansar mais.

Aceitos os riscos e as probabilidades de acerto mencionados, começo minha tentativa de conceituar “atitude linguística” tratando da relação entre língua e sua representação no mundo em que vivemos. Para Frosi *et al.* (2010), a fala de uma pessoa “revela a seus interlocutores algumas marcas que lhe são peculiares” (p. 43). De fato, a fala pode revelar muito sobre o falante: sua proveniência, faixa etária, classe sociocultural etc. Certamente a língua é um dos símbolos externos mais perceptíveis de um grupo, isso porque, quando falamos, somos facilmente reconhecidos – ou não – como membros pertencentes a um grupo.

Assim, uma das primeiras percepções que se pode fazer para entender se um indivíduo pertence ou não a um grupo é analisar sua fala. Independentemente da língua falada ou da nacionalidade, esse símbolo, que é a língua, irá nos fazer pertencer a uma comunidade de fala² específica. Ao ouvir a língua de um grupo, o ouvinte reage de forma a atribuir valores a ela e aos seus falantes. De fato, a forma de falar de uma pessoa ou de um grupo vai interferir nas avaliações que são feitas sobre esse grupo por outras pessoas. Conforme López Morales (2004):

Certos fenômenos linguísticos estão intimamente relacionados com grupos específicos de falantes, se um deles é considerado prestigiado pela

² Nesta pesquisa, será usada a definição de “comunidade de fala” proposta por Guy (2001). Para o autor, que segue Labov, as características dos falantes para formar uma comunidade de fala devem ser: compartilhar traços linguísticos que distinguem seu grupo de outros, comunicar-se mais relativamente entre si do que com outros e compartilharem normas e **atitudes** diante do uso da linguagem.

comunidade, *sua forma de falar* também será, como seus costumes, suas roupas, seus gostos, etc.³ (p. 286, tradução nossa⁴, grifo do autor).

Muitos autores, além de López Morales (2004), também confirmam a existência de uma estreita ligação entre as avaliações que são feitas da fala e aquelas feitas do seu grupo de falantes. Para Grosjean (1982), "as atitudes para uma língua – se é bonita, eficiente, rica e assim por diante – são muitas vezes confundidas com atitudes em relação aos usuários dessa língua"⁵ (p. 117).

Confirma-se, assim, que a fala está, se não totalmente, parcialmente relacionada às avaliações sociais que são feitas daquele grupo, sejam positivas, como na citação anterior, sejam negativas.

É importante ressaltar, entretanto, que mesmo dentro de uma única comunidade de fala, apesar do compartilhamento de um conjunto de normas comuns em relação à linguagem, as pessoas não falam da mesma forma. Ou seja, existem variações de formas linguísticas até dentro de uma única comunidade de fala (LABOV, 1974, p. 63).

Ao considerar a língua como símbolo mais visível de uma comunidade de fala é fundamental que se considere também o contexto social, histórico e político das pessoas pertencentes a tal comunidade. Ou seja, além dos fatores linguísticos que marcam, definem e fazem um grupo ser reconhecido, certamente existem fatores sociais e políticos que são igualmente relevantes em como esse grupo se vê e é visto por outros grupos. Nesse sentido, Botassini (2011) afirma que "especialmente a fala é carregada de valor social, o que frequentemente nos leva a julgar as pessoas como pertencentes a um grupo específico, baseando-nos exclusivamente em sua fala" (p. 68).

Já Bisinoto (2000, p. 37), ao levar em consideração, sobretudo, o contexto social, usa o conceito de "atitude sociolinguística". Para a autora, os fenômenos sociais afetam não somente o comportamento linguístico dos indivíduos, mas também o comportamento político das pessoas. Nas suas palavras, "a atitude

³ No original: *Ciertos fenómenos lingüísticos están muy relacionados con grupos de hablantes específicos; si a alguno de estos es considerado prestigioso por la comunidad, su **forma de hablar** también lo será, como sus modales, su atuendo, sus gustos, etc.*

⁴ Todas as traduções desta tese serão feitas por mim, assim sendo, não usarei mais "tradução nossa" nas próximas citações.

⁵ No original: *Is that attitudes toward a language - whether it is beautiful, efficient, rich and so on - are often confounded with attitudes toward the users of that language.*

linguística e a social complementam-se, ou melhor, fundem-se nas ações e reações dos indivíduos” (p. 36, grifo da autora).

Ela continua dizendo que as atitudes relativas à linguagem podem ser conscientes ou não, subjetivas ou objetivas e

têm a propriedade de fundar e governar tanto as relações de poder quanto o prestígio ou o desprestígio das formas linguísticas, estabelecendo seletividades, evidenciando preconceitos (BISINOTO, 2000, p. 36, grifo da autora).

Frosi *et al.* (2010) iniciam a discussão sobre atitudes linguísticas simplesmente definindo a palavra “atitude” – sem o adjetivo “linguístico”. Para elas, é “a postura que um indivíduo assume frente a algo” (p. 23). As autoras gaúchas afirmam ainda que a atitude pode ser favorável ou desfavorável em relação a um objeto real ou simbólico. Suas pesquisas envolvendo o tema no Rio Grande do Sul, mais especificamente na Região de Colonização Italiana (RCI) de Caxias do Sul e arredores, são fundamentadas em Grosjean (2001), para quem as atitudes em relação aos indivíduos são transferidas para a língua e para seus usuários. Tudo isso acaba por gerar consequências para a manutenção da língua e para a identidade dos indivíduos (FROSI *et al.*, 2010, p. 23). As autoras criam uma noção de “atitude” levando em consideração esse panorama, afirmando que atitude linguística:

consiste em uma postura, ou comportamento positivo ou negativo frente a uma língua ou a uma variedade linguística particular, uma reação favorável ou desfavorável face ao modo de falar do outro (FROSI *et al.*, 2010, p. 263).

Ainda para as autoras, as atitudes desempenham um papel importante na vida dos falantes de uma língua e apresentam efeitos psicológicos grandes (2010, p. 23).

Já a definição do conceito de Lambert; Lambert (1975), provenientes da Psicologia Social, é a seguinte:

Uma atitude é uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir, e reagir a pessoas, grupos, problemas sociais, ou, de modo mais geral, a qualquer acontecimento no ambiente (p. 100).

A definição desses dois autores não se refere à atitude explicitamente linguística, mas ela pode ser perfeitamente usada também para essa área. O conceito apresentado por eles agrega às outras definições já apresentadas nos parágrafos anteriores o elemento cognitivo, o que significa que a atitude parte de crenças e conhecimentos.

Outra tentativa de definição do termo é do espanhol Moreno Fernández (1998), para o qual “a atitude linguística é uma manifestação da atitude social dos indivíduos que pode se focar e se referir tanto à língua quanto ao seu uso em sociedade”⁶ (p. 179). Ou seja, na visão dele, as atitudes linguísticas têm a ver com a própria língua ou com o meio onde ela é falada. Para Moreno Fernández (1998), assim como para Grosjean (1982) e Bisinoto (2000), a sociedade desenvolve um papel fundamental na formação e manifestação das atitudes linguísticas.

O autor espanhol acrescenta, para essa discussão sobre atitude, a ideia fundamental de *identidade* dos grupos que usam a língua, afirmando que as atitudes linguísticas se manifestam exatamente na relação entre língua e identidade. “Identidade”, para ele, pode ser definida objetivamente ou subjetivamente. No primeiro caso, “identidade” caracteriza-se pelas instituições que a compõem (escolas, igrejas, local de trabalho) e pelos padrões culturais que nos personalizam (tradições, hábitos). Já a “identidade subjetiva” pode ser definida como sentimento compartilhado pela comunidade e seus membros e a ideia de diferenciação em relação aos outros (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 180).

Aguilera (2008) apoia a noção subjetiva de Moreno Fernández (1998) e diz que a atitude linguística que o falante manifesta traz consigo a noção de “identidade”. Para ela, “identidade” pode ser definida como “a característica ou o conjunto de características que permitem diferenciar um grupo do outro, uma etnia da outra, um povo de outro” (AGUILERA, 2008, p. 105-106). Ou seja, “identidade” é conceituada a partir da percepção do *Outro*, é através da percepção da diferença que me enxergo como *Eu*, é aquilo que me diferencia do outro grupo que me identifica. Nesse sentido, podemos dizer que existe uma relação forte entre

⁶ No original: *La actitud lingüística es una manifestación de la actitud social de los individuos, distinguida por centrarse y referirse específicamente tanto a la lengua como al uso que de ella se hace en sociedad.*

identidade e língua⁷. O mesmo acontece com a percepção da sua própria língua, isto é, a partir da observação de outra língua você percebe as peculiaridades da sua.

Situações de língua em contato, por exemplo, oportunizam essa observação. As pessoas percebem conscientemente as peculiaridades da sua língua através da outra e é nesse momento que a língua se torna símbolo do grupo, identificando o falante como pertencente ao grupo que a fala.

Os estudiosos que pesquisam o conceito de “identidade” estão cientes de que ela não está pronta e acabada; muito pelo contrário, a identidade está em constante estado de mudança, reformulação e reconstrução. E isso não tem momento certo para acontecer: conforme Rajagopalan (2003), as identidades são adequadas e adaptadas a qualquer momento de acordo com as circunstâncias no decorrer da vida. Mas, então, como defini-la? Segundo o autor, “a única forma de definir uma identidade é em oposição a outras identidades em jogo” (RAJAGOPALAN, 2003, p. 71). Percebe-se que a definição de Rajagopalan converge com a de Aguilera (2008) e a de Moreno Fernández (1998) no sentido de se identificar através da percepção do Outro, de perceber o que é compartilhado ou não com outras pessoas ou outros grupos para poder se perceber e se identificar.

Voltando às considerações de Moreno Fernández (1998), o autor, ao levar em consideração identidade, sociedade e aspectos linguísticos, afirma que atitudes linguísticas são de fato “atitudes psicossociais” ao acrescentar o psicológico ao conceito. A característica psicológica da definição de atitude de Moreno Fernández (1998) enfatiza o quanto a identidade está vinculada à atitude linguística de uma pessoa.

Independentemente do conceito que se use para definir “identidade”, é certo que os aspectos linguísticos nos identificam e nos diferenciam dentro da sociedade. A variedade linguística assumida é um traço definidor da identidade do grupo (AGUILERA, 2008, p. 106).

Após apresentar algumas definições do conceito central desta pesquisa, acrescenta-se que as atitudes linguísticas podem ser negativas, positivas ou neutras em relação a uma língua ou a sua variedade.

Um exemplo de manifestação da atitude linguística negativa é demonstrado pela pesquisa de Frosi *et al.* (2010). As autoras verificaram atitudes negativas em

⁷ Para ampliar o debate sobre identidade e diferenciação do grupo através do outro, ver Appel e Muysken (1996).

relação à fala do ítalo-brasileiro da Região de Colonização Italiana (RCI) no Rio Grande do Sul. O ítalo-brasileiro em contato com os falantes de língua-portuguesa "sofreu estigmatização na sua fala dialetal italiana, sistema desprestigiado" (p. 169) e também "em sua fala de língua portuguesa, miscigenada de elementos do dialeto italiano" (p. 169). Consequentemente, como já afirmamos anteriormente, as avaliações feitas de uma língua, ou de suas variedades, refletem-se também em atitudes em relação aos seus falantes. Dessa forma, avaliações negativas da fala dos ítalo-brasileiros se estenderam também aos sujeitos ítalo-brasileiros que eram chamados de *colonos*, não somente pela atividade exercida na lavoura, mas também como sinônimo de grosseiro, ignorante e não instruído (FROSI *et al.*, 2010, p. 169). A atitude linguística negativa, nesse exemplo, era não somente dos brasileiros em relação à fala do ítalo-brasileiro, mas também do próprio descendente de italianos em relação à sua própria fala. A atitude linguística pode ser negativa em relação à sua própria língua, por exemplo, quando essa variedade não permite aos seus falantes ascensão social, melhora econômica ou mobilidade em outros lugares diferentes dos seus (MORENO FERNÁNDEZ, 1998).

Por outro lado, as atitudes linguísticas podem ser positivas em relação à língua, e elas são, geralmente, sobre a fala dos grupos sociais mais poderosos socioeconomicamente. Isso porque atitudes são, frequentemente, manifestação de uma preferência e convenção social sobre o *status* e o prestígio dos falantes (MORENO FERNÁNDEZ, 1998).

Para exemplificar atitudes positivas, usaremos o mesmo contexto dos ítalo-brasileiros da RIC no Rio Grande do Sul. Com o passar dos anos e das mudanças sociais da região, as atitudes linguísticas em relação à fala de ítalo-brasileiros mudaram⁸. O quadro atual, contrário àquele encontrado no passado, demonstra que ser ítalo-brasileiro não é mais sinônimo de desprestígio e vergonha, muito pelo contrário. Frosi *et al.* (2010, p. 170) verificaram que ser bilíngue italiano-português, hoje em dia, não está sempre associado a ser *colono*. As autoras alertam que ainda estão presentes na memória os fatos que davam medo e vergonha em relação à própria fala, embora mais restritamente. Atualmente, o grande desafio das pesquisadoras é perceber até que ponto as mudanças de comportamento e avaliações positivas em relação aos ítalo-brasileiros se refletem também em atitudes

⁸ Resultados ainda parciais e provisórios de Frosi *et al.* (2010).

linguísticas positivas perante a fala de descendentes com sotaque ou do próprio dialeto⁹.

Weinreich (1974) caracteriza a atitude linguística positiva em relação a uma língua como fidelidade linguística (*fedeltà linguistica*), uma disposição em defender uma língua e valorizá-la. A fidelidade faz com que queiramos preservar a língua ameaçada como reação à sua substituição e às interferências que possam acontecer com a nossa língua. Nas suas palavras:

a fidelidade linguística poderia ser definida como um princípio [...] no qual as pessoas empenham a si mesmas e os outros falantes conscientemente e explicitamente a resistir a toda mudança no funcionamento, na estrutura e no vocabulário da língua¹⁰ (WEINREICH, 1974, p. 145).

Para Weinreich (1974), esse sentimento é natural e proveniente do envolvimento emotivo que temos com a língua materna.

Como já dito, além de positiva ou negativa, acredito que a atitude linguística possa ser neutra. Entretanto, para alguns autores estudiosos do assunto, como Moreno Fernández (1998) e López Morales (2004), não existe o conceito de atitude neutra. Moreno Fernández (1998) diz que atitude neutra é “a ausência de atitude e não uma classe dela”¹¹ (p. 185), ao passo que López Morales afirma que “uma atitude neutra é impossível de imaginar: trata-se da ausência de atitude”¹² (p. 290). Já Labov (2008 [1974], p. 59) diz que as atitudes podem, sim, ser “neutras” quando expressam sentimentos nem positivos nem negativos. Para esclarecer e apoiar a existência do conceito de “atitude neutra”, apresento alguns exemplos retirados das entrevistas feitas para esta tese:

Exemplo 1

Luciana: Tu te sente, aqui dentro (aponto para o coração)¹³, tu sente mais italiano ou mais brasileiro?

Entrevistado: Ah sei lá, é que é assim, eu, tipo eu sou novo ainda né, mas eu sempre convivi com os italianos, agora eu comecei a trabalhar fora, tô

⁹ Na região pesquisada, atualmente, o bilinguismo é instável, passivo e restrito.

¹⁰ No original: *La fedeltà linguistica potrebbe essere definita quindi come un principio [...] in nome del quale la gente impegna se stessa e gli altri parlanti consciamente ed esplicitamente a resistere ad ogni mutamento sia nelle funzioni della loro lingua sia nella struttura o nel vocabolario.*

¹¹ No original: *una ausência de actitud y no como una classe más de ella.*

¹² No original: *[...] una actitud neutra es imposible de imaginar [...] se trata más bien de ausencia de actitud.*

¹³ Sempre que houver necessidade de alguma explicação ou tradução das falas para a melhor compreensão do que está sendo falado, o farei entre parênteses, como neste caso.

conhecendo outro pessoal que nasceu fora da raça no caso, italiana, mas sei lá.

Tu te sente como?

Meio a meio.

50 a 50?

É 50 a 50.

(Informante 18, Nova Veneza, masculino, jovem, zona rural).

Exemplo 2

Luciana: Se tu precisasse de um médico, ou de um dentista e ele fosse descendente de italiano, tu iria nele?

Entrevistada: Iria.

E se ele fosse brasileiro?

Também, pra mim não tem essa coisa “ah porque é descendente de italiano”.

(Informante 09, Criciúma, feminino, jovem, zona rural).

Exemplo 3

Se fosse comprar uma casa em um bairro onde só houvesse italianos, descendentes de italianos, tu compraria?

Sim, sem nenhum problema, se me interessa a casa.

Se fosse só brasileiro?

Também, igual, não teria problema.

Tu procuraria um médico ou um dentista se ele fosse descendente de italiano?

Igual, sem nenhum problema.

Se ele fosse brasileiro?

Também.

(Informante 49, Siderópolis, masculino, jovem, zona rural).

Percebe-se a partir desses exemplos casos de atitudes neutras, ou seja, as atitudes linguísticas manifestadas não expressam sentimentos positivos nem negativos, mas expressam sentimentos. Inclusive, no exemplo 1 até o verbo usado para fazer a pergunta é “sentir”, ou seja, a resposta, bem provavelmente, está relacionada aos sentimentos do informante. Nos exemplos 2 e 3, os informantes afirmam que comprariam casas e iriam a médicos de ambas as nacionalidades sem problemas, ou seja, eles expressam que o ato material de comprar uma casa ou o ato físico de ir ao médico não é influenciado pela descendência; essas duas atitudes para eles independem da etnia.

Vale ressaltar nesse momento que nos exemplos 2 e 3 as atitudes neutras referem-se aos falantes e não diretamente à língua italiana falada na região. Entretanto, sabe-se que frequentemente as atitudes em relação aos usuários são confundidas com as atitudes em relação à língua (GROSJEAN, 1982).

Portanto, para esta pesquisa, analisarei as *atitudes de ítalo-brasileiros em Criciúma e região em relação à língua italiana falada na região e levarei em consideração atitudes positivas, negativas e neutras.*

É bom ressaltar também que, quando se trata de expressar a atitude sobre a sua própria língua, ela pode ser positiva, negativa ou neutra dependendo do papel exercido na sociedade naquele momento (isso para o mesmo sujeito). Por exemplo, eu posso ter uma atitude positiva em relação ao meu sotaque italiano quando estou jantando com amigos em Criciúma e, ao mesmo tempo, ter uma atitude negativa em relação a essa mesma variação quando estou na Universidade Federal do Paraná conversando com meus professores de Curitiba. Ou seja, a mesma língua, com o mesmo indivíduo, mas com atitudes opostas de acordo com o momento e o papel desenvolvido na sociedade. Moreno Fernández (1988, p. 181) diz que “as línguas podem ser estimadas por razões diferentes, razões que normalmente são sociais, subjetivas ou afetivas”¹⁴. Da mesma forma como as línguas podem ser estimadas por essas razões, elas também podem ser estigmatizadas, esquecidas ou abandonadas por razões sociais, subjetivas ou afetivas.

Para exemplificar a possibilidade de um mesmo sujeito ter atitudes positivas ou negativas em relação à sua fala, cita-se um trecho de uma informante desta pesquisa:

Luciana: Tu te acha, dentro assim (nome completo da informante), tu te acha mais italiana ou mais brasileira?

Entrevistada: E agora, eu acho que depende de quando eu estou com uma pessoa italiana, tipo, por exemplo, **eu aqui na minha cidade, eu me sinto mais italiana pelo fato de todo mundo ser italiano, mas às vezes eu estou com um amigo brasileiro ou de outra cultura, às vezes nem tanto.**

Luciana: Depende com quem está?

Entrevistada: Isso, às vezes sim.

(Informante 41, Pedras Grandes, feminino, jovem, zona rural).

Fica bem claro com esse exemplo que a identificação da entrevistada como “italiana” ou “brasileira” está atrelada ao contexto social em que ela está inserida naquele momento. Em ambientes como a zona rural de Pedras Grandes (Colônia Azambuja), suas atitudes linguísticas em relação à língua italiana falada na região provavelmente serão mais positivas, enquanto atitudes mais negativas poderão ser

¹⁴ No original: [...] *las lenguas pueden ser estimadas por razones diferentes, razones que normalmente son sociales, subjetivas o afectivas.*

manifestadas caso ela esteja com amigos de outras cidades e sem descendência italiana.

Com base no exposto, pode-se ter uma noção do quão difícil é definir as atitudes linguísticas. Mas, para esta pesquisa, entendo “atitudes linguísticas” como *avaliações, sentimentos ou comportamentos positivos, negativos ou neutros perante a língua e/ou aos seus usuários na sociedade*. Dentro dessa definição, levo em consideração aspectos emotivos ao acrescentar *sentimentos* à definição e, sobretudo, o *aspecto social* das avaliações que passam pela sociedade antes de serem sentidas ou demonstradas pelos falantes. Conforme Labov (2008 [1972], p. 21), “as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo”, e, portanto, é impossível formular uma definição de atitude linguística sem levar em consideração as tais “pressões sociais” citadas por ele.

1.2 COMPONENTES DAS ATITUDES LINGUÍSTICAS: COMPORTAMENTALISTAS X MENTALISTAS

Segundo Fasold (1996, p. 229), Moreno Fernández (1998, p. 182) e López Morales (2004, p. 287), as atitudes linguísticas têm sido estudadas do ponto de vista comportamentalista (*conductista, behaviorista*) ou mentalista.

A primeira linha de pesquisa, mais simplificada, entende “atitude” como um comportamento, uma resposta a um estímulo, e, como o próprio nome já demonstra, tem origem na Teoria Behaviorista¹⁵. A visão comportamentalista proporciona uma noção de atitude bem unívoca porque o falante teria uma atitude positiva ou negativa (resposta) em decorrência de algum fator externo (estímulo).

Para Fasold (1996), o conceito de “atitude”, dentro da visão comportamentalista, pode ser definido como “as respostas das pessoas a situações

¹⁵ A teoria behaviorista se originou nos Estados Unidos com a publicação do artigo *A Psicologia tal como a vê um Behaviorista* (1913) pelo psicólogo americano John B. Watson. Com base nessa obra, o comportamento humano pode ser explicado por fatores ambientais externos. O indivíduo deve receber determinada quantidade de estímulo externo que lhe permita imitar o comportamento (SKINNER, 1982).

sociais”¹⁶ (p. 230). Nessa visão, a atitude seria baseada nas respostas que os informantes dão a certas situações sociais, e, portanto, seria possível analisá-la diretamente, sem considerar os fatores internos ao informante.

Em relação aos componentes da atitude, os comportamentalistas a concebem como uma unidade única, simples e indivisível. Segundo Fasold (1996) alguns psicólogos seguem essa definição. Entretanto, parece simples demais ver as atitudes como *um* tipo de resposta a *um* estímulo e com *um* componente único.

A visão mentalista, por outro lado, oferece uma definição mais interessante e completa do conceito. O ponto de vista mentalista:

entende a atitude como um estado interno do indivíduo, uma disposição mental para algumas condições ou para alguns fatos sociolinguísticos concretos; nesse sentido, a atitude seria uma categoria intermediária entre um estímulo e o comportamento, ou a ação individual.¹⁷ (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 182-183).

A linha mentalista, portanto, percebe as atitudes como um estado mental do indivíduo capaz de fazer suas escolhas conforme a situação em que se encontra. Nessa visão, diversamente da linha comportamentalista, a concepção de “atitude” é muito mais complexa porque envolve o estímulo interno do indivíduo que reagirá de uma forma diferente a cada situação. Nesse sentido, López Morales (2004) diz que, na linha mentalista, “a atitude de uma pessoa a prepara para reagir de uma maneira específica a um estímulo dado”¹⁸ (p. 287). Para Fasold (1996), “atitude”, dentro da linha mentalista, é definida como uma “variável que opera entre um estímulo que afeta a pessoa e a sua resposta”¹⁹ (p. 229). Percebe-se, portanto, que a atitude seria um estado interno manifestado pelo estímulo seguido de uma resposta.

Na visão da linha mentalista, atitude é vista como uma estrutura múltipla em relação aos seus componentes formadores. As propostas mais conhecidas dessa linha são apresentadas por Lambert (1964), Fishbein (1965) e Rokeach (1968),

¹⁶ No original: [...] *(las actitudes) se hallan sin más en las respuestas de la gente a situaciones sociales.*

¹⁷No original: *La actitud se entiende como un estado interno del individuo, una disposicion mental hacia unas condiciones o unos hechos sociolinguisticos concretos; en este sentido, la actitud seria una categoria intermedia entre un estimulo y el comportamiento o la accion individual.*

¹⁸ No original: [...] *la actitud de una persona [...] lo prepara para reaccionar de manera especifica ante un estímulo dado.*

¹⁹ No original: [...] *una variable que opera entre un estímulo que afecta a una persona y la respuesta de ésta.*

embora com divergências quanto ao número e à natureza dos seus componentes (LÓPEZ MORALES, 2004).

Fasold (1996), Moreno Fernández (1998) e López Morales (2004), dentre outros pesquisadores, afirmam que mentalistas, em termos gerais, aceitam três componentes para as atitudes: um cognitivo, um afetivo e um comportamental. Entretanto, esses três autores usam exemplos diferentes para designar cada um desses três componentes.

Na visão de Fasold (1996, p. 230), o cognitivo é o conhecimento, o afetivo, o sentimento e o comportamental, a ação. Moreno Fernández (1998, p. 183), por sua vez, diz que o componente cognitivo inclui o saber e/ou a crença, o afetivo, a valorização e o comportamental, a conduta. Para López Morales (2004, p. 288), finalmente, o componente cognitivo inclui crenças e estereótipos, o afetivo está relacionado às emoções e aos sentimentos e o componente comportamental refere-se à tendência a reagir de certa maneira com relação ao objeto.

Em uma tentativa de esclarecer essa exposição, resumo com o quadro a seguir os dados sobre os componentes das atitudes na visão mentalista e os três autores citados.

Autores	Componentes das atitudes		
	cognitivo	afetivo	comportamental
Fasold (1996)	conhecimento	sentimento	Ação
Moreno Fernández (1998)	saber, crença	valorização	conduta
López Morales (2004)	crença, estereótipos	emoções e sentimentos	tendência a reagir

QUADRO 1 – COMPONENTES DE ATITUDES PARA AUTORES MENTALISTAS

Gómez Molina (1998), durante seu estudo envolvendo atitudes na região metropolitana de Valença, na Espanha, discorreu sobre o papel desses três componentes (cognitivo, afetivo e comportamental) formadores da atitude na visão mentalista. Para ele, o componente cognitivo teria maior peso sobre os outros por formar a consciência sociolinguística. Na sua visão, no componente cognitivo:

intervêm nos conhecimentos e pré-julgamentos dos falantes: consciência linguística, crenças, estereótipos, expectativas sociais (prestígio, ascensão), grau de bilinguismo, etc. (GÓMEZ MOLINA 1998, *apud* AGUILERA, 2008, p. 106).

Lambert; Lambert (1975) também defendem a existência dos três componentes de atitudes citados (cognitivo, afetivo e comportamental). Para eles, é necessário que esses três componentes estejam interligados para que a atitude se constitua, ou melhor, é a inter-relação desses componentes quando enfrentamos e nos adaptamos aos meios sociais que desenvolvem as atitudes.

Voltando aos três mentalistas mais representativos – Lambert (1964), Fishbein (1965) e Rokeach (1968) – e à teorização dos componentes em atitudes, passaremos agora a identificar as subpartes do conceito para esses três autores. Como já dito anteriormente, a visão dos componentes de atitudes dentro da perspectiva mentalista é múltipla; portanto, para cada autor o conceito de atitude é apresentado de forma multifacetada. A intenção aqui não é aprofundar a conceptualização de cada componente, mas, sim, demonstrar através dos três exemplos o quão heterogênea é a teorização dos componentes de atitudes dentro da visão mentalista.

Para Lambert (1964 *apud* LÓPEZ MORALES, 2004, p. 288), a atitude é formada por três elementos no mesmo nível: crença, valorização e conduta. Ou seja, para o autor, a atitude é formada pela adição das crenças e dos conhecimentos dos falantes, além dos seus afetos e do seu comportamento perante uma língua ou uma situação.

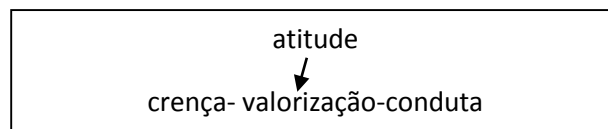


FIGURA 1 – COMPONENTES DE ATITUDE
 FONTE: LAMBERT (1964 *apud* LÓPEZ MORALES, 2004, p. 288)

Fishbein (1965 *apud* LÓPEZ MORALES, 2004, p. 289) apresenta um modelo no qual prevê que as línguas, as situações e os fatos linguísticos, como reflexo do social, podem levar a atitudes (componente afetivo) e crenças (componente cognitivo junto à ação). Nesse modelo, o autor separa claramente crenças de atitudes.

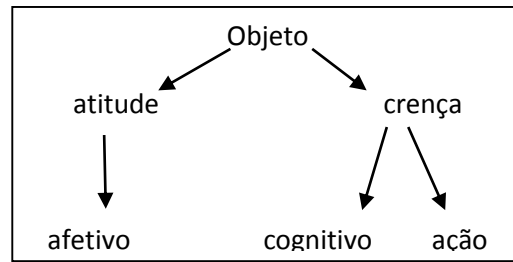


FIGURA 2 – COMPONENTES DE ATITUDE
 FONTE: FISHBEIN (1965, *apud* LÓPEZ MORALES, p. 289).

Para Rokeach (1968 *apud* LÓPEZ MORALES, 2004, p. 289), a atitude se compõe de um conjunto de crenças; cada uma dessas crenças, por sua vez, é formada pelos três componentes: cognitivo, afetivo e comportamental.

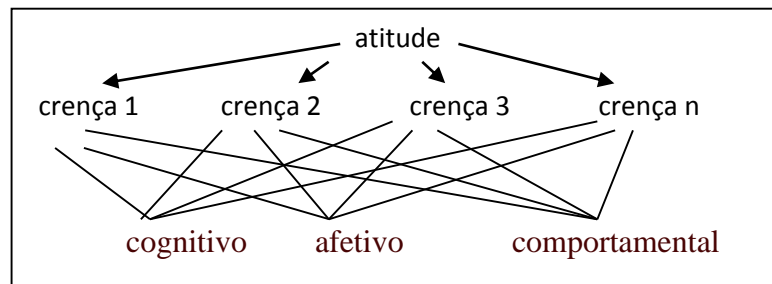


FIGURA 3 – COMPONENTES DE ATITUDE
 FONTE: ROKEACH (1968 *apud* LÓPEZ MORALES, p. 289).

A discussão e as divergências entre os autores mentalistas para definir a estrutura dos componentes formadores das atitudes se estende ainda mais²⁰, sobretudo em relação ao componente *crença*, como se pode perceber pelos exemplos anteriores. De fato, Botassini (2013) afirma que, dentro do campo da Sociolinguística, esses dois conceitos (atitudes e crenças) são apresentados "estritamente imbricados" (p. 48), tanto que, para conseguir dar uma definição mais precisa de "crença", ela se apoiou em conceitos provenientes da Linguística Aplicada, área na qual o termo é melhor definido e apresentado separadamente do conceito de "atitude". De fato, não só na Linguística Aplicada, mas também na Educação e na Psicologia, o termo "crença" vem sendo estudado e debatido. Em todas as áreas existe uma dificuldade em chegar a um consenso.

Para esta pesquisa, não se fará a separação entre crenças e atitudes. Na verdade, entendo a crença como um componente da atitude. Por exemplo, quando

²⁰ Para discussão mais aprofundada sobre atitudes e seus componentes, ver Agheyisi e Fishman (1970, p. 140).

um ítalo-brasileiro ouve dos pais, desde pequeno, que quem é descendente de italiano é colono, ele começa a pensar dessa forma e a construção da sua realidade será dentro desse contexto; isso quer dizer que ele verá o mundo dentro dessa perspectiva. Suas atitudes linguísticas, conseqüentemente, serão dentro dessa linha das suas crenças. Entretanto, no decorrer da sua vida, essa criança crescerá e terá suas próprias experiências de vida, dentro de uma sociedade que logicamente também influenciará nessas novas experiências. Mas será de acordo com as suas novas interpretações e suas novas ressignificações do que é ser ítalo-brasileiro que ele poderá mudar ou reafirmar suas crenças. Suas atitudes linguísticas, nesse momento, poderão ser as mesmas de quando ele era criança se suas crenças forem reforçadas, ou diferentes caso ele tenha dado novas ressignificações para o que é ser ítalo-brasileiro. As crenças, assim como as atitudes, são dinâmicas, mutáveis e dependem do contexto no qual a pessoa está inserida.

Portanto, a meu ver, não se faz necessário, para esta pesquisa, separar os conceitos de “crença” e “atitude”.

A próxima seção apresentará como as atitudes são formadas.

1.3 FORMAÇÃO DAS ATITUDES LINGUÍSTICAS

Não nascemos com nossas atitudes já determinadas; elas são formadas e aprendidas no decorrer da vida. Para Lambert; Lambert (1975), as atitudes são modos aprendidos de ajustamento e, portanto, desenvolvem-se por princípios padronizados. Eles afirmam que existem três princípios que ajudam a entender como se formam as atitudes: *associação*, *transferência* e *satisfação de necessidades* (p. 118). Os três princípios estão interligados.

Sobre o primeiro e o terceiro princípios, a *associação* e *satisfação de necessidades*, os autores afirmam que "as atitudes com relação a outras pessoas são aprendidas por associação e satisfação de necessidades" (LAMBERT; LAMBERT, 1975, p. 118). Isso significa, na prática, que uma atitude positiva em relação a uma língua ou a uma variedade se desenvolve quando os seus falantes são associados a um acontecimento agradável. Por outro lado, atitudes negativas são formadas quando os falantes são associados a acontecimentos desagradáveis.

Lambert; Lambert (1975) exemplificam que membros de uma comunidade geralmente desenvolvem atitudes negativas em relação a imigrantes porque os associam às suas dificuldades econômicas.

O terceiro princípio para entender como se forma uma atitude é a *transferência*. Esse princípio nos ajuda "a explicar como aprendemos os componentes de pensamento-crença de atitudes de outras pessoas" (LAMBERT; LAMBERT, 1975, p. 120). Para os autores, "aprendemos" atitudes assim como, através da instrução formal, aprendemos história, geografia e matemática; ou ainda melhor, nós transferimos nossas atitudes para outras pessoas. Por exemplo, alguém poderia transferir uma atitude super favorável a um ítalo-brasileiro ao descrevê-lo como trabalhador, honesto e inteligente, ou simplesmente o contrário, ao afirmar para outra pessoa que o ítalo-brasileiro é desonesto, preguiçoso e burro. Quando sugerimos formas de reorganização ou integração das nossas atitudes para outras pessoas, estamos transferindo essas formas. Entretanto, nem sempre aceitamos todas as transferências; entra em jogo novamente o princípio da satisfação de necessidade, que faz o papel de filtro na aceitação ou não das atitudes transferidas. Geralmente aceitamos e incorporamos aquelas que nos são satisfatórias.

Na infância, adotamos, por transferência, muitas atitudes de nossos pais, mas não somente. Atitudes de pessoas estranhas também são adotadas, desde que as consideremos pessoas importantes, conforme os autores:

à medida que crescemos, incorporamos atitudes que parecem adequadas para a participação em grupo que consideramos importantes. Às vezes, mudamos de atitudes como meio para deixar um grupo e participar de outro (LAMBERT; LAMBERT, 1975, p. 121).

Mutskén e Appel (1988 *apud* MELLO, 2003) também chamam a atenção para a importância do meio social na formação das atitudes. Os autores apresentam um esquema para demonstrar a formação das atitudes linguísticas. É interessante ressaltar que as atitudes em relação ao grupo precedem as atitudes em relação à língua, ou seja, aspectos culturais e sociais de uma comunidade²¹ são levados em consideração, antes mesmo da língua, para a formação da atitude, como mostra a figura abaixo:

²¹ A definição de "comunidade de fala" usada para esta tese foi apresentada na seção 1.1 deste capítulo.

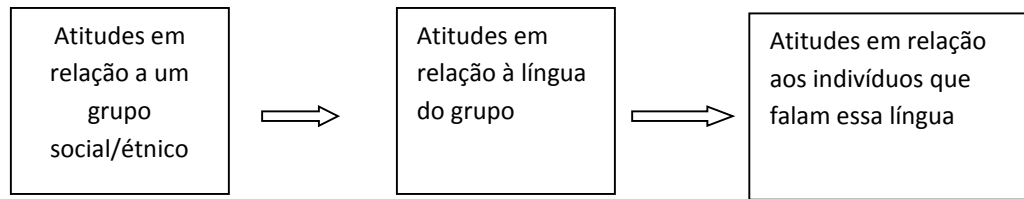


FIGURA 4 – REPRESENTAÇÃO DE FORMAÇÃO DE ATITUDES
 FONTE: MELLO (2003, p. 89) ADAPTADA DE MUYSKEN; APPEL (1988, p. 16)

Conforme o esquema de formação de atitude apresentado, percebe-se que o que acontece no meio social, como as posições ocupadas na sociedade, por exemplo, será refletido nas atitudes em relação à língua que aquele grupo usa, o que, por sua vez, será refletido também nos membros desse grupo.

Segundo Saville-Troike (2003), etnógrafa interessada na linguagem e nas atitudes linguísticas, os indivíduos raramente escolhem suas atitudes em relação à uma língua ou às pessoas. Para ela, as atitudes são culturalmente determinadas e fortemente influenciadas pela estrutura social na qual a pessoa está inserida. Nas suas palavras:

atitudes são adquiridas como um fator de pertencimento ao grupo, como parte do processo de aculturação em uma comunidade de fala, e são fundamentais para a sua caracterização²² (SAVILLE-TROIKE, 2003, p. 183).

A autora afirma que é exatamente por essa inconsciência na escolha das suas próprias atitudes que o assunto interessa à etnografia.

Após formada, a atitude pode fossilizar ou petrificar nossas reações a ponto de ignorarmos a *individualidade*, conforme os autores Lambert; Lambert (1975) explicam:

na medida em que uma atitude se torna firmemente estabelecida, ficamos excessivamente prontos a classificar pessoas ou acontecimentos de acordo com padrões emocionalmente coloridos de pensamentos, de forma que deixamos de reconhecer individualidade ou singularidade. As atitudes fixas ou estereotipadas reduzem a riqueza potencial do nosso ambiente e limitam nossas ações (LAMBERT; LAMBERT, 1975, p. 101).

Na maioria dos casos, não há consciência das atitudes no comportamento na sociedade. Na verdade, segundo os autores, somente uma cuidadosa autoanálise é

²² No original: *Attitudes are acquired as a factor of group membership, as part of the process of enculturation in a particular speech community, and are thus basic to its characterization.*

capaz de nos fazer perceber as próprias atitudes. Isso porque, segundo eles, uma vez formadas, são muito resistentes à mudança.

1.4 MANIFESTAÇÃO DAS ATITUDES LINGUÍSTICAS

Conforme Lambert; Lambert (1975), a manifestação das atitudes no comportamento foi analisada por Margaret Birks (1957) para tentar descobrir com qual idade as atitudes começam a se manifestar. Ela trabalhou com crianças de cinco a doze anos de idade e utilizou o tema preconceito entre judeus e protestantes.

Foi perguntado a crianças protestantes como eram os judeus. A pesquisadora percebeu que com cinco anos nenhuma criança manifestava preconceitos, mas aos dez anos de idade 25% já o demonstrava. A pesquisa foi desenvolvida através da análise de atitudes em relação ao preconceito, como a maioria das pesquisas envolvendo atitude na década de 1960.

Outra pesquisa, dessa vez envolvendo adultos, sobre a manifestação de atitudes foi a de Schlieben-Lange (1993). Ela apresentou um esquema de como as atitudes se manifestam. Para tanto, a autora realizou uma pesquisa iniciada em 1972, em Bagnols-sur-Cèze, cidade localizada no sul da França. O objetivo era analisar se o occitano ainda era falado nessa cidade, além de verificar as formas em que essa língua continuava a existir e a consciência dos membros dessa comunidade de fala a respeito da situação linguística²³.

A pesquisadora percebeu que nas manifestações das atitudes, no esquema criado por ela, as "enunciações" sobre a própria língua são provenientes de prática linguística com discurso(s) político(s). O primeiro item, prática linguística, é entendido como o "saber sobre a língua que afeta tanto as unidades de uma determinada língua como também suas possibilidades de uso" (SCHLIEBEN-LANGE, 1993 p. 94). Os falantes sabem muito sobre sua língua: sabem reconhecer os elementos que fazem parte da sua língua e quais não fazem, quais são novos ou

²³ Nesse artigo, ela usa o termo "bilinguismo encoberto" ao definir a situação da comunidade de fala occitana de Bagnols-sur-Cèze, isso porque, segundo ela, seria muito difícil fazer o levantamento para definir quem é o falante de occitano (quem só usa no dia-a-dia; quem usa de vez em quando; quem entende, mas não usa; quem diz que entende e fala fluentemente, mas só sabe usar expressões idiomáticas; ou o contrário, quem diz não falar e fala diariamente etc.).

mais antigos, e, até mesmo, identificar variações geográficas, sociais e estilísticas da sua língua.

Já o segundo componente para a manifestação das enunciações sobre língua é o discurso político sobre língua. “Os argumentos desse discurso público têm a forma elementar de estereótipos e, assim, são facilmente disponíveis e incorporáveis” (SCHLIEBEN-LANGE, 1993, p. 95). Esses discursos sobre línguas contêm, sobretudo, avaliações e julgamentos de “bom”, “ruim”, “feio” e “bonito”, além de elementos do saber como, por exemplo, onde é adequado o uso de uma ou outra língua. Ao se juntarem, então, as práticas linguísticas com os discursos políticos sobre as línguas, têm-se as manifestações das atitudes linguísticas sobre a sua própria língua, ou, ainda, sobre outras línguas, conforme demonstra o esquema a seguir:

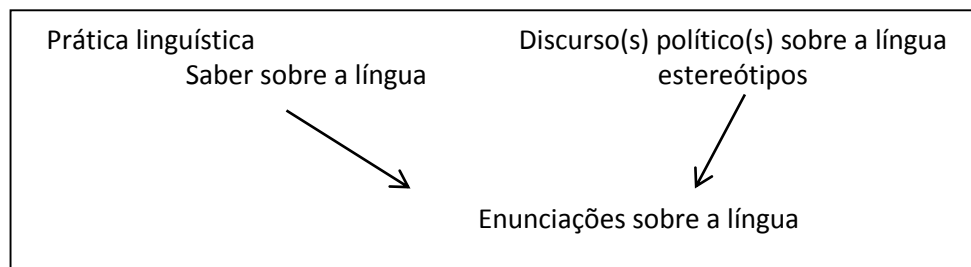


FIGURA 5 – REPRESENTAÇÃO DE FORMAÇÃO DE ATITUDES
FONTE: SCHLIEBEN-LANGE (1993, p. 96)

Percebe-se que a pesquisa de Schlieben-Lange (1993) e seu esquema de manifestação de atitude podem nos ajudar a entender também os resultados do estudo de Margaret Birks (1957) com crianças protestantes. As crianças com cinco anos não manifestaram atitudes negativas em relação aos judeus, mas se sabe que com cinco anos elas já sabem muito sobre a própria língua. Talvez, então, o que tenha faltado para que as atitudes negativas em relação aos judeus ainda não tivessem sido perceptíveis fosse o discurso político apontado por Schlieben-Lange (1993). Podemos supor que crianças protestantes com 10 anos já tenham adquirido e formado atitudes linguísticas negativas contra os judeus justamente porque já incorporaram alguns discursos políticos e estereótipos sobre eles.

Conclui-se, portanto, que é somente por meio da união daquilo que a pessoa sabe sobre a sua língua e os discursos políticos sobre essa língua que as atitudes linguísticas serão manifestadas. Mais uma vez, o papel social assume uma

importante posição na manifestação das atitudes linguísticas, a sociedade na qual o sujeito vive é fundamental.

1.5 O PAPEL DAS ATITUDES LINGUÍSTICAS NA SOCIEDADE

A manifestação de uma atitude linguística pode trazer consequências para o falante e para toda a sua comunidade. Lambert; Lambert (1975) afirmam que atitudes desempenham papéis em diversos segmentos das nossas vidas, desde a aprendizagem de línguas até a nossa filosofia de vida:

as atitudes desempenham papéis importantes na determinação do nosso comportamento. Por exemplo, influem em nossos juízos e percepções dos outros; influem na rapidez e eficiência de nossa aprendizagem, ajudam a determinar os grupos a que nos ligamos, as profissões que finalmente escolhemos e até a filosofia que aceitamos (LAMBERT; LAMBERT, 1975, p. 107).

Uma pesquisa publicada por Wallace E. Lambert (1967) demonstrou que realmente as atitudes têm influência em julgamentos sociais. Montrealenses universitários de língua francesa e inglesa ouviram 10 gravações de locutores franceses e ingleses e julgaram a personalidade do locutor. Os estudantes não sabiam que estavam ouvindo, na verdade, a voz de cinco locutores bilíngues. Tanto o grupo de universitários de língua francesa quanto o grupo de universitários de língua inglesa avaliaram mais positivamente – mais bonitos, mais altos, mais inteligentes, mais merecedores de confiança, mais delicados e de melhor caráter – os locutores que falavam em inglês do que os locutores que falavam em francês, ou seja, jovens franco-canadenses consideraram seu grupo cultural inferior aos jovens anglo-canadenses. Segundo Lambert; Lambert (1975), essa inferioridade linguística é demonstrada muitas vezes por jovens canadenses bilíngues que, ao falar inglês, sentem-se recebidos de maneira mais positiva. Percebe-se, portanto, que as reações de um grupo minoritário, nesse caso, os franco-canadenses, "são influenciadas por contatos de *status* social elevado" (LAMBERT; LAMBERT, 1975, p. 109).

Além de interferir nos julgamentos sociais, as atitudes linguísticas interferem também no ensino-aprendizagem. Lambert; Lambert (1975) citam a pesquisa de Albert e Bernice Lott (1970) para comprovar o papel da atitude na aprendizagem de línguas, mas o exemplo se expande também ao ensino-aprendizagem em geral.

O trabalho de Albert e Bernice Lott (1970) foi desenvolvido na Índia. Eles perceberam que os bengalis²⁴ tinham muito mais dificuldade em aprender uma lista de adjetivos desfavoráveis ao seu grupo do que quando os mesmos adjetivos eram associados a outro grupo. Já para aprender adjetivos favoráveis atribuídos ao seu grupo, os bengalis tinham pouca dificuldade (LAMBERT; LAMBERT, 1975, p. 113). Percebe-se claramente que as atitudes influenciam na rapidez e na eficiência da aprendizagem por associação²⁵.

Ainda sobre a influência e a importância dos estudos com atitudes relacionados à escola, Fasold (1996) cita trabalhos²⁶ que comprovaram a influência das atitudes até mesmo na maneira como os professores tratam seus alunos.

Moreno Fernández (1998) também aponta consequências das atitudes na sociedade: ele acredita que essas manifestações, favoráveis ou desfavoráveis ao uso da língua, implicam, positivamente ou negativamente, mudança linguística, ensino, abandono e difusão:

as atitudes influem decisivamente nos processos de variação e mudança linguísticas que se produzem nas comunidades de fala. Uma atitude favorável ou positiva pode fazer com que uma mudança linguística se concretize mais rapidamente, que em certos contextos predomine o uso de uma língua em detrimento de outra, que o ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira seja mais eficaz, que certas variantes linguísticas se confinem aos contextos menos formais e outras predominem nos estilos apresentados. Uma atitude desfavorável ou negativa pode levar ao abandono e ao esquecimento de uma língua ou impedir a difusão de uma variante ou uma mudança linguística.²⁷ (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 179).

²⁴ Os bengalis (ou bengalas, ou bengaleses) são um grupo étnico de Bengala (um território dividido entre a Índia e Bangladesh), no subcontinente indiano, com uma história de mais de dois milênios. Falam a língua bengali, do ramo oriental do indo-europeu.

²⁵ Para mais estudos relacionando atitudes à aprendizagem de uma segunda língua, ver: Lambert et al. (1968), Gould (1977), Gardner (1979), Taylor, Meinard e Rheault (1977).

²⁶ Ver Frender e Lambert (1972) e Williams (1974).

²⁷ No original: [...] *las actitudes influyen decisivamente en los procesos de variación y cambio lingüísticos que se producen en las comunidades de habla. Una actitud favorable o positiva puede hacer que un cambio lingüístico se cumpla más rápidamente, que en ciertos contextos predomine el uso de una lengua en detrimento de otra, que la enseñanza-aprendizaje de una lengua extranjera sea más eficaz, que ciertas variantes lingüísticas se confinem a los contextos menos formales y otras predominen en los estilos cuidados. Una actitud desfavorable o negativa puede llevar al abandono y el olvido de una lengua o impedir la difusión de una variante o un cambio lingüístico.*

Para Moreno Fernández (1998), portanto, é a partir das atitudes linguísticas que percebemos o “predomínio” ou o “abandono” de uma língua na comunidade onde ela é usada. Quando são positivas, além dos fatores linguísticos da citação acima, elas transmitem significados, conotações sociais e valores sentimentais porque “as normas e marcas culturais de um grupo se transmitem ou se enfatizam por meio da língua”²⁸ (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 180).

López Morales (2004), por sua vez, também elenca as variadas consequências da manifestação das atitudes linguísticas positivas ou negativas em relação a uma língua. Para ele, atitudes linguísticas podem levar mais rapidamente, ou não, às mudanças linguísticas; interferem na decisão de aprender ou não querer aprender uma determinada língua estrangeira; e podem ser também fomento para a discriminação linguística (p. 292). Ele alerta que, de todas as consequências citadas, a mais grave é a discriminação linguística.

Além das consequências das atitudes linguísticas relacionadas aos fatores sociais, psicológicos e linguísticos citados, segundo Calvet (2007), a relação entre o contato de línguas e as suas variedades estabelece relações de força e poder. O autor, assim como linguistas que trabalham com atitudes, confirma a ideia de que “a língua não serve apenas para transmitir informação, ela também diz coisas sobre o falante, sobre o grupo” (p. 23).

Isso quer dizer que, se uma língua – ou sua variedade – é mal vista pela sociedade, seus falantes também sofrerão com esse julgamento. Essa forma de ver a língua e as suas variações leva em consideração seus vínculos com a sociedade e seus membros. Há muitas intervenções humanas tentando ditar “regras” do uso “correto” de como falar/escrever para certos grupos na tentativa de “reintroduzi-los” na sociedade. Essas grandes determinações referentes às línguas e à sociedade são chamadas de “políticas linguísticas” por Calvet (2007). O autor afirma que são os usuários que decidem se vão aceitar ou não a solução escolhida, mas, na verdade, “o governo controla o sistema escolar, as mídias; e para ele a melhor estratégia consiste em introduzir a reforma linguística por meio da escola” (CALVET, 2007, p. 24).

Em vista disso, para estudar questões que envolvam julgamentos das línguas e das suas variações em sociedade, é fundamental que analisemos também o

²⁸ No original: *Las normas y marcas culturales de un grupo se transmiten o enfatizan por medio de la lengua.*

contexto social, político e histórico no qual aquela língua é usada; afinal, nas palavras do autor: "a linguística nos tem ensinado que as línguas não podem ser decretadas, mas que são produtos da história e da prática dos falantes, que elas evoluem sob a pressão de fatores históricos e sociais" (CALVET, 2007, p. 86).

Saville-Troike (2003, p. 184) já afirmava, na mesma linha de Calvet (2007), que a língua poderia ser usada para discriminar e controlar porque podemos usá-la para a classificação das pessoas. Ela pode ser usada para manter ou colocar as pessoas em determinado local na sociedade. As atitudes, por sua vez, podem ser de grande importância nesse contexto porque são influenciadas por estruturas sociais.

Todas essas consequências das atitudes na sociedade e nas nossas vidas fundamentam e justificam seu estudo e análise, além de colocá-las em destaque dentro da Sociolinguística. Nesse sentido, podemos justificar o estudo das atitudes linguísticas de ítalo-brasileiros em Criciúma e região, sobretudo porque há pouquíssimos registros da relação entre sociedade e língua na região sul de Santa Catarina.

1.6 A ORIGEM DOS ESTUDOS EM ATITUDES LINGUÍSTICAS

Os estudos em atitudes são originários da Psicologia Social, que estuda os indivíduos em seus ambientes sociais e culturais. Esse ramo da Psicologia analisa, além do psicológico, a perspectiva social que influencia o modo como o ser humano age, vive, pensa, sente, se comporta e interage com outras pessoas. Como a Psicologia Social se interessa tanto pelo individual quanto pelo social, a pesquisa nessa área, sempre que possível, “controla a influência do contexto social ou da personalidade, a fim de entender melhor como interagem em situações normais” (LAMBERT; LAMBERT, 1973, p. 9). Para Rodrigues (1978), psicólogo social brasileiro, a Psicologia Social “estuda as manifestações comportamentais suscitadas pela interação de uma pessoa com outras pessoas, ou pela mera expectativa de tal interação” (RODRIGUES, 1978, p. 3).

A partir dessas descrições acerca da ciência Psicologia Social, percebemos a *interação humana* como foco nas pesquisas. Portanto, podemos compreender que essa ciência interessa não somente a psicólogos sociais, mas também a historiadores, sociólogos, etnógrafos, linguistas e outros cientistas que trabalham com o comportamento humano.

Os estudos em atitudes provenientes da Psicologia Social focaram, em seu início, preconceitos raciais, étnicos e religiosos. Segundo os pesquisadores, esse tema suscitava muitos debates e, além disso, o preconceito “acentua os componentes essenciais em todas as atitudes” (Lambert; Lambert, p. 100).

Dentro dos manuais de Psicologia Social, as atitudes sociais sempre tiveram um papel de destaque. Segundo Rodrigues (1978, p. 46-47), os primeiros estudos sobre atitudes datam da década de 1920 com os trabalhos de Thurstone (1927) e Thurstone e Chaves (1929). Desde então, muitas pesquisas foram feitas. Na década de 1930, por exemplo, priorizou-se a tentativa de criar escalas de medida e técnicas de opinião pública; na década de 1940, tentou-se, sobretudo, identificar fatores que levassem as pessoas a manifestar as atitudes; já na década de 1950, o foco foi verificar fatores de personalidade capazes de influenciar e modificar atitudes (RODRIGUES, 1978, p. 47-50).

Tanto interesse da Psicologia Social no tema justifica-se, entre outros fatores, pela relação que pode ser feita entre atitudes e comportamentos, ou seja, conhecer as atitudes de uma pessoa em relação a determinados objetos pode proporcionar

também o conhecimento do seu comportamento. (RODRIGUES, 1978, p. 394). Nessa perspectiva, "atitude social" significa "um sentimento pró ou contra um objeto social, sendo que esse pode ser uma pessoa, um acontecimento social ou qualquer produto da atividade humana" (RODRIGUES, 1978, p. 395).

Mas foi na década de 1960 que o termo "atitude" começou a interessar linguistas, sobretudo os sociolinguistas. Foi nessa época que as pesquisas começaram a relacionar atitude a aspectos socioculturais da linguagem. A partir desse momento, a estratificação social, as relações de poder entre grupos étnicos, a língua que esses grupos usam e com a qual se identificam, entre outros fatores sociais, passaram a ser importantes nos estudos na área da Sociolinguística. A linguagem passou a ser analisada como elemento que identifica socialmente os indivíduos.

Em 1967, com a publicação do artigo *A Social Psychology of Bilingualism*, no *Journal of Social Issues*, Wallace Lambert, precursor dos estudos em atitudes linguísticas, iniciou o debate ao analisar o bilinguismo por meio de uma perspectiva psicológica e social. Desse modo, analisou o bilinguismo não apenas através de certas reações dos bilíngues como indivíduos (perspectiva psicológica), mas também por meio das influências sociais que interferem e afetam o comportamento bilíngue, além das repercussões sociais que decorrem desse comportamento.

O objetivo desse artigo foi justamente integrar o bilinguismo, visto de forma social, a fatores como: processo de troca bilíngue, competência do bilíngue nos dois sistemas linguísticos, maneira como os dois sistemas interagem, entre outros fatores.

Labov, em 1963, já sinalizava o papel da atitude dos falantes nativos ao assumirem posturas linguísticas que demarcavam sua identidade cultural. Em sua célebre pesquisa com os falantes da ilha de Martha's Vineyard (EUA), na qual analisou e observou a mudança sonora no contexto da vida da comunidade da ilha, ele observou a alteração da posição fonética dos primeiros elementos dos ditongos /ay/ e /aw/ em diversas faixas etárias, grupos profissionais e quatro grupos étnicos. Para compreender o desenvolvimento da mudança linguística, Labov levou em consideração a vida social da comunidade. Para a realização da pesquisa, ele escolheu a ilha de Martha's Vineyard (município de Dukes, estado de Massachusetts) porque, entre outros fatores, apresentava um panorama social e geográfico complexo, o que levava a um comportamento linguístico também

diversificado e amplo²⁹. As conclusões do estudo apontam um alto índice de centralização dos ditongos /ay/, forma arcaica do inglês. A manutenção do ditongo era uma forma inconsciente de os nativos manterem sua variedade linguística e, assim, demarcarem sua identidade cultural e resistirem às incursões de veranistas, ou seja, uma (re)afirmação linguística dos habitantes da ilha.

A pesquisa de Labov mostra o importante papel da atitude linguística no processo de mudança da língua e na diferenciação social. É por meio de comportamentos como os dos habitantes da ilha que percebemos o quanto a língua é um importante elemento cultural e identificador na vida em sociedade.

Ainda Labov (2008 [1972]), em estudo sobre o inglês dos adolescentes negros do bairro do Harlem, constatou que as atitudes negativas para com uma variante linguística não padrão ultrapassam o âmbito da linguagem e se estendem ao âmbito dos falantes. Ou seja, valores atribuídos a uma variedade linguística serão atribuídos também aos seus falantes. Por outro lado, o contrário dessa afirmação também é verdadeiro: se um grupo de falantes usa uma determinada variante, os valores sociais atribuídos a esse grupo serão transferidos para essa variante.

Labov, o primeiro linguista a postular que os fatores sociais podem condicionar às mudanças linguísticas, faz-nos perceber, portanto, a estreita relação de interdependência entre as avaliações positivas, negativas ou neutras (atitudes linguísticas) e a avaliação na sociedade dos seus falantes.

1. 7 COMO MEDIR ATITUDES LINGUÍSTICAS

“As pessoas não revelam abertamente suas atitudes” (LAMBERT; LAMBERT, 1975, p. 101). Essa afirmação já alerta que a mensuração de atitudes não é resolvida facilmente. Primeiro, conforme os autores canadenses, porque as pessoas nem sempre as demonstram explicitamente. Em seguida, é importante ressaltar que às vezes não temos consciência de nossas próprias atitudes. Além desses dois empecilhos, trata-se de sentimentos e avaliações, e medir sentimentos é sempre muito subjetivo.

²⁹ A ilha, na época da pesquisa, tinha aproximadamente 6 mil habitantes nativos que podiam ser divididos em quatro grupos étnicos. Além disso, devido à posição geográfica, os falantes da ilha apresentavam traços de um inglês arcaico provavelmente do sudeste da Nova Inglaterra antes de 1800.

Outro fator que dificulta a mensuração das atitudes é que as pessoas e, conseqüentemente, suas atitudes mudam de um período para o outro. Por exemplo, como já dito na primeira seção deste capítulo, Frosi *et al.* (2010) afirmam que as atitudes linguísticas negativas em relação aos ítalo-brasileiros na Região de Colonização Italiana (RCI) no Rio Grande do Sul podem estar mudando. Os ítalo-brasileiros que sentiam vergonha de sua descendência e sua língua agora parecem demonstrar orgulho das suas raízes.

Lambert; Lambert (1975) alertam que psicólogos – e o conselho, nesse caso, é válido também para nós linguistas – precisam ser “extremamente inventivos para inferir a existência e as características de uma atitude” (p. 103). As atitudes de um indivíduo não serão manifestadas clara e abertamente ao pesquisador; elas chegam, muitas vezes, camufladas, desviadas, encharcadas de preconceito ou cheias de orgulho. É necessária uma cuidadosa verificação do *corpus* para detectar atitudes positivas, negativas e neutras.

Como o contexto social está envolvido, o ideal seria obter informações sobre a atitude do informante através da observação do seu dia-a-dia normal. Obviamente esse método é totalmente inviável em razão do quesito tempo. Além disso, e, sobretudo, para o informante, seria desagradável ser observado no seu ambiente o dia inteiro.

Quando se fala em medir atitudes, segundo Moreno Fernández (1998, p. 186) e López Morales (2004, p. 287), existem propostas diferenciadas de análise entre comportamentalistas e mentalistas³⁰. Os primeiros utilizam como procedimento a observação direta de comportamentos objetivos; é um método seguro cujo interesse se encontra no que apresentam as condutas observadas. Se, por um lado, essa metodologia de análise facilita a pesquisa porque não precisamos dos dados informados pelos próprios participantes (basta a observação), por outro lado, López Morales (2004) critica a metodologia empregada na visão comportamentalista ao dizer que ela apresenta "o grave inconveniente científico de não prever o comportamento verbal (ou qualquer outro)"³¹ (p. 288). Conforme López Morales (2004), exatamente por não prever o comportamento verbal e, portanto, não se

³⁰ Para aprofundamento sobre a diferença entre comportamentalistas e mentalistas, ver a seção 2 desta fundamentação teórica: Componentes de atitudes: comportamentalistas x mentalistas.

³¹ No original: [...] *el grave inconveniente científico de que no predicen la conducta verbal (ni ninguna otra)*.

constituir de padrões sistemáticos, a maioria das investigações linguísticas segue a linha mentalista.

Já a segunda proposta – a mentalista – recorre a técnicas que tentam decifrar o estado interno e mental dos informantes. É claro que essa proposta é muito mais complexa de ser seguida, pois, contrariamente a um comportamento observado diretamente, um estado mental deve ser inferido a partir de um comportamento linguístico ou de outros dados que o informante demonstre voluntariamente ou não. O fato de observar atitude por meio de técnicas mentalistas acarreta algumas dificuldades, como aponta o autor espanhol:

determinar o tipo apropriado de dados de duas atitudes que podem ser inferidas, e o desenvolvimento de um mecanismo para medir algo que não tem forma de se manifestar³² (LÓPEZ MOLARES, 2004, p. 287).

A crítica em relação à análise metodológica da proposta mentalista, de fato, é que não se observa a atitude do informante diretamente e, dessa forma, não se pode inferi-la com exatidão. Com efeito, não é possível observar o “estado interno” dos falantes e, assim, para perceber suas atitudes, dependemos daquilo que os informantes nos dizem e, como sabemos, dados fornecidos pelos próprios indivíduos têm uma validade questionável (FASOLD, 2006, p. 230).

Outra forma de observar a atitude, dentro da perspectiva mentalista, é inferi-la indiretamente através dos padrões de conduta dos informantes; entretanto, segundo Fasold (2006), o investigador corre o risco de enxergar além do que o falante realmente manifestou como sua atitude. Certamente, um dos grandes desafios para identificar atitudes é criar procedimentos nos quais os informantes não tenham a nítida percepção do que realmente está sendo analisado e avaliado.

Para amenizar as dificuldades apontadas pelos autores citados, dentro da perspectiva mentalista, existem dois grupos de métodos de estudos: diretos e indiretos.

Os métodos diretos geralmente são praticados por meio de entrevistas e questionários que, por sua vez, podem ser abertos (o informante responde livremente da forma que achar mais adequada) ou fechados (as respostas são limitadas). Os métodos indiretos, por outro lado, são aplicados sem que o informante

³² No original: [...] *determinar el tipo adecuado de datos a partir de los cuales pueden inferirse las actitudes, y la elaboración del mecanismo que permita medir algo que carece de forma manifiesta.*

tenha consciência de qual é o objetivo da pesquisa, "são aqueles (métodos) no qual o propósito é desconhecido pelos indivíduos que servem de informantes"³³ (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 187). O mais conhecido deles é o chamado no Brasil de “falsos pares” (*matched guise*) e foi idealizado por Wallace Lambert na década de 1960.

A figura a seguir resume as técnicas de mensuração de atitudes explicadas:

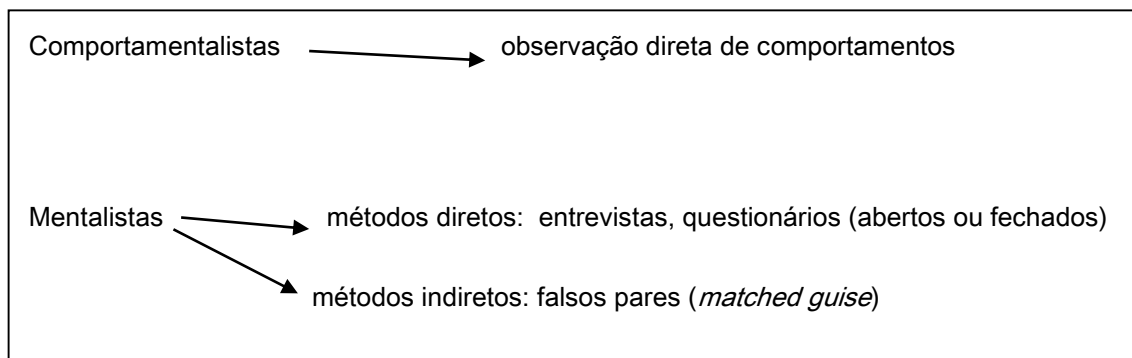


FIGURA 6 – PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE ATITUDE DE COMPORTAMENTALISTAS E MENTALISTAS

Ainda em relação aos métodos indiretos para a mensuração de atitudes, ou seja, métodos nos quais os informantes não têm consciência do objetivo da pesquisa, é pertinente ressaltar aqui a opinião, com a qual concordo, de Schliben-Lange (1993). Para ela, o linguista pesquisador de atitudes deve apresentar, durante a entrevista com o informante, um objetivo de indagação que não seja afastado demais do tema, mas sem mencionar verdadeiramente o objetivo da pesquisa. De fato, o objeto de estudo falado aos informantes não pode estar muito afastado do verdadeiro tema por questões técnicas e éticas. Além desse conselho, ela afirma também que não considera interessante que o entrevistador seja da mesma comunidade de fala do informante porque, nesse caso, “não haveria maneira de explicitar o saber que eles partilham” (p. 99). No entanto, acredito que esse segundo conselho não cabe para pesquisas relacionadas a atitudes. Pelo contrário, acredito que, com os mesmos membros da comunidade de fala, identificado linguisticamente, o informante possa se sentir mais confiante e deixar fluir melhor seus sentimentos.

³³ No original: [...] son aquellas cuyo propósito es desconocido por los individuos que sirven de informadores.

A principal e mais utilizada técnica mentalista, como já afirmado, é a falsos pares, de Wallace Lambert. Entretanto, a primeira forma de análise utilizada por ele foi a escala de Bogardus.

Emory Bogardus (1925) solicitava aos informantes que se imaginassem em diversas situações sociais com imigrantes e indicassem se gostariam de tê-los como amigos íntimos, vizinhos ou colegas. As respostas variavam desde a rejeição até a aceitação total. Essa “distância social”³⁴ permitiu uma ordenação nas atitudes através das suas reações às perguntas e às hipóteses. Alguns aceitavam o imigrante (era chinês nessa pesquisa) como amigo, outros como possível amigo, e alguns até como possível cônjuge (LAMBERT; LAMBERT, 1975).

Já outros não aceitavam nenhuma das hipóteses e rejeitavam até mesmo a entrada desses imigrantes no país. Bogardus criou então uma escala que foi útil na mensuração de atitudes, mas que apresenta algumas limitações, dentre as quais, “não dá um índice do grau ou da intensidade de tendências de reações, nem consegue informação a respeito do pensamento e sentimentos das pessoas” (LAMBERT; LAMBERT, 1975, p. 104). Em outras palavras, a escala de Bogardus não capta os sentimentos dos informantes.

Após a tentativa de Bogardus (1925) em medir atitudes, Lambert (1967) desenvolve o método falsos pares (*matched-guise*).

A técnica envolve a reação de ouvintes que escutam a mesma gravação feita por bilíngues nas duas línguas envolvidas no estudo. Os ouvintes, que são chamados por Lambert (2003 [1967]) de “juízes”, devem avaliar a personalidade dos falantes somente por meio da voz. É importante ressaltar que os “juízes” não são informados de que as vozes são de várias pessoas bilíngues. Outro fator importante é que, nesse procedimento, o foco da atenção deve estar na voz dos falantes e não no conteúdo da mensagem. Dessa forma, são feitos pré-testes com os juízes para que eles se familiarizem bem com a metodologia da técnica. Além disso, cópias do texto são disponibilizadas previamente para que os ouvintes fiquem ainda mais familiarizados com o conteúdo da mensagem e, assim, possam realmente focar sua atenção na voz dos bilíngues.

Lambert (2003 [1967]) explica que em 1958-59 se utilizou de tal técnica em um estudo realizado em Montreal, cidade particularmente conhecida pela tensão

³⁴Para maiores detalhes, ver Bogardus (1925).

linguística existente entre canadenses que falam inglês (*English Canadians EC*) e canadenses que falam francês (*French Canadians FC*). Foi solicitado a um grupo EC que avaliasse um grupo de bilíngues inglês-francês.

Como já dito na seção 1.5, os resultados mostraram avaliações negativas em relação aos canadenses que falam francês e avaliações positivas em relação aos canadenses que falam inglês. Os que falavam inglês foram considerados mais inteligentes, mais altos e mais confiáveis tanto pelos bilíngues quanto pelos monolíngues.

Em 1973, Wallace Lambert e Willian Lambert sugeriram o mesmo método com uma proposta diferente: em vez da leitura do texto, é feito um questionário para medir os três componentes de atitude³⁵, conhecer o tipo da atitude (favoráveis ou desfavoráveis) e em que grau se manifestam. Desse modo, os informantes que responderam ao questionário tinham a possibilidade de concordar ou discordar de cada afirmação e indicar a intensidade da sua atitude por meio das alternativas: concordo inteiramente, concordo, nem concordo nem discordo, discordo, discordo inteiramente.

Por meio das afirmações, o pesquisador pode testar os pensamentos e crenças, seus sentimentos e emoções e também a tendência à reação dos informantes. O nome da técnica – falsos pares – deve-se ao fato de que metade das afirmações deveriam ser apresentadas de forma favorável e a outra metade desfavorável. O objetivo é verificar se os informantes concordariam com as perguntas sob uma forma e discordariam das apresentadas na forma oposta. Por exemplo, se para uma alternativa como: "Os ítalo-brasileiros de Criciúma são pessoas confiáveis", o entrevistado respondesse discordo inteiramente; para a alternativa: "Eu não confio em descendentes de italianos de Criciúma" ele teria que responder positivamente com "concordo inteiramente" ou "concordo".

Para refinar a precisão do teste, então, os autores sugerem que se use o questionário em duas ocasiões diferentes; se as perguntas despertarem as mesmas respostas nas duas ocasiões, o questionário seria considerado preciso. As perguntas “não precisas” são eliminadas do questionário. Outra sugestão dos autores para testar a validade do questionário é usá-lo com grupos que apresentem

³⁵ Para os autores, como já dito na seção “1.6 A origem dos estudos em atitudes”, as atitudes possuem três componentes essenciais: pensamentos e crenças, sentimentos e emoções, e tendências a reagir.

comportamentos diferentes entre eles, por exemplo, em uma fábrica, usar o questionário com um grupo de trabalhadores que são amistosos com funcionários estrangeiros e com outro grupo que demonstra hostilidade para com os imigrantes que trabalham na mesma fábrica.

O autor da técnica de falsos pares diz que ela é, por um lado, valiosa porque as mesmas características de um grupo aparecem também quando se utilizam diferentes tipos de juízes; entretanto, por outro lado, quando o teste e reteste são feitos pelos mesmos juízes, as avaliações nem sempre são as mesmas (LAMBERT; LAMBERT, 1975).

Encontramos na literatura muitas críticas à técnica; entre elas, Moreno Fernández (1998) afirma que a principal limitação é a artificialidade. Isso porque os informantes dão a sua opinião baseando-se em uma voz gravada. É complicado determinar até onde vai o julgamento da pessoa sobre a voz gravada e o julgamento da língua em questão. Outra crítica apresentada pelo autor espanhol à técnica de falsos pares é que os textos gravados geralmente são lidos; dessa forma, corre-se o risco de que o informante julgue a qualidade da leitura e não as características pessoais do leitor ou da língua empregada. Nesse ponto da crítica, é apontado como fundamental o assunto do texto lido, "o tema influencia sobre a atitude porque existem temas de que nunca se fala em uma determinada variedade ou língua"³⁶ (p. 188).

Outra crítica à técnica de falsos pares feitas por sociolinguistas e citada por Amâncio (2007), é a limitação das opiniões dos informantes através da lista reduzida de julgamentos "que possivelmente poderiam ser atribuídas aos falantes de determinada língua e por induzir o informante a um posicionamento" (p. 47). De fato, as avaliações feitas pelos juízes provêm de uma lista de adjetivos definidos pelo pesquisador, e o avaliador não pode se posicionar e dar a sua própria opinião sobre o que escuta, devendo escolher entre as opções oferecidas. Talvez isso possa até reforçar ou criar estereótipos por parte dos juízes.

Mais um ponto negativo da utilização da técnica de falsos pares é saber até onde realmente a opinião do avaliador é aquela expressa no questionário ou o que eles acham que devam expressar em público.

³⁶ No original: [...] *el tema influye sobre la actitud porque hay temas de los que nunca se habla en una variedad o lengua determinada.*

Apesar das críticas, a técnica de falsos pares recebe também posicionamentos positivos. Afirma, por exemplo, Labov (2008 [1972], p. 176):

A técnica de 'falsos pares' desenvolvida por Lambert (2003 [1967]) é o instrumento básico agora amplamente utilizado para o estudo das reações subjetivas à linguagem. O princípio essencial que emerge do trabalho de Lambert é o de que existe um conjunto uniforme de atitudes frente à linguagem que são compartilhados por quase todos os membros da comunidade de fala, seja no uso de uma forma estigmatizada ou prestigiada da língua em questão. Essas atitudes não emergem de forma sistemática se a pessoa for questionada diretamente sobre dialetos, mas se ela fizer dois conjuntos de julgamento de personalidade sobre o mesmo falante usando duas formas diferentes de língua, e se não perceber que é o mesmo falante, suas avaliações subjetivas da língua emergirão como diferenças nas duas pontuações.

O autor evidencia o aspecto positivo do teste para proporcionar uma visão das avaliações subjetivas da língua opondo dois julgamentos do mesmo falante. Outro aspecto positivo, citado por Labov, é a ampla utilização da técnica. De fato, muitas pesquisas em atitudes foram desenvolvidas através da técnica de falsos pares.

Um exemplo é a clássica pesquisa com imigrantes em uma comunidade canadense (LAMBERT, 1970). Para contextualizar essa pesquisa, é importante ressaltar que, no Canadá, de cada oito pessoas uma é imigrante de pós-guerra. Os resultados do estudo mostraram que os canadenses que residiam há mais tempo no país e que estavam economicamente bem tinham atitudes mais favoráveis em relação aos imigrantes. Por outro lado, os canadenses mais pobres apresentaram atitudes mais desfavoráveis em relação aos imigrantes porque eles estavam em contato constante e viviam em competição.

Outra pesquisa que envolveu a mesma técnica ocorreu na região central da Espanha, mais precisamente em cinco cidades: Albacete, Cidade Real, Cuenca, Guadalajara e Toledo (GARCÍA MOUTON; MORENO FERNÁNDEZ, 1993 *apud* MORENO FERNÁNDEZ, 1988). Para o estudo de atitudes, nesse trabalho, utilizaram-se usos fonéticos inovadores no espanhol (aspiração do *s* em posição implosiva, *yeísmo*, queda do *d* intervocálico nas formas do participio).

Textos foram lidos por homens e mulheres da mesma comunidade com os traços fonéticos descritos, cada texto marcado com um uso fonético inovador do espanhol. Após ouvirem os textos, foi solicitada aos informantes uma opinião sobre a origem geográfica do leitor (se era da comunidade ou de fora), sobre sua possível

profissão e sobre as razões que o fizeram chegar a responder dessa forma. Entre as conclusões da pesquisa, verificou-se uma atitude desfavorável em relação à queda do *d* em posição intervocálica e a atitude favorável das soluções em *yeísmo*³⁷, que, por outro lado, parecem não serem conscientes por parte dos falantes (MORENO FERNÁNDEZ, 1988, p. 188).

A técnica de falsos pares de Lambert para a mensuração de atitudes também é usada, ainda hoje, em pesquisas no Brasil. Destaca-se, entre trabalhos envolvendo ítalo-brasileiros e a técnica de falsos pares, a pesquisa de Bergamaschi (2006)³⁸.

Dentro dessa discussão sobre qual metodologia usar para a mensuração de atitudes, Savile-Troike (2003), com um olhar etnográfico e, portanto, mais holístico de atitudes linguísticas, propõe o uso de dois métodos de análise: o quantitativo e o qualitativo. Para ela, "especialmente na pesquisa em atitude, a integração entre procedimentos quantitativos e qualitativos é bem desejável"³⁹ (p. 185).

Segundo a autora, se, por um lado, a análise quantitativa propõe "a descoberta de padrões", o método qualitativo é importante para confirmar os dados porque leva em consideração aspectos culturais da comunidade de fala analisada que revalidam os resultados já alcançados. Pesquisas sobre atitudes linguísticas que usam apenas dados quantitativos podem correr o risco, segundo ela, de serem vistas como mera variação aleatória.

Ela cita Macaulay (1975), que critica pesquisas realizadas sem o uso das duas metodologias (quantitativas e qualitativas), entre elas Labov (1966), dizendo que o que faltou nessa pesquisa foi exatamente a "corroboração de membros da comunidade de fala, que as conclusões do investigador sejam consistentes com a percepção da situação dentro da própria comunidade"⁴⁰ (MACAULAY, 1975 *apud* Savile-Troike, 2003, p. 185).

Ao levar em consideração essas pesquisas e as situações mencionadas, para este presente trabalho, que objetiva identificar atitudes de ítalo-brasileiros em

³⁷ O *yeísmo* é um fenômeno linguístico da língua espanhola pelo qual o *ll* (equivalente ao *lh* do português, representado no Alfabeto Fonético Internacional como *ʎ*) é pronunciado como o *y* (ípsilon ou *i* grego), representado como [j] ou [ʝ]. Por exemplo, dizer *cabayo* em vez de *caballo*.

³⁸ Para detalhes sobre a metodologia empregada no trabalho de atitudes linguísticas ver a seção "1.8 Estudos envolvendo atitudes linguísticas e a língua italiana no âmbito nacional".

³⁹ No original: *Especially in attitudes research, an integration of both qualitative and quantitative procedures is clearly desirable.*

⁴⁰ No original: *corroboration from members of the speech community that the investigator's conclusions are consistent with perceptions of the situation within the community itself.*

Criciúma e região em relação à língua italiana falada na região, pretende-se seguir a linha mentalista e, dessa forma, utilizar como instrumentos de pesquisa entrevistas semiestruturadas e questionário. Entretanto, também a análise quantitativa será válida para a visualização dos resultados. Dessa forma, será feita uma análise qualitativa apoiada em uma quantitativa, como veremos mais detalhadamente no capítulo da metodologia desta tese.

1.8 ESTUDOS ENVOLVENDO ATITUDES LINGUÍSTICAS E A LÍNGUA ITALIANA EM ÂMBITO NACIONAL

O tema “atitude linguística em relação à fala de ítalo-brasileiros” já foi tratado em outras pesquisas. Nesta seção, expõe-se um panorama nacional do que já foi feito envolvendo atitudes linguísticas e língua italiana. Os trabalhos serão apresentados em ordem decrescente de acordo com o ano de publicação, ou seja, do mais atual até o mais antigo⁴¹. No final da seção, apresenta-se um quadro com todos os trabalhos elencados, além dos seus autores, natureza e onde foi publicado.

É importante ressaltar que decidi trazer aqui apenas os trabalhos que tiveram como tema central o estudo das atitudes linguísticas. As pesquisas que apenas se apoiaram no conceito de “atitude linguística”, mas cujo foco foi imigração, contato linguístico ou outros temas serão apenas citadas⁴².

O estudo com maior destaque no Brasil envolvendo atitudes linguísticas e ítalo-brasileiros é o livro *Estigma Cultura e Atitudes linguísticas*, lançado em 2010 e escrito por Vitalina Maria Frosi, Carmen Maria Faggion e Giselle Olivia Mantovani Dal Corno. O trabalho apresenta vários artigos escritos durante o desenvolvimento do Projeto Linguagem da Região de Colonização Italiana no Nordeste do Rio

⁴¹ A ordem decrescente foi escolhida porque os trabalhos mais relevantes da área são os mais atuais.

⁴² Trabalhos nos quais o conceito atitude linguística foi utilizado, mas não como ponto central da pesquisa: a) PERTILE, M. *O talian entre o italiano-padrão e o português brasileiro: manutenção e substituição linguística no Alto Uruguai gaúcho*. Porto alegre: UFRGS, 2009. b) FROSI, M. V., FAGGION, C. M. e DAL CORNO, G. O. M. *Prestígio e estigmatização: dialeto italiano e língua portuguesa da região da colonização italiana do nordeste do Rio Grande do Sul*. Revista da ABRALIN, v. 7, n. 2, p. 139-167, jul./dez. 2008. c) KRUG, M. J., *Identidade e comportamento linguístico na percepção da comunidade plurilíngue alemão-italiano-português de imigrante RS*. Dissertação de Mestrado. Porto alegre: UFRGS, 2004. d) MARGOTTI, F. W. *Difusão sócio-geográfica do português em contato com o italiano no Sul do Brasil*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: UFRGS, 2004. e) PONSÓ, L. C. *A variação do português com o italiano na comunidade bilíngue de São Marcos – RS*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

Grande do Sul: prestígio e estigmatização – Estigma – da Universidade de Caxias do Sul. Os capítulos presentes no livro já tinham sido publicados antes de 2010 em congressos, seminários ou encontros, mas alguns receberam ajustes e acréscimos para a publicação final. A justificativa da publicação em um único volume, segundo as autoras, é que os textos se complementariam, além da facilitação do acesso a uma única fonte.

O projeto Estigma se desenvolveu sob a coordenação da professora da Universidade de Caxias do Sul, Maria Vitalina Frosi, de agosto de 2004 a julho de 2007, com a colaboração das outras duas autoras do livro e, ainda, das alunas do curso de Letras e alunas da pós-graduação do Programa do Mestrado em Letras da mesma universidade. A temática central do livro é a estigmatização linguística e social.

Na apresentação, elas resumem cada um dos trabalhos. No total são apresentados no livro 10 capítulos. Para uma melhor visualização dos capítulos do livro e suas autoras, segue o quadro:

Capítulo	Autora(s)
1) Da estigmatização à solidariedade: atitudes linguísticas na Região de Colonização Italiana	Vitalina Maria Frosi, Carmen Maria Faggion, Giselle Olivia Mantovani Dal Corno
2) Bilinguismo, identidade étnica e atitudes linguísticas	Vitalina Maria Frosi
3) Estigma, cultura e atitude: investigações preliminares sobre o binômio prestígio/estigmatização na linguagem da Região de Colonização Italiana da Serra Gaúcha	Carmen Maria Faggion
4) Consequências de atitudes linguísticas negativas em grupos linguísticos: da estigmatização à solidariedade	Giselle Olivia Mantovani Dal Corno
5) Bilinguismo e cultura	Carmen Maria Faggion
6) É o bilíngue que é estigmatizado?	Carmen Maria Faggion
7) Bilinguismo precoce e estigma	Carmen Maria Faggion
8) Aspectos da identidade étnica ítalo-brasileira na designação de estabelecimentos comerciais no Município de Caxias do Sul	Giselle Olivia Mantovani Dal Corno
9) Bilinguismo de português e dialetos italianos: nossa história, nossa língua, nossa origem	Vitalina Maria Frosi
10) Bilinguismo de português e dialetos italianos: nossa história, nossa língua, nossa identidade	Vitalina Maria Frosi

QUADRO 2 – CAPÍTULOS E AUTORA(S) DO LIVRO *ESTIGMA*

Outro trabalho envolvendo atitudes linguísticas e língua italiana é a dissertação de Bergamaschi (2006). A autora trata das atitudes linguísticas dos falantes em relação às variedades linguísticas utilizadas em Galópolis (zona urbana) e na Comunidade de Santo Antônio na Terceira Léngua (zona rural), ambas pertencentes à Região Administrativa de Galópolis, município de Caxias do Sul. Segundo ela, quando são atribuídos valores aos falantes de uma língua ou variedade linguística, o que está sendo avaliado positiva ou negativamente é a própria língua ou a variedade linguística por eles empregada.

Desse modo, sua pesquisa observou as atitudes linguísticas de prestígio ou desprestígio – preconceito ou estigma – dos falantes nas ocorrências de três variedades linguísticas: *português padrão*, *dialeto italiano* e *português com interferências do dialeto italiano*. Ela entrevistou 24 informantes, 12 moradores da zona rural e 12 da urbana. Eles foram divididos em três faixas etárias: dos 15 aos 25 anos, dos 30 aos 45 anos e com mais de 50 anos. Foram entrevistados dois sujeitos de cada gênero em cada faixa etária. Na zona urbana, dos 12 informantes, 7 utilizam apenas o português para se comunicarem no dia-a-dia e 5 utilizam português e dialetos italianos. Na zona rural, dos 12 informantes, 6 utilizam só o português e os outros 6 utilizam português e dialetos.

Bergamaschi (2006) usou instrumentos quantitativos⁴³ e qualitativos⁴⁴ para analisar os dados desses informantes. Os resultados apontaram para o prestígio relativamente semelhante das três variedades linguísticas (português padrão, dialeto italiano e português com interferências do dialeto italiano) e nas três faixas etárias analisadas com sujeitos dos gêneros feminino e masculino na zona urbana e rural. Mas o aspecto mais importante dos resultados, segundo a autora, é que “o tempo verbal utilizado pelos falantes acaba por revelar a presença ou não de prestígio ou desprestígio linguístico nos depoimentos” (BERGAMASCHI, 2006, p. 137).

É no passado que o estigma e o preconceito mais aparecem. As situações que envolvem lembranças vivenciadas ou passadas pelos familiares vêm carregadas de preconceito linguístico. Quando usam o tempo verbal no passado, os

⁴³A técnica dos pares falsos, desenvolvida por Lambert, foi usada nesta pesquisa através da leitura de um texto em três versões (português padrão, dialeto italiano e português com interferências do dialeto italiano). Os informantes ouviam o texto nas três versões e, em seguida, preenchiam um formulário com as alternativas: concordo plenamente, concordo, nem concordo nem discordo, discordo, discordo totalmente para frases como “Esta pessoa que você ouviu é inteligente”, “Esta pessoa que você ouviu é feia” e assim por diante.

⁴⁴Questionário com trinta questões semiestruturadas.

entrevistados contam sobre o estigma que viveram. Por outro lado, situações vivenciadas no presente “mostram uma postura mais flexível e positiva, que aponta para o prestígio como forma de valorizar a evolução da sociedade e, por extensão, também o ser humano enquanto falante” (BERGAMASCHI, 2006, p. 138).

No livro *Cultura Regional 2: língua, história e literatura*, de 2006, publicado pela Educs (Editora da Universidade de Caxias do Sul), Frosi, Faggion e Dal Corno apresentam o texto *Bilinguismo, identidade étnica e atitudes linguísticas*. O trabalho, que posteriormente seria publicado também no livro *Estigma* de 2010, parte de uma fundamentação teórica sobre o bilinguismo e sobre identidade com o objetivo de investigar "as consequências do bilinguismo e as atitudes linguísticas envolvidas na formação da identidade de um indivíduo e seu grupo" (p. 98).

O capítulo inicia com considerações e contextualizações teóricas sobre identidade étnica e, em seguida, relaciona identidade étnica com elementos que constituem a história do ítalo-brasileiro: *trabalho, religião católica, família e língua*. Nesse último elemento – *língua* –, as pesquisadoras apresentam, além da teoria, depoimentos de informantes ítalo-brasileiros de Caxias do Sul.

Segundo as pesquisadoras, hoje em dia, o orgulho está presente entre os sentimentos que definem a origem étnica italiana, mas nem sempre foi assim. A vergonha étnico-linguística já marcou o ítalo-brasileiro por alguns períodos da sua vida.

Em relação ao *trabalho*, elas afirmam que "é um dos componentes fundamentais na vida de seus antepassados" (p. 101). Segundo as autoras, o ítalo-brasileiro trabalha o máximo possível, é dedicado, como se devesse cumprir um ritual; é através do trabalho que ele garante uma vida sem fome e miséria. Já a *religião*, outro forte componente da identidade ítalo-brasileira, é, sem dúvidas, a católica. A prática dessa religião, a crença em Deus e em Nossa Senhora, norteou a vida dos imigrantes. Esses costumes foram passados de pais para filhos por gerações. E essa fé se materializou na construção de igrejas e capelas e na manutenção de costumes como dar aos filhos nomes de santos da devoção dos pais e realizar casamento de cônjuges católicos. Em relação à *família*, as autoras afirmam que era do tipo patriarcal, ou seja, a opinião do pai valia mais e, geralmente, era aquela que prevalecia. Os filhos deviam obedecer aos pais pelo menos até os 12 anos, sem discussão.

A *língua*, dentre os cinco elementos que constituem a história do ítalo-brasileiro, é o aspecto ao qual as autoras dedicam mais reflexões. Elas citam Appel e Muysken (1996, p. 29-30) e afirmam que as línguas "estão relacionadas com as identidades dos grupos sociais e étnicos, têm consequências para a avaliação social das línguas e para as atitudes que essas provocam" (FROSI *et al.*, 2010, p. 105, tradução delas). Ou seja, segundo as autoras e conforme a citação, pode-se dizer que a língua é um bem valioso porque transmite elementos sociais e culturais relevantes de um grupo étnico. A definição trazida para o termo "atitude linguística" é de "postura ou comportamento positivo ou negativo face a uma língua ou uma variedade linguística particular" (p. 105).

A avaliação linguística do ítalo-brasileiro analisada por meio de pesquisas anteriores demonstrava atitudes negativas e estigmatizadas em relação à variedade da língua portuguesa falada com sotaque e à fala dialetal. Entretanto, nesse artigo as autoras afirmam que não identificam esses traços de estigmatização. Muito pelo contrário, segundo as pesquisadoras e os depoimentos dos informantes apresentados no artigo, parece existir um retorno, e até mesmo um orgulho, das origens italianas.

Elas justificam essa mudança na atitude ao afirmarem que o incentivo dado à cultura italiana no teatro, na literatura, nas festas tradicionais, no estudo da língua, assim como a dupla cidadania e as Comemorações do Centenário da Imigração podem ter colaborado para a mudança. Uma segunda hipótese que justificaria essa mudança de atitude é que os informantes da pesquisa são de nível superior, o que teria proporcionando a eles a racionalização e a reelaboração dos sentimentos, mas vale lembrar que em ambas as hipóteses, elas alertam, a questão requer uma análise mais aprofundada.

No artigo *Da estigmatização à solidariedade: atitudes linguísticas na RCI*, as pesquisadoras Frosi, Faggion e Dal Corno (2005) buscaram identificar marcas de solidariedade no uso do dialeto de base vêneta da RCI. Elas usaram o embasamento teórico de Grosjean (2001 [1982]). Dentre as sete consequências de atitudes linguísticas negativas, as pesquisadoras analisaram a única consequência positiva das atitudes negativas: "a consciência étnica provoca reforço da lealdade e solidariedade do grupo" (FROSI *et al.*, 2005, p. 264).

Frosi (1989; 1996) já havia afirmado que o início da estigmatização sociolinguística do dialeto de base vêneta na RCI ocorrera a partir dos efeitos da

nacionalização do Estado Novo na década de 1930, o que deu espaço para manifestações de atitudes linguísticas negativas na RCI. A situação do italiano em contato com o português começou a mudar; de monolíngues criaram-se situações de bilinguismo e de preconceito. Em relação à solidariedade (consequência da atitude linguística negativa), Frosi *et al.* (2005) identificaram⁴⁵ três aspectos importantes: a) as marcas que estigmatizam também identificam o grupo, b) memórias de medo e repressão compartilhadas identificam o grupo e c) o uso da língua (dialeto vêneto) como marca de pertencimento ao grupo. Ou seja, todos esses aspectos remetem a atitudes positivas em relação ao grupo de ítalo-brasileiros e a sua fala. Segundo elas: “o que foi observado até agora parece indicar uma mudança de atitudes linguísticas, de negativas a positivas, em face da fala com sotaque e do dialeto vêneto na RCI” (FROSI *et al.*, 2005, p. 276). Conforme os próprios informantes, os motivos dessa mudança são a valorização do passado e das raízes construídas, uma revalorização, um ressurgimento que parece, pelas falas apresentadas no artigo, ter iniciado em 1985 com a comemoração do Centenário da Imigração Italiana. Essas afirmações apontam mudanças de atitudes “indicando uma superação do preconceito e o reforço da lealdade e a solidariedade do grupo anteriormente desprestigiado” (p. 277).

No *Quarto Congresso Internacional de Linguagem e Interação*, em 2005, na cidade de São Leopoldo, Dal Corno apresentou o trabalho intitulado *Consequências de atitudes linguísticas negativas para com grupos linguísticos: da estigmatização à solidariedade*; uma versão preliminar do artigo relacionado a esse trabalho foi publicada nos Anais do evento e posteriormente no livro *Estigma*. O artigo publicado no livro *Estigma* apresenta alguns trechos idênticos ao artigo *Da estigmatização à solidariedade: atitudes linguísticas na RCI* e o objetivo é o mesmo: identificar marcas da solidariedade apontadas por Grosjean (2001 [1982]).

A fundamentação teórica para o capítulo do livro é mais completa porque traz mais definições de bilinguismo, além de apresentar por períodos a história da preservação dos dialetos italianos na região. O primeiro período refere-se a quando os imigrantes chegaram ao Brasil e falavam somente dialeto. Nessa fase, “não há estigmatização social, não há sentimento de vergonha em relação à própria fala”

⁴⁵ A verificação foi feita através do projeto *Estigma – Linguagem Oral da RCI no nordeste do Rio Grande do Sul*, que permitiu a coleta de dados através de entrevistas abertas e relatos espontâneos de ítalo-brasileiros. O projeto, na época da publicação do artigo (2005), ainda estava em andamento e rendeu o livro *Estigma: cultura e atitudes linguísticas*, publicado em 2010.

(FROSI *et al.*, 2010, p. 80). No segundo período, a região começa a se desenvolver economicamente e inicia-se uma integração entre outros imigrantes e com os brasileiros. "Os intercruzamentos dialetais se intensificam, surge uma fala comum, uma coiné" (FROSI *et al.*, 2010, p. 81). É nesse período também que acontece a Campanha de Nacionalização criada por Getúlio Vargas e a obrigatoriedade da língua portuguesa para a comunicação. O terceiro período, segundo as autoras, inicia na década de 1950 com a diversificação das atividades industriais, e o crescimento econômico da RCI acarreta a sua projeção nacional.

Mais movimentos migratórios acontecem e mais intercruzamentos dialetais "na formação de uma coiné de tipo vêneta". O êxodo rural promove a língua portuguesa, falar português começa a ser símbolo de *status*. O quarto período inicia com as comemorações ao Centenário da Imigração Italiana em 1975. Manfrói (1999) é citado pela autora para explicar o que acontece nessa fase, que é um renascimento da valorização da *italianidade*; nas palavras do autor:

Hoje fala-se por querer, por gostar, por prazer, sem aquela real necessidade do passado. Essa é a grande diferença! Ontem falava-se o dialeto para comunicar-se. Hoje, fala-se o dialeto para preservá-lo (MANFRÓI, 1999, p. 46 *apud* FROSI *et al.*, 2010, p. 84).

As conclusões da autora nesse artigo também são similares às conclusões do artigo *Da estigmatização à solidariedade: atitudes linguísticas na RCI*, ou seja, com o quarto período, iniciado após 1975, parece que as atitudes linguísticas mudam e "marcas do biculturalismo são hoje aceitas pelos ítalo-descendentes da RCI, indicando uma superação do preconceito e o reforço da lealdade e solidariedade do grupo anteriormente desprestigiado" (FROSI *et al.*, 2010, p. 95).

Em 2005, Mirian Peccati Toscan publicou a dissertação *O comportamento linguístico na comunidade bilíngue ítalo-brasileira de Nova Pádua RS: identidade, prestígio, estigma linguísticos* pela Universidade de Caxias do Sul, com a orientação da professora Dra. Maria Vitalina Frosi. O objetivo da pesquisa era analisar as atitudes linguísticas, a partir dos próprios usuários da língua, em relação à língua portuguesa, ao dialeto italiano (ou coiné vêneta) e à variedade de fala da língua portuguesa na cidade de Nova Pádua, que fica no nordeste do Rio Grande do Sul.

A cidade de Nova Pádua foi fundada em 1885 por imigrantes italianos e constitui uma situação de língua em contato e bilinguismo. A amostra para a

realização dessa pesquisa contou com 16 informantes que foram divididos levando em consideração as variáveis de gênero e idade⁴⁶. Os instrumentos de pesquisa foram entrevistas e questionários inspirados na metodologia de pares ocultos proposta por Lambert (1960). Os informantes ouviram um texto de uma publicidade sobre Nova Pádua gravado por um único locutor em português, dialeto italiano e na variedade de fala local da língua portuguesa.

Os informantes estavam cientes que era o mesmo locutor nos três textos e responderam a 16 questões. Para cada questão, eles deveriam escolher qual das três variações (dialeto italiano, português com sotaque italiano, português brasileiro) era a mais apropriada para divulgar Nova Pádua e justificar.

A partir das escolhas dos informantes, a autora obteve os dados quantitativos e, a partir da justificativa das escolhas, os dados qualitativos para essa pesquisa. Em um primeiro momento, os informantes deveriam escolher o melhor texto para divulgar Nova Pádua, como se eles fossem o Secretário de Cultura e Turismo da cidade. Nessa primeira fase, o dialeto italiano é o sistema de maior prestígio e a língua portuguesa *padrão* a de menor prestígio. Isso demonstra atitudes positivas e afetivas em relação ao dialeto italiano. Entretanto, em situações interpessoais e do dia-a-dia como escola, capela e trabalho, os valores são outros, ou seja, nessas situações o prestígio é da língua portuguesa *padrão* e do português com variações locais; o dialeto fica em último lugar. Segundo a autora, "os dados mostram que a identidade linguística italiana é mais idealizada e/ou nostálgica do que real" (TOSCAN, 2005, p. 6).

Atitudes linguísticas de falantes bilíngues é o nome do artigo publicado por Helena Confortin em 2001, na Revista do Instituto de Letras da PUC de Campinas. Mesmo após buscas na biblioteca da PUC de Campinas, infelizmente, não consegui localizar o artigo para apresentar sua síntese.

Santos (2001) defendeu a dissertação *O Radicci no contato italiano-português da região de Caxias do Sul: identidade, atitudes linguísticas e manutenção do bilinguismo*. O objetivo geral da pesquisa foi verificar a influência de Radicci⁴⁷ (personagem criado pelo cartunista, humorista e radialista caxiense Carlos Henrique

⁴⁶Dois grupos: um de jovens de 10 a 30 anos e outro grupo de adultos de 35 a 55 anos.

⁴⁷ Radicci é um personagem caricato do descendente de italiano na região; ele é gordo, baixinho, flatulento, preguiçoso, grosseiro e tem hábitos alimentares e higiênicos não muito comuns, além de tomar muito vinho, adorar caçadas e pescarias e ter um forte sotaque italiano (sotacon) (SANTOS, 2001, p. 30).

lotti) sobre as relações linguísticas do italiano em contato com o português em Caxias do Sul.

Para demonstrar como o personagem é visto, apresenta-se uma tirinha do Radicci a seguir:



FIGURA 7 – TIRINHA DO PERSONAGEM RADICCI.

FONTE: <http://radicci.com.br/>

A autora queria investigar se o personagem ajudava na manutenção ou na substituição da língua italiana na região pesquisada. A pesquisa analisou, portanto, se as atitudes linguísticas são reforçadas ou inibidas na recepção do personagem. Para tanto, ela adotou uma metodologia baseada na dialetologia pluridimensional⁴⁸ que envolveu na pesquisa a interface zona rural e zona urbana, como dimensão horizontal. Como dimensões verticais foram analisadas: a dimensão diageracional⁴⁹, dimensão diagrupal⁵⁰, dimensão diagenérica e, por fim, a dimensão diarreferencial⁵¹. Foram entrevistados 32 informantes (16 da zona rural e 16 da urbana). Os resultados do estudo nos levaram a constatar que o Radicci encontra grande aceitabilidade entre os informantes da pesquisa, atuando positivamente nas atitudes linguísticas em relação ao italiano na região. Nas palavras da autora:

O personagem Radicci, no contato italiano-português na Região de Colonização Italiana, influencia positivamente descendentes de imigrantes italianos a manterem o uso da variedade dialetal italiana, como também a buscarem a aprender a língua italiana, lotti contribui para o apagamento ou

⁴⁸ O princípio básico dessa metodologia está baseado na pluridimensionalidade da análise, da qual se leva em consideração aspectos da arealidade (dimensão horizontal) e aspectos da socialidade dos fenômenos linguísticos no meio social (dimensão vertical).

⁴⁹ Envolveu duas faixas etárias: a primeira com informantes de 18 a 30 anos e a segunda a partir de 50 anos.

⁵⁰ Envolveu a origem étnica dos informantes; foi formada por dois grupos: descendentes de italianos e não descendentes.

⁵¹ Envolve os comentários metalinguísticos de um grupo de informantes sobre o outro. Segundo a autora, essa dimensão “contempla os objetivos centrais do nosso estudo que dizem respeito, essencialmente, a atitudes em relação a sua fala e à fala do outro” (SANTOS, 2001, p. 126).

minimização do estigma que cerca a fala e os costumes típicos da região; e o trabalho de Iotti é relevante para demarcar um território próprio de um determinado grupo humano de ítalo-brasileiro (SANTOS, 2001, p. 188).

A autora afirma que o Radicci é um representante que ajuda a reivindicar um lugar para a fala do ítalo-brasileiro; ele dá voz e lugar àquilo que estava calado ou envergonhado. O componente linguístico trazido pelo Radicci, o forte “sotacon”, retrata a realidade de Caxias, individualiza o ítalo-brasileiro e agrada não só os ítalo-brasileiros.

Em 1998, Dal Corno e Santini publicam o artigo *Reações subjetivas à fala com sotaque italiano na Região de Colonização Italiana (RCI) do Rio Grande do Sul*, na Revista Coletânea Cultura e Saber da Universidade de Caxias do Sul. As pesquisadoras realizaram seus estudos no primeiro semestre de 1991 em Caxias do Sul com o objetivo de verificar se existe preconceito contra a fala com sotaque italiano na RCI do nordeste do estado do RS e se esse sotaque é mais estigmatizado pelos descendentes de italianos ou por descendentes de outras origens. A metodologia para a pesquisa foi baseada em Lambert (1960).

Foram feitas duas gravações, uma com o falante A (descendente de italianos que por muito tempo residiu na zona rural) e outra com o falante B (não nascido na região, sem nenhuma ascendência italiana). Ambos os falantes, A e B, trabalham na mesma empresa, residem na zona urbana de Caxias, ocupam cargos equivalentes e falaram sobre sua bebida favorita. O entrevistador dirigiu a entrevista para o argumento "vinho", bebida produzida e apreciada na região. As duas gravações foram apresentadas a quatro grupos⁵², totalizando 57 pessoas.

Após a audição, os ouvintes deveriam atribuir traços da personalidade do falante. Os aspectos sugeridos para que o ouvinte avaliasse o falante da gravação foram: *afetuosidade, astúcia, autoconfiança, ambição, abnegação, bondade, dinamismo, docilidade, cultura, espontaneidade, fidelidade, honestidade, inteligência, laboriosidade, prudência, senso de humor, serenidade, simplicidade e sinceridade*. Os resultados apontaram que existe, sim, preconceito na fala de pessoas com sotaque italiano: "os quatro grupos de ouvintes confirmaram [...] que o

⁵² Grupo 1: 17 alunos universitários da zona urbana, descendentes de italianos. Grupo 2: 8 alunos universitários da zona urbana, não descendentes de italianos. Grupo 3: 28 alunos da oitava série, residentes e estudantes de uma zona rural periférica (Fazenda Souza), descendentes de italianos. Grupo 4: 4 alunos da oitava série, residentes e estudantes de uma zona rural periférica (Fazenda Souza), não descendentes de italianos.

falante A, que apresenta sotaque italiano na fala é menos astuto, menos culto, menos inteligente" (DAL CORNO; SANTINI, 1998, p. 43). Somente o Grupo 4 (4 alunos da oitava série, residentes e estudantes de uma zona rural periférica, não descendentes de italianos) considerou o falante A (descendente de italiano) mais honesto que o falante B (não descendente).

Segundo as autoras, os dados não foram suficientes para compreender se esse sotaque é mais estigmatizado pelos descendentes de italianos ou por descendentes de outras etnias. Elas sugerem que a diminuição do número de itens a serem analisados teria sido importante para chegar a uma conclusão mais precisa; entretanto, "os descendentes de italianos consideraram o falante A (descendente de italiano) mais abnegado, menos inteligente, menos dinâmico e com menos senso de humor" (DAL CORNO; SANTINI, 1998, p. 44) que os não descendentes de italianos. Apesar de não constar no objetivo do artigo, as pesquisadoras apresentam também a análise de dados que quantificam qual a zona – rural ou urbana – onde a fala com sotaque é mais estigmatizada. Segundo elas, em alguns aspectos, "os habitantes da zona rural estigmatizam mais a fala com sotaque italiano que os da zona urbana" (p. 44). Elas concluem o artigo afirmando que a pesquisa não teve "pretensões de ser muito profunda" (p. 45). Embora tenha havido pouca quantidade de material, a pesquisa pode ter sido um começo de contribuições para futuras pesquisas e para o desenvolvimento da sociolinguística.

Andrieta Lenard parece ter sido a primeira a falar de atitudes no Brasil: seu trabalho se intitula *Lealdade linguística em Rodeio (SC)* e foi sua dissertação de mestrado na Universidade Federal de Santa Catarina em 1976. Segundo funcionário da biblioteca da UFSC, o trabalho não está presente na biblioteca e não consta no sistema digitalizado da mesma; tudo indica que ele tenha sido perdido. Entretanto, foi localizado o resumo da sua dissertação, segundo o qual, em Rodeio se manifesta uma tendência do sentido de conservação do dialeto trentino e do português, sem o prejuízo de nenhum deles. Vale a ressalva de que, atualmente, sabe-se que, em relação ao contato de línguas, há sempre uma comparação e conseqüentemente uma valorização ou estigmatização de uma das duas (ou mais) línguas envolvidas.

Como se pode perceber, existem poucas pesquisas envolvendo atitudes linguísticas de ítalo-brasileiros no Brasil. A maior parte delas foi feita em Caxias do Sul sob a orientação ou com o envolvimento da professora Dra. Maria Vitalina Frosi. No sul de Santa Catarina, nada foi feito nesse sentido, o que, mais uma vez, justifica

a necessidade de documentar o que aconteceu e está acontecendo com os sentimentos dessa etnia em relação à língua italiana falada na região. Em uma tentativa de sistematizar os trabalhos mencionados que envolvem atitudes linguísticas e exclusivamente língua italiana, apresento o quadro a seguir em ordem decrescente por ano de publicação:

Autor e ano	Título do trabalho	Natureza	Fonte e onde publicou
Frosi, Faggion e Dal Corno (2010)	<i>Estigma: cultura e atitudes linguísticas</i>	Livro	FROSI V. M, FAGGION, C. M., DAL CORNO, G. O. M. <i>Estigma: cultura e atitudes linguísticas</i> . Editora da Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2010.
Bergamaschi (2006)	<i>Bilinguismo de dialeto italiano português: atitudes linguísticas</i>	Dissertação	BERGAMASCHI, Maria Cristina Zandomeneghi. <i>Bilinguismo de dialeto italiano-português: atitudes linguísticas</i> . Dissertação de Mestrado. Universidade de Caxias do Sul, 2006. Disponível em: < http://www.ucs.br/site/pos-graduacao/formacao-stricto-sensu/letras-cultura-e-regionalidade/dissertacoes/letras-tede/?id=72 > Acesso em: 9 set. 2013.
Frosi et al. (2006)	<i>Bilinguismo, identidade étnica e atitudes linguísticas</i>	Artigo (presente no livro <i>Estigma</i>)	FROSI, Vitalina M., FAGGION, Carmen M., DAL CORNO, Giselle O.M. Bilinguismo, identidade étnica e atitudes linguísticas. In: CHAVES, F. L.; BATTISTI, E. (Org.). <i>Cultura regional 2: língua, história e literatura</i> . Caxias do Sul: EDUCS, 2006. p. 97-111.
Frosi et al. (2005)	<i>Da estigmatização à solidariedade: atitudes linguísticas na RCI</i>	Artigo (presente no livro <i>Estigma</i>)	FROSI V. M, FAGGION, C. M., DAL CORNO, G. O. M. Da estigmatização à solidariedade: atitudes linguísticas na RCI. In: MÉTIS: <i>história & cultura</i> – v.4, n.8, p. 257-280, jul./dez. 2005. Disponível em < www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/download/1227/850 >. Acesso em: 4 set. 2013.
Dal Corno (2005)	<i>Consequências de atitudes linguísticas negativas para com grupos linguísticos: da estigmatização à solidariedade</i>	Apresentação Congresso (presente no livro <i>Estigma</i>)	DAL CORNO, G. O. M. Consequências de atitudes linguísticas negativas para com grupos linguísticos: da estigmatização à solidariedade. <i>CD dos Anais do 4 Congresso Internacional de Linguagem e Interação</i> . S. Leopoldo, RS: UNISINOS; CNPq; FAPERGS; CAPES, 2005.
Toscan (2005)	<i>O comportamento linguístico na comunidade bilingue ítalo-brasileira de Nova Pádua RS: identidade, prestígio, estigma linguísticos</i>	Dissertação	TOSCAN, Mirian Peccati. <i>O comportamento linguístico na comunidade bilingue ítalo-brasileira de Nova Pádua RS: identidade, prestígio, estigma linguísticos</i> . Dissertação de Mestrado. Universidade de Caxias do Sul, 2005.
Confortin (2001)	<i>Atitudes linguísticas de falantes bilingues</i>	Artigo	CONFORTIN, Helena. <i>Revista do Instituto de Letras Puc Campinas</i> , Campinas, v. 20. 1/2, p. 123-135, 2001.
Santos	<i>O Radicci no contato italiano-português da região de Caxias</i>	Dissertação	SANTOS, S. R. P. <i>O Radicci no contato italiano-português da região de Caxias do Sul: identidade, atitudes linguísticas e manutenção do bilinguismo</i> . Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do

Autor e ano	Título do trabalho	Natureza	Fonte e onde publicou
(2001)	<i>do Sul: identidade, atitudes linguísticas e manutenção do bilinguismo</i>		Rio Grande do Sul. 2001. Disponível em < http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/2275/000317092.pdf?sequence=1 > Acesso em: 9 set. 2013.
Dal Corno e Santini (1998)	<i>Reações subjetivas à fala com sotaque italiano na RCI do Rio Grande do Sul.</i>	Artigo	DAL CORSO, G.; SANTINI, M. S. Reações subjetivas à fala com sotaque italiano na RCI do Rio Grande do Sul. In: MANTOVANI, G.; ZINANI, C.; PRESSANTO, I. <i>Coletânea Cultura e Saber</i> , Caxias do Sul, v. 2, n. 1, p. 35-45, 1998.
Lenard (1976)	<i>Lealdade Linguística em Rodeio – SC</i>	Dissertação	LENARD, Andrieta. <i>Lealdade linguística em Rodeio (SC)</i> . Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1976. (resumo).

QUADRO 3 – PESQUISAS BRASILEIRAS ENVOLVENDO ATITUDES LINGUÍSTICAS E ÍTALO-BRASILEIROS

Após a apresentação da fundamentação teórica desta tese, apresenta-se no próximo capítulo a metodologia utilizada.

2 METODOLOGIA

Este capítulo descreve a metodologia utilizada para a realização desta pesquisa.

Na primeira seção, caracteriza-se a abordagem etnográfica e demonstra-se por que e como ela foi aplicada neste trabalho. Em seguida, na seção 2.2, apresentam-se e justificam-se as dimensões envolvidas: seção 2.2.1, dimensão diageracional (idade); 2.2.2, dimensão diazonal (zona rural e urbana); 2.2.3, dimensão diagenérica (sexo); e 2.2.4, dimensão diatópica (cidades).

Na seção 2.3, explica-se como foi feita a seleção dos informantes envolvidos nesta pesquisa. Na 2.4, demonstram-se quais foram os instrumentos da coleta de dados. Finalmente, na seção 2.5, explica-se como foi feita a análise dos dados.

2.1 ABORDAGEM ETNOGRÁFICA

Esta seção objetiva a apresentar o caminho percorrido durante esta pesquisa, que utiliza a abordagem etnográfica, para conseguir identificar e analisar as atitudes linguísticas de ítalo-brasileiros de Criciúma e região em relação à língua italiana falada na região.

Vale lembrar, neste momento, que para esta pesquisa o conceito de “atitudes linguísticas” será entendido, como já dito na fundamentação teórica (seção 1.1), como: *avaliações, sentimentos ou comportamentos positivos, negativos ou neutros perante a língua e/ou aos seus usuários na sociedade*. Ao levar em conta essa definição, é fundamental que a metodologia inclua aspectos de análise socioeconômicos e políticos da região pesquisada.

Portanto, para identificar, analisar e justificar as atitudes linguísticas de ítalo-brasileiros de Criciúma e região neste trabalho, a sociedade na qual essa comunidade está inserida também foi analisada.

De fato, todo o capítulo 3 dessa tese (Contexto da Região de Colonização Italiana no Sul de Santa Catarina) irá apresentar exatamente esses aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais das cinco cidades pesquisadas.

O início do capítulo 3 contextualizará o período histórico da Itália para que se entenda quem era o imigrante que veio colonizar o sul de Santa Catarina e que língua ele falava. Ainda nesse capítulo, serão apresentados os aspectos da italianidade de cada uma das cinco cidades, começando pela sua fundação até os dias atuais. Por aspectos da italianidade se entenderá, neste trabalho, as principais características culturais, arquitetônicas e sociais da cidade que estão ligadas à Itália, por exemplo: aulas de italiano, festas italianas, associações italianas, acordos internacionais com a Itália, monumentos, igrejas etc. O capítulo 3 foi pensado ao levar em consideração que as atitudes linguísticas são culturalmente determinadas; elas são fortemente influenciadas pela estrutura social em questão (SAVILLE-TROIKE, 2003, p. 181).

A metodologia para medir atitudes linguísticas é um ponto nevrálgico nos estudos do tema, como já debatido no capítulo da fundamentação teórica deste trabalho (seção 1.7). Foi visto nessa seção que existem na literatura diversas formas de medir atitudes linguísticas. Um dos caminhos propostos vem da etnografia, pois as atitudes linguísticas interessam aos etnógrafos justamente pelo fato de que elas são fortemente influenciadas pelas estruturas sociais da comunidade (SAVILLE-TROIKE, 2003, p. 183).

Para Arnould e Wallendorf (1994, p. 485), a etnografia não é apenas uma forma de coletar dados, mas sim uma abordagem de pesquisa na qual o interesse principal está nos significados produzidos em um grupo. A produção social do significado é, portanto, o foco.

Com isso, nessa abordagem, o pesquisador deve utilizar o máximo de dados possível da comunidade pesquisada. Para tanto, não basta apenas descrever os fatos que se repetem naquela comunidade; é necessário, além de descrever o que os atores fazem dentro de uma comunidade, entender quais regras significativas eles dão as suas ações (ARNOULD; WALLENDORF, 1994). Ou seja, ao usar essa abordagem neste trabalho, não basta apenas descrever quais são as atitudes linguísticas manifestadas pelos ítalo-brasileiros em relação à língua italiana falada na região; é necessário que se compreendam os fatores que estão gerando e manifestando tais atitudes.

A etnografia foi escolhida, portanto, porque seus métodos apontaram um caminho mais profundo na descrição de *comportamentos e sentimentos*. Por meio

dessa abordagem, foi possível entender os motivos e as justificativas pelas quais os ítalo-brasileiros se manifestaram perante a língua italiana da região.

Os etnógrafos Arnould e Wallendorf (1994, p. 485) apontam algumas características que distinguem e ajudam a alcançar resultados quando se trata desse tipo de pesquisa. A primeira característica apontada pelos autores para designar uma abordagem etnográfica de pesquisa é que a coleta de dados e a gravação da ação humana devem ser feitas em ambientes naturais, e não em laboratórios ou em situações artificiais.

De fato, nesta pesquisa, a realização de todas as entrevistas se deu na casa (maior parte) ou no ambiente de trabalho do entrevistado, ou ainda, na casa de algum amigo/parente do entrevistado. Ou seja, ocorreu a priorização da realização desse procedimento em locais do dia a dia do informante para que se minimizassem influências exteriores. Além disso, o ambiente proporcionou uma experiência mais natural aos entrevistados.

A segunda característica que ajuda a definir uma pesquisa etnográfica, segundo os autores, é a prolongada participação do pesquisador no contexto cultural pesquisado. Uma imersão no local onde ocorre a pesquisa aumenta as possibilidades de observar momentos espontâneos na vida diária dos entrevistados. Essa característica também foi seguida para o desenvolvimento desta pesquisa.

Somente para a realização das 16 entrevistas por cidade foram necessárias, no mínimo, cinco visitas a cada uma delas. Além disso, conversei com moradores que não foram “formalmente” entrevistados, funcionários da prefeitura, atendentes de bares e restaurantes, e ainda familiares e amigos dos informantes. Durante a estadia na cidade⁵³, aproveitei cada momento para observar como se davam as relações sociais entre os habitantes e qual língua estavam falando (mais detalhes sobre como ocorreu a observação participante nesta pesquisa serão dados na seção 2.4 deste capítulo).

A terceira característica elencada pelos autores etnógrafos Arnould e Wallendorf (1994, p. 485) para designar esse tipo de pesquisa é a utilização de diferentes fontes de dados. Segundo eles, a incorporação de múltiplas fontes de dados pode gerar diferentes perspectivas sobre os comportamentos dos entrevistados e do contexto pesquisado.

⁵³ Meus pais moram em Criciúma e eu fiquei hospedada na casa deles para a realização da pesquisa. Eu passava o dia nas quatro cidades e voltava ao final da tarde para dormir em Criciúma.

Nesta pesquisa, foram utilizadas como fonte de dados a observação participante e a entrevista semiestruturada. Ambas serão discutidas na seção 2.4 deste capítulo (instrumentos de coleta de dados).

Todos esses fatores citados, portanto, permitem-nos afirmar que esta pesquisa é de cunho etnográfico. A próxima seção traz as dimensões de análise envolvidas neste trabalho.

2.2 DIMENSÕES DE ANÁLISE

Pretende-se, nesta tese, verificar as atitudes linguísticas de ítalo-brasileiros(as) nas seguintes variações: idade (dimensão diageracional), sexo (dimensão diagenérica), zona onde mora: rural ou urbana (dimensão diazonal) e cidade onde mora (dimensão diatópica). O objetivo, portanto, é averiguar se jovens e idosos, homens e mulheres, habitantes da zona rural e urbana de Pedras Grandes, Urussanga, Criciúma, Nova Veneza e Siderópolis, apresentam as mesmas proporções de atitudes linguísticas positivas, negativas ou neutras em relação à língua italiana falada na região.

Em seguida, apresentam-se as quatro dimensões detalhadamente e justifica-se sua relevância neste trabalho.

2.2.1 Dimensão diageracional (idade)

A dimensão diageracional foi escolhida para a pesquisa porque, “dentre as variáveis sociais, as diferenças etárias são o indicador social primário, embora não absoluto, de mudanças em progresso na língua” (PAIVA; DUARTE, 2006, p. 142). De fato, as mudanças linguísticas, às vezes, podem ser bem perceptíveis ao se analisar a fala de duas gerações diferentes. Naro (2003, p. 16) chega a afirmar que a idade e o sexo estão entre as categorias mais atuantes dentre os fatores sociais relevantes na pesquisa na área de Sociolinguística.

Em relação à idade, pesquisas afirmam que os mais idosos, comparados aos mais novos, tendem a preferir as formas linguísticas mais antigas. A clássica

pesquisa de Labov (2008 [1972]) na ilha de *Martha's Vineyard* mostrou que, quanto mais idosos, mais os habitantes da ilha usavam a forma linguística original daquela ilha, enquanto os mais novos usavam predominantemente a forma linguística modificada⁵⁴.

No Brasil, os resultados são os mesmos, isto é, os mais novos evitam formas antigas e usam as novas. Segundo Naro (2003, p. 44), por exemplo, no Rio de Janeiro, jovens usam mais "a gente" do que "nós". E ainda, quando se referem ao possessivo de terceira pessoa, jovens de 25 anos ou menos usam muito pouco o pronome "seu"; os jovens preferem "dele" (por exemplo: "O apartamento dele" ao invés de "O seu apartamento").

Essas mudanças linguísticas não ocorrem de forma abrupta. Conforme Paiva e Duarte (2006), as evidências acumuladas ao longo dos anos mostram que a instalação de uma nova variante é progressiva. Durante os estágios da sua evolução, a mudança linguística acaba afetando várias gerações e pode criar situações nas quais pessoas que convivem juntas, como pai e filhos, por exemplo, falem de formas diferentes, mas sem problemas de comunicação.

Entretanto, vale ressaltar que os resultados das pesquisas de Labov (2008 [1972]) e Naro (2003) referem-se à relação entre faixa etária e mudanças linguísticas e não às atitudes linguísticas em especial. Contudo, sabe-se que as mudanças linguísticas acompanham as mudanças sociais, que, por sua vez, estão muito atreladas às atitudes linguísticas dos habitantes de uma determinada região.

Ao levar em conta todas essas afirmações, optou-se por selecionar como informantes para análise nesta pesquisa duas gerações. A primeira é de indivíduos de 20 a 35 anos (geração mais nova, que se acredita já esteja inserida no mercado de trabalho ou em vias de) e a segunda, de indivíduos com no mínimo 60 anos (geração mais velha). Com essa seleção, deixa-se um intervalo de 25 anos entre as duas faixas etárias selecionadas, o que, talvez, possa incluir a fala de pais e filhos.

O objetivo dessa dimensão estar presente neste trabalho é, portanto, verificar se jovens (20 a 35 anos) e idosos (60 anos ou mais) ítalo-brasileiros apresentam os mesmos percentuais de atitudes linguísticas positivas, negativas e neutras em relação à língua italiana falada na região. Com isso, pretende-se responder à

⁵⁴ Os idosos preservavam a forma não centralizada de (ay) e (aw), enquanto os novos as usavam mais centralizadas, como já dito na seção 1.7 desta tese.

primeira pergunta de pesquisa desta tese: as atitudes linguísticas de ítalo-brasileiros jovens e idosos em relação à língua italiana falada na região se manifestam nas mesmas proporções? Por quê?

A próxima seção apresenta outra dimensão analisada na tese.

2.2.2 Dimensão diazonal (zona rural e urbana)

Para esta pesquisa, além da idade dos participantes, será levada em consideração também a zona na qual o informante mora (rural ou urbana). O objetivo da inclusão dessa dimensão na pesquisa, portanto, é perceber em qual das duas regiões existem mais atitudes positivas, negativas ou neutras em relação à língua italiana. Dessa forma, pretende-se responder à segunda pergunta de pesquisa deste trabalho: As atitudes linguísticas de ítalo-brasileiros da zona rural e urbana em relação à língua italiana falada na região se manifestam nas mesmas proporções? Por quê?

Essa variação foi escolhida por se acreditar que os habitantes das áreas urbanas estão mais propícios à substituição linguística e, por outro lado, que os habitantes das zonas rurais, por estarem mais isolados, seriam mais conservadores e, dessa forma, menos propensos às mudanças (FISHMAN, 1975, p. 191). Dentro dessa linha de pensamento, proposta por Fishman (1975), encontraríamos mais pessoas falando a língua italiana da região nas zonas rurais e menos na zona urbana. Portanto, talvez houvesse mais atitudes linguísticas positivas relacionadas a essa língua nas zonas rurais que nas zonas urbanas.

Embora a zona rural seja considerada mais propensa à conservação de aspectos linguísticos, segundo Fishman (1975), entretanto, movimentos e organizações para a conservação da língua têm origem nas cidades, nas zonas urbanas. "Os intelectuais e a classe média, *ambos quase exclusivamente urbanos, frequentemente foram os primeiros a apoiar a conservação linguística nas sociedades compostas de população rural e urbana*"⁵⁵ (FISHMAN, 1975, p. 191, grifo

⁵⁵ No original: *Gli intellettuali e la classe media, entrambi quasi esclusivamente urbani, sono stati spesso i primi sostenitori della conservazione linguistica nelle società composte sia di popolazione rurale che urbana.*

nosso). Isso porque, segundo ele, os grupos urbanos estão mais expostos a interações que facilitam as mudanças.

Fishman (1975) alerta que, embora o contexto urbano facilite a mudança, a direção dessa mudança não será obrigatoriamente a substituição da língua. Pode ser, por exemplo, a sua manutenção.

É justamente em virtude desse panorama apresentado que se incluiu, neste trabalho, a observação e análise da localização da zona onde mora o informante. Para definir o que será zona urbana e zona rural em cada uma das cinco cidades, será utilizada a divisão do território municipal em zonas de cada município presente no Plano Diretor de cada cidade (CRICIÚMA, 2014; NOVA VENEZA, 2015a; PEDRAS GRANDES, 2014; SIDERÓPOLIS, 2014; URUSSANGA, 2008). A descrição de zona rural para esta pesquisa será a mesma que consta no Plano diretor de Criciúma: “constitui-se como zona rural o território destinado às atividades primárias e de produção de alimentos, bem como às atividades de reflorestamento, de mineração e outros” (CRICIÚMA, 1999).

Entretanto, para a cidade de Pedras Grandes, o distrito de Azambuja será considerado como área rural e não área urbana, como consta no Plano Diretor da cidade, em virtude de ser um distrito no qual as atividades primárias se destacam no território. Além disso, Azambuja se localiza a 10 km de distância do centro de Pedras Grandes.

Conforme mostra a tabela com dados do Censo de 2010, nas cinco cidades escolhidas, com exceção de Pedras Grandes, a maior parte da população vive na zona urbana:

TABELA 1 – POPULAÇÃO RURAL E URBANA NAS CINCO CIDADES DA PESQUISA

Cidade e área territorial	População Total	População Rural	População urbana
Criciúma 235,709 km ²	192.308 100%	2.678 1,39%	189.630 98,61%
Nova Veneza 295,036 km ²	13.309 100%	4.382 32,93%	8.927 67,07%
Pedras Grandes 159,309 km ²	4.107 100%	2.846 69,3%	1.261 30,7%
Siderópolis 261,664 km ²	12.998 100%	2.947 22,67%	10.051 77,33%
Urussanga 254,869 km ²	20.223 100%	8.818 43,6%	11.405 56,4%

FONTE: IBGE (2010)

Ao analisar a tabela 1, fica claro que, embora a população da área urbana seja maioria, sobretudo em Criciúma e Siderópolis, não se pode deixar de considerar a área rural, maioria da população na cidade de Pedras Grandes e muito significativa também em Urussanga.

Outra importante consideração a ser feita após apresentar a tabela, é sobre o significativo percentual da população urbana de Criciúma. A cidade é constituída quase que exclusivamente por pessoas que moram na zona urbana: 98,61%. A população rural de Criciúma representa somente 1,39% do total de habitantes.

Todas essas considerações sobre número de habitantes da zona urbana e rural e suas relações com as atitudes linguísticas dos habitantes serão feitas no capítulo de análise desta tese (seção 5.3). Neste momento, destaca-se apenas que 50% dos entrevistados foram da zona urbana e 50% da zona rural, pelas justificativas já apresentadas.

A próxima seção apresenta a penúltima dimensão considerada neste trabalho.

2.2.3 Dimensão diagenérica (gênero/sexo)

Como bem lembra Paiva (2003, p. 33), todos nós já ouvimos a frase segundo a qual certas expressões "não ficam bem para uma garota". A língua utilizada por homens e mulheres é diferente não somente pelo tom mais grave, peculiar ao sexo masculino, mas também em outros aspectos.

Uma dessas diferenças encontra-se no nível lexical. Estamos acostumados a ouvir certas palavras em bocas masculinas e outras em bocas femininas. Entretanto, os principais estudos envolvendo a variação gênero/sexo não estão relacionados a níveis lexicais e, sim, ao binômio forma padrão/não padrão.

Já Fischer (1958), ao analisar a variação da pronúncia do sufixo formador do gerúndio em inglês (*ing*), percebeu que a pronúncia velar – forma mais prestigiada – encontra-se predominantemente na fala das mulheres. No Brasil também existem pesquisas⁵⁶ que indicam que o uso da forma padrão é mais encontrado na fala de mulheres, sobretudo no nível fonológico (PAIVA, 2003).

⁵⁶ Ver Mollica, Paiva e Pinto (1989) e Scherre (1996, p. 254).

Percebe-se, contudo, que mulheres possuem, mais que os homens, "uma consciência feminina do *status* social de formas linguísticas" (PAIVA, 2003, p. 35). A autora chama atenção que essa consciência pode estar atrelada aos papéis da mulher na sociedade, tais como educar os filhos e resguardar a imagem para serem "bem" aceitas na própria sociedade. Os homens, por outro lado, atribuem um prestígio encoberto (*covert prestige*, LABOV, 2008 [1972]) às formas linguísticas. Para Paiva (2003):

As variantes linguísticas estigmatizadas pela comunidade de fala possuem, muitas vezes, uma função de garantir a identidade do indivíduo com um determinado grupo social, um sistema de valores definidos. Isso é, são formas partilhadas no interior de um grupo e assinaladoras de sua individualidade com relação a outros grupos sociais. **Se um indivíduo deseja integrar o grupo, deve partilhar, além das suas atitudes e valores, a linguagem característica desse grupo** (p. 40, grifo nosso).

Ou seja, os homens podem estar resistindo a certas formas linguísticas para demarcar seu território linguístico, o que para as mulheres, até mesmo por imposições sociais, históricas e culturais, pode não "pegar bem". Então, elas tendem a acatar as formas mais prestigiadas de mudanças.

Paiva (2003) alerta que a variação de gênero vista isoladamente pode camuflar aspectos no estudo de mudanças linguísticas e que, para evitar isso, qualquer diferença linguística entre os dois sexos "deve ser relativizada em função do grupo social considerado" (p. 41).

As pesquisas mencionadas envolvendo gênero analisaram traços linguísticos e não especificamente atitudes linguísticas. Entretanto, alguns traços linguísticos masculinos podem demonstrar suas atitudes, como, por exemplo, o prestígio encoberto que ocorre quando um grupo de homens resolve usar uma linguagem específica, mesmo que fora dos "padrões", para ser identificado como grupo.

Portanto, para esta pesquisa, 40 informantes serão do sexo masculino e 40 do sexo feminino. Pretende-se verificar se as atitudes de ítalo-brasileiros e brasileiras em relação à língua italiana falada na região serão manifestadas nas mesmas proporções. Dessa forma, pretende-se responder à terceira pergunta de pesquisa deste trabalho: As atitudes linguísticas de homens e mulheres ítalo-brasileiros(as) em relação à língua italiana falada na região se manifestam nas mesmas proporções? Por quê?

Ao considerar o panorama dessas pesquisas apresentadas, é possível fazer algumas inferências para esta tese: se mulheres tendem a exprimir sua opinião para serem bem vistas pela sociedade, podemos hipotizar que suas atitudes linguísticas serão mais positivas em relação à língua mais socialmente aceita nos contextos estudados (língua italiana da região x português). Por outro lado, suas atitudes linguísticas negativas poderão demonstrar como está a aceitação da língua italiana no sul do estado de Santa Catarina. Inversamente proporcional, as mesmas inferências podem ser feitas em relação à manifestação das atitudes linguísticas masculinas.

Compartilho com Paiva (2003) a ideia de que a questão da variação de sexo requer cautela e análise do contexto e das peculiaridades dos informantes. Por exemplo, no contexto de ítalo-brasileiros, deve-se levar em consideração que, na organização familiar típica italiana, a mulher ocupou, muitas vezes, um papel inferior ao homem. A família ítalo-brasileira é geralmente considerada patriarcal, isto é, o pai é a figura central da casa e todas as decisões partem dele. Entretanto, com as transformações sociais ocorridas nos últimos anos, talvez já não se encontrem resquícios desse patriarcalismo na faixa etária mais jovem entrevistada para esta pesquisa (20 a 35 anos de idade).

Dessa forma, e respeitando as especificidades dos ítalo-brasileiros da região pesquisada, pretende-se analisar, neste trabalho, as atitudes linguísticas de homens e mulheres de Criciúma e região em relação à língua italiana falada na região e verificar qual a proporção de suas atitudes positivas, negativas e neutras.

A seguir, será apresentada a última dimensão analisada nesta pesquisa.

2.2.4 Dimensão diatópica (cidades)

As áreas selecionadas para a pesquisa são Pedras Grandes, Urussanga, Criciúma, Nova Veneza e Siderópolis, cinco cidades situadas no sul do estado de Santa Catarina.

Em alguns municípios, a população chega a ser de 90% de descendentes de imigrantes italianos, como é o caso, por exemplo, de Pedras Grandes (PEDRAS GRANDES, 2015). Em outros municípios, constata-se a presença de outras etnias,

como em Criciúma, por exemplo, com a presença de alemães, portugueses, espanhóis, árabes, entre outras. Além disso, deve-se considerar que alguns desses municípios foram centros principais de imigração, fundados exclusivamente por imigrantes italianos. Por outro lado, Criciúma, por exemplo, não foi um centro de imigração, mas dependeu da imigração de Pedras Grandes e Urussanga.

Os critérios selecionados para a definição dessas cinco áreas foram:

- a) municípios fundados predominantemente por italianos;
- b) alto número de descendentes ítalo-brasileiros que residem atualmente na região;
- c) ausência de pesquisa sociolinguística nos municípios selecionados⁵⁷.

A seguir, apresenta-se o mapa do estado de Santa Catarina com destaque para as cidades pesquisadas:

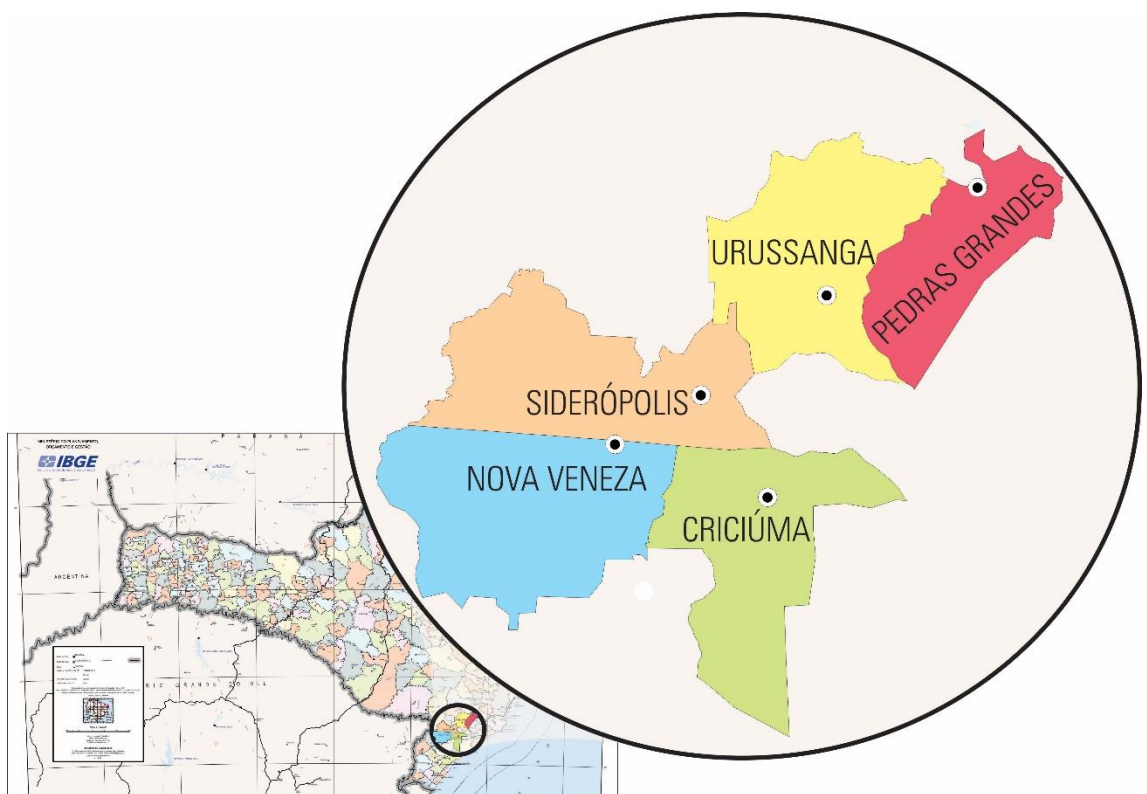


FIGURA 8 – MAPA: ÁREAS SELECIONADAS PARA O DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

FONTE: IBGE (2010)

A inclusão da dimensão diatópica neste trabalho tem o objetivo de verificar e justificar a proporção das atitudes positivas, negativas e neutras nas cidades

⁵⁷Margotti (2004) incluiu Orleans em sua pesquisa. A cidade localiza-se a 39 Km de Criciúma.

envolvidas nesta pesquisa e, assim, tentar responder à quarta e última pergunta de pesquisa: Quais das cinco cidades (Pedras Grandes, Urussanga, Criciúma, Nova Veneza e Siderópolis) apresentam mais atitudes positivas, negativas e neutras em relação à língua italiana falada na região? Quais fatores poderiam justificar esses resultados?

Nessa seção, não se pretende trazer detalhes das cinco cidades escolhidas para a pesquisa porque foi dedicado um capítulo todo para isso. Esse capítulo será o terceiro da tese, intitulado *Contexto sócio-histórico da região de Colonização italiana no Sul de Santa Catarina*, que apresenta um panorama dos aspectos sociais, políticos e econômicos das localidades envolvidas na pesquisa e justifica a escolha de cada uma delas neste trabalho.

Após apresentar as quatro dimensões envolvidas neste trabalho, na próxima seção contextualiza-se como foi a seleção dos informantes para a realização da pesquisa.

2.3. SELEÇÃO DOS INFORMANTES DA PESQUISA

O primeiro critério de seleção dos participantes foi a descendência italiana: todos deveriam ser ítalo-brasileiros. Nesta pesquisa, foi definido como “ítalo-brasileiro” a pessoa que pertence até à terceira geração de italianos.

Foram selecionados, predominantemente, descendentes de italianos por parte de pai e mãe, mas existem cinco informantes que possuem origem italiana somente por parte de um dos genitores.

Outro critério para a seleção foi ter nascido e vivido (sempre ou a maior parte do tempo) nas localidades escolhidas para o desenvolvimento da pesquisa. Informantes que tenham vivido um período no exterior (máximo cinco anos) também foram aceitos para a pesquisa porque se verificou que retratam a realidade local de algumas cidades.

Em Nova Veneza, Siderópolis e Urussanga, por exemplo, uma grande quantidade de jovens já trabalhou em sorveterias na Itália ou na Alemanha. Como esses jovens têm direito à cidadania italiana e ao passaporte italiano, eles trabalharam legalmente no exterior durante o verão europeu e depois voltaram ao Brasil. Com a crise na Europa, muitos voltaram definitivamente ao Brasil, mas ainda

há jovens que moram aqui e passam todo verão na Alemanha ou na Itália trabalhando, sobretudo em sorveterias de proprietários italianos. Apesar de saber que um período fora do país pode interferir e mudar as atitudes linguísticas dos jovens em relação ao português, e principalmente em relação à língua italiana, aceitou-se esse tipo de informante porque eles retratam bem a juventude dessas cidades, sobretudo nas zonas rurais. Esse ponto será melhor explicado na parte da análise desta tese (seção 5.2).

Além de ser descendente de italiano e ter nascido e vivido a maior parte da vida, ou a vida inteira, em uma das cinco cidades escolhidas para a pesquisa, o informante foi selecionado também levando em consideração as dimensões analisadas nesta pesquisa: a) 20 a 30 anos para participar do grupo da geração mais jovem ou mais de 60 para participar do grupo da geração velha (dimensão diageracional), b) homens e mulheres (dimensão diagenérica) e c) residir na zona urbana ou rural da cidade pesquisada (dimensão diazonal).

Para a melhor compreensão dos critérios de seleção dos informantes desta pesquisa, vejamos o fluxograma a seguir:

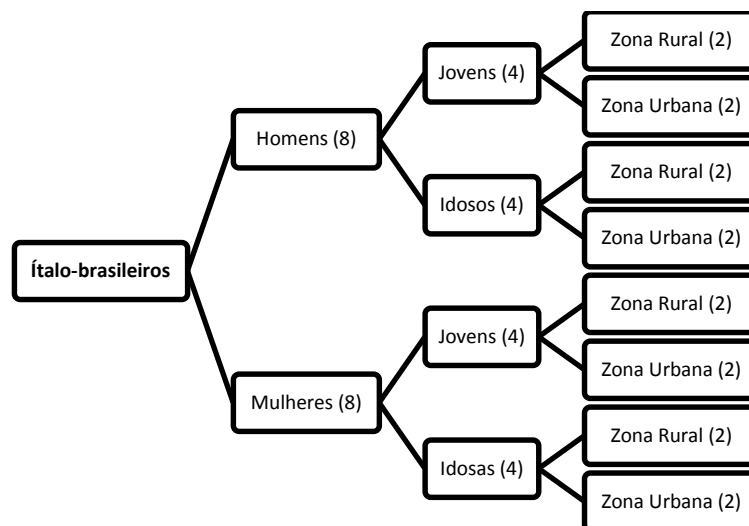


FIGURA 9 – FLUXOGRAMA DOS INFORMANTES DA PESQUISA POR CIDADE

Conforme o fluxograma, foram selecionados 16 informantes por cidade. O perfil de cada informante, para cada cidade, pode ser melhor compreendido com o quadro a seguir:

Perfil de cada informante por cidade

Perfil de cada informante por cidade	
1	Feminino, Jovem, Zona rural.
2	Feminino, Jovem, Zona rural.
3	Feminino, Jovem, Zona urbana.
4	Feminino, Jovem, Zona urbana.
5	Feminino, Idoso, Zona rural.
6	Feminino, Idoso, Zona rural.
7	Feminino, Idoso, Zona urbana.
8	Feminino, Idoso, Zona urbana.
9	Masculino, Jovem, Zona rural.
10	Masculino, Jovem, Zona rural.
11	Masculino, Jovem, Zona urbana.
12	Masculino, Jovem, Zona urbana.
13	Masculino, Idoso, Zona rural.
14	Masculino, Idoso, Zona rural.
15	Masculino, Idoso, Zona urbana.
16	Masculino, Idoso, Zona urbana.

QUADRO 4 – PERFIL DO INFORMANTE POR CIDADE

Durante o trabalho, cada informante foi identificado com um número, como mostra o quadro a seguir. O número foi usado para preservar sua identidade:

Identificação do informante neste trabalho	Perfil do informante
01	Criciúma - Masculino - Jovem- Zona Rural
02	Criciúma - Masculino - Jovem- Zona Rural
03	Criciúma - Masculino - Jovem - Zona Urbana
04	Criciúma - Masculino - Jovem - Zona Urbana
05	Criciúma - Masculino - Idoso - Zona Rural
06	Criciúma - Masculino - Idoso - Zona Rural
07	Criciúma - Masculino - Idoso - Zona Urbana
08	Criciúma - Masculino - Idoso - Zona Urbana
09	Criciúma - Feminino- Jovem- Zona Rural
10	Criciúma - Feminino- Jovem- Zona Rural
11	Criciúma - Feminino- Jovem - Zona Urbana
12	Criciúma - Feminino- Jovem - Zona Urbana
13	Criciúma - Feminino- Idoso - Zona Rural
14	Criciúma - Feminino- Idoso - Zona Rural
15	Criciúma - Feminino- Idoso - Zona Urbana
16	Criciúma - Feminino- Idoso - Zona Urbana
17	Nova Veneza - Masculino - Jovem- Zona Rural
18	Nova Veneza - Masculino- Jovem- Zona Rural
19	Nova Veneza - Masculino- Jovem - Zona Urbana
20	Nova Veneza - Masculino- Jovem - Zona Urbana
21	Nova Veneza - Masculino- Idoso - Zona Rural
22	Nova Veneza - Masculino- Idoso - Zona Rural
23	Nova Veneza - Masculino- Idoso - Zona Urbana
24	Nova Veneza - Masculino - Idoso - Zona Urbana
25	Nova Veneza - Feminino - Jovem- Zona Rural
26	Nova Veneza - Feminino - Jovem- Zona Rural
27	Nova Veneza - Feminino - Jovem - Zona Urbana
28	Nova Veneza - Feminino - Jovem - Zona Urbana
29	Nova Veneza - Feminino - Idoso - Zona Rural

Identificação do informante neste trabalho	Perfil do informante
30	Nova Veneza - Feminino - Idoso - Zona Rural
31	Nova Veneza - Feminino - Idoso - Zona Urbana
32	Nova Veneza - Feminino - Idoso - Zona Urbana
33	Pedras Grandes - Masculino - Jovem- Zona Rural
34	Pedras Grandes - Masculino - Jovem- Zona Rural
35	Pedras Grandes - Masculino - Jovem - Zona Urbana
36	Pedras Grandes - Masculino - Jovem - Zona Urbana
37	Pedras Grandes - Masculino - Idoso - Zona Rural
38	Pedras Grandes - Masculino - Idoso - Zona Rural
39	Pedras Grandes - Masculino - Idoso - Zona Urbana
40	Pedras Grandes - Masculino - Idoso - Zona Urbana
41	Pedras Grandes - Feminino - Jovem- Zona Rural
42	Pedras Grandes - Feminino - Jovem- Zona Rural
43	Pedras Grandes - Feminino - Jovem - Zona Urbana
44	Pedras Grandes - Feminino - Jovem - Zona Urbana
45	Pedras Grandes - Feminino - Idoso - Zona Rural
46	Pedras Grandes - Feminino - Idoso - Zona Rural
47	Pedras Grandes - Feminino - Idoso - Zona Urbana
48	Pedras Grandes - Feminino - Idoso - Zona Urbana
49	Siderópolis - Masculino - Jovem- Zona Rural
50	Siderópolis - Masculino - Jovem- Zona Rural
51	Siderópolis - Masculino - Jovem - Zona Urbana
52	Siderópolis - Masculino - Jovem - Zona Urbana
53	Siderópolis - Masculino - Idoso - Zona Rural
54	Siderópolis - Masculino - Idoso - Zona Rural
55	Siderópolis - Masculino - Idoso - Zona Urbana
56	Siderópolis - Masculino - Idoso - Zona Urbana
57	Siderópolis - Feminino - Jovem- Zona Rural
58	Siderópolis - Feminino - Jovem- Zona Rural
59	Siderópolis - Feminino - Jovem - Zona Urbana
60	Siderópolis - Feminino - Jovem - Zona Urbana
61	Siderópolis - Feminino - Idoso - Zona Rural
62	Siderópolis - Feminino - Idoso - Zona Rural
63	Siderópolis - Feminino - Idoso - Zona Urbana
64	Siderópolis - Feminino - Idoso - Zona Urbana
65	Urussanga - Masculino - Jovem- Zona Rural
66	Urussanga - Masculino - Jovem- Zona Rural
67	Urussanga - Masculino - Jovem - Zona Urbana
68	Urussanga - Masculino - Jovem - Zona Urbana
69	Urussanga - Masculino - Idoso - Zona Rural
70	Urussanga - Masculino - Idoso - Zona Rural
71	Urussanga - Masculino - Idoso - Zona Urbana
72	Urussanga - Masculino - Idoso - Zona Urbana
73	Urussanga - Feminino - Jovem- Zona Rural
74	Urussanga - Feminino - Jovem- Zona Rural
75	Urussanga - Feminino - Jovem - Zona Urbana
76	Urussanga - Feminino - Jovem - Zona Urbana
77	Urussanga - Feminino - Idoso - Zona Rural
78	Urussanga - Feminino - Idoso - Zona Rural
79	Urussanga - Feminino - Idoso - Zona Urbana
80	Urussanga - Feminino - Idoso - Zona Urbana

QUADRO 5 – IDENTIFICAÇÃO DOS INFORMANTES NA TESE

Como esta pesquisa envolve cinco cidades do sul de Santa Catarina, no total envolveu 80 informantes, como mostra a tabela a seguir:

TABELA 2 – NÚMERO DE INFORMANTES DA PESQUISA POR CIDADE

Cidade	Número de informantes
Pedras Grandes	16
Urussanga	16
Criciúma	16
Nova Veneza	16
Siderópolis	16
Total da pesquisa	80 informantes

Para localizar pessoas que se encaixavam nesses critérios, contei com a colaboração de amigos, ex-alunos e outros professores de italiano da região.

Por ser natural de Criciúma e ter ainda família e muitos amigos que moram lá, essa foi a cidade mais fácil e rápida para selecionar os informantes. A maior parte dos entrevistados já me conhecia e alguns inclusive sabiam que eu estava no doutorado, apesar de não saberem do que se tratava a minha tese. Foi necessária apenas uma ligação minha, uma breve explicação de que eu precisava conversar com a pessoa sobre sua "descendência italiana"⁵⁸ e o agendamento era feito. Em virtude disso, os primeiros informantes selecionados foram da cidade de Criciúma.

Para as outras quatro cidades (Nova Veneza, Pedras Grandes, Siderópolis e Urussanga), contei com a preciosa ajuda de amigos, conhecidos, ex-alunos e/ou professores de italiano da região. Em todas essas quatro cidades, fiz contato telefônico com alguém já conhecido, expliquei a pesquisa e a pessoa aceitou me ajudar ou me encaminhou a um terceiro que me ajudaria.

Nesse momento, começaram a surgir as primeiras dificuldades em ser pesquisadora. Algumas vezes, eu ligava para quem eu já conhecia esperando uma boa recepção e não era nem atendida. Outros simplesmente me disseram que não tinham tempo de me ajudar a selecionar pessoas. Alguns ainda marcaram horário e não me atenderam.

Em contrapartida, conheci pessoas de muito boa vontade, que nunca tinham me visto e dedicaram uma parte do seu tempo para me ajudar a selecionar os

⁵⁸ O verdadeiro objetivo da tese só foi revelado aos entrevistados após a entrevista; antes da conversa eu me apresentava, dizia que eram perguntas pessoais, que gostaria de conhecer melhor a história da família italiana da pessoa, pedia autorização para gravar explicando que minha memória não daria conta de lembrar-me de 80 entrevistas e, caso autorizada, começava a conversa sempre no tom mais informal possível.

informantes. Em cada uma das quatro cidades, tive um, e às vezes até dois, acompanhantes da própria cidade, que fizeram toda a diferença no momento de contatar os entrevistados. Eles foram primordiais porque já conheciam bem a cidade, sabiam com quem eu tinha que falar na prefeitura para saber onde era zona urbana e zona rural, conheciam os habitantes da cidade, o seu dia-a-dia e seus costumes; por exemplo, qual o melhor horário, o melhor dia. Eles conheciam, por exemplo, o horário em que os moradores estavam descansando, a hora habitual de acordar após o almoço, a hora que se volta da roça e da visita dos netos, entre outros costumes importantes para que fosse possível realizar as entrevistas.

Para agendar a entrevista, geralmente, o meu contato na cidade ligava ao entrevistado, explicava que "uma menina está fazendo uma pesquisa sobre italianos para a universidade" e me acompanhava até a casa do entrevistado.

Com os mais idosos, a conversa geralmente começava com a clássica pergunta "de que gente tu é?", que quer dizer "qual o seu sobrenome?" (gente = sobrenome). Como minha descendência italiana é apenas por parte de mãe e ela é natural de Capinzal (oeste de SC), meu sobrenome italiano (Lanhi) não é muito conhecido nessa região. Então eu tinha que explicar com detalhes todos esses pontos antes de começar a entrevista. Com os mais novos, "quebrar o gelo" era bem mais simples. Muitos me diziam: "sei bem como é, fiz pesquisa pro meu TCC!", e daí em diante a conversa fluía.

Percebi que falar italiano me auxiliava a "conquistar a confiança" dos informantes assim que chegava a sua casa. Geralmente, eu cumprimentava com "*Buongiorno, permesso, posso entrare?*" (Bom dia, com licença, posso entrar?). A partir daí eu já tinha, pelo menos, a atenção dos entrevistados.

Encerra-se aqui a contextualização de como se deram a escolha e a seleção dos informantes e passa-se para a próxima seção, que explica quais instrumentos foram utilizados para coletar os dados.

2.4 INSTRUMENTOS DE COLETA DOS DADOS

Após apresentar como se deu a seleção dos participantes para a pesquisa, apresentam-se os instrumentos de coleta de dados para este trabalho.

Decidiu-se, de acordo com o objetivo do trabalho (analisar atitudes linguísticas), utilizar como instrumento de coleta de dados a *entrevista semiestruturada* e a *observação participante*. A justificativa para o uso de tais instrumentos é que, ao escolher uma abordagem etnográfica, faz-se necessária a utilização de diferentes fontes de dados para poder gerar diferentes perspectivas sobre os comportamentos dos entrevistados e do contexto pesquisado.

A seguir, apresentam-se as justificativas da escolha desses instrumentos (entrevista semiestruturada e observação participante) e detalhes de como ocorreu a coleta de dados com a sua utilização.

A *entrevista*, segundo Silva (2003, p. 125), é o mais habitual dos procedimentos sociolinguísticos, além de ser o instrumento mais vantajoso para a maioria dos fenômenos linguísticos.

Entre os etnógrafos, a entrevista também é uma forma muito bem vista de coletar dados. Para Saville-Troike (2003, p. 99), por exemplo, a entrevista pode contribuir com uma vasta gama de informações culturais.

Dentro da etnografia, a entrevista mais comum é aquela com respostas abertas, ou seja, o informante pode responder de diversas formas, não existe uma dualidade nas respostas. Além disso, a entrevista etnográfica segue o mínimo possível a programação de perguntas; o etnógrafo deve estar aberto a novas ideias, informações e padrões que possam surgir no decorrer da entrevista. Perguntas fechadas ou que utilizam escalas de graduação (muito comum em estudos de atitudes linguística no Brasil) podem ser usadas dentro dessa abordagem metodológica, mas somente se precedidas de perguntas abertas para validar a interpretação (SAVILLE-TROIKE, 2003, p. 101 e 102).

Para esta pesquisa, muitos dos aspectos indicados pela etnógrafa Saville-Troike (2003) foram seguidos.

As perguntas do questionário (Anexo 1) são abertas e fechadas, mas durante a realização da entrevista, para as perguntas fechadas, foi dada a possibilidade de confirmação da resposta com comentários posteriores do entrevistado.

Ainda de acordo com as características da entrevista etnográfica, tentei seguir o mínimo possível o roteiro de 37 perguntas do questionário. Quando consegui decorar todas, não seguia mais a ordem e perguntava conforme o assunto surgia na conversa. Em virtude disso, acredito que, da 10^a entrevista em diante, que foi quando consegui decorar as perguntas, as entrevistas ficaram mais naturais e com mais característica de conversa. Acredito que decorar as perguntas foi uma estratégia muito produtiva para conseguir respostas mais espontâneas. Não seguir rigorosamente o roteiro certamente proporcionou a manifestação espontânea de atitudes linguísticas durante a entrevista⁵⁹.

Além da entrevista, outro instrumento de coleta de dados utilizado foi a *observação participante*.

Para Richardson *et al.* (1999, p. 259), a observação é imprescindível em qualquer processo de pesquisa científica porque ela pode ser usada junto a outras técnicas de coleta de dados ou, até mesmo, ser usada exclusivamente. Para o autor, a observação é a base de toda investigação no campo social, podendo ser utilizada em trabalho científico de qualquer nível, dos mais simples aos mais avançados.

Um ponto importante sobre a observação apresentado por Richardson *et al.* (1999, p. 259) é que a observação é uma atividade diária. Ela se torna científica e instrumento de coleta de dados em uma pesquisa quando é planejada e registrada. Portanto, quando se usa esse instrumento de pesquisa, são necessários por parte do pesquisador cuidados como atenção, humildade, honestidade intelectual e rigor metodológico (RICHARDSON *et al.*, 1999, p. 260).

Para Saville-Troike (2003, p. 98), a observação em pesquisas etnográficas deve ser participativa, ou seja, o pesquisador deve interagir com os informantes observados (esse instrumento de coleta de dados é diferente da *observação não participante*, na qual o pesquisador é um espectador do fenômeno investigado). Ao utilizar a observação participante, o pesquisador se coloca no mesmo nível dos membros da comunidade pesquisada.

Para Richardson *et al.* (1999), a observação participante é recomendada especialmente para estudos de grupos e comunidades porque o observador participante terá mais condições de “compreender os hábitos, *atitudes*, interesses,

⁵⁹ Acredito que não ter analisado os dois blocos de entrevistas (até a 10^a – após a 10^a entrevista) possa ter sido uma das limitações desta pesquisa, este assunto será discutido melhor na seção: Limitações da pesquisa e recomendações para trabalhos futuros.

relações pessoais e características da vida diária da comunidade do que o observador não participante” (p. 261, grifo nosso).

Para conseguir um bom relacionamento, e ser aceita como observadora participante no grupo de ítalo-brasileiros do sul de Santa Catarina, acredito que ser natural de Criciúma colaborou.

Essa tentativa de instauração de um bom relacionamento começava logo nas apresentações. Para começar o contato com os informantes, eu me apresentava como sendo de Criciúma porque é uma cidade que eles conhecem e faz parte do dia a dia dos entrevistados. Percebi que quanto mais características eu tivesse que me aproximasse deles, ou melhor, quanto mais eles se identificassem comigo durante a entrevista e a observação participante, mais fácil seria compreender suas atitudes linguísticas em relação à língua italiana da região.

Alguns informantes que entrevistei não sabem o que é um doutorado, não conhecem a Universidade Federal do Paraná e nunca ouviram falar em Sociolinguística. Percebi, então, que quanto menos eu me apresentasse com essas palavras, mais fácil seria estabelecer esse contato para conseguir fazer a observação participante de uma forma eficiente. Vale ressaltar que em nenhum momento omiti aos informantes o que eu estava fazendo; eu dizia que era de Criciúma e estava fazendo uma pesquisa para a universidade sobre os italianos daquela cidade. Dessa forma, usava características conhecidas para eles e conseguia a sua atenção para começar a conversa.

A observação participante para esta pesquisa ocorreu com os entrevistados ou com outros membros da comunidade na cidade durante minhas visitas.

Todas as observações participantes eram escritas diariamente ao final do dia em um caderno de anotações. Essas considerações foram muito úteis para analisar os dados.

A regularidade da escrita no caderno foi importante para que as análises fossem amadurecidas com o rigor metodológico necessário que a técnica da observação pede. Além disso, ao escrever minhas observações sistematicamente, algumas inferências eram espontaneamente feitas por mim com a possibilidade de confirmá-las com os próximos entrevistados.

As observações participantes com os entrevistados ocorriam antes, durante e depois das entrevistas. Em alguns casos, voltei duas ou três vezes à casa ou ao ambiente de trabalho do entrevistado para conversar. Isso também colaborou para

aumentar o tempo de exposição com os entrevistados e confirmar algumas inferências, quando possível. As observações participantes com os outros membros da comunidade, por sua vez, não tinham nenhuma programação e dependiam da disponibilidade de tempo das pessoas que eu conhecia na cidade.

Frequentei prefeituras, restaurantes, cafés, praças e conversei com algumas pessoas sobre sua italianidade. Aqueles que dispunham de mais tempo naquele momento puderam me auxiliar mais. Todas as minhas inferências sobre as conversas estão presentes no caderno de anotações diárias.

Ao chegar ao local da entrevista, primeiramente, foi preenchida uma ficha, conforme modelo a seguir, com dados do informante, tais como: nome, idade, estado civil, sexo, cidade de nascimento, cidade onde mora, há quanto tempo, escolaridade e profissão. Esses dados não serão divulgados e servirão apenas para que eu pudesse organizar e identificar as pessoas.

Nome:	
Idade:	
Estado civil:	
Sexo:	
Cidade de nascimento:	
Cidade onde mora:	()Criciúma ()Siderópolis ()Nova Veneza ()Pedras Grandes ()Urussanga
Há quanto tempo:	
Escolaridade:	
Profissão:	
Descendência italiana paterna	()sim () não
Descendência italiana materna	()sim () não
Grau de bilinguismo	()fala ()lê ()entende ()escreve ()canta ()reza ()xinga ()faz contas
Data e local da entrevista:	
Contato:	

QUADRO 6 – FICHA PREENCHIDA ANTES DA ENTREVISTA

O preenchimento dessa ficha, no geral, foi aceito tranquilamente pelos entrevistados, com algumas exceções, como demonstra o trecho a seguir de uma transcrição:

Luciana: Então tá, o seu nome completo é como?
(Entrevistado responde)

Luciana: Humm.. (me preparando para preencher o próximo campo da ficha)

Entrevistado: Mas vocês não vão querer meu CPF, minhas coisa, uma folha em branco...

Nada, nada. Não, isso aqui é tudo anônimo seu (nome dele), é só pra eu saber.

Eu sei, imagina se eu dou o cartão do banco e você vai lá, **não tem nada lá.**

Não, eu posso deixar é umas conta aqui só porque... (risos)

Mas não tenho dinheiro lá... (risos)

(Informante 70, Urussanga, masculino, idoso, zona rural)

O trecho dessa entrevista já demonstra uma das características do ítalo-brasileiro do sul de Santa Catarina. No geral, são pessoas desconfiadas, mas que logo se propõem a ajudar quando entendem o motivo da conversa.

Nessa entrevista, por exemplo, a conversa durou uma hora e meia, e o entrevistado acabou me convidando para a sua próxima festa de aniversário, ou seja, apesar da desconfiança inicial, houve interação entre entrevistado e pesquisadora para que fosse possível alcançar os objetivos deste trabalho (analisar atitudes linguísticas).

O preenchimento desta ficha com as informações pessoais do informante e o início das perguntas do questionário era ininterrupto, e o entrevistado nem percebia⁶⁰. A fase sucessiva eram as perguntas semiestruturadas do questionário (Anexo 01).

Para a elaboração do questionário, foram analisados outros já utilizados em pesquisas anteriores que também abordam o tema de atitudes linguísticas dos ítalo-brasileiros, como, por exemplo, Bergamaschi (2006), Santos (2001) e Silva-Porelli (2010).

Para começar a conversa, sempre se perguntava se a descendência italiana era por parte de pai, de mãe ou de ambos e daí se partia para a primeira pergunta do questionário (Você é descendente de italiano de qual cidade ou região da Itália, você sabe?) como se fosse uma continuação da conversa. O objetivo dessa pergunta era simplesmente fazer com que o entrevistado começasse a falar da sua família, mas também se pretendia entender qual seu nível de interesse pela sua origem italiana. Nessa ficha, foram marcados também a data, o local da entrevista e o grau de bilinguismo do entrevistado. As opções eram: *fala, lê, entende, escreve, canta, reza, xinga, faz contas*.

⁶⁰ Algumas vezes, após a realização de aproximadamente 40 entrevistas, comecei a deixar o preenchimento dessa ficha para o final da conversa, até porque algumas das perguntas da ficha já haviam sido feitas durante a entrevista.

Todas essas alternativas eram dadas durante a conversa com o informante, geralmente após a pergunta 3 (Você fala dialeto?). De acordo com a resposta, eu já percebia se era dialeto ou italiano padrão o que a pessoa sabia e, assim, tentava estimulá-la a falar alguma coisa para confirmar suas respostas. Como eu sei falar muito pouco dialeto vênето (e nada dos outros dialetos), muitas vezes acabava falando italiano padrão mesmo⁶¹. Dois entrevistados da zona rural, um de Siderópolis e um de Nova Veneza, optaram por continuar respondendo todas as outras perguntas em italiano falado na região, enquanto eu respondia em italiano padrão. Foi nessa mistura, acrescida com o português de vez em quando, que ocorreu a entrevista.

Permiti que eles continuassem falando a língua italiana/dialeto mesmo não compreendendo exatamente tudo o que estava sendo dito naquele momento porque considere que isso também demonstrava uma atitude linguística. Se eles quiseram dar a entrevista em língua italiana/dialeto, isso demonstrava atitudes positivas em relação àquela língua.

Na fase inicial da entrevista, optei por deixar o entrevistado contar sobre sua experiência com a língua italiana a partir das perguntas 6, 7 (Quando você era criança, seus pais falavam com você em dialeto italiano, em português ou em outra língua? Por quê? Quando você era criança, em que língua você falava com seus avós? E com seus irmãos?) com o objetivo de permitir que o informante relaxasse e se sentisse mais à vontade comigo e com a situação de ser entrevistado.

Entretanto, com a geração mais nova, essas perguntas, geralmente, tinham uma resposta negativa, o que fazia com que a entrevista ficasse menos parecida com uma conversa informal. Eles respondiam simplesmente "não" e, dessa forma, eu tinha que passar para a próxima pergunta. Embora o questionário tenha funcionado muito bem com a geração mais velha, com os mais novos, muitas perguntas eram puladas porque eles diziam que não sabiam ou nunca tinham ouvido falar, como, por exemplo, a 14 (Você lembra algum fato importante, relacionado com a fala, na época que você frequentava a escola?), a 15 (Você ouviu falar que, na

⁶¹ No capítulo 4 deste trabalho, seção 4.1, serão apresentadas as definições para língua e dialeto usadas nesta tese. Neste momento, vale ressaltar que os dialetos da Itália interferem na comunicação. Isso quer dizer que, se um bergamasco (proveniente de Bérgamo, cidade da região da Lombardia) conversa com um italiano proveniente da região do Vêneto, eles provavelmente terão problemas de comunicação; daí vem também a necessidade de uma língua nacional na qual todos se entendam: o italiano *padrão*. A definição do que é o italiano *padrão* também é apresentada no capítulo 4, intitulado *Contexto Linguístico da Região de Colonização Italiana no Sul de Santa Catarina*.

época da guerra, foi proibido usar o italiano no Brasil? Conhece alguma história dessa época? Sabe de algum caso que tenha ocorrido com familiares? O que a polícia fazia com quem pegava falando italiano?) e a 16 (Você acha que ainda hoje existe esse sentimento (de medo, de vergonha) em relação à língua italiana?)

A última pergunta, a número 37, foi "Você permite que eu use em meu trabalho o que falamos aqui?", ao que todos disseram sim. Dessa forma, passei para a próxima fase, a transcrição dos dados.

As entrevistas foram gravadas com um gravador digital de voz da marca Powerpack® (modelo DVR-1081.B).

Gravar a conversa foi, em alguns casos, constrangedor ao entrevistado, sobretudo na zona rural. Em todas as entrevistas, eu pedi a autorização *prévia* da pessoa para a gravação. Isso gerou vergonha bem nítida em alguns casos.

Tentei amenizar explicando que somente eu ouviria, que eu teria que realizar 80 entrevistas e, portanto, não lembraria de todas. Também expliquei e garanti que seria tudo anônimo. Tenho certeza de que nem todos se sentiram mais à vontade mesmo após essa explicação.

Apesar de alguns constrangimentos pontuais, como explicado, a maior parte das entrevistas aconteceu de forma amigável e os entrevistados foram envolvidos pelo assunto.

A duração mínima da entrevista foi de 20 minutos, e a máxima, de duas horas. Em média, eu ficava uma hora conversando com cada entrevistado(a). As entrevistas mais curtas foram com os jovens. Eles tinham menos histórias para contar e, geralmente, o assunto se esgotava em pouco tempo (com exceção de Urussanga, como poderá ser verificado na seção 5.2).

Um ponto interessante que gostaria de destacar nesse contato com os entrevistados durante o tempo que passei nas cidades pesquisadas é o interesse que o tema despertou.

Geralmente, as entrevistas ocorriam nos finais de semana porque as pessoas estavam em casa e tinham mais tempo para conversar comigo. As casas que frequentei, muitas vezes, estavam cheias de parentes, e todos queriam entender o que eu estava fazendo ali. Fiz questão de explicar para a família inteira, *após as entrevistas*, do que se tratava a pesquisa para, assim, evitar interferir nas respostas. Foi muito gratificante ouvir de homens e mulheres da zona rural e urbana, jovens ou idosos que queriam ler o trabalho quando estivesse pronto. Acredito que seja esse

um dos grandes papéis das universidades, isto é, fazer pesquisa e levá-la até a comunidade para que todos possam ter acesso ao que foi produzido a partir da realidade deles.

Prometi aos informantes que, além de enviar o trabalho pronto por e-mail assim que possível, deixaria uma cópia impressa em cada biblioteca das cinco cidades para aqueles que não têm e-mail.

Certamente, como experiência humana, esse contato com os 80 entrevistados, seus familiares e amigos foi a melhor parte deste trabalho.

Nos momentos nos quais eu estava na casa dos informantes cercada por parentes e amigos, além de explicar como era a minha pesquisa, também ouvia a opinião deles sobre vários assuntos presentes na entrevista. Foram momentos importantes tanto para os informantes, porque queriam entender o que eu estava fazendo ali, quanto, sobretudo, para mim.

Essas foram oportunidades preciosas de observar participativamente a manifestação de atitudes linguísticas nos habitantes das cinco cidades. Informalmente, com o microfone desligado, sentados na sacada de casa, conversamos bastante sobre o que é ser ítalo-brasileiro(a) hoje em dia. Acredito que a observação participante é um instrumento de coleta de dados fundamental quando se estuda atitudes linguísticas.

Para finalizar, é importante destacar que todas as entrevistas foram verbalmente autorizadas a ser utilizadas nessa pesquisa através da pergunta 38 (Você permite que eu use em meu trabalho o que falamos aqui?). Todos os informantes afirmaram que eu poderia utilizar o que conversamos para a análise.

Após expor como os dados foram colhidos, a próxima seção apresenta como foi feita sua análise.

2.5 ANÁLISE DOS DADOS

Os dados coletados através da entrevista semiestruturada e da observação participante foram analisados qualitativa e quantitativamente. Para a etnógrafa da fala Saville-Troike (2003, p. 185), pesquisas com atitudes linguísticas devem envolver os dois métodos de pesquisa.

Nos parágrafos seguintes, descreve-se como foram desenvolvidos os dois métodos neste trabalho. Inicia-se com a *análise quantitativa*.

O primeiro passo foi identificar as atitudes linguísticas manifestadas pelos informantes nas 80 entrevistas, ou seja, era necessário identificar em quais frases ditas pelos informantes existiam manifestações de atitudes linguísticas positivas, negativas ou neutras em relação à língua italiana falada na região.

Para tanto, comecei escutando duas vezes todas as entrevistas e criei um quadro por campos semânticos, ou seja, reuni os assuntos recorrentes nas falas. Por exemplo: diz que se sente mais brasileiro, diz que se sente mais italiano, compraria uma casa em um bairro só de italianos, não iria a um médico brasileiro, acha o português a língua mais bonita comparada ao italiano, já sentiu vergonha de ser italiano, acha que a língua italiana está diminuindo, fala sobre ser colono, fala do significado de *baieco*, afirma não ter preconceito com brasileiros atualmente, conta histórias sobre casamentos entre brasileiros e italianos etc.

Cada vez que um dos assuntos era tratado na entrevista, eu escrevia o nome da pessoa ao lado do assunto em um quadro. No mesmo quadro, criei uma terceira coluna na qual já identificava se aquele sentimento/avaliação ou comportamento era uma atitude positiva, negativa, neutra ou apenas um assunto.

Para cada cidade, ao final da audição das entrevistas, eu tinha um quadro como o do exemplo a seguir (no qual, não foram inclusas todas as atitudes):

Natureza	Atitude	Informantes
Negativa	Se sente mais brasileiro(a).	Informante 11 Informante 08 Informante 04 Informante 03
Positiva	Se sente mais italiano(a).	Informante 12 Informante 16 Informante 14
Neutra	50% brasileiro (a), 50% italiano (a).	Informante 06 Informante 07 Informante 09 Informante 20
Negativa	Não compraria casa em um bairro só de italianos.	Informante 31
Neutra	Tanto faz (o bairro).	Informante 23 Informante 25 Informante 26 Informante 27
Positiva	Italiano língua mais bonita.	Informante 24
Negativa	Português língua mais bonita.	Informante 29
Neutra	Não tem como dizer qual língua é mais bonita.	Informante 20 Informante 28
		Informante 21

Negativa	Já sentiu/sente vergonha do sotaque italiano	Informante 26 Informante 30 Informante 31 Informante 32
Assunto	Fala sobre o significado de <i>baieco</i> .	Informante 17 Informante 18 Informante 19
Assunto	Fala sobre “ser colono”.	Informante 17
Assunto	Sabe que existem diferenças entre os dialetos.	Informante 19 Informante 27 Informante 31
Positiva	Admite que usa palavras italianas no dia a dia .	Informante 25 Informante 29
Assunto	Usava palavras em italiano quando falava português e só descobriu algum tempo depois.	Informante 18 Informante 25
Positiva	É melhor/mais fácil falar italiano a português.	Informante 23
Assunto	Não existe preconceito em ser brasileiro hoje em dia.	Informante 19 Informante 21 Informante 30

QUADRO 7 – EXEMPLO USADO NA IDENTIFICAÇÃO DAS ATITUDES NAS 5 CIDADES

Em seguida, com esse quadro pronto, identifiquei quantas atitudes positivas, negativas ou neutras foram manifestadas em cada cidade⁶². Vale destacar que somente atitudes manifestadas por no mínimo dois informantes foram contabilizadas. Atitudes manifestadas por somente um informante foram descartadas por serem consideradas opiniões individualizadas dentro da comunidade e talvez não representassem a coletividade da cidade. Acredita-se que a opinião de *um* indivíduo só é muito restrita e deveríamos ter ao menos dois (o que também pode ser pouco, mas se minimiza o efeito individual) para avaliar se não há opinião contrária, no mínimo. O ideal, segundo Tarallo (2007, p. 29 - 30), seriam cinco por célula; mas isto nem sempre é possível. Nesta pesquisa, por exemplo, que envolve cinco cidades e mais três dimensões teríamos um total de 200 informantes se tivéssemos cinco informantes por célula.

Os itens do quadro classificados como “assuntos” não contabilizaram a análise quantitativa, mas ajudaram a identificar em qual entrevista eu deveria procurar aquele tema na análise qualitativa.

Nesse momento, consegui os primeiros dados quantitativos do trabalho. Já era possível verificar qual a cidade com o maior número de atitudes positivas, negativas e neutras. Então, calculei também os percentuais de cada uma. Os resultados dessa análise, por cidade, estão no capítulo 5 (seção 5.5).

⁶² A lista completa das atitudes encontradas nas entrevistas está no capítulo 5, seção 5.1.

Depois desse momento, contei quantos informantes eram jovens/idosos, homens/mulheres e da zona rural ou urbana para cada atitude.

Para exemplificar, usarei a dimensão diageracional (jovens e idosos) como modelo. Repeti o procedimento nas outras duas dimensões (diageracional e diagenérica) para conseguir os resultados apresentados nas seções 5.2 e 5.3, respectivamente.

A tabela a seguir exemplifica⁶³ como dividi os informantes na dimensão diageracional. Esse passo foi muito simples: eu deveria apenas verificar se ele era jovem ou idoso:

TABELA 3 – INFORMANTES DE ACORDO COM A DIMENSÃO DIAGERACIONAL

Natureza	Atitude	Jovem	Idoso
Negativa	Acha a língua italiana mais bonita comparada ao português	2 informantes	2 informantes
Positiva	Sente-se mais italiano(a).	4 informantes	5 informantes
Neutra	50% brasileiro(a), 50% italiano (a).	4 informantes	2 informantes

Nesse exemplo, então, teríamos a atitude negativa contabilizada tanto aos jovens quanto aos idosos porque eles são 2 informantes jovens contra 2 informantes idosos. A atitude positiva seria contabilizada somente aos idosos (5 idosos conta 4 jovens). A neutra, por sua vez, seria contabilizada somente aos jovens (4 informantes jovens contra 2 informantes idosos).

Fiz esse mesmo procedimento para todas as atitudes e, em seguida, passei para a última parte, que foi de cálculos matemáticos. Contei em quantas atitudes os jovens foram maioria e relatei o resultado encontrado com o total.

Por exemplo, em Nova Veneza, foram encontradas, no total, 37 atitudes. Dessas, 10 são atitudes negativas, 4 são neutras e 23 são positivas.

Das 23 atitudes linguísticas positivas, 7 foram predominantemente manifestadas por jovens, 15 predominantemente por idosos e 1 por jovens e idosos em igual número. Isso significa, matematicamente, que, das atitudes linguísticas positivas encontradas em Nova Veneza, 31% são dos jovens, 65% são de idosos e 4% são de jovens e idosos.

Ao final, eu tinha o panorama completo de cada cidade. Por exemplo, em Nova Veneza, as atitudes linguísticas de jovens e idosos podem ser assim resumidas:

⁶³ A tabela completa da cidade de Nova Veneza está no anexo 2 da tese, aqui ela foi apresentada resumidamente.

TABELA 4 – MODELO PARA CALCULAR PERCENTUAL DE ATITUDES DE NOVA VENEZA

23 atitudes positivas encontradas no total = 100%	
7 atitudes predominantemente dos jovens	31%
15 atitudes predominantemente dos idosos	65%
1 atitude com o mesmo número de informantes jovens e idosos	4%

10 atitudes negativas encontradas no total = 100%	
5 atitudes predominantemente dos jovens	50%
4 atitudes predominantemente dos idosos	40%
1 atitude com o mesmo número de informantes jovens e idosos	10%

04 atitudes neutras encontradas no total = 100%	
4 atitudes predominantemente dos jovens	100%
Nenhuma atitude dos idosos	0%
Nenhuma atitude de jovens e idosos	0%

Esse cálculo foi feito da mesma forma para as atitudes negativas e neutras. Em seguida, foi só transformar essas tabelas em gráficos.

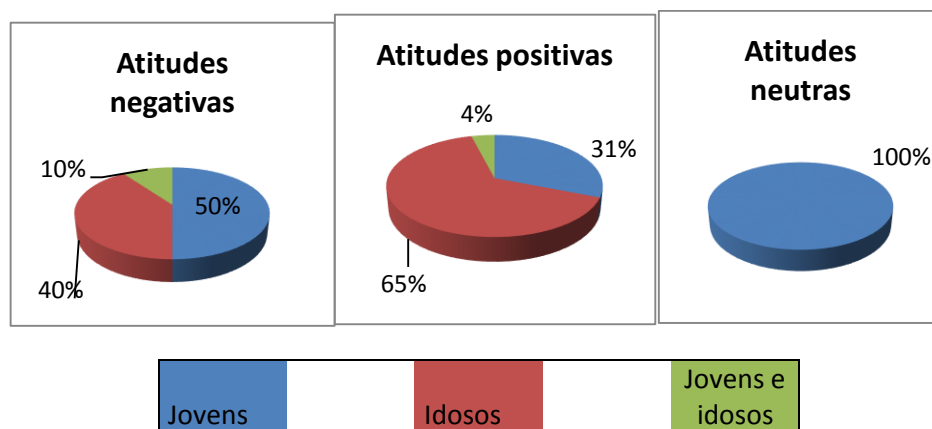


GRÁFICO 1 – ATITUDES DOS JOVENS E DOS IDOSOS EM NOVA VENEZA

Após ter conseguido esses percentuais, ainda restavam dúvidas de como apresentar os gráficos no trabalho porque a parte em verde correspondente a “jovens e idosos” confundiria o leitor⁶⁴. Na verdade, o percentual em verde referia-se às atitudes linguísticas manifestadas tanto por jovens quanto por idosos. Dessa forma, decidiu-se dividir o valor por dois e acrescentar em cada grupo (jovens e idosos). Por exemplo, de acordo com o gráfico anterior, as atitudes negativas são

⁶⁴ Essa hipótese foi confirmada na qualificação; a banca sugeriu que a forma de apresentação dos gráficos fosse revista.

manifestadas em Nova Veneza nas seguintes proporções: 50% nos jovens, 40% nos idosos e 10% em ambos. Ao dividir 10 por 2, acrescentou-se 5% para cada grupo e o resultado final foi: 55% das atitudes para jovens e 45% para idosos. Dessa forma, conseguiu-se eliminar o percentual verde dos gráficos e apresentá-los de forma mais clara:

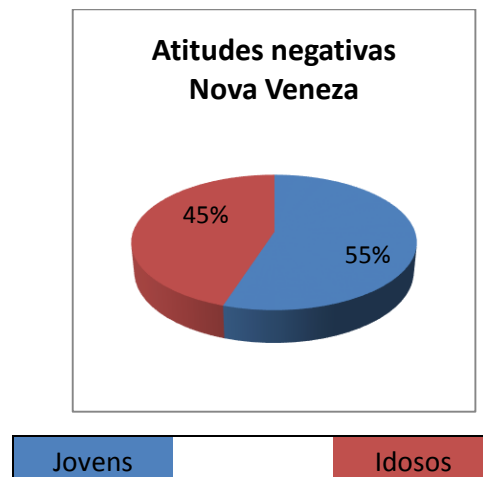


GRÁFICO 2 – ATITUDES DOS JOVENS OU DOS IDOSOS EM NOVA VENEZA

Esse procedimento foi usado na pesquisa como instrumento de análise de dados quantitativos e desenvolvido por mim para esta tese. Procurei com esse tipo de análise transformar a manifestação de atitudes linguísticas em percentuais.

Se, de um lado, as atitudes linguísticas são manifestadas por seres humanos que vivem em sociedade e, dessa forma, não podem ser simplificada e contadas com instrumentos estatísticos, por outro lado, uma visão apenas qualitativa das atitudes linguísticas poderia deixar passar despercebidos novos fenômenos sociais das cidades envolvidas na pesquisa.

A utilização desse método quantitativo possibilitou, por exemplo, a percepção de mais atitudes positivas na zona urbana que na zona rural, como será melhor analisado na seção 5.3. Isso certamente não teria sido possível sem a utilização dessa forma de análise; só foi possível a observação desse fenômeno social por meio da visualização dos percentuais.

De fato, um dos benefícios do método quantitativo é exatamente evitar que o pesquisador distorça a análise e a interpretação dos dados. Isso possibilita uma margem de segurança quanto às inferências (RICHARDSON *et al.*, 1999, p. 70).

Com tantos sentimentos e histórias pessoais dos entrevistados envolvidos, a análise quantitativa contribui para que o pesquisador de atitudes linguísticas não se perca nesse emaranhado de emoções. Até porque o próprio pesquisador tem suas atitudes linguísticas em relação à língua estudada. Na verdade, quando obtive os números com essa forma de análise, minhas angústias como pesquisadora se aquietaram um pouco porque os percentuais demonstraram alguns resultados que eu havia intuído.

Por exemplo, assim que terminei as entrevistas, mesmo antes da transcrição, ao ler o caderno de anotações, eu já havia percebido que a maior parte das atitudes positivas provinha de Nova Veneza e Urussanga. Minha inquietação como pesquisadora era como conseguir deixar isso claro também em análises quantitativas.

A escolha metodológica de análise de dados quantitativa desenvolvida para este trabalho é apenas uma alternativa no que diz respeito a metodologias de medição de atitudes linguísticas.

Já para a utilização do *método qualitativo*, nesta pesquisa, utilizei a transcrição das falas dos entrevistados e as anotações feitas após a observação participante no caderno de anotações.

Para auxiliar a encontrar os trechos que eu necessitava citar na transcrição das entrevistas, fiz um fichamento para cada informante, o que consistia em uma espécie de resumo das 80 entrevistas. Isso muito me auxiliou na localização das frases selecionadas e citadas nesta pesquisa.

Na citação da transcrição dos trechos das entrevistas utilizadas na tese, optei por apresentar trechos grandes para que se pudesse entender o contexto no qual aquela fala foi feita. Como em muitos casos o trecho é bem longo, decidi deixar em negrito as partes nas quais a manifestação das atitudes está mais explícita para facilitar e tornar mais dinâmica a leitura do trabalho, caso seja o interesse do leitor. Por outro lado, acredito que, por se tratar de sentimentos e avaliações, muitas vezes, um trecho maior pode ajudar na compreensão da intenção do falante.

O caderno de anotações utilizado durante as observações participantes foi importante para a análise dos dados porque auxiliou na interpretação de atitudes linguísticas que nem sempre estavam presentes nas falas dos informantes.

Por exemplo, a justificativa de por que, neste trabalho, foram encontradas mais atitudes neutras em relação à língua italiana nos homens que nas mulheres

(ver seção 5.4), só pode ser compreendida após a leitura das observações do caderno de anotações. Foi por meio do que tinha sido observado diariamente que foi possível perceber que talvez o clima de interação entre informantes mulheres e a pesquisadora mulher pudesse justificar tais percentuais.

As análises para esta tese serão feitas, portanto, através dos dados quantitativos (como já explicado) das falas dos próprios informantes, transcritas, e das observações participantes feitas pela pesquisadora (análise qualitativa). Assim, a análise qualitativa servirá para justificar os dados da análise quantitativa.

O capítulo de análise deste trabalho (capítulo 5) fará uso dos dois métodos descritos (quantitativo e qualitativo) concomitantemente e pode ser assim resumido: na primeira seção, se fará a verificação de atitudes linguísticas positivas, negativas e neutras de jovens e idosos (seção 5.2). Dessa forma, pretende-se responder nessa seção à primeira pergunta de pesquisa desta tese (As atitudes linguísticas de ítalo-brasileiros jovens e idosos em relação à língua italiana falada na região se manifestam nas mesmas proporções? Por quê?). Trechos das entrevistas de jovens e idosos e observações feitas pela pesquisadora irão proporcionar a justificativa dos percentuais encontrados.

A seção seguinte (5.3) terá o objetivo de responder à segunda pergunta (As atitudes linguísticas de ítalo-brasileiros da zona rural e urbana em relação à língua italiana falada na região se manifestam nas mesmas proporções? Por quê?). Dessa forma, serão comparados os percentuais de atitudes positivas, negativas e neutras para verificar em quais das duas zonas encontram-se os maiores níveis. Da mesma forma, dados qualitativos (transcrições de entrevistas e observações participantes) serão utilizados para tentar entender o porquê dos resultados.

A próxima seção do capítulo de análise (seção 5.4), por sua vez, tentará responder à terceira pergunta de pesquisa (As atitudes linguísticas de homens e mulheres ítalo-brasileiros(as) em relação à língua italiana falada na região se manifestam nas mesmas proporções? Por quê?) e envolverá a dimensão diagenérica. Dessa forma, serão comparados os percentuais de atitudes positivas, negativas e neutras de homens e mulheres. Assim como nas seções anteriores, serão utilizados trechos das próprias entrevistas e dados das observações participantes para justificar tais resultados.

A última parte da análise (seção 5.5) envolve a dimensão diatópica, ou seja, as 5 cidades pesquisadas. Pretende-se analisar, nessa seção, o percentual de

atitudes positivas, negativas e neutras das cinco localidades e compreender o porquê de tais resultados. Para tanto, serão utilizados trechos das entrevistas realizadas, dados da observação participante e dados socioeconômicos das cidades (ver capítulo 3, seções 3.3.1 – 3.3.5).

O objetivo da seção 5.5 do capítulo de análise é responder à última pergunta de pesquisa desta tese (Quais das cinco cidades – Urussanga, Pedras Grandes, Criciúma, Nova Veneza e Siderópolis – apresentam mais atitudes positivas, negativas e neutras em relação à língua italiana falada na região? Quais fatores poderiam justificar esses resultados?).

O capítulo a seguir apresenta um panorama sobre a imigração italiana no sul de Santa Catarina. Parte-se da apresentação da situação da Itália para que se entenda a emigração. Em seguida, apresenta-se a fundação das cinco cidades envolvidas na pesquisa e aspectos italianos que as caracterizam.

3 CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO DA REGIÃO DE COLONIZAÇÃO ITALIANA NO SUL DE SANTA CATARINA

*Dicebat Bernardus Carnotensis nos esse quasi nanos, gigantium humeris insidentes, ut possimus plura eis et remotiora videre, non utique proprii visus acumine, aut eminentia corporis, sed quia in altum subvenimur et extollimur magnitudine gigantea.*⁶⁵
John Salisbury (*The Metalogicon*, University of California Press. p. 167)

Este capítulo objetiva a apresentar um panorama de como se deu a imigração italiana na região sul de Santa Catarina, mais especificamente, nas cinco cidades envolvidas nesta pesquisa. Inicia-se com um breve relato da situação política, econômica, social e linguística da Itália (seção 3.1), em especial do norte (3.2), que é de onde vieram os imigrantes que colonizaram Santa Catarina (3.3) no século XIX.

As três primeiras seções, portanto, apresentam a divisão política da Itália, focalizando a situação precária do norte do país até o momento em que os italianos “decidiram” fazer a grande viagem e chegaram ao sul do estado de Santa Catarina. Dessa leitura, poderá se perceber que a imigração não foi uma simples decisão; naquele momento, era, talvez, a única opção para eles.

Vale ressaltar que esta pesquisa não foca o aspecto histórico da imigração italiana no sul de Santa Catarina, até porque historiadores já o fizeram. A intenção aqui é dar subsídios para a melhor compreensão de quem é e de onde veio o imigrante italiano que viveu e vive na região pesquisada e, dessa forma, possibilitar uma análise mais contextualizada das suas atitudes linguísticas em relação à língua italiana falada na região.

Em seguida (da seção 3.3.1 até a seção 3.3.5), pretende-se focar na descrição de como ocorreu a fundação das cinco cidades pesquisadas: Pedras Grandes, Urussanga, Criciúma, Nova Veneza e Siderópolis. A ordem de apresentação será de acordo com o ano da sua fundação: da mais antiga, Colônia de Azambuja, fundada em 1877 e hoje pertencente a Pedras Grandes; passando por Urussanga, fundada em 1878; Criciúma, fundada em 1880; e, finalmente, Nova Veneza e Siderópolis, ambas fundadas em 1891. Dessas cinco cidades, irá se fazer

⁶⁵ Bernard de Chartres dizia que nós somos como anões sobre os ombros de gigantes. Desta forma, vemos mais longe e distante que eles, certamente não pela nossa vista mais aguda ou pela altura do nosso corpo, mas porque eles nos erguem e nos elevam a sua altura gigantesca.

uma breve apresentação dos “aspectos da italianidade”. Para este trabalho, o conceito “aspectos da italianidade” será entendido como as principais características culturais, arquitetônicas, gastronômicas e sociais da cidade que tenham a ver com a Itália.

3.1 A UNIFICAÇÃO DA ITÁLIA, O COMEÇO DE TUDO

Para compreender quem era o imigrante que colonizou o sul de Santa Catarina, é necessário entender de onde ele veio, qual era a situação histórica da península italiana naquele período e qual língua ele falava. Esta seção pretende justamente fazer uma contextualização da situação da pátria do imigrante anos antes da sua viagem e no momento em que ele decidiu partir.

Para tanto, é necessário voltar um pouco na história e contar como foi a unificação da Itália. Assim será possível o entendimento da situação social, econômica e linguística daquele momento e daquelas pessoas. Inicia-se com um relato sobre o processo de unificação italiana⁶⁶.

Até a segunda metade do século XIX, a Itália era dividida politicamente em reinos, vice-reinos, ducados, repúblicas e estados pontifícios (UGO, 1994).

A unificação italiana, pelo menos política, ocorreu em 1861. O processo envolveu lutas e conquistas de territórios que muito mudaram a geografia do mapa do país que conhecemos hoje em dia. O movimento que buscou entre 1815 e 1870 a unificação é conhecido como Ressurgimento (UGO, 1994).

Nesse momento, a Itália estava dividida também linguisticamente; a maioria das pessoas falava somente a língua da sua cidade ou, quando muito, da sua região. Os dados linguísticos confirmam essa afirmação. Após a unificação, apenas 2,5% da população do novo reino falava italiano padrão, quase todos da elite intelectual do país. Mesmo assim, a língua italiana não era usada no dia a dia. Somente a elite se reconhecia como parte integrante de um país, de uma nação com cultura e língua única (BERTONHA, 2008, p. 56).

Vale dizer que a língua italiana já existia desde o ano 1300 com os grandes escritores toscanos Dante, Petrarca e Boccaccio. Entretanto, essa língua dos livros tinha se difundido somente como língua da literatura e não da comunicação prática do dia a dia. As pessoas falavam dialeto e ninguém estudava o italiano padrão.

A situação linguística podia ser assim dividida: tínhamos os toscanos, que aprendiam o italiano padrão como língua materna, e as pessoas cultas e não toscanas, que aprendiam o italiano dos livros. A outra grande parte da população

⁶⁶ Como já citado anteriormente, o foco do trabalho não é histórico. Para contar (importantes) anos da história italiana, cheios de grandes acontecimentos, foi necessário resumir guerras, omitir personagens importantes do Ressurgimento e me ater às figuras do site <www.150anni.it>, que foi escolhido para guiar esta seção.

usava somente o dialeto para a comunicação. Ou seja, “a unificação linguística acontecia com base toscana, uma língua toscana escrita, e interessava somente o toscano escrito⁶⁷. Para falar, existia o dialeto”⁶⁸ (BECCARIA, 2002, p. 65).

Mesmo após 10 anos da unificação, a grande maioria dos italianos continuava analfabeta ou semianalfabeta e, dessa forma, com pouca ou nenhuma chance de aprender a língua nacional (dialeto fiorentino). Para se ter uma ideia mais precisa, pode-se citar uma pesquisa feita em 1864 por Carlo Matteucci. Nessa época, praticamente metade dos professores primários ministrava aulas em dialeto, sobretudo no campo. O uso do italiano padrão era garantido apenas na escola de segundo grau, mas era somente uma parcela mínima da população que a frequentava.

Em uma tentativa de explicar (resumida e didaticamente) o processo político de unificação italiana, serão usadas imagens extraídas do site <<http://www.150anni.it/>>, criado pelo Ministério da Instrução, da Universidade e da Pesquisa Italiano⁶⁹. São seis imagens da Península Italiana em seis momentos históricos diferentes (de 1815 até 1870) que demonstram através da cor vermelha as terras anexadas à península até formar a Itália. Através desses seis mapas, irá se tentar resumir os fatos históricos principais e explicar como era a divisão política da península⁷⁰.

O objetivo desta seção é, portanto, demonstrar como a Itália se encontrava politicamente alguns anos antes de começar a emigração para o Brasil. O primeiro mapa retrata a península em 1815:

⁶⁷ Neste trabalho, será usado o conceito de “língua italiana *padrão*” para se referir a essa língua proveniente da tradução literária e descrita nas gramáticas, a língua ensinada nas escolas hoje em dia e aos estrangeiros.

⁶⁸ No original: *L'unificazione linguistica avveniva su base toscana, un toscano scritto, e interessava soltanto la lingua scritta. Per parlare c'era il dialetto.*

⁶⁹ Esse portal foi uma das iniciativas do Ministério da Instrução Italiano para celebrar os 150 anos de unificação, celebrados em 2011.

⁷⁰ Não será usado o nome “Itália” como o fizeram os autores dos desenhos do site pelo simples fato de que a Itália ainda não existia oficialmente.



FIGURA 10 – PENÍNSULA EM 1815.
 FONTE: WEBI, 2015

A formação da península, como observamos nesse mapa, deve-se ao fato de que, em 9 de junho de 1815, as quatro potências vencedoras da batalha de Waterloo⁷¹ (Áustria, Inglaterra, Prússia e Rússia) assinaram em Viena um tratado que redesenhava o mapa político da Europa, em especial o da (futura) Itália.

O Tratado de Viena foi uma tentativa de retomar a situação política da era *pré-napoleônica*. Portanto, foram restaurados os antigos Estados italianos, que tinham sido suprimidos por ele. Dessa forma, a península estava formada por: Reino da Sardenha, sob o domínio da família dos Savoias (parte vermelha do mapa); Vice-

⁷¹ A derrota de Waterloo acabou com as esperanças de Napoleão Bonaparte de retornar à cena política e militar.

Reino Lombardo-Vêneto, dirigido pelo Império Austríaco (parte verde água do mapa); Ducado de Parma-Piacenza-Guastalla, governado pela mulher de Napoleão, Maria Luisa d'Áustria⁷² (parte quadriculada preta e branca do mapa); Ducado de Luca⁷³ sob o domínio de Maria Luísa de Bourbon (parte verde limão do mapa); Ducado de Módena-Reggio Emília, dirigido por Maria Beatriz d'Esse, mulher do arquiduque da Áustria Ferdinando (parte amarela do mapa); Grão-ducado da Toscana, sob direção da casa real de Habsburgo-Lorena (parte verde escura do mapa); Estado Pontifício, dirigido pela Igreja Católica (parte azul clara do mapa); e, finalmente, Reino das duas Sicílias, sob a dinastia dos Bourbons (parte rosa clara do mapa).

Percebe-se, portanto, que é grande o domínio austríaco na península. Além dos austríacos, ela está sob o domínio de famílias francesas e da Igreja católica. Portanto, não há unificação de leis, moeda, língua e sistema político. A unificação interessava à nobreza e, principalmente, à burguesia industrial porque, assim, aumentaria o mercado consumidor, além de facilitar o comércio com a unificação de padrões, impostos, moeda, entre outros fatores.

Por outro lado, não existia nenhuma intenção por parte da Áustria de que a Itália se unificasse; muito pelo contrário. Tanto é que o primeiro ministro austríaco da época, Metternich, chegou a dizer que era necessário que os italianos esquecessem que eram italianos.

Essa situação, entre outros fatos históricos, desencadeou na península uma difusão de sociedades secretas⁷⁴ com a intenção de unificar o país e o tornar independente. Além dos objetivos nacionalistas, as sociedades secretas idealizavam uma reforma agrária e o nascimento de uma sociedade com base comunista.

Após a falência dos movimentos *carbonari*, era necessária uma nova proposta de ação. Eis que, em 1831, Giuseppe Mazzini⁷⁵ liderou um movimento republicano representado pela criação da Jovem Itália. Nessa sociedade, os membros que a compunham eram secretos, mas seu programa não. O objetivo da *Giovane Italia* era alcançar a unidade nacional por meio de uma República. Embora não tenha obtido

⁷² Quando Maria Luisa d'Áustria morreu, o ducado passaria à dinastia Bourbon-Parma.

⁷³ Posteriormente anexado ao Grão-Ducado da Toscana.

⁷⁴ No sul, podemos citar a mais famosa das sociedades secretas, a *Carboneria*, sob a liderança de Filippo Buonarroti. Os membros dessa sociedade eram chamados de *i carbonari* (os carvoeiros). Ao norte, citamos a sociedade *Sublimi Maestri Perfetti*, fundada por Silvio Buonarroti.

⁷⁵ Nascido em Gênova em 1805 e formado em direito, participou da sociedade secreta da *Carboneria*. Foi descoberto pela polícia e preso, mas, por falta de provas, não foi condenado definitivamente, mas sim exilado na França. Defendia uma Itália unificada e republicana.

sucesso, o nacionalismo italiano ainda teve forças para estimular suas tendências políticas.

A partir desse momento, a batalha pela unificação passou a ser liderada pelo Piemonte, região governada pelo rei Vítor Emanuel II e seu primeiro-ministro, o conde de Cavour,⁷⁶ que obteve apoio da burguesia e dos proprietários rurais e colocou em prática um plano de modernização da economia e do exército do Piemonte. Além disso, Cavour procurou se aproximar da França a fim de conseguir ajuda militar para enfrentar a Áustria por meio de uma aliança secreta com Napoleão III. Em seguida, o primeiro-ministro do Piemonte, homem culto e articulado, começou a usar a imprensa para provocar a Áustria. Esta, por sua vez, declarou guerra ao Piemonte. Mas, com a colaboração francesa, o Piemonte obteve importantes vitórias (UGO, 1994).

A Áustria, com as derrotas, foi forçada a entregar a Lombardia e os ducados de Parma, Módena e Toscana. É esse o momento que nos mostra o mapa a seguir datado de março de 1860. Percebe-se que no mapa foram anexadas ao Reino da Sardenha as regiões da Toscana e da Emília-Romanha (parte vermelha). Estava dado mais um passo rumo à unificação.

⁷⁶ Nascido em Turim em 1810 em uma nobre família. Estudou economia, em particular os problemas da agricultura no Piemonte. Foi um personagem importantíssimo para a unificação italiana enquanto ocupava o cargo de primeiro ministro. Defendia o nacionalismo com o liberalismo e o progresso. Pretendia unificar a Itália em torno da família Savoia. Atraiu muitos que pensavam como ele, ampliando forças no movimento rumo à independência.

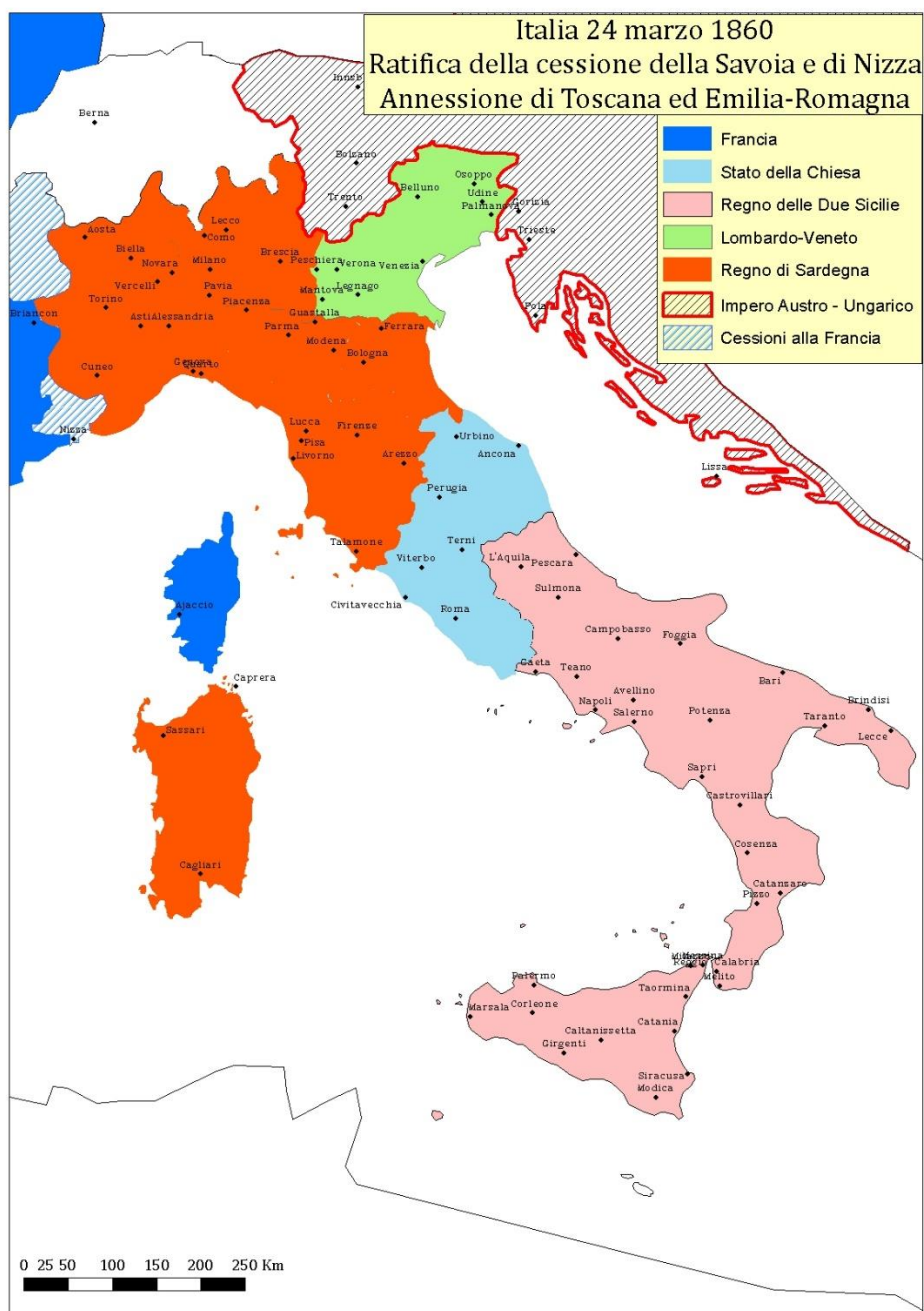


FIGURA 11: PENÍNSULA EM MARÇO DE 1860, TOSCANA E EMÍLIA-ROMANHA ANEXADAS.
FONTE: WEBI, 2015.

O processo de unificação é fortificado em 1859 com o apoio de movimentos populares. Em 1860, Giuseppe Garibaldi,⁷⁷ à frente de mil voluntários, liderou a *Expedição dos Mil* (marcada com as flechas vermelhas no mapa seguinte). Nessa

⁷⁷ Nasceu em Nice (hoje França) em 1807, proveniente de uma família de comerciantes marítimos. É o símbolo popular do Ressurgimento italiano. É chamado de “herói dos dois mundos” (Europa e América) em virtude de suas lutas no Uruguai, no Brasil (Revolução Farroupilha) e na Itália. Acreditava que o sul da Itália deveria fazer parte da nova nação.

expedição, milhares de voluntários (chamados de “camisas vermelhas”) partiram de Quarto (cidade próxima a Gênova), entre os dias 5 e 6 de maio, e desembarcaram na Sicília ocidental, em Marsala. Após uma série de batalhas vitoriosas contra o exército Bourbon, eles conquistaram o Reino das Duas Sicílias (parte rosa do mapa). As flechas verdes do mapa simbolizam o exército piemontês que saiu em direção ao sul da península e encontrou os voluntários de Garibaldi em Cápua (UGO, 1994).

Em outubro, Garibaldi encontrou, na cidade de Teano, Vitório Emanuel II e lhe entregou formalmente o território que tinha acabado de conquistar, cumprimentando-o como Rei da Itália.

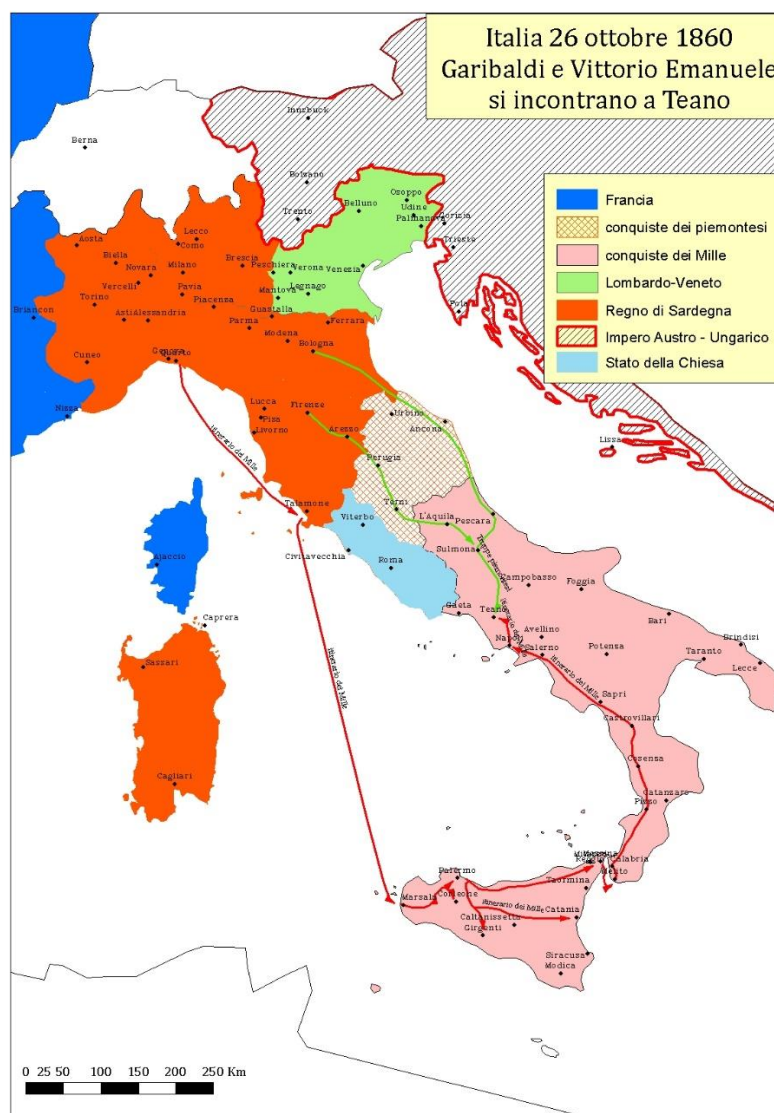


FIGURA 12 – PENÍNSULA EM OUTUBRO DE 1860, TRAJETÓRIA DA EXPEDIÇÃO DOS MIL, LIDERADA POR GARIBALDI
 FONTE: WEBI, 2015

No dia 18 de fevereiro de 1861, o Parlamento se reuniu em Turim para criar a lei que no dia 17 de março do mesmo ano nomeava Vitório Emanuel II o primeiro Rei da Itália. O próximo mapa mostra como ficou o território da península após a *Expedição dos Mil* liderada por Garibaldi. No entanto, para que a unidade italiana ficasse completa, faltava ainda todo o Vêneto e parte do Friul (parte verde claro no mapa), além de Roma (parte azul claro).



FIGURA 13 – ITÁLIA EM MARÇO DE 1861, PROCLAMAÇÃO DO REINO
FONTE: WEBI, 2015

Após a unificação política de 1861, a Itália ainda tinha muitas questões a serem resolvidas. Entre elas, havia um problema de unificação legislativa do país e sua organização administrativa.

Contudo, o desejo de anexar o Vêneto era forte e um pedido formal de aliança feito à Itália pela Prússia, em guerra contra a Áustria, parecia a ocasião ideal para a realização dessa conquista.

A vitória da Prússia sobre a Áustria permitiu à Itália, em virtude da sua aliança, incorporar o Vêneto e quase todo o Friul (até a cidade de Údine). A parte em quadriculado vermelho do mapa a seguir é o território que foi anexado ao jovem reino italiano em 1866 (UGO, 1994).



FIGURA 14 – PENÍNSULA EM 1866, ANEXAÇÃO DO VÊNETO
 FONTE: WEBI, 2015

Roma foi anexada somente em 1870 ao território italiano⁷⁸. A última imagem (mapa a seguir) mostra esse momento. A parte superior em azul claro do mapa, que estava sob o domínio do Estado da Igreja, foi anexada ao território italiano. É a partir de 20 de setembro de 1870 que Roma começou a fazer parte oficialmente do território italiano. Vale lembrar que este mapa ainda não é da Itália como a conhecemos hoje. O Trentino, parte do Vêneto e a península de Ístria ficaram sob o domínio da Áustria até 1919. Ístria, em especial, passou a pertencer, em 1946, à antiga Iugoslávia (atual Eslovênia).

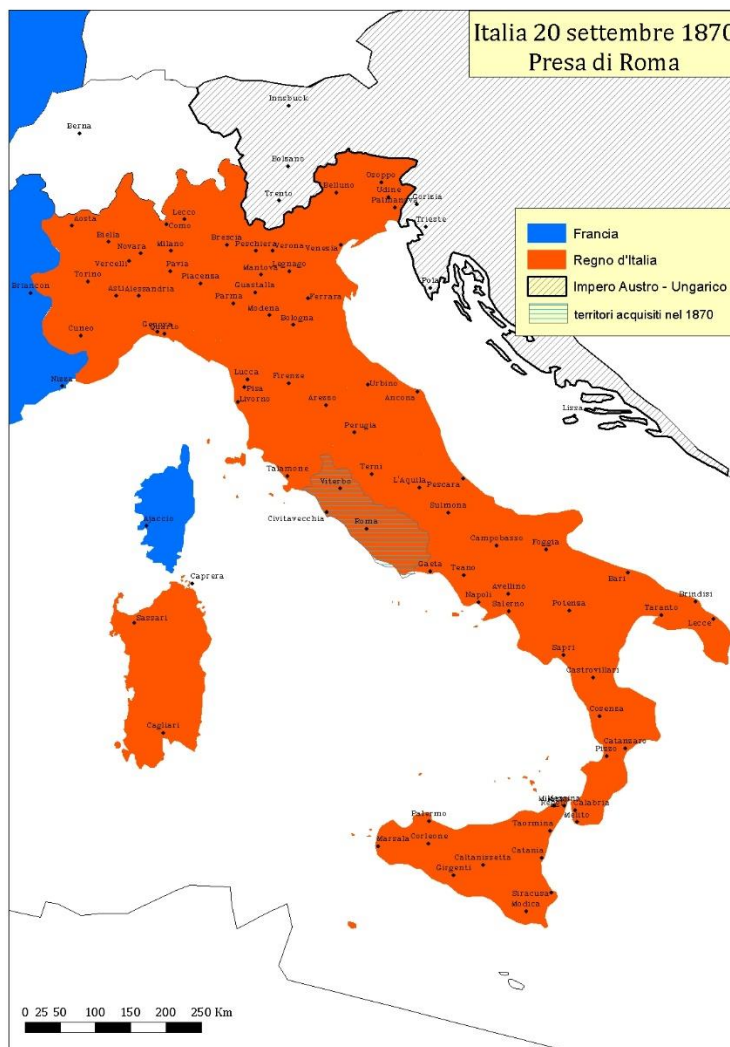


IMAGEM 15 – PENÍNSULA EM 1870, TOMADA DE ROMA
FONTE: WEBI, 2015

⁷⁸ Vale ressaltar que a Igreja Católica só reconheceu o Estado italiano em 1929, através do Tratado de Latrão. Esse acordo foi firmado entre o Papa Pio IX e Benito Mussolini (ditador italiano). A Igreja Católica reconhece então o Estado da Itália em troca da criação do Estado do Vaticano e do recebimento de indenizações por perdas de território relativas à anexação de regiões católicas no processo de unificação.

Após a unificação, a Itália finalmente se viu livre do domínio da Áustria. Todavia, a influência austro-húngara permaneceu no Trentino Alto-Ádige e parte de Friul-Veneza Júlia. A influência vaticana, por sua vez, diluiu-se completamente por toda a península (FROSI; MIORANZA, 1975).

O fim do processo de unificação, portanto, não acabou com todos os problemas da Itália. Os problemas socioeconômicos, pelo contrário, foram agravados (FROSI; MIORANZA, 1975). Isso porque Cavour, Vítor Emanuel II e seus seguidores tinham conseguido concluir a tão desejada unificação, “mas os anseios políticos se uniam na formação da Itália, as forças partidárias internas deixavam transparecer ainda uma instabilidade que exigiria novos esforços de integração” (p. 12).

No plano econômico, “a península ainda sofria a resistência tradicional das antigas formas de organização do feudalismo” (BALDIN, 1999, p. 16). A agricultura era feita em forma de subsistência, ou seja, apenas para o consumo da família. Segundo Baldin (1999, p. 16), as produções de trigo, milho, vinho e queijo eram os alimentos básicos para a população. Isso sem contar as pragas que atacavam as criações de animais e acabavam com as plantações. Esses fatores prejudicaram o rendimento das famílias rurais.

De fato, a economia nessa época dependia de poucos industriais e de muitos latifundiários ainda ligados a “esquemas econômicos medievais de feudalismo de exploração da força operária e agrícola” (FROSI; MIORANZA, 1975, p. 12).

É fácil concluir que a unificação política não acabou com o fenômeno escravagista da economia tradicional e ultrapassada na qual se encontrava a recém-formada Itália.

No plano linguístico, o uso exclusivo do dialeto caracterizava as camadas desfavorecidas da sociedade, enquanto as elites intelectuais tendiam a ser bilíngues, falavam a língua oficial e sua língua regional. O novo governo entendeu que a unidade política passava pela unidade linguística e recorreu a meios capazes de difundir o uso da língua comum a todas as classes e a todas as regiões.

Inicia-se uma verdadeira guerra entre a língua padrão e os dialetos. Tudo é feito em prol do conhecimento da boa língua e da boa pronúncia, mas a unificação linguística na Itália ainda levaria décadas para acontecer. A escola obrigatória, o serviço militar, a industrialização, a urbanização e os meios de comunicação seriam

aliados nesse processo progressivo e lento de substituição do dialeto pelo italiano padrão.

Enfim, com esse panorama político, econômico e linguístico da Itália de 1815 até 1870, percebe-se a complicada situação em que o país de onde vieram os imigrantes para Criciúma e região se encontrava.

A intenção desta seção era demonstrar que, embora a Itália estivesse unida desde 1861, havia, além dos problemas políticos e econômicos, também um problema de *desunificação social e linguística* a ser resolvido, o que talvez fosse até mais difícil de ser solucionado. Os italianos ainda não se sentiam italianos nessa época. A célebre frase de Massimo Azeglio⁷⁹ confirma essa posição: “A Itália está feita, agora façamos os italianos”.

De fato, era necessário pôr em prática a unificação italiana não somente no plano político. Faltava ao novo Reino uma nacionalidade.

E foi dessa Itália fragmentada após tantas lutas e conflitos para conseguir sua unificação, dessa Itália dominada tantos anos pelos estrangeiros, dessa Itália com uma economia tradicional e ultrapassada, que ainda não se sentia verdadeiramente italiana, que saíram os imigrantes para colonizar Criciúma e região.

É importante entender esse contexto político, social, econômico e linguístico para que possamos compreender, por exemplo, por que muitos dos entrevistados para esta pesquisa definem-se apenas como *vicentini, bellunesi, milanesi*, ou ainda, *mi son veneto* (eu sou vêneto), *lombardo* e não *italiano*. Isso acontece porque, apesar da unidade política (1861) já ter sido formada antes da grande imigração para o sul de Santa Catarina (a partir de 1877), o sentimento de ser italiano – como pertencente a uma unidade nacional chamada “Itália” –, citado por Azeglio, ainda não tinha se desenvolvido nos nossos imigrantes. Eles e, sobretudo, as gerações anteriores não tiveram tempo de se sentirem italianos.

Sobre essa ideia de não se sentir italiano como membro pertencente a uma única nação, vale a pena relacioná-la ao papel da língua dentro de uma nação. Para tanto, cita-se a opinião atual de um grande escritor italiano, nascido na Sicília e famoso por escrever textos com palavras ou expressões do seu dialeto:

⁷⁹ Massimo d'Azeglio nasceu em Turim em 1798 e viveu até 1866, foi político, escritor e era um grande patriota.

Assim vejo a língua italiana: o que nos faz alcançar objetivos comuns. É por isso que eu tenho sempre me declarado um escritor italiano nascido na Sicília, e quando eu leio **o escritor siciliano** eu fico com um pouco de raiva, porque eu sou um escritor italiano que faz uso de um dialeto que está incluído na nação italiana, um dialeto que enriqueceu a nossa língua. Se a árvore é a língua, os dialetos foram a seiva da árvore. Eu escolhi engrossar essa veia da minha árvore da língua italiana com o dialeto, e eu acho que a perda dos dialetos seja um dano à árvore⁸⁰ (CAMILLERI; DE MAURO, 2013, p. 23, grifo do autor).

A proposta de Camilleri, totalmente oposta à dos ítalo-brasileiros que ainda hoje se definem provenientes de uma única província, faz-nos refletir sobre o importante papel da língua dentro de uma nação. Certamente, a língua colabora positivamente nesse sentimento de pertencimento a um país.

O papel da língua para a nação é discutido por Fishman (1972 *apud* FASOL, 1996, p. 28). Segundo o autor, a língua, junto com a cultura, a religião e a história, é o principal componente do nacionalismo. Apesar de abstratos, os conceitos têm muito poder. Fishman (1992 *apud* FASOL, 1996, p. 28) chega a dizer que “a língua materna é uma parte da alma, a essência de qualquer nacionalidade”⁸¹ (FASOLD, 1996, p. 28).

O que aconteceu na Itália, ou melhor, o que não aconteceu na Itália é chamado por Fishman (1972 *apud* FASOL, 1996, p. 28) de “autoidentificación contrastiva” (autoidentificação contrastiva). O termo se refere a um sentimento comum entre os membros de uma nacionalidade, um sentimento que os faz estarem unidos e identificados com aqueles que falam a mesma língua, e da mesma forma, separados daqueles que não a falam. Ou seja, com tantos dialetos diferentes, pode-se dizer, dentro dessa perspectiva de nacionalismo e língua apresentada por Fishman (1972), que a Itália, após sua unificação, era um país com várias nações. Os imigrantes que vieram para cá possuíam esse sentimento em relação a sua língua, uma língua regional, não nacional.

Se pensarmos que os imigrantes que vieram para o sul de Santa Catarina começaram a chegar por voltar de 1875, ou seja, apenas 14 anos após a unificação

⁸⁰ No original: *Così vedo la lingua italiana: ciò che ci fa raggiungere degli scopi comuni. Ecco perché tengo sempre a dichiararmi uno scrittore italiano nato in Sicilia, e quando leggo scrittore siciliano mi arrabbio un poco, perché io sono uno scrittore italiano che fa uso di un dialetto che è compreso nella nazione italiana, un dialetto che ha arricchito la nostra lingua. Se l'albero è la lingua, i dialetti sono stati nel tempo la linfa di questo albero. Io ho scelto di ingrossare questa vena del mio albero della lingua italiana col dialetto, e penso che la perdita dei dialetti sia un danno per l'albero.*

⁸¹ No original: *La lengua materna es una parte del alma, o la esencia de cualquier nacionalidad.*

de 1861, pode-se perceber que eles não tiveram tempo de tornarem-se italianos. Isso porque a necessidade da emigração chegou antes.

Essa necessidade de emigrar tem muito a ver com a situação econômica em que se encontrava a Itália nessa época. Frosi e Mioranza (1975) afirmam que, se uma reforma geopolítica tivesse gerado uma reforma econômica de base, se tivesse ocorrido uma reformulação de estatutos de terras e posses na Itália nessa época, os movimentos migratórios que ocorreram no norte da Itália no final do século XIX talvez não tivessem atingido as proporções que tomaram.

Na próxima seção, será vista a situação específica do norte do jovem país, pois foi de lá que vieram os imigrantes que colonizaram Criciúma e região.

3.2 O NORTE DA ITÁLIA: PROVENIÊNCIA DOS IMIGRANTES QUE COLONIZARAM CRICIÚMA E REGIÃO

As regiões do norte da Itália continuaram em uma péssima situação econômica após a unificação. Existia muita diferença entre as classes sociais, e os pobres eram extremamente pobres, beirando à miséria.

Se, por um lado, a unificação demonstrava mais força política com uma unidade nacional, por outro, sob o ponto de vista socioeconômico, as regiões do norte da Itália estavam subdesenvolvidas em condições de feudalismo decadente. Em curto prazo, não havia perspectivas de melhoras (FROSI; MIORANZA, 1975, p. 12-13).

Os latifúndios continuavam, e os terrenos pertenciam aos que ainda eram nobres ou aos proprietários burgueses, ou à Igreja. As terras eram divididas e arrendadas aos colonos por altas taxas de juros ou hipotecas, e o resultado era uma situação quase geral de endividamento entre os habitantes do norte da Itália. Era raro quando algum colono conseguia comprar um pedaço de terra para suas plantações (BALDIN, 1999, p. 17). Aliás, comprar um pedaço de terra para poder plantar era o sonho da maioria desses agricultores.

Um ponto crucial a ser tratado aqui para entender a situação em que se encontrava o norte da Itália, mas, em geral, todo o norte da Europa, nesse período, é a Revolução Industrial.

Iniciada na primeira metade do século XIX, trouxe inegáveis benefícios, tais como a melhoria do sistema de transportes (ferrovias, melhores e mais rápidos navios), controle de enfermidades e da mortalidade, aumento na capacidade de produção no campo e na cidade⁸². Entretanto, a Revolução Industrial arruinou pequenos agricultores e artesãos. A opção era trabalhar como operário nas fábricas ou tentar a vida em outro lugar (BERTONHA, 2008, p. 82).

Para o historiador João Fábio Bertonha, a relação entre a industrialização, gerada a partir da Revolução Industrial, e a emigração europeia, incluindo a italiana, é importantíssima. Ele afirma: “é no contexto mais geral da mudança social no campo europeu com a entrada do *modo capitalista* de produção em cena no século XIX que está a chave para compreender a emigração europeia no período” (BERTONHA, 2008, p. 84, grifo nosso).

De fato, era impossível para os camponeses italianos competirem com a concorrência dos grandes produtores⁸³. Além disso, os camponeses tinham que pagar impostos e arcar com suas despesas pessoais. No fim das contas, sobravam poucas opções: vender tudo para conseguir comer momentaneamente, mas logo em seguida ficar na miséria de novo; render-se ao trabalho incessante e mal pago das fábricas (localizadas em geral no norte do país); ou emigrar. Para piorar a situação, a população italiana continuava a crescer: passou de 28 para 36 milhões de habitantes entre 1880 e 1914 (BERTONHA, 2008, p. 84).

A relação entre emigração e industrialização, como descrita, afetou diretamente os habitantes do norte da Itália que eram, em sua maioria, camponeses. Ao abalar as estruturas agrárias, o processo de industrialização gerou desequilíbrios econômicos que enriqueceram uma minoria e deixaram os camponeses endividados ou na miséria. O novo processo de industrialização estava acabando com a produção agrícola feudal dos camponeses do norte.

Além de todo o problema social e econômico, politicamente era um período incerto para essa localidade. Frosi; Mioranza (1975) resumem bem a fase, comentando a situação em cada região:

⁸² Podia-se produzir mais alimentos e produtos manufaturados melhores e mais baratos por haver mais tecnologia e capital.

⁸³ Além dos grandes produtores, havia também a concorrência internacional. O trigo americano e o russo, por exemplo, começaram a chegar no mercado europeu em 1880 (BERTONHA, 2008, p. 84). Outro exemplo é a lã que vinha da Austrália, ela era melhor e mais barata que aquela produzida pelos camponeses italianos (BALDIN, 1999, p. 19)

Em resumo, a situação do norte da Itália, nas últimas décadas do século XIX, sob o ponto de vista político, ressentia-se das divisões histórico-políticas anteriores à unificação. O Piemonte iniciara os movimentos para uma Itália unida e permanecia a fonte inspiradora da política italiana. A Lombardia, a primeira região a unir-se à campanha piemontesa e a libertar-se do domínio austríaco, conservava-se coesa em torno aos ideais de uma nova Itália. A Veneza, última região do norte italiano a ser anexada, permanecia dividida ainda entre Itália e Áustria, sob dois aspectos: de um lado, parte do território estava sob domínio da Áustria e era pretendido pela Itália; de outro, grande parte da região beneficiava-se das iniciativas socioeconômicas do domínio austríaco dos quinquênios precedentes, mais do que, na nova conjuntura, como as da administração italiana. O Trentino-Alto Ádige, sob o domínio austríaco, ressentia-se internamente das forças que o desejavam unido à Itália (p. 13).

Para concluir, pode-se dizer que o norte italiano enfrentava: miséria, fome, pelagra⁸⁴, cólera, instabilidade política, endividamentos, falta de perspectiva de futuro, grande diferença social entre pobres e ricos, latifúndios, crise agrária, produção capitalista no campo, aumento dos preços dos alimentos, aumento da população etc. Todos esses aspectos levaram seus habitantes a procurarem uma alternativa para sobreviver. A emigração, portanto, não foi uma decisão aventureira, não foi uma fuga; a emigração foi, naquele momento, talvez, a única alternativa de busca por outras terras com uma situação mais justa para se plantar e colher. A emigração foi a forma de sobreviver.

A consequência dessa situação é que os italianos emigraram pelo mundo. Bertanha (2008) explica que, diferentemente dos franceses ou dos ingleses, que tinham suas próprias colônias (o que facilitaria algumas questões como a língua, por exemplo), os italianos não possuíam um Império Colonial com oportunidades econômicas grandes. Consequentemente, eles acabaram emigrando para quase todos os países do mundo, entre eles, Estados Unidos, França, Suíça, Argentina, Alemanha e Brasil.

Na mesma época em que a emigração na Itália era uma necessidade, o governo imperial do Brasil resolveu povoar terras devolutas do sul do país. Na verdade, o governo precisava povoar as terras para garantir a soberania nacional e para valorizar as terras economicamente (além de protegê-las de uma possível invasão espanhola, os imigrantes fortaleceriam as fronteiras através do povoamento). Os italianos do norte atendiam perfeitamente essa necessidade

⁸⁴ A pelagra é uma doença causada pela deficiência de niacina, que é a Vitamina B3. Era comum entre os italianos do norte da Itália porque eles baseavam sua alimentação exclusivamente no milho. Esse cereal tem baixo teor de triptofano e niacina, contribuindo para a carência de vitaminas do complexo B e proteínas.

brasileira: eles tinham fama de serem trabalhadores e necessitavam urgentemente de terra para plantar. Ou seja, a imigração italiana no sul do país veio mesmo a calhar para o governo imperial brasileiro⁸⁵.

Neste momento, não cabe aqui se prolongar a dissertar sobre as políticas imigratórias usadas pelo governo imperial do Brasil para atrair imigrantes europeus⁸⁶. Vale apenas dizer que muita publicidade foi feita na Europa entre 1875 e 1880, em especial na Itália e na Alemanha, sobre o Brasil. Através das campanhas realizadas pelas Companhias Estrangeiras de Imigração, o nosso país demonstrava-se para os habitantes do norte da Itália como uma grande oportunidade de reconstruir a vida, um lugar com muitas terras a serem cultivadas. “Essa campanha, da forma como era propalada, era o suficiente para despertar a confiança e a credulidade daqueles povos que passavam, principalmente no Vêneto, por tão dura e difícil crise econômico-social” (BALDIN, 1999, p. 28).

De fato, o Vêneto foi a região de onde mais vieram imigrantes italianos para o Brasil. Segundo Frosi; Mioranza (1975, p. 15), em relação ao fluxo emigratório para o Brasil, nas três últimas décadas do século XIX e nas duas primeiras do século XX, a maior parte dos imigrantes era proveniente das regiões ao norte do rio Pó, exceto o Piemonte. São elas, em ordem decrescente em termos de quantidade de imigrantes: Vêneto, Lombardia, Trentino-Alto Ádige (Tirol) e Friul-Veneza Júlia.

Na próxima seção, trata-se mais especificamente da emigração do norte da Itália para a região envolvida nesta pesquisa.

3.3 A IMIGRAÇÃO PARA O BRASIL E PARA O SUL DE SANTA CATARINA

A maior parte da imigração italiana para o Brasil ocorreu entre os anos de 1887 a 1902. Em um período de cinco anos (de 1887 a 1902), emigraram mais de dois milhões de italianos que se estabeleceram sobretudo nos estados do Espírito Santo, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Desses emigrados, supõe-se que existam mais de 25 milhões de ítalo-brasileiros. Em Santa Catarina, o número de descendentes chega a um milhão e meio (FURLAN, 2001).

⁸⁵ Sem contar a situação dos cafeicultores em São Paulo: os italianos poderiam substituir a mão de obra escrava do negro nas lavouras de café, mas como o foco desta tese é o sul, não vou entrar nesse argumento.

⁸⁶ Para aprofundamento sobre o tema ver Santos (1998).

Em Santa Catarina, entretanto, o início da imigração italiana se deu anteriormente ao período apontado por Furlan (2001). Segundo o historiador catarinense Walter Piazza (1976, p. 33), o marco inicial da colonização italiana em Santa Catarina ocorreu em março de 1836 quando chegaram ao porto do Desterro (hoje Florianópolis) 186 colonos provenientes da Sardenha, Itália. Eles denominaram sua colônia, localizada à margem do rio Tijucas Grandes, imediações da cidade de São João Batista, de “Colônia Nova Itália”.

A partir de 1875, os italianos colonizaram também o norte do Estado, mais precisamente a bacia do rio Itajaí (Colônia de Blumenau e Brusque).

O sul de Santa Catarina, por sua vez, começou a ser colonizado pelos italianos a partir de 1876. Segundo Piazza; Hübener (1997, p. 80), a dispersão dos italianos pelo estado em vários núcleos foi motivada, em partes, pela falta de estrutura administrativa para receber um número tão grande de pessoas, o que causou descontentamento delas.

A primeira colônia constituída no sul do estado foi Azambuja (hoje Pedras Grandes), fundada por 291 colonos italianos em 1877. No ano seguinte, ocorreu a fundação de Urussanga, com 76 famílias de imigrantes italianos. Em 1880, seria criada Criciúma; e em 1891, foi fundada Nova Veneza (BORTOLOTTI, 1992, p. 16). Siderópolis, na época, era chamada “Nova Belluno”⁸⁷ e foi fundada em 1891 por 234 imigrantes italianos.

O quadro a seguir resume as datas de fundação acima citadas das cinco cidades escolhidas nessa pesquisa:

Ano	Acontecimento
1877	Fundação Azambuja (Pedras Grandes hoje)
1878	Fundação Urussanga
1880	Fundação Criciúma
1891	Fundação Nova Veneza
1891	Fundação de Siderópolis

QUADRO 8 – DATA DE FUNDAÇÃO DAS 5 CIDADES ENVOLVIDAS NESTA PESQUISA

Quando se fala em colonização do sul de Santa Catarina, é necessário iniciar o assunto explicando o contrato entre o comendador Caetano Pinto e o governo

⁸⁷ “Com a promulgação do Decreto-lei estadual nº 941 pelo interventor do estado de Santa Catarina, Nereu Ramos, o Distrito de Nova Belluno passou a se chamar ‘Distrito de Siderópolis’. Essa mudança de nome aconteceu após dois anos da instalação da Companhia Siderúrgica Nacional, operando na extração de carvão em Rio Fiorita” (DASSI, 2009). Esse assunto será mais bem explanado na seção 3.3.5.

imperial. Foi por meio dele que os imigrantes foram trazidos. Para Piazza (1976, p. 53), talvez esse tenha sido o maior contrato em termos de política imigratória da história do Brasil. De fato, ele se comprometia a trazer ao nosso país, em dez anos, cem mil imigrantes europeus sem despesas para os imigrados.

A primeira cláusula do contrato apresenta, além do número de imigrantes a serem introduzidos no Brasil⁸⁸ e o prazo a ser cumprido, a proveniência dos imigrantes (alemães, austríacos, suíços, italianos do norte, bascos, belgas, suecos, dinamarqueses e franceses) e algumas das suas características físicas e psicológicas: “agricultores, sadios, laboriosos e moralizados (*sic*), nunca menores de 2 anos, nem maiores de 45, salvo se forem chefes de família” (PIAZZA, 1976, p. 54).

Vale ressaltar que foi graças a esse contrato entre Caetano Pinto e o governo imperial que ocorreu a fundação de três das cinco cidades envolvidas nesta pesquisa (Pedras Grandes, Urussanga e Criciúma). Para entender a fundação, em 1891, de Nova Veneza e Siderópolis, é necessário que falemos da promulgação da Lei Glicério em 1890. Essa Lei concedia grandes favores às *empresas* que tivessem a finalidade de colonizar: oferecia terrenos a preço mínimo, viagem gratuita para os colonos, prêmios, abertura de estradas etc. (DALL’ALBA, 1983, p. 160).

O que aconteceu é que, após a proclamação da República em 1889, o governo provisório de Marechal Deodoro da Fonseca quis possibilitar também às empresas privadas a oportunidade de introduzir imigrantes estrangeiros no Brasil. Com isso, editou o decreto nº 528 em 28/06/1890, a chamada Lei de Glicério, que dava esse direito também a empresas privadas. O nome da Lei refere-se a Francisco Glicério, seu idealizador e o então Ministro Secretário de Estado dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas (BORTOLOTTI, 1992, p. 16-17).

Foram, portanto, o contrato de Caetano Pinto e a Lei Glicério os dois importantes acontecimentos históricos que contribuíram para a colonização italiana no sul do Estado.

Em termos de número de imigrantes que para cá vieram, segundo Dall’Alba (1983), os documentos do governo que nos ajudariam a ter esses dados estatísticos são tão desordenados “que desencorajam até o pesquisador mais entusiasta” (p. 161). Não existem números precisos tampouco sobre a saída de italianos do estado

⁸⁸ Exceto para o Rio Grande do Sul.

ou das mudanças de uma colônia para outra, o que acontecia frequentemente, segundo ele. O autor apresenta algumas cifras com a ressalva de que pode haver erros. Apesar de a primeira cidade do sul do estado ter sido fundada em 1876 (Azambuja), os dados são a partir de 1885:

Ano	Número de imigrantes italianos que entraram em Santa Catarina
1885	157
1886	390
1887	549
1888	305
1889	873
1890	179
1891	4240 (ano da fundação de Siderópolis e Nova Veneza)
1892	1348
1893	863
1894	27
Depois de 1894	Número mínimo

TABELA 5 – NÚMERO DE IMIGRANTES ITALIANOS QUE ENTRARAM EM SANTA CATARINA SEGUNDO OS DADOS OFICIAIS
 FONTE: DALL'ALBA (1983, p. 162, GRIFO NOSSO)

Em 1900, estavam estabelecidos em Santa Catarina aproximadamente 30.000 italianos. Mais especificamente no sul do estado, existiam: em Urussanga, 8.680 italianos; em Azambuja, Armazém, Treze de Maio e Pedras Grandes, 4.526; em Rio dos Pinheiros e Orleans, 1.302; e em Criciúma e Nova Veneza, 2.356. Esses dados foram compilados pelo então cônsul italiano Gherardo Pio de Savoia e referem-se não tanto aos italianos, quanto aos cidadãos que na época falavam a língua italiana (DALL'ALBA, 1983, p. 170-171).

No que diz respeito às terras nas quais os imigrantes foram estabelecidos, Bortolotto (1992, p. 15) afirma que eram terras devolutas e intocadas até a segunda metade do século XIX. Eram de mata virgem, inexplorada pelo homem branco; os únicos habitantes da região eram os índios da nação Carijó. Dall'Alba (1983, p. 162) afirma que as terras eram muito férteis e abundantes.

Ainda em relação à situação das terras nas quais se instalaram os imigrantes aqui no sul de Santa Catarina, Dall'Alba (1983) faz a interessante comparação entre a colonização do Brasil e dos Estados Unidos. Enquanto lá eram construídas estradas e ferrovias antes de receber os imigrados, aqui no Brasil as vias de comunicação fizeram uma enorme falta para o desenvolvimento das cidades. As colônias foram instituídas em regiões “internas remotíssimas, sem preocupar-se com

as dificuldades que teriam surgido em seguida com o transporte das colheitas” (p. 157).

Em relação ao perfil dos imigrantes que vieram para o sul de Santa Catarina, Bortolotto (1992, p. 7) afirma que eles eram pobres agricultores, pequenos proprietários, trabalhadores diaristas ou empregados menos qualificados da indústria então nascente no norte da Itália.

Entretanto, embora a situação econômica do imigrante italiano não fosse boa, Dall’Alba (1983) destaca a “estima que goza neste Estado o trabalhador, qualquer que seja sua situação econômica. Ele é recebido em toda parte. Os altos funcionários do Estado, inclusive o Governador, recebem-no com prazer em seus gabinetes” (p. 163). O autor exemplifica dizendo que em Urussanga todos ou quase todos os cargos municipais são ocupados por italianos.

O autor dá detalhes da relação entre italianos e brasileiros. Segundo ele, os italianos são bem-vistos pelos brasileiros:

Nossa colônia é bem vista pelos nativos, seja pela afinidade da raça, isto especialmente nas cidades onde prevalece o elemento brasileiro, que leva a uma rápida assimilação [...]. O chauvinismo, pelos brasileiros chamados de jacobinismo, não é levado a excessos, como em outros Estados do Brasil. Sobre isso creio que influa o fato de que muitos cargos entre os mais importantes do Estado sejam ocupados por filhos de europeus, mais que tudo alemães. Aqui nem se tem ideia de leis que ofendam a dignidade do estrangeiro, **seus sentimentos**, suas tradições. Acha-se natural que ele sinta vivo amor pelo país em que nasceu e que incuta tal amor à sua prole. Dado o concurso destes motivos de índole econômica e moral, compreende-se porque nossos colonos tenham plantado sólidas raízes aqui (DALL’ALBA, 1983, p. 163, grifo nosso).

Ou seja, a partir da interpretação desse trecho, o que podemos perceber é que, assim que os imigrantes italianos chegaram ao sul de Santa Catarina, eles eram bem aceitos e bem vistos na comunidade, a ponto de chegar a assumir papéis de destaque administrativo nas pequenas colônias. Não existia rejeição nem desprezo; dessa forma, pode-se inferir que os próprios italianos se sentiam bem na nova terra, eram valorizados e ser italiano parecia ser algo positivo.

As próximas seções deste trabalho visam a apresentar, resumidamente e por ordem do ano da fundação, começando da mais antiga até chegar à mais atual, a história individualizada do surgimento das cinco cidades envolvidas nesta pesquisa. Além disso, pretende-se trazer alguns dados para que o leitor que não conhece o sul do estado de Santa Catarina possa entender como estão atualmente essas cidades.

Serão apresentados, por exemplo, número de habitantes, localização, fronteiras, população urbana e rural, enfim, dados ora geográficos, ora demográficos.

Ainda nas próximas cinco seções individualizadas sobre as cinco cidades, pretende-se mostrar aspectos da italianidade de cada uma delas. Por “aspectos da italianidade”, entende-se, nesta pesquisa, as manifestações culturais e sociais ou os fatos históricos que possam influenciar as atitudes linguísticas dos ítalo-brasileiros que moram por lá, como, por exemplo: histórias antigas que foram significativas para a cidade e demonstrem os sentimentos dos ítalo-brasileiros pela língua italiana, existência de festas italianas, associações, aulas de italiano, dentre outros aspectos que possam dar ao leitor uma ideia de como é – ou foi – vivida a italianidade desses ítalo-brasileiros. Dessa forma, os aspectos apresentados das cinco cidades não necessariamente serão os mesmos. Isso dependerá das iniciativas presentes em cada uma delas.

Para tanto, não se utilizará somente a descrição da autora e a bibliografia histórica, mas também a fala dos entrevistados para explicar suas próprias cidades. Pretende-se apresentar as cidades, dessa forma, através de uma perspectiva dos próprios informantes/moradores. A intenção de usar a visão dos entrevistados é já demonstrar seus sentimentos pela cidade e pelas iniciativas italianizadas dos mesmos.

Vale ressaltar, neste momento do trabalho, que as próximas cinco seções desta pesquisa (3.3.1 até 3.3.5) priorizarão, portanto, informações que possam influenciar os sentimentos dos ítalo-brasileiros pelo Brasil e pela Itália, pois eles facilitarão a compreensão das atitudes linguísticas encontradas nos ítalo-brasileiros em relação à língua italiana falada na região (objetivo da tese). Os aspectos citados nas próximas seções, conseqüentemente, nem sempre estarão relacionados aos fatos históricos mais importantes dessas cidades. Serão propostas durante a leitura das próximas seções obras de caráter histórico que priorizam a história da imigração nas cidades, caso o leitor deseje fazer um aprofundamento desse aspecto.

3.3.1 Pedras Grandes: fundação e aspectos da sua italianidade

Azambuja, hoje pertencente ao município de Pedras Grandes, foi a primeira colônia de imigrantes italianos do sul do Estado de Santa Catarina⁸⁹. Foi a partir desse primeiro povoamento que outras colônias foram surgindo, como Urussanga, por exemplo, fundada um ano depois da Colônia de Azambuja e tema da próxima seção. O motivo pelo qual a cidade de Pedras Grandes foi escolhida para esta pesquisa é justamente por ter sido a porta de entrada da imigração italiana no sul do estado de Santa Catarina.

A Colônia de Azambuja em 1877, ano da sua fundação, pertencia ao município de Tubarão, como todas as demais Colônias das redondezas. Essa Colônia abrangia o que hoje são os municípios de Pedras Grandes e Treze de Maio, que se desmembraram de Tubarão em 1961⁹⁰ (VETTORETTI, 1992, p. 278).

Hoje em dia, Azambuja pertence ao município de Pedras Grandes, como já dito, e faz fronteira com o município de Tubarão.

Para começar, é interessante entender por que os imigrantes italianos foram parar em Azambuja, localizada a 67 km do porto de Laguna⁹¹ (porto do qual eles desembarcaram da Itália). Existe uma versão romântica de que os imigrantes italianos “escolheram” as terras acidentadas de Azambuja porque se assemelhavam às regiões montanhosas do norte da Itália. Na verdade, o historiador Amadio Vettoretti, nascido em Treze de Maio, explica que não foi nada disso. Nas suas palavras: “Esclarecemos que os imigrantes não escolheram nada. O Governo Provincial [...] determinou a demarcação e discriminação das terras devolutas que ficavam mais afastadas do litoral” (VETTORETTI, 1992, p. 278). Ou seja, foi por uma determinação do governo imperial que esses italianos foram parar em Azambuja e não por própria escolha.

⁸⁹ O primeiro grupo de imigrantes italianos era composto por 291 pessoas, entre adultos e crianças (VETTORETTI, 1992, p. 263).

⁹⁰ Para uma abordagem mais completa sobre a história de Tubarão, ver Vettoretti (1992).

⁹¹ Quilometragem calculada pelo *google* mapas e usando como estrada a BR 101 até Florianópolis e, em seguida, a SC 390. Os imigrantes que chegaram a Azambuja não percorreram esse caminho, eles desembarcaram no Porto de Laguna e subiram o Rio Tubarão com barcos movidos a remos ou puxados por cordas (VETTORETTI, 1992, p. 263).

Entretanto, a localização da Colônia, na época de sua fundação, era excelente, perto da estrada de Ferro Dona Tereza Cristina⁹² e passagem obrigatória para os imigrantes de Urussanga. Com o passar dos anos, porém, outras estradas foram abertas, e Azambuja, aos poucos, foi se isolando e cedendo lugar ao centro de Pedras Grandes, que contava com a estação férrea e era passagem secular de tropeiros que faziam a ligação comercial entre os campos de Lages e Tubarão. (VETTORETTI, 1992, p. 279).

Hoje em dia, apesar da importância histórica do distrito, é uma pequena localidade agrícola situada a 10 km do centro de Pedras Grandes. A estrada que liga Azambuja ao centro de Pedras Grandes não está totalmente asfaltada; ela intercala por duas vezes pedaços de asfalto com chão batido. Segundo os entrevistados de Azambuja, constantemente, os habitantes do Distrito se dirigem ao centro de Urussanga e não ao de Pedras Grandes para fazerem suas compras. De fato, a estrada que separa o distrito de Azambuja do centro do município de Pedras Grandes parece separar muito mais que um distrito do centro da sua cidade. Os próprios habitantes do centro de Pedras Grandes percebem que existem muitas diferenças entre ser ítalo-brasileiro em Azambuja e no centro de Pedras Grandes.

Um trecho da entrevista com um jovem de Pedras Grandes demonstra que para os moradores da cidade também é bem marcada a diferença entre a italianidade na zona rural (Azambuja) e urbana (centro de Pedras Grandes).

Como esse foi o meu último entrevistado na cidade, na própria pergunta eu já tinha uma ideia do que poderia estar acontecendo na zona urbana (centro de Pedras Grandes) e na zona rural (Azambuja). O entrevistado confirma minhas hipóteses⁹³ e justifica o porquê dessa diferença grande nas duas zonas. Para ele, a ligação do

⁹² Para contar a história do sul do estado, é necessário que se conte um pouco a história dessa ferrovia que mudou o rumo da região. Ela foi criada com o objetivo de transportar o carvão de Minas (Lauro Muller) para o porto de Imbituba. Com a descoberta do carvão por volta de 1830, era necessário transportá-lo até o porto para poder comercializá-lo. Sem a ferrovia seria impraticável sua extração. Sua construção iniciou em 1880 e terminou em 1884. Os méritos ficaram para a família imperial na pessoa de Tereza Cristina (esposa de Dom Pedro II), mas, na verdade, Felisberto de Caldeira Brand e Ponte, o Segundo Visconde de Barbacena, é que foi o concessionário oficial. Foi ele o responsável pelos contatos com os investidores ingleses que construíram a ferrovia (VETTORETTI, 1992, p. 202 e 203). Em fevereiro do ano de 2015, a ferrovia completou 18 anos de administração privada.

⁹³ Essa prática de fazer algumas hipóteses sobre o que está acontecendo e retornar a campo para a verificação com os próprios entrevistados é uma característica da pesquisa etnográfica e foi feita diversas vezes nesta pesquisa. Muitas das conclusões apresentadas neste trabalho foram alcançadas em conversas com os entrevistados ou confirmadas por eles. Detalhes da abordagem etnográfica foram fornecidos na seção (2.1).

centro de Pedras Grandes com outras cidades maiores pode interferir na italianidade dos habitantes do centro:

Luciana: A nova geração, a tua geração, de 20 a 35 anos, que eu conversei em Pedras Grandes, me pareceu, comparada com Azambuja, - como eu não conheço a cidade estou vindo para pesquisar, estou tentando entender a cidade de vocês - **me pareceu que tem um muro assim nessa estrada, o que tem em Azambuja de italianidade, que é bem forte, aqui virou do avesso.** Tem até uma certa negação, eu percebi isso por parte de alguns jovens, eu percebi demais?

Entrevistado: Não, está correto. Lá (em Azambuja)⁹⁴ é berço, todo mundo nasce em berço italiano.

Luciana: O que aconteceu que lá está até hoje, as gerações novas lá, tem isso que tu falou (orgulho de ser italiano), mas tu é primeiro jovem que me diz isso (no centro). “Eu tenho orgulho de ser italiano”, os outros jovens que entrevistei aqui, eles até gostam de ser italiano, eles dizem “eu nasci assim”, “eu sou assim”, “eu gosto porque eu sou assim”...

Entrevistado: Eu acho que está se perdendo porque, querendo ou não, os caras, eu acho, que pensam errado. Eles pensam que moram em uma grande cidade. Tem que analisar que Pedras Grandes é interior, não importa que a gente mora no centro, querendo ou não, o centro ainda, por menor que seja, é um pouco mais civilizado, entre aspas. **Azambuja é mais interior, lá o pessoal já nasce trabalhando na roça, nasce na casa de colônia com plantação em casa, aqui não, a maioria da juventude já nasce com pai e mãe trabalhando fora, vai trabalhar fora também, trabalha em grandes centros: Tubarão, Criciúma, Orleans...então já vai perdendo um pouco da cultura.** Por mais que tu tenhas 25, 35 (anos) tu nasceu naquilo ali. Até as gerações mais novas, dos sete e oito anos, continuam naquela linha porque vão para roça com o pai e com a mãe, pai e mãe conversam com o vô e vó italiano, eles dentro de casa conversam e lá, por ser o berço, o foco da cultura, eu acho que isso ainda vai se manter por muitos tempo, agora para cá, aqui não, vai se perder (Informante 35, Pedras Grandes, masculino, jovem, zona urbana).

No capítulo da análise das atitudes linguísticas dos habitantes de Azambuja (zona rural) e daqueles do centro de Pedras Grandes (zona urbana), essa diferença entre os sentimentos dos habitantes da zona rural e urbana, apontada pelo entrevistado, será melhor aprofundada e poderá ser ainda melhor percebida (seção 5.3).

Uma observação: a meu ver, o interessante, e que acentua ainda mais a diferença que existe entre Azambuja e o centro de Pedras Grandes, é que os habitantes de Azambuja se referem ao centro de Pedras Grandes como “Pedras Grandes”. Por exemplo, eles diriam “Hoje não preciso ir a Pedras Grandes” e não, por exemplo, “Hoje não preciso ir ao centro”. Ou seja, para eles, Pedras Grandes

⁹⁴ Sempre que houver necessidade de alguma explicação ou tradução das falas para a melhor compreensão do que está sendo dito, será feito entre parenteses, como nesse caso.

parece ser uma outra cidade e Azambuja, por sua vez, não parece pertencer ao município. O exemplo a seguir, retirado de uma entrevista, demonstra o momento em que o entrevistado me explica explicitamente que quando ele fala “Pedras Grandes” se refere ao centro. Ele precisou me explicar por que a primeira vez em que o ouvi se referindo a Pedras Grandes como outra cidade não entendi:

Luciana: Concordo, tá muito boa essa conversa que não tem nada a ver com a pesquisa, nada a ver com a entrevista, mas me diz uma coisa, tu mora aqui há 31 anos? (estávamos em Azambuja, no local de trabalho do entrevistado)

Entrevistado: Não, eu moro entre **Pedras Grandes e Azambuja**, no rio Cintra, eu moro há um ano só, mas **eu morei 28 anos em Pedras Grandes**. Vim pra cá com 4 ou 5 anos.

Luciana: Quando tu fala Pedras Grandes é o centro?

Entrevistado: **Isso, quando eu falo Pedras Grandes é o centro.**

Luciana: Entendi.

Entrevistado: Morei no centro.

(Informante 34, Pedras Grandes, masculino, jovem, zona rural).

No exemplo, fica claro que, para o entrevistado, Azambuja e Pedras Grandes parecem ser duas cidades diferentes. Esse exemplo reflete a fala dos outros entrevistados, em diversos momentos, distrito e município são tratados como dois distintos municípios.

Em Azambuja, destacam-se, como iniciativas italianizadas da cidade, a Vinícola Irmãos Felipe com degustação de vinhos no porão de pedra da casa histórica, os parreirais da uva Goethe⁹⁵, a igreja de São Marcos e a Festa do Vinho Goethe⁹⁶, que acontece a cada dois anos. Essa festa foi muito comentada pelos entrevistados de Azambuja porque, segundo eles, através da festa, sentem-se mais italianos. É uma festa que, normalmente, conta com missas em língua italiana, almoço típico (galinha, polenta, macarrão etc.), café colonial, concurso regional de Vinho Goethe, campeonato de mora⁹⁷, danças folclóricas, apresentações culturais, comercialização de produtos típicos regionais com ênfase no Vinho Goethe, além de shows. Para os

⁹⁵ A uva Goethe, “também chamada Rogers 1, é um híbrido de uvas europeias (87% de moscato de Hamburgo, moscato de Alexandria e schiava grossa) e americanas (13%) com alta resistência fitossanitária. Foi desenvolvida nos EUA por E. S. Rogers no século XIX e em 1862 já aparecia em catálogos de plantas (VALES DA UVA GOETHE, 2015). Essa uva se adaptou bem às condições climáticas e aos solos do sul do estado de Santa Catarina e foi amplamente difundida entre os colonos.

⁹⁶ Em 2013 a festa completou sua VIII edição.

⁹⁷ Mora é um jogo trazido pelos imigrantes italianos no qual o objetivo principal é acertar (falando em voz alta) o número de dedos que os jogadores colocam na mesa. É famoso pela exaltação e gritos dos jogadores, geralmente os números são narrados em língua italiana.

habitantes da cidade, a festa colabora com a união dos ítalo-brasileiros, como mostra esta entrevista:

Luciana: A senhora acha que a festa ajuda?

Entrevistada: **A reunir os italianos, ajuda muito a reunir, aqui sim,** Urussanga eu acho que não, Urussanga é mais a festa do vinho. **E aqui é a festa do vinho Goethe que é a uva plantada pelos italianos né.**

(Informante 46, Pedras Grandes, feminino, idosa, zona rural)

Uma iniciativa bem atual (2014) que vale destacar no município é a realização de um documentário sobre a imigração italiana. O material foi organizado pela Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri). O vídeo, intitulado *Descendentes: os filhos da imigração*, de aproximadamente 20 minutos, apresenta narrativas de habitantes de Pedras Grandes (sobretudo do distrito de Azambuja) que contam como foi a chegada ao Brasil, as dificuldades, a formação da Colônia, seus costumes e tradições italianas. O material é bem produzido e sua visualização está disponível na internet⁹⁸.

Atualmente, o município de Pedras Grandes possui 6.000 (seis mil) habitantes e, segundo o site da prefeitura (PEDRAS GRANDES, 2015)⁹⁹, “a preservação da cultura herdada dos imigrantes italianos é a principal característica da cidade”. Ainda segundo o site da prefeitura, 90% da população é de origem italiana e 80% da população está localizada na área rural. Na verdade, segundo o Censo de 2010 (IBGE, 2010), a população da cidade de Pedras Grandes é de 4.107 habitantes, sendo 69% habitantes da zona rural, como já citado na metodologia deste trabalho (seção 2.2.2).

O site da prefeitura de Pedras Grandes é simples e as informações sobre a cidade estão bem incompletas. Nos poucos textos encontrados, pode-se perceber o uso de palavras que demonstram interesse em ressaltar traços de italianidade de Pedras Grandes, como, por exemplo: fotos da “antiga arquitetura *italiana* existente na cidade” e “preservação da cultura dos *imigrantes*”.

O turismo, como o próprio site afirma, é ainda pouco explorado, “a infraestrutura da cidade é modesta, mas existem dois restaurantes típicos italianos (que abrem somente nos finais de semana) e uma pousada rural” (PEDRAS GRANDES, 2015).

⁹⁸ Disponível no site: <<https://www.youtube.com/watch?v=H3HxIDz2ixs#t=174>>.

⁹⁹ A prefeitura não divulga a fonte dos seus dados pelo site.

O historiador Amadio Vettoretti dedicou uma seção de seu livro de 1992 sobre a história da cidade de Tubarão para falar sobre a cidade de Pedras Grandes. Segundo ele, a manifestação cultural italiana em Pedras Grandes foi muito reprimida em 1942 quando se proibiu falar italiano¹⁰⁰. Como consequência, os habitantes da cidade, em especial aqueles de Azambuja, “esqueceram a língua dos antepassados e relaxaram as tradições culturais” (VETTORETTI, 1992, p. 295).

Vettoretti (1992, p. 295) relata que alguns dos imigrantes italianos de Pedras Grandes se mudaram para Tubarão, cidade vizinha e mais industrializada.

Aqueles que saíram de Pedras Grandes e foram para Tubarão antes de 1940, ou seja, antes da repressão de falar italiano, “integraram-se aos mais abastados, pertencentes ao mais elevado estrato social que dirigiam o município e foram absorvidos pela cultura dos fundadores da cidade” (p. 295). Ou seja, parece que, antes da campanha de nacionalização de Getúlio Vargas¹⁰¹, a aceitação dos imigrantes italianos em outras comunidades mais miscigenadas, como aconteceu em Tubarão, por exemplo, era bem vista pelas outras etnias. Nessa época, os italianos que saíram de Pedras Grandes para buscar uma nova vida foram bem aceitos pela população da outra cidade e se integraram à nova comunidade, como nos relata o historiador.

Totalmente diferente foi a recepção em Tubarão dos descendentes italianos após 1942. Esses eram filhos de imigrantes e, segundo o autor, haviam sofrido consequências psicológicas após o término da II Guerra Mundial. Dessa forma, eles foram “silenciosamente” se misturando aos moradores de outras origens que ali se encontravam e adaptando-se ao modo de vida da população de Tubarão.

Isso quer dizer que esses italianos se instalaram na cidade e não levaram consigo seus costumes e tradições. O autor deixa bem claro esse fato; eles se adaptaram ao que já existia lá. Vale lembrar que a cidade de Tubarão é bastante miscigenada, com destaque para descendentes de portugueses¹⁰².

Embora esses imigrantes italianos que foram para Tubarão depois de 1942 tenham sido vistos, muitas vezes, como “invasores”, eles progrediram

¹⁰⁰ Foi dedicada uma seção especial sobre a proibição de falar italiano no capítulo 4, seção 4.3.1.

¹⁰¹ Detalhes sobre a Campanha de Nacionalização de Getúlio Vargas no sul do estado serão apresentados no capítulo 4, seção 4.3.1.

¹⁰² Tubarão é também muito mais antiga que as cidades colonizadas pelos italianos no sul. Sua fundação foi em 1836.

financeiramente na cidade e hoje são donos de 70% dos investimentos da iniciativa privada na indústria, comércio e agricultura (VETTORETTI, 1992, p. 295).

O historiador alerta que o progresso econômico gerado pelos italianos não trouxe consigo “nenhuma marca cultural transplantada do país de origem de seus antepassados” (p. 295) na cidade de Tubarão. Isso aconteceu, muito provavelmente, porque, como já dito, os italianos que foram para Tubarão tiveram que se adaptar à vivência com os descendentes de portugueses e de outras etnias.

Dentre os fatores que ajudaram a anular o desenvolvimento da cultura italiana em Tubarão, o historiador cita a repressão que já veio no psicológico desses italianos provenientes de Pedras Grandes e seu “nível intelectual” (p.295). O autor explica que aqueles que imigraram eram, em sua maioria, analfabetos. Ou seja, não vieram com os imigrantes pessoas intelectualmente preparadas. Aqui no Brasil eles tiveram que trabalhar em condições bem adversas para sobreviver, viviam em colônias isoladas e continuaram sem instrução. Dessa forma, os imigrantes não contaram com lideranças intelectuais que organizassem e incentivassem o cultivo de suas tradições. Os imigrantes “continuaram a ser camponeses, assim como o foram seus antepassados na Itália” (p. 295).

Sem a fortificação das tradições italianas e nem mesmo de outras etnias na cidade de Tubarão, já em 1992 apontava-se uma falta de identidade cultural proveniente dos fatores explicados:

A cidade perdeu sua identidade cultural por terem descaracterizado os traços da cultura dos fundadores e por não ter recebido uma outra que pudesse externar as tradições cultivadas por um passado de experiência e lutas em comum nos seus países de origem (VETTORETTI, 1992, p. 295-296).

É importante essa análise sobre a cidade de Tubarão (cidade vizinha de Pedras Grandes) porque, atualmente, as pessoas que moram no centro de Pedras Grandes (parte urbana) se relacionam muito com Tubarão, como citou o informante 35. Na cidade, o comércio é maior e existem universidades e outras facilidades de cidades grandes¹⁰³. Dessa forma, os habitantes do centro de Pedras Grandes, quando necessário, usufruem desses serviços. Alguns moradores de Pedras

¹⁰³ Segundo o site da prefeitura da cidade de Tubarão, sua população em 2013 era de 101.284 habitantes aproximadamente. O site afirma utilizar como fonte o IBGE de 2013 (TUBARÃO, 2015).

Grandes chegam a trabalhar em Tubarão e voltam para casa somente para dormir, sendo que a distância entre as duas cidades é de 36 km (GOOGLE MAPS, 2015).

A consequência desse envolvimento do centro de Pedras Grandes (zona urbana) com Tubarão, cidade sem traços fortes da imigração italiana, parece refletir nas atitudes linguísticas manifestadas pelos ítalo-brasileiros dessa região. De fato, encontram-se bem mais atitudes linguísticas negativas no centro de Pedras Grandes que na sua zona rural (Azambuja). O centro de Pedras Grandes, comparado às outras cidades pesquisadas, foi o lugar com mais atitudes linguísticas negativas relacionadas à língua italiana falada na região. Essas análises serão feitas de forma mais aprofundada no capítulo 5 desta tese.

Destacam-se, ainda, como aspectos da italianidade da cidade: o Coral de Pedras Grandes, que canta algumas músicas em língua italiana, e a Associação Italiana *Fraternità di fomento, riscatto e diffusione culturale per la preservazione permanente della storia dell'immigrazione italiana*, também conhecida como *Fraternità Italiana*, fundada em 28 de abril de 2007. O objetivo dessa associação é resgatar, difundir e preservar todos os fatores que fazem parte da cultura italiana. Para a realização de seus projetos, como, por exemplo, o projeto para restauração de casas centenárias¹⁰⁴, a associação se propõe a viabilizar recursos financeiros junto às Secretarias de Estado.

Na próxima seção, será descrito como ocorreu a imigração italiana na cidade de Urussanga, fundada logo após Azambuja.

3.3.2 Urussanga: fundação e aspectos da sua italianidade

O Núcleo Colonial de Urussanga foi fundado em 1878. Na época, esse Núcleo era uma extensão da Colônia de Azambuja (hoje Pedras Grandes).

¹⁰⁴ As casas incluídas no projeto de restauração da associação *Fraternità* são: Restauração Casa das Irmãs (onde funcionaria a Escola Técnica Agrícola, convênio com o Centro Universitário Barriga Verde (UNIBAVE), previsto para execução em 2015), restauração Casa do Correio (projeto concluído em 2013 com recurso do Governo Estadual), restauração Casa Ghisi – 1º Cartório (previsão para execução em 2015), Casa Fontanella (em Azambuja), Casa Manarin (Rio Cintra), Casa Molon, Casa Zabot (Pedras Grandes), Casa Cavanhole e revitalização da Praça de Azambuja em parceria com a iniciativa privada.

Atualmente, Pedras Grandes está a leste de Urussanga. Siderópolis, outra cidade pesquisada neste trabalho, fica a oeste de Urussanga. Ainda sobre dados geográficos, a cidade possui hoje em dia uma área de 254,869 km² e sua população é de 20.223 habitantes (43% na zona rural e 56% na zona urbana) (IBGE, 2010).

A maioria dos primeiros imigrantes de Urussanga, assim como de todo o sul de Santa Catarina, veio da região do Vêneto. Entre as cidades vênetas das quais os imigrantes que colonizaram Urussanga são provenientes estão: Longarone, Treviso, Veneza, Pádua, Mântova, Feltre e Belluno. Mas vieram também descendentes das cidades de Údine (região do Friuli-Venécia Júlia), Trento (região Trentino-Alto Ádige), Bérgamo (região da Lombardia), entre outras (BALDIN, 1999, p. 107).

O primeiro pároco de Urussanga foi Luigi Marzano. Ele chegou em 1899, ou seja, 21 anos após a fundação do primeiro núcleo. Marzano publicou em 1903, na Itália, um livro sobre a vida dos colonos italianos, que foi traduzido para o português em 1985 pelo padre João Leonir Dall’Alba com o título de *Colonos e Missionários na Floresta do Brasil* (MARZANO, 1985). É por meio dos relatos do padre Marzano que muitos historiadores contaram a história da cidade.

Urussanga era o maior núcleo de imigrantes italianos na região sul de Santa Catarina na época da sua fundação. É esse o motivo pelo qual essa cidade foi escolhida para esta pesquisa.

Atualmente, no sul de Santa Catarina, a cidade preza pela fama de “capital catarinense do bom vinho”, em virtude da produção de vinho na região, em especial o vinho Goethe (vinho branco).

De fato, existem algumas iniciativas na cidade relacionadas à produção de vinho, como, por exemplo, a Associação dos Produtores da Uva e do Vinho Goethe, criada em 2005 com o objetivo de “promover a união dos produtores da uva e do vinho Goethe, estabelecendo a imagem de um produto nobre e conhecido nacional e internacionalmente” (PROGOETHE, 2015). Essa associação tem conseguido alguns resultados notórios graças à qualidade do vinho, como, por exemplo, o registro Indicação de Procedência (IP) conseguido em 2011. Segundo o site da associação, essa foi a primeira indicação geográfica de Santa Catarina. Os “Vales da Uva Goethe”, onde estão os parreirais dessa uva, compreendem os municípios de Urussanga, Pedras Grandes, Cocal do Sul, Morro da Fumaça, Treze de Maio, Orleans, Nova Veneza e Içara. A proposta da associação é relacionar a qualidade do vinho com as características históricas e culturais da região. Atualmente, a

associação conta com 13 associados produtores de vinhos e 10 associados relacionados ao turismo na região (restaurantes, hotéis e bares). Os sócios são, na maioria, ítalo-brasileiros.

Mas, certamente, a maior iniciativa de Urussanga na divulgação do seu vinho e da sua descendência italiana é a Festa do Vinho¹⁰⁵. A festa acontece a cada dois anos, sempre nos anos pares e no mês de agosto (intercalada com a Festa do Vinho Goethe de Azambuja, que tem proporções bem menores que a de Urussanga e acontece nos anos ímpares). Em Urussanga, a festa está na sua 15ª edição. Dentre as atrações da festa, estão: shows locais e nacionais, degustação de vinho, exposições, desfiles, gastronomia italiana etc. A festa tomou grandes proporções ultimamente, os shows estão a cada ano mais bem produzidos e com a participação de artistas famosos nacionalmente. Segundo um jovem entrevistado de Urussanga, nessa festa, a cidade fica escondida atrás de um show. O artista se sobressai e a italianidade da cidade se apaga. O entrevistado realça a diferença entre as duas principais festas da cidade: a do Vinho e a festa *Ritorno alle origini*:

Entrevistado: Mas é que é assim, eu sempre defino da seguinte forma: quem vem pra (festa) *Ritorno*, vem pra conhecer Urussanga, conhecer a gastronomia, conhecer o rio, a história dos pontos turísticos, a cidade. **Quem vem pra Festa do Vinho, vem pro show do Luan Santana, vem pro show do Capital Inicial, vem pro show, ele não vem conhecer a cidade**, eles não vem viver a cidade, eles vem viver o momento do show aquelas duas horas. Eu sempre disse, chega o ponto que a **cidade, ela fica escondida atrás do show**, então as pessoas não dizem eu vou pra Urussanga, elas dizem eu vou pro show do tal....
(Informante 68, Urussanga, masculino, jovem, zona urbana).

De fato, foi possível perceber durante as entrevistas que, apesar de muito apreciada pelos moradores da cidade, a festa do vinho não parece priorizar a divulgação da cultura italiana e do imigrante colono. Pelo contrário, a festa tem investido em atrações de renome sem nenhum vínculo com a cultura do imigrante italiano da região. Na verdade, a festa está a cada ano mais comercial, ou seja, mais bem produzida, maior e menos italianizada.

Para “suprir” essa necessidade de festas em que a cultura italiana fosse o foco, iniciativas locais ligadas a associações italianas da cidade organizaram a festa *Ritorno alle origini*, citada pelo entrevistado. Em proporções menores, essa festa

¹⁰⁵ Fotos, programação e outros detalhes da festa estão disponíveis pelo site do evento: <<http://www.festadovinho.tur.br/>>.

destina-se mais aos moradores da cidade ou aos interessados em conhecer Urussanga como cidade colonizada por descendentes de italianos. O objetivo dessa festa é “resgatar e divulgar os valores étnicos que moldaram a identidade da população urussanguense originários da região do Vêneto – Itália, mantendo sua imagem de destino cultural e turístico frente às gerações futuras” (URUSSANGA, 2015). A festa está na 13ª edição e é realizada, assim como a festa do vinho, no Parque Municipal da cidade.

Outra festa relacionada à cultura italiana em Urussanga é a Vindima Goethe, que em janeiro de 2015 realizou sua 7.ª edição. A festa marca a colheita e o esmagamento da uva produzida nos Vales da Uva Goethe. São atrações dessa festa: feiras, exposições, jogos, esmagamento da uva na praça, premiações e missa para abençoar as “mãos que colhem”. A abertura em 2015 foi feita no parreiral de uma das vinícolas da cidade. A festa conta com a participação da Associação dos Produtores da Uva e do Vinho Goethe (PROGOETHE).

Existe também um grupo de amigos ítalo-brasileiros em Urussanga, os chamados *Amici della polenta* (Amigos da polenta), que organizam, dentro de outros eventos, a preparação de uma polenta gigante. Um dos organizadores foi entrevistado por mim e dá detalhes da festa:

Luciana: E esse da saga da polenta?

Entrevistado: A saga da polenta é uma tradição que o *Amici da Polenta* começou a criar, criou há dois anos. É um evento da polenta em si. Faz a comida típica, uma polenta de.. vai ser o que, trezentos quilos esse ano? É vai dar uns 300, 320 quilos...

Luciana: Essa também tem um apelo mais cultural?

Entrevistado: **Totalmente cultural, nossa!**

Luciana: Menos comercial?

Entrevistado: **Nossa! O nosso grupo da polenta é todo cultural, ele não tem nada de comercial, tanto é que a gente só faz a polenta em eventos culturais que leva o nome de Urussanga em eventos.** Inclusive para eventos mais culturais de outras etnias, por exemplo, em rodeios na serra, a gente já fez polenta em dois, três rodeios.

(Informante 68, Urussanga, masculino, jovem, zona urbana).

Além das festas, para compreender os aspectos da italianidade desse município, temos que citar o *Gemellaggio* (Cidades-irmãs ou Geminação de cidades) entre Urussanga (Santa Catarina, Brasil) e Longarone (província de Belluno, região do Vêneto, Itália) firmado em 1991. O *Gemellaggio* é um acordo entre cidades de nações diferentes com o objetivo de facilitar o acesso a informações, trocar experiências, organizar projetos e cooperar econômica e culturalmente, ou seja, o

Gemellaggio é uma troca política, cultural e econômica entre duas cidades que possuem alguma coisa em comum¹⁰⁶. No caso de Urussanga, Longarone é a cidade de proveniência dos imigrantes que fundaram a cidade catarinense em 1878.

Por parte de Longarone, um forte interesse econômico com o *Gemellaggio* pode ter sido a obtenção de mão de obra barata para trabalhar em suas sorveterias. Na cidade italiana, em Belluno, existem muitas sorveterias produtoras de sorvete artesanal, vendido tanto na Itália quanto na Alemanha. O *Gemellaggio* ajudou os proprietários dessas sorveterias a conseguirem mão de obra durante a temporada de verão. Muitos jovens de Urussanga, com a dupla-cidadania italiana obtida por *jure sanguinis* (vínculo sanguíneo), foram trabalhar nas sorveterias de proprietários italianos localizadas na Itália e na Alemanha durante os verões europeus. Com a crise na Europa, a procura por trabalhadores brasileiros nas sorveterias italianas tem sido cada vez menor, mas certamente o *Gemellaggio* contribuiu para que urussanguenses fossem atrás da dupla cidadania com o objetivo de trabalhar na Itália. Na verdade, o trabalho em sorveterias italianas é uma realidade não só em Urussanga, mas também em Siderópolis, Criciúma e Nova Veneza. Muitos jovens descendentes de italianos dessas cidades, e do sul do estado de Santa Catarina em geral, buscaram a dupla-cidadania italiana para trabalharem na Itália e/ou em outros países europeus, como a Inglaterra, por exemplo, onde os salários são melhores. Outros vão em busca da cidadania italiana para poder trabalhar nos Estados Unidos, já que cidadãos italianos não precisam de visto para entrarem no país.

Esse aspecto é importante porque relata uma característica das cidades colonizadas por descendentes italianos do sul: o alto número de pedidos de reconhecimento de cidadania italiana. Entretanto, esse alto número de solicitações de cidadania italiana não pode ser relacionado de maneira alguma apenas ao apreço pela Itália ou à vontade de ser considerado um cidadão italiano legalmente. Na verdade, ele reflete a grande vontade de viajar para o exterior em busca de uma vida melhor, com a possibilidade de conseguir um trabalho na Europa ou nos Estados Unidos¹⁰⁷.

Uma das entrevistadas de Urussanga afirma exatamente isso. Ela diz que os jovens que fazem a cidadania não estão interessados em ser descendentes pelo

¹⁰⁶ Vale ressaltar que Criciúma e Siderópolis também fizeram esse acordo com outras cidades italianas que serão discutidos nas seções referentes a cada uma das duas cidades.

¹⁰⁷ Para mais detalhes sobre a imigração de ítalo-brasileiros nessa cidade, ver (FONTANELLA (2004).

orgulho da descendência, mas, sim, pelos benefícios que ser cidadão italiano pode trazer em relação ao trabalho. A entrevistada conhece muitos jovens porque uma das suas funções no seu trabalho é auxiliar descendentes de italianos a organizarem a documentação para dar entrada no pedido de dupla-cidadania. Ela diz:

Luciana: Então, ninguém mais quer saber (de falar dialeto)?

Entrevistada: Querem saber de ter a cidadania, né...

Luciana: Ah! Isso querem?

Entrevistada: Isso lutaram bastante [...], porém, pra língua não.

Luciana: Até que ponto passa a tradição de ser italiano sem a língua? Será que vai para frente? São italianos de origem, tem até passaporte, mas não sabem falar italiano...

Entrevistada: **Eles querem para ir para a Alemanha, pra Londres, para os Estados Unidos, aquela coisa toda né...** Difícil, muito poucos, ficam na Itália. Eu tive uma sobrinha que ficou um ano e pouco na Itália, porém quando ela conseguiu um emprego, ela foi para Londres, está lá.

Luciana: **Esse pessoal que quer cidadania, que procura a senhora para ajudar a fazer a cidadania, o que a senhora acha, eles querem a cidadania por orgulho de ser italianos?**

Entrevistada: Não, só para trabalhar na Alemanha, na *gelateria* (sorveteria).

Luciana: Não tem aquele orgulho que a geração mais velha tem de ser italiano?

Entrevistada: Não, não, não tem.

Luciana: A senhora tem esse orgulho?

Entrevistada: Tenho.

Luciana: **O que a senhora acha de ser italiana, é bom?**

Entrevistada: Está no meu sangue como diz o outro né, então... para todo mundo eu sou italiana, sou descendente de italiano porque o meu avô era italiano, não foi o meu bisavô, foi o meu avô que veio com 9 anos. (Entrevistada 79, Urussanga, feminino, idosa, zona Urbana).

Ainda em relação ao *Gemellaggio*, pode-se dizer que algumas iniciativas, como intercâmbio de jovens, foram feitas em Urussanga a partir do acordo. Entretanto, embora o *Gemellaggio* tenha colaborado muito para a aproximação de laços familiares entre parentes do Brasil e da Itália, no que se refere à troca política, cultural e, sobretudo, econômica, pouco tem sido feito. A pesquisadora natural de Urussanga, Carla Nichele Serafim, em sua dissertação de 2004, também concorda que “não houve intercâmbio tecnológico e comercial entre as duas cidades” depois do *Gemellaggio* (p. 22).

Talvez falte organização das lideranças brasileiras e italianas envolvidas nesse acordo para colocar em prática e/ou manter as ações propostas. O mesmo parece estar acontecendo em Criciúma e Siderópolis, os laços familiares foram estreitados com o *Gemellaggio*, o que é muito positivo, mas as ações sociais,

econômicas e políticas, objetivo principal desse tipo de acordo entre duas cidades, não evoluíram.

Possivelmente, o que falta para que iniciativas tão interessantes quanto o *Gemellaggio* sejam concretamente efetuadas no sul do Estado é a participação mais ativa de jovens nesses movimentos. As associações italianas¹⁰⁸ que geralmente encabeçam acordos políticos, econômicos e culturais, como o *Gemellaggio*, são frequentemente formadas por pessoas mais velhas. Os idosos nem sempre possuem conhecimentos de informática, indispensáveis quando tratamos de acordos internacionais.

Por meio desta pesquisa, ficou clara a importância de envolver os jovens em iniciativas italianizadas. Pude perceber que, quando existe a participação dos jovens em movimentos ligados à italianidade, as suas atitudes linguísticas positivas em relação à língua italiana da região são, surpreendentemente, até superiores à dos idosos. Isso aconteceu, por exemplo, em Urussanga, onde existe desde 2008-2009 a participação de jovens na associação *Trevisani nel Mondo*. Em virtude da participação dos pais, alguns dos filhos de membros da Associação *Trevisani* de Urussanga começaram a se organizar, entre os próprios jovens, e desenvolveram iniciativas como, por exemplo, a participação com um estande na festa *Ritorno alle Origini* em Urussanga. Eles conseguiram roupas de colonos italianos, organizaram um cenário e tiraram fotos das pessoas. A ação, apesar do pouco lucro em virtude do baixo preço cobrado, como relata a entrevistada, gerou nos jovens sentimentos positivos (“Foi bem legal!”) relacionados à sua italianidade:

(...) Fizemos essa ação que nos gerou cem a duzentos reais de lucro. Podemos dizer que não foi uma ação para dar dinheiro, mas foi uma ação para não deixar morrer [a cultura italiana], para a gente participar. **Então, teve envolvimento de mais ou menos de uns 8 jovens, revezando no dia. Foi uma experiência bem legal!** (...) Então, a gente achou que combinava com essa festa esse elemento das pessoas baterem uma foto trajados para levar para casa, a gente cobrou bem barato, dez a quinze reais.

(Entrevistada 75, Urussanga, feminino, jovem, zona urbana).

¹⁰⁸ Em Urussanga, atualmente, segundo Costa (2012, p. 196) existem cinco associações italianas: Associação dos Descendentes Italianos de Urussanga (fundada em 1987), Associação *Bellunesi nel Mondo Famiglia di Urussanga* (fundada em 1988), Associação dos Descendentes e Imigrantes Friulanos (fundada em 1988), Associação Vêneta de Santa Catarina (fundada em 1992) e Associação *Trevisani nel Mondo* (fundada em 1996).

Esse tipo de situação, envolvendo os jovens, parece ser importantíssima para que as atitudes linguísticas positivas em relação à língua italiana sejam manifestadas e, conseqüentemente, outras iniciativas relacionadas à preservação dos aspectos culturais italianos nessas cidades. No capítulo de análise desta tese (seção 5.2), esse aspecto será visto mais detalhadamente ao comparar as atitudes linguísticas de jovens e idosos nas cinco cidades pesquisadas. Neste momento, é importante apenas ressaltar a participação de jovens ítalo-brasileiros em associações italianas em Urussanga. Isso será importante para entender por que encontrei tantas atitudes linguísticas positivas dos jovens nessa cidade.

Um ponto que pode estar colaborando para que jovens desenvolvam atitudes linguísticas positivas em relação à língua italiana da região, na cidade de Urussanga é que a língua italiana está incluída na grade curricular nas escolas municipais desde 2003.

Atualmente, segundo a coordenação pedagógica do município¹⁰⁹, existem 581 alunos que estudam italiano na cidade. São estudantes das séries iniciais do ensino fundamental (1º ao 5º ano).

Existem dois professores responsáveis pelo ensino da língua italiana na cidade. Um deles é efetivo e o outro contratado temporariamente (ACT).

Inicialmente, as aulas de italiano foram inseridas no município por meio de uma parceria com o ente gestor¹¹⁰ Centro de Cultura e Língua Italiana de Santa Catarina (CECLISC) e a Prefeitura de Urussanga.

Nessa parceria, o ente gestor fornecia o material didático utilizado nas aulas e era responsável também pela formação continuada dos professores. A prefeitura, além de fornecer e manter o espaço físico para as aulas, pagava o salário dos professores. Entretanto, atualmente na cidade de Urussanga não existe mais parcerias com entes gestores. Tanto o material didático quanto a formação dos

¹⁰⁹ Informação fornecida por *email* pela Secretária de Educação do Município em 06/05/2015.

¹¹⁰ O ente gestor é uma organização parcialmente financiada pelo governo italiano, mais especificamente pelo Ministério das Relações Exteriores da Itália (*Ministero degli Affari Esteri*). No Brasil, os entes gestores estão presentes nos estados com maior concentração de ítalo-brasileiros: Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Paraná, São Paulo, Espírito Santo e Rio de Janeiro. Com a crise na Europa e os fortes cortes no incentivo à educação na Itália, os entes gestores estão com uma atuação cada vez menor no Brasil e no mundo. No *Centro di Cultura Italiana PR/SC*, ente gestor com forte atuação em Santa Catarina, por exemplo, as verbas foram cortadas em mais de 50%. As conseqüências dos cortes foram a queda do número de alunos nos cursos oferecidos pelo ente, a demissão de professores de italiano e pessoal administrativo e a diminuição nos investimentos com formação continuada dos professores que permaneceram.

professores estão sob a responsabilidade da Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Desporto hoje em dia.

Outro ponto de destaque da cidade que remete à italianidade é a arquitetura. Pode-se citar: 1) a Praça Longarone (a praça tem o nome da cidade italiana com a qual Urussanga possui *Gemellaggio*); 2) a Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição, com uma réplica da escultura *Pietà* (Piedade) de Michelangelo¹¹¹, cópia que foi um presente doado pelo Papa Paulo VI (a escultura chegou à cidade no dia 8 de dezembro de 1979. Segundo um jornal local, durante as comemorações dos 100 anos de fundação e imigração italiana, o então pároco Monsenhor Agenor Neves Marques sugeriu ao Papa que enviasse à Urussanga um presente para marcar a data; o pontífice não participou das comemorações da cidade, mas enviou como presente a réplica da escultura de Michelangelo Buonarroti); 3) as edificações históricas da praça Anita Garibaldi (algumas em péssimo estado de conservação); 4) as casas de pedra; 5) a igreja de pedra de São Gervásio e Protásio; 6) a estação de trem e central de informações turísticas; 7) a antiga vinícola Cadorin; 8) o portal de entrada da cidade; e 9) Monumento ao Centenário da Imigração Italiana, construído em 1978.

Destaca-se na cidade também o grupo folclórico e de coral *Cantando si vá*. Eles se apresentam em festas locais e cantam músicas em italiano padrão e dialeto.

Para finalizar esse panorama sobre os aspectos da italianidade de Urussanga, destaco outra iniciativa citada por alguns dos entrevistados da cidade: o programa de uma rádio local chamado *La voce della Benedetta*¹¹². O programa vai ao ar aos domingos das 11h30 às 13h. As organizadoras iniciaram as atividades em julho de 2008, trabalham voluntariamente e objetivam preservar a tradição italiana. O programa é uma divertida mistura de italiano padrão, dialetos e músicas.

Vale a pena dizer, antes de terminar a seção, que muito dos sentimentos positivos em relação à língua italiana falada na cidade de Urussanga começaram a surgir após as comemorações dos 100 anos na cidade. O monumento em homenagem ao imigrante italiano da praça central, a réplica da escultura *Pietà* de Michelangelo, a primeira Festa do Vinho (1984) e o próprio *Gemellaggio* foram iniciativas provenientes desse acontecimento histórico. O centenário de Urussanga,

¹¹¹ A escultura original encontra-se na Basílica São Pedro, no Vaticano, em Roma.

¹¹² Blog do programa: <<http://lavoceurussanga.blogspot.com.br/>>. É possível escutá-lo pelo site <www.radiomarconi.net>.

em 1978, foi um momento importante para que os ítalo-brasileiros retomassem suas origens com orgulho. Em Urussanga, o padre Agenor Marques, natural da cidade de Palhoça-SC e não descendente de italiano, foi um grande nome nesse evento. O padre escreveu um livro (MARQUES, 1978) sobre a história da cidade na época da comemoração dos seus 100 anos¹¹³.

Na verdade, em todas as cidades do sul de Santa Catarina percebe-se uma retomada da italianidade na comemoração dos seus 100 anos.

Na próxima seção, será elaborado o mesmo panorama da maior cidade envolvida nessa pesquisa, Criciúma.

3.3.3 Criciúma: fundação e aspectos da sua italianidade

A fundação de Criciúma, minha cidade natal, foi em 1880. A cidade contou com a participação de cinco grupos étnicos para o seu desenvolvimento: italianos, poloneses, portugueses, negros¹¹⁴ e alemães¹¹⁵.

Nesta pesquisa, o foco foi dado somente ao que diz respeito à participação dos italianos no processo de fundação da cidade. Isso porque os italianos, além de ser o foco do trabalho, foram os primeiros a chegar e os em maior número na cidade (ARNS, 1985).

Os imigrantes italianos que chegaram a Criciúma desembarcaram no porto da cidade de Laguna (depois de ancorarem no Rio de Janeiro e em Desterro, hoje Florianópolis). De Laguna eles seguiram de canoa até Tubarão pelo Rio Tubarão. De lá partiram, alguns a pé, outros montados em burros, passando por Azambuja e

¹¹³ Segundo um jornal da cidade (GRAVAÇÃO..., 2015), a gravação da festa do centenário será transformada em um filme. As gravações foram feitas por um morador em 1978 e “estavam guardadas a sete chaves”. O filme deve ser apresentado nos Estados Unidos pelo cineasta Yves Goulart.

¹¹⁴ Para Silva (2008), negro não é etnia, assim como branco ou amarelo ou vermelho não são etnias; “o termo etnia relaciona-se mais comumente a aspectos culturais e sua correlação com aspectos físicos” (p.05). Segundo a autora, o termo etnia baseia-se na cultura (histórias, costumes, crenças, tradições...) de uma população que se sente parte de um grupo bem definido, do qual a cor é uma característica. Entretanto, nesta pesquisa o termo será usado como o cita a autora criciumense Arns (1985): etnia negra. Outro fator que justifica a escolha do uso “etnia negra” neste trabalho é que na cidade de Criciúma existe a Festa das Etnias. Na festa as “etnias” presentes com restaurantes, barraquinhas de comida típica e apresentações culturais são: italiana, polonesa, espanhola, portuguesa, **negra**, alemã e árabe.

¹¹⁵ Para um panorama histórico sobre as cinco etnias fundadoras da cidade de Criciúma, ver Arns (1985).

Urussanga. Nessas duas cidades, receberam manifestações de hospitalidade dos compatriotas que já estavam instalados em terras brasileiras. Eles permaneceram em Urussanga aproximadamente 12 dias até se recuperarem da longa viagem e receberem ordens da Companhia de Imigração para irem a Criciúma (ARNS, 1985, p. 42 e 43).

Segundo Arns (1985), existem algumas divergências quanto ao número exato de famílias que chegaram em Criciúma, mas, segundo fontes do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), foram 22 famílias compostas por 129 pessoas entre homens, mulheres e crianças que, em fevereiro de 1880, fundavam a cidade de “Cresciuma” (o nome da cidade deriva do nome da vegetação gramínea abundante no local)¹¹⁶.

O núcleo de Criciúma era administrativamente subordinado a Araranguá, mas relacionava-se mais com Urussanga pela presença dos italianos naquela região.

A nova colônia estava totalmente isolada em plena floresta. A única comunicação com Urussanga (25 km de distância) ou com Araranguá, cidade localizada ainda mais ao sul do estado, era através de “uma picada estreita capaz de conduzir o pedestre e o cavaleiro” (ARNS, 1985, p. 49).

A mata, além de virgem, era habitada por animais, alguns ferozes. Além disso, existiam os *bugres*, que constantemente atacavam os colonos. Na verdade, os índios eram chamados de “bugres” pelos imigrantes, seu perigo mais temido¹¹⁷. Segundo depoimento de um informante para a pesquisadora Otília Arns (1985), os índios chegavam a aprender palavras em italiano para atrair os colonos para fora de seus ranchos e assim poder flechá-los.

Em relação ao confronto entre imigrantes italianos e índios, seria interessante apresentar, mesmo que brevemente, a visão de dois historiadores provenientes do sul do estado de Santa Catarina. Segundo Carola e Dassi (2014), os índios já estavam nesse território não somente antes da chegada do imigrante italiano, mas também antes da chegada dos portugueses. Portanto, “foram os imigrantes que

¹¹⁶ O nome da cidade foi alterado de Cresciuma para Criciúma, oficialmente, com o Decreto-lei Estadual n. 941 em dezembro de 1943 (ARNS, 1985, p.191). Segundo a reportagem *De Cresciuma a Criciúma: a história do nome da cidade*, disponível no endereço: <https://www.youtube.com/watch?v=Kf29W2Ufe6Y>, acesso 14/01/2016, a troca foi feita pelo gerente da estrada de ferro porque a cidade exportava muito carvão e o nome antigo era difícil de ser pronunciado.

¹¹⁷ Os índios atacavam os colonos com flechas envenenadas. Estes, por sua vez, se defendiam dando alarme pelo toque de berrantes. Os índios roubavam mantimentos e ferramentas para fazerem as pontas das flechas (ARNS, 1985, p. 51).

invadiram o território indígena e não o contrário” (p. 37). Para os autores, a resistência dos Xoklengs é tão legítima quanto seria a nossa defesa ao perceber a invasão da nossa casa hoje em dia. Eles explicam que os índios não compreendiam a derrubada de árvores da floresta para atividades agrícolas e criação de animais. Então, na visão histórico-ambiental dos pesquisadores, embora os italianos tenham sido vítimas das políticas imigratórias da Europa para o Brasil, quem perdeu suas terras, e até mesmo suas vidas, foram os povos indígenas que aqui estavam.

Foram muitas, portanto, as dificuldades enfrentadas pelos italianos para colonizar a cidade de Criciúma (assim como todas as outras dessa pesquisa). Os perigos e a complexidade da situação na qual se encontravam fizeram com que o imigrante italiano, no início, sentisse muita saudade da sua terra e, algumas vezes, sentisse até mesmo vontade de voltar para a Itália. A realidade era tão dura que eles não tinham dinheiro para voltar ao seu país e, além disso, a situação da Itália também não era das melhores. Os entrevistados por Arns (1985) dizem que era tanta miséria que eles precisavam queimar estrume e galhos de parreira para cozinhar os alimentos. Para dormir, como a região é muito fria no inverno, eles ficavam perto dos animais para se aquecerem. Por outro lado, a pesquisadora relata também entrevistas de italianos que, apesar das saudades, não queriam voltar porque tinham passado por muitas necessidades na Itália.

Em relação à língua italiana, na Colônia de Criciúma, Arns (1985) afirma que o dialeto era usado não só em família, mas também na comunidade, na igreja e nas escolas. Como em Criciúma havia a presença de outras etnias também, como poloneses, alemães, portugueses e negros, para se comunicarem, inicialmente, os italianos usavam gestos, seguidos por vocábulos de suas línguas. “Na medida em que dominavam o português, ocorriam as interferências dessa língua com a italiana” (ARNS, 1985, p. 64). A pesquisadora relata que em alguns casos os descendentes das outras etnias, como os negros, por exemplo, acabavam por aprender italiano para se comunicarem melhor.

Outro fato interessante em relação à língua era que, mesmo dentro das comunidades italianas da época, existiam diferentes grupos, como os bergamascos e os trevisanos etc. “Cada comunidade étnica vivia, nos primeiros tempos, em isolamento quase completo. Uma das razões desse isolamento era o problema da língua” (ARNS, 1985, p. 72). Os italianos acreditavam, segundo a autora, que morar longe um dos outros era importante para se darem bem. Embora existisse o

isolamento físico, entre eles, quando se encontravam, cumprimentavam-se com “bom dia, boa tarde, boa noite”.

Já o cruzamento dos italianos com as outras etnias nem sempre era harmônico, como já comentado. Os problemas eram causados, muitas vezes, pela falta de compreensão mútua, gerado pela divergência de línguas (ARNS, 1985). A autora relata uma discussão ocorrida em Criciúma entre italianos e poloneses.

Em um dia de festa, alguns poloneses se embriagaram por não conhecerem os efeitos do álcool da cachaça (produzida pelos italianos). Em menor número, os poloneses acabaram presos, mas não havia cadeias! Um informante da pesquisadora relata que os italianos cortaram coqueiros e, após colocarem todos os poloneses deitados de barriga para cima, amarraram seus pés sobre os coqueiros um ao lado do outro (ARNS, 1985, p. 72). Essa situação é só um exemplo, mas nos mostra como ocorriam problemas em virtude da falta de compreensão entre os italianos e outras etnias.

Outra situação a ser destacada para a compreensão dos aspectos da italianidade de Criciúma é o casamento entre italianos e pessoas das outras etnias presentes na cidade. Antigamente (mas também, em alguns casos, hoje em dia), nem sempre os pais aceitavam ver o(a) filho(a) casar com alguém que não fosse descendente de italiano. Esse tema foi bastante recorrente nas entrevistas. Apresenta-se a seguir um trecho de uma entrevista realizada em Criciúma. Nessa entrevista, marido e mulher, ambos ítalo-brasileiros, foram entrevistados juntos. Na verdade, para a pesquisa, eu precisaria somente da entrevista do homem porque, naquele momento, faltava-me apenas um informante do sexo masculino, entretanto, como sua esposa fez questão de participar, aceitei sua colaboração. O trecho a seguir foi extraído da fala da esposa:

Luciana: Não importa ser italiano (para casar)? Mas antigamente tinha mais isso, né?

Mulher: Meu Deus, o meu pai era muito, muito racista. Meu pai dizia assim: “vocês não me casem com *baieco*^{118!}”

Luciana: Ele falava?

Mulher: Ele falava, com *baieco*.

Luciana (para homem): Na sua família também tinha isso, seus pais eram mais...

¹¹⁸ *Baieco* é como os “não italianos” são chamados pelos ítalo-brasileiros em Criciúma e região. Foi dedicada uma seção específica no capítulo de análise para observar as várias definições sobre o que é *baieco* para os ítalo-brasileiros. Como pode ser percebido nesse trecho, a palavra, geralmente, para os ítalo-brasileiros, não é vista de forma positiva (ver seção 5.2.1).

Homem: Não.

Mulher: **É, mas eles eram racistas também. Eles tinham contra os *baiecos*, nenhum na família.**

Luciana (para homem): Sorte que ela (aponto para sua esposa) era italiana, senão estava perdida!

(Risos)

Mulher: É... a minha irmã mais nova casou com um brasileiro, que até é de Gaspar, o sobrenome dele é..., **mas no começo, meu pai, meu Deus, era o fim da picada, namorar com esse *baieco***, mas deu certo, os dois se gostaram, casaram...

(Informante 06, Criciúma, masculino, idoso, zona rural).

Fica bem claro ao ler esse trecho que o pai da entrevistada era contra o casamento entre italianos e “não italianos”, os *baiecos* (ou, em alguns lugares, *badiecos*, cujo conceito será discutido na seção 5.2.1). O mais interessante do trecho parece ser o momento no qual o marido tenta dizer que na sua família não existia esse preconceito e sua esposa o corrige: “É, mas eles eram racistas também”.

A explicação para justificar o casamento somente entre italianos era a posse de terras. Dessa forma, segundo os entrevistados, o marido poderia proporcionar uma vida mais confortável para sua esposa. Como os italianos tinham muitas terras, o casamento ideal seria somente entre eles. Entretanto, no decorrer da entrevista, o entrevistado acaba confirmando que, na verdade, não importava se a pessoa possuísse terra, mas, sim, se era italiano.

Luciana: O que é diferente de casar com brasileiro e casar com italiano? Quais são as diferenças, que vocês ouviram falar, não que vocês pensem...

Entrevistado: A diferença é certa gente é do pobre e do rico, a diferença. Que vamos supor: igual a irmã dela, ela casou com um cara, meio pobre, então a diferença é essa aí...

Mulher: Ele não tinha capital. Oh, a coisa deles é que, como eu casasse com um que tivesse capital, não que fosse passar fome, aí eles queriam assim, por exemplo, que as filha namorassem com um rapaz que tivesse condições de ter uma casa, de ter umné, casar com um *baieco*...

Luciana: E os italianos tinham mais condições que os brasileiros?

Entrevistado: Sim, sim, sim.

Mulher: Porque eles eram donos de muitas terras, né.

Luciana: Por isso que eles preferiam os italianos então, pra dar uma condição melhor de vida?

Mulher: É. Uma condição melhor de vida porque eles diziam: “a minha filha casar com um *baieco* que não tem onde morar?”

Luciana: Ah era essa a preocupação...

Mulher: **Era a preocupação deles porque o *baieco*, coitado, ele veio trabalhar como agregado¹¹⁹, aí então ele não tinha dinheiro, não tinha nada pra dar, nem uma estrutura de vida para aquela filha deles.**

¹¹⁹ Agregados eram as pessoas que trabalhavam para os italianos, geralmente moravam no fundo das casas dos italianos, em casas mais simples. Não eram de descendência italiana.

Luciana: A preocupação era de pai com o sustento da filha, de ter onde morar...

Mulher: Uma época eu namorei com ele, e daí depois a gente se deixou, aí meu pai me cobrava assim: “tu vai lá querer quem?, vai querer um que não tenha nada pra te dar, e ele tem casa, tem tudo, tem terra!”

Luciana: Escolheu bem heim, Sr (nome do entrevistado)?

Mulher: Risos... A preocupação do velho... Risos

[...]

Luciana: Vocês acham que isso tem ainda hoje na geração mais nova, o pessoal mais novo ainda pensa assim? “Ah, esse é italiano, esse não é italiano”. Ou vocês acham que está mudando?

Mulher: **Alguns pensam.**

Luciana: Ainda pensam? O que o senhor acha?

Entrevistado: Pois agora, hoje, sei lá, hoje já está misturando tudo.

Luciana: Misturou né?

Entrevistado: É que antigamente também, era o seguinte, se casasse com um italiano, ou alemão ou com polaco, essas coisas ah... não era bem assim.

Luciana: Não era bom também?

Entrevistado: **Não, não era bom também... E podia ser alemão de dinheiro, ou polaco que tivesse capital e coisa, mas não funcionava...**

Mulher: Já era assim um preconceito.

Luciana: **Se fosse alemão ou polaco que tivesse terra, também não era bom?**

Mulher: **Porque não era da família dos italianos...**

(Informante 06, Criciúma, masculino, idoso, zona rural).

Outro ponto a ser observado nesse trecho é a afirmação da mulher em relação ao comportamento dos jovens e o casamento entre italianos. Para ela, ainda hoje existe esse preconceito (“Alguns pensam”). De fato, encontrei na zona rural uma mulher de 33 anos que me disse:

Luciana: Pois é, tu não casaria com um agregado?

Entrevistada: Não, não com agregado, **com brasileiro eu não casaria.**

Não casaria. Ah era o tempo assim, no meu tempo, meu Deus, há vinte anos, a gente ia pro salão dançar assim, porque eu era do mesmo tamanho das minhas amigas de quinze anos, mas só que eu tinha treze. Porque eu não tinha amigas minhas de treze anos, e a mãe dizia: não porque tu é muito nova... não sei o que. Só que nesse salão eu tinha uma cunhada, dois irmãos que trabalhavam de servir de segurança, nesse discoteca né, aí eu sei que o L., um dia, me levaram escondido da mãe.

Luciana: Tu era grande, fisicamente era uma moça.

Entrevistada: Eu era desse tamanho que eu sou, com treze anos eu tinha esse tamanho, [...] aí eu estava com as minhas amigas né, mas depois a mãe foi percebendo, aí ela dizia tu pode ir, mas não pode namorar, é muito nova, deixo ficar com tuas amigas, mas não pode namorar, ah mas daí eu já estava de olho no meu marido já né, estava meio que assim....

Luciana: Imagina! Novinha, linda...

Entrevistada: Eu namorei com ele muito nova, eu tinha treze anos, faltava uns quatro meses pra fazer quatorze, era muito nova mesmo né, se for hoje, minha filha, nem quero pensar!

Luciana: Quantos anos ela tem? (a filha da entrevistada estava perto)

Entrevistada: Já tem oito, pensa bem, só que daí tinha um carinho que eu achava ele muito bonitinho, que a gente se paquerava de olhar, mas era assim, se tu fosse dançar uma lenta já se comprometia, era lenta né, aí ele me convidou pra dançar. **Eu fiquei, não, não, mas....Eu não esqueço, é**

Oliveira!! Eu não eu ia dançar com um Oliveira?!! A paquera estava ótima, mas daí dancei, aí pedia pra ficar, aquela coisa toda, mas, não, não, mas por que não? Aí dizia ele assim: mas pra ser a mãe dos meus filhos, eu queria uma italiana, daí eu assim: nós temos o mesmo gosto, aí ele: Então vai dar certo. E eu: **Não, eu também quero um italiano.** (Risos) **Eu casar, porque aquele tempo era obrigatório botar o nome do marido, né, eu digo, eu botar Oliveira no meu nome, nunca! Não, Oliveira, Pereira, da Silva, (outros sobrenomes portugueses), nem pensar!**

Luciana: Nem pensar?

Entrevistada: Nem pensar.

(Informante 10, Criciúma, feminino, jovem, zona rural).

Percebe-se, portanto, que em alguns lugares da cidade de Criciúma ainda existe essa separação entre brasileiros e italianos no que se refere a casamentos, como nos demonstra explicitamente o trecho da entrevista.

Por outro lado, tanto a pesquisadora Otília Arns quanto eu encontramos muitos entrevistados que nos afirmam que os italianos não têm mais preconceito com pessoas de outra nacionalidade. Arns (1985, p. 72) diz: “os descendentes dos pioneiros italianos têm relacionamento normal com outras etnias, praticamente sem preconceitos de nacionalidade”. Na verdade, na minha opinião, não podemos generalizar nem para afirmar que não existe preconceito, nem para que existe.

O que posso afirmar com base nas 80 entrevistas que fiz e confirmar com a transcrição dos trechos anteriores é que, em alguns casos, ainda hoje, podemos encontrar ítalo-brasileiros, jovens e idosos, da zona rural e urbana, que demonstram atitudes linguísticas negativas em relação aos brasileiros¹²⁰.

Para continuar a contar a história de Criciúma, é necessário que se passe pela história do carvão de Santa Catarina. A cidade já recebeu, no passado, o título de “Capital do Carvão”.

O carvão foi descoberto em Lauro Muller (cidade vizinha) e, em seguida, explorado também no nosso território. Em 1917, com a construção da Estrada de Ferro Dona Theresa Christina, que ligava Imbituba-Tubarão a Araranguá, o distrito de Cresciúma experimentava grande desenvolvimento: carvão, riqueza, trabalho, estrada de ferro, minas e mineiros e, conseqüentemente, desenvolvimento e crescimento.

¹²⁰ Mais uma vez vale ressaltar que os exemplos dados demonstram atitudes em relação aos brasileiros (descendentes italianos que não aceitam o casamento com brasileiros) e não diretamente à língua. Entretanto, ao levar em consideração que as atitudes em relação aos usuários são muitas vezes confundidas com as atitudes em relação à língua (GROSJEAN, 1982), pode-se afirmar que no sul de Santa Catarina alguns ítalo-brasileiros apresentam atitudes linguísticas negativas em relação aos brasileiros e, conseqüentemente, ao português.

Também em virtude do carvão, atualmente, Criciúma é a maior cidade do sul catarinense (é esse o motivo pelo qual ela foi escolhida para esta pesquisa). A economia da cidade, hoje em dia, é baseada na indústria cerâmica¹²¹, setores metalúrgicos, plásticos e descartáveis, metal mecânica, confecções e química. Hoje sua população é de 192.308 habitantes (1,39% da zona rural e 98,61% da zona urbana), e sua área total é de 235,709 km² (IBGE, 2010).

Em relação aos seus aspectos de italianidade atuais, podemos destacar em Criciúma, por exemplo, a Festa das Etnias. A Festa das Etnias, ou, para os criciumenses, nossa eterna Quermesse¹²², conta com apresentações das etnias fundadoras da cidade, restaurantes e barraquinhas com lanches típicos dos países. Vale a pena destacar que o restaurante italiano tem recebido nos últimos anos mais visitantes que os restaurantes das outras etnias¹²³. Essa festa criciumense, apesar de muito bem vista pela comunidade, pouco resgata a cultura italiana na cidade. As apresentações italianas nela se resumem a apresentações de corais cantando músicas italianas (corais provenientes de cidades vizinhas) e algumas danças folclóricas (geralmente tarantelas que são provenientes do sul da Itália e, portanto, nada caracterizam os imigrantes vênnetos). A organização do restaurante italiano fica a cargo da Associação Ítalo Brasileira de Tradição e Cultura (AIBTC), que, por meio de muito trabalho voluntário dos seus sócios (em grande maioria pessoas mais velhas), organiza almoços, jantares e lanches na barraquinha italiana. A Festa das Etnias em Criciúma, assim como a Festa do Vinho em Urussanga, tem um caráter mais comercial e não de valorização de cultura do imigrante colonizador.

Essa mesma associação italiana – AIBTC – facilita o aprendizado da língua italiana em colaboração com três professores particulares de italiano que organizam aulas de língua e cultura na cidade. Atualmente, existem na AIBTC de Criciúma seis turmas de estudantes de italianos com, em média, dez alunos por sala.

Além da AIBTC, existe em Criciúma a Associação *Trevisana del Mondo*, fundada em 1991.

¹²¹ Maior produtor nacional e segundo maior produtor mundial (CRICIÚMA, 2015).

¹²² Essa festa começou em 1989 e era chamada de “Festa da Primavera” na Praça Nereu Ramos (principal praça da cidade). Em 1990, passou a ser chamada de “Quermesse de Tradição e Cultura”, quando era organizada pela Prefeitura Municipal de Criciúma e coordenada pela Casa da Cultura. Apesar da troca do nome para Festa das Etnias, muitos criciumenses, carinhosamente, ainda chamam a festa de “Quermesse”.

¹²³ Fonte: Associação Ítalo Brasileira de Tradição e Cultura (AIBTC), responsável pelo restaurante italiano na Festa das Etnias.

Para poder melhor caracterizar os pontos italianos da cidade, é oportuno apresentar aqui dados da pesquisa realizada por Otilia Arns e presentes em seu livro sobre a cidade: *Criciúma 1880 – 1980: a semente deu bons frutos*, de 1985. O objetivo da pesquisa foi “levantar a estrutura étnica da população do município de Criciúma, juntamente com algumas características socioeconômicas e culturais de cada grupo étnico” (ARNS, 1985, p. 149). Ela aplicou um questionário padronizado e teve 1951 informantes (pais de família; na falta do pai, foi entrevistada a mãe ou, ainda, o responsável pela família) em três diferentes áreas da cidade. Auxiliaram na realização da pesquisa 12 entrevistadores.

Apresentam-se os resultados de duas perguntas da pesquisa de Arns (1985) que podem ser relevantes para esta tese. A primeira foi sobre a filiação étnica dos entrevistados. Na tabela a seguir, os informantes são reportados de acordo com sua descendência:

TABELA 6 – POPULAÇÃO DA CIDADE DE CRICIÚMA E SUA FILIAÇÃO ÉTNICA

Filiação étnica	Percentual da população
Italiana	38,29%
Lusa	19,84%
Brasileira ¹²⁴	12,40%
Alemã	8,15%
Negra	3,13%
Italiana + alemã	2,61%
Italiana + lusa	2,15%
Italiana + brasileira	2,00%
Polonesa	1,84%
Lusa + Alemã	1,23%
Polonesa + Italiana	0,67%
Outras ¹²⁵	5,59%
Em branco	2,10%

FONTE: ARNS (1985 p. 150, GRIFO NOSSO)

¹²⁴ “Brasileiros = não tem noção de descendência lusa; talvez reminiscência de índios” ARNS (1985, p. 150). Para mim, entretanto, a noção do conceito de “brasileiro” citada durante toda a tese envolve: descendentes de portugueses e/ou reminiscentes indígenas e/ou afrodescendentes e/ou nascidos em território nacional. Percebi durante as entrevistas que para o ítalo-brasileiro do sul de Santa Catarina, *i brasiliani* eram todos que não fossem italianos, alemães ou poloneses (duas etnias bem presentes no sul do Estado, após a italiana). Na tese, tento definir quem é o *baieco* (seção 5.2.1), que, na verdade, para o ítalo-brasileiro, é o brasileiro. Vale ressaltar que os afrodescendentes, algumas vezes, são definidos como “*i neri*” ou “*de lori*” e não como “*brasiliani*”. Os índios, por sua vez, são denominados por alguns ítalo-brasileiros de “*bugres*”. Entretanto, optei por não diferenciar especificamente se o “brasileiro” citado pelo entrevistado para esta pesquisa era português, indígena, afrodescendente ou nascido no Brasil.

¹²⁵ Francesa, espanhola, árabe, holandesa, indígena, russa, boliviana e lituana. Perceba-se que, segundo Arns (1985), os índios estão incluídos em duas categorias: “brasileiros” e “outros”.

Percebe-se com essa tabela que em 1985 mais de um terço de toda a população da cidade era de descendência italiana. Dado que é o maior grupo, os italianos acabaram se miscigenando mais frequentemente com as outras etnias. Se somarmos o percentual daqueles que se definem como “italianos” e a quantidade das miscigenações de italianos com outras etnias, teremos um percentual de 45,72% de descendentes de italianos na cidade. Ou seja, podemos concluir que a presença dessa etnia em Criciúma é predominante em relação aos outros grupos étnicos que também muito contribuíram para o seu desenvolvimento.

A segunda pergunta da pesquisa de Arns (1985) que pode ser relevante para contextualizar Criciúma nesta tese é sobre as línguas estrangeiras aprendidas na infância dos entrevistados. A tabela a seguir reporta em percentuais o número de informantes que, em sua infância, aprenderam alguma língua estrangeira e ainda hoje a entendem:

TABELA 7 – LÍNGUAS ESTRANGEIRAS APRENDIDAS NA INFÂNCIA EM CRICIÚMA

Língua	Percentual de informantes que a aprendeu na infância
Italiana	25,94%
Alemã	4,93%
Polonesa	1,33%
Outra	7,43%
Nenhuma	56,58%
Em branco	3,79%

FONTE: ARNS (1985, p. 154)

O que mais chama atenção nessa tabela é que mais da metade da população da cidade (56,58%) não aprendeu ou não entende mais nenhuma língua estrangeira. Entretanto, entre as línguas estrangeiras aprendidas, o italiano está bem à frente do segundo colocado, o alemão, com 25,94%.

Os dados de Arns (1985), apesar de antigos, auxiliam o entendimento das proporções das etnias colonizadoras de Criciúma.

Destaca-se, ainda, como iniciativa de italianidade na cidade, o pouco conhecido e visitado Museu de Colonização Augusto Casagrande (antigo sobrado com arquitetura italiana do século XIX).

Assim como Urussanga, Criciúma também tem um programa italiano em uma rádio local chamado *Ritorno alle Origini*. O programa vai ao ar aos domingos das 11h ao meio-dia. O objetivo é divulgar a cultura italiana e as iniciativas locais

voltadas para a italianidade em Criciúma e região. Nos mesmos moldes do programa de Urussanga, os apresentadores falam um pouco em italiano padrão, um pouco em português e um pouco em dialeto. O resultado é uma mistura divertida regada por muitas músicas italianas de corais locais ou sucessos *del bel paese*.

Criciúma, assim como Urussanga e Siderópolis, organizou, em 2001, um *Gemellaggio*¹²⁶ (cidades-irmãs ou gemação de cidades) com a cidade vêneta de Vitória Vêneto. Da mesma forma que em Urussanga e em Siderópolis, muito pouco efetivamente foi feito para estreitar os laços econômicos e culturais entre as duas cidades. Em 2011, uma comitiva da cidade brasileira, juntamente com seu prefeito, foi até Vittorio Vêneto, na Itália, para comemorar os 10 anos do acordo. Eles foram recebidos pelo prefeito italiano (CRICIÚMA, 2011).

Para terminar essa análise sobre os aspectos da italianidade da cidade de Criciúma, apresentam-se trechos de entrevistas realizadas por mim que demonstram que os ítalo-brasileiros de Criciúma parecem não perceberem os seus próprios traços de italianidade na cidade. Talvez em virtude de ser uma cidade maior, comparada às outras desta pesquisa, as iniciativas italianizadas da cidade pareçam ser menores e/ou menos aparentes. No trecho a seguir, a entrevistada afirma que talvez em Criciúma não fosse necessário introduzir o ensino da língua italiana nas escolas. Para ela, o ensino de italiano nas escolas poderia acontecer “em alguns lugares específicos, os que têm um povo mais italiano”. Ou seja, parece que os ítalo-brasileiros de Criciúma já não se percebem como “povo italiano”, sobretudo se comparados aos ítalo-brasileiros das cidades vizinhas e menores, nas quais as tradições ligadas aos aspectos italianos ainda estão mais presentes na comunidade. Vejamos a entrevista:

Luciana: Tu acha que a língua italiana está aumentando ou diminuindo aqui em Criciúma?

Entrevistada: Está diminuindo.

Luciana: Por quê?

Entrevistada: Ah, eu acho, que a gente não tem o costume assim de...porque na escola a gente não aprende, né?

Luciana: Porque não tem italiano nas escolas, né.

Entrevistada: Na escola não tem, as pessoas quando vão procurar aprender uma língua, antes de aprender o italiano, vão aprender o inglês ou o espanhol, né, então eu acredito que vai diminuindo, né, porque não

¹²⁶ Como já dito, *Gemellaggio* é um acordo entre cidades de nações diferentes com o objetivo de facilitar o acesso a informações, trocar experiências, organizar projetos e cooperar econômica e culturalmente, ou seja, é uma troca política, cultural e econômica entre duas cidades que possuem alguma coisa em comum.

adianta eu escutar minha avó falando algumas expressões se eu não tiver o interesse de aprender.

Luciana: Claro. Não tem na escola, mas tu acha que deveria ter?

Entrevistada: Então, até ontem nós estávamos discutindo sobre isso, eu acredito, a gente chegou a uma conclusão que assim oh: aqui no Brasil, no geral, teriam outras línguas pra aprender antes do italiano, né, pelo fato de ser só um país falando a língua, **agora em algumas comunidades, alguns lugares específicos sim, os que tem um povo mais italiano, que tem um interesse, né, até de ir pra lá depois, e fazer uma vida lá, eu acho que seria interessante. Seria muito interessante ter sim.**

Luciana: Tu acha interessante.

Entrevistada: **E agora, tem uns lugares pra cá, né? Ali tem o Caravagio (pertence a Nova Veneza), tem Treviso (município vizinho a Siderópolis), onde meu tio tem sítio também Pedras Grandes, Azambuja, ali..**

Luciana: Tá, achas que seria interessante somente...

Entrevistada: **Ali seria.**

(Informante 11, Criciúma, feminino, jovem, zona urbana).

A mesma entrevista, em outro momento da conversa, reforça essa ideia de não pertencimento à comunidade e às iniciativas italianizadas:

Luciana: Mas tu já ouviu, assim, não sei, a família, o teu tio, a tua vó falando italiano?

Entrevistada: Olha, alguma coisa eles falam, assim, né? No meio do português...

Luciana: Enfiam umas palavras?

Entrevistada: É! Às vezes a gente até olha assim e ri, não entende direito. Mas a vó principalmente, às vezes, ela tem umas expressões em italiano que ela... que ainda se usa aqui né.

Luciana: Ah, ela ainda fala?

Entrevistada: De vez em quando ela solta umas expressões, assim...

Luciana: Tá, e tu gosta ou tu acha meio...ou meio mala?

Entrevistada: **Eu acho assim...eu acho bem interessante... não, não... Acho que tem que preservar, mesmo porque se ela não preservar, quem que vai preservar... eu?? Eu estou mais longe da raiz, né? Ela está mais perto. Então, ela preservando vai passando isso pra gente, né?**

(Informante 11, Criciúma, feminino, jovem, zona urbana).

Ao ler o trecho, percebe-se que a informante percebe o jeito italiano com que a avó usa para falar (“ela tem umas expressões em italiano”), percebe que também a comunidade na qual ela vive fala do mesmo jeito (“que ainda se usa aqui né”) e diz se importar com esse panorama (“eu acho bem interessante”). Entretanto, apesar da descendência e do meio no qual vive, ela não se percebe como parte integrante desse grupo (quem que vai preservar... eu??). Ou seja, fica bem claro, em ambos os trechos das entrevistas dessa informante, a falta de identificação de ítalo-brasileiros, sobretudo jovens, em Criciúma com as comunidades italianas da cidade.

Outro entrevistado, talvez tenha dado uma justificativa que resuma bem o que pode estar acontecendo em Criciúma em relação a esse sentimento de não pertencimento ao grupo de ítalo-brasileiros. Ele explica a situação ao analisar o motivo pelo qual a língua italiana está diminuindo na cidade¹²⁷:

Luciana: Falando em italiano aqui em Criciúma, tu acha que a língua italiana aqui está aumentando ou diminuindo aqui, o uso do italiano, do dialeto?

Entrevistado: Eu acho que está diminuindo.

Luciana: Por que cada vez menos se vê pessoas falando?

Entrevistado: **Eu acho que é a modernidade, a modernidade nos tira do contato pessoal e o contato pessoal, a beleza da língua italiana, que é essa sonoridade, essa melodia e o envolvimento de todo o corpo na linguagem, isto tu não vai ver através de e-mail e etc... Então isto está acabando com a língua.**

(Informante 07, Criciúma, masculino, idoso, zona urbana).

Talvez por Criciúma ser a maior das cinco cidades envolvidas na pesquisa, pela sua “modernidade”, para usar as palavras do informante 07, a língua italiana e a percepção das pessoas de serem ítalo-brasileiros esteja diminuindo. Essa circunstância e o fato de historicamente ter sido colonizada por outras etnias proporcionaram a manifestação de menos atitudes linguísticas positivas em Criciúma, mas será feita uma análise mais profunda disso no capítulo 5 desta pesquisa.

A próxima seção será sobre os aspectos da italianidade da cidade de Nova Veneza.

3.3.4 Nova Veneza: fundação e aspectos da sua italianidade

A história da fundação de Nova Veneza e Siderópolis tem muito a ver com a Lei Glicério de 28 de julho de 1890¹²⁸ (já citada e discutida na seção 3.3. *A imigração para o Brasil e para o sul de Santa Catarina*).

Aproveitando-se das facilidades previstas por essa lei, a empresa norte-americana Angelo Fiorita & Cia firmou um contrato com o governo da União em 22

¹²⁷ Vale ressaltar que a grande maioria dos entrevistados das cinco cidades acha que a língua italiana está diminuindo na cidade. Essa entrevista foi destacada neste momento, não pela resposta negativa à pergunta, mas sim pela justificativa dada para embasar sua resposta negativa.

¹²⁸ Para uma revisão histórica da fundação da cidade, ver Bortolotto (1992).

de outubro de 1890. A companhia se comprometia a fundar 20 povoações agrícolas e a introduzir um milhão de imigrantes da Europa nos estados de Santa Catarina, Rio Grande do Sul, São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo e Bahia. Em dezembro de 1890 (somente dois meses depois), já estava em Santa Catarina o representante da empresa Angelo Fiorita & Cia, um siciliano chamado Miguel Napoli, que foi nomeado diretor desse empreendimento. O italiano deveria escolher terrenos devolutos com o objetivo de implantar a Colônia de Nova Veneza (BORTOLOTTI, 1992, p. 17).

Em janeiro de 1891, o empregado da companhia Angelo Fiorita, Miguel Napoli, já enviava telegramas a sua empresa avisando que os trabalhos de assentamento da colônia já haviam iniciado. O pesquisador, natural de Nova Veneza, Zulmar H. Bortolotto, afirma que Nova Veneza começou a existir, portanto, em janeiro de 1891 “[...] com os trabalhos de medição de lotes, abertura de estradas e construção de galpões e casas. Ainda não havia chegado nenhum imigrante, mas a colônia já estava sendo desenhada” (1992, p. 17).

Um fato relevante para a história da cidade é que em 16 de junho de 1891 a Companhia Angelo Fiorita & Cia concedeu todos os seus direitos e obrigações, de acordo com o contrato com a União, à Companhia Metropolitana. A partir dessa data, portanto, é a Companhia Metropolitana, e não mais a Companhia Angelo Fiorita, a responsável pela colonização de Nova Veneza. Vale ressaltar que a Companhia Metropolitana manteve todos os funcionários e cargos da companhia anterior, inclusive o diretor da Colônia, o siciliano Miguel Napoli.

A data da comemoração oficial da colônia de Nova Veneza é 28 de outubro de 1891. Entretanto, Bortolotto (1992) afirma que os primeiros imigrantes teriam chegado bem antes de outubro. Na verdade, segundo ele, eles teriam chegado já em junho de 1891, mas foi em outubro que ocorreu a maior leva de imigração para a cidade (2.100 imigrantes de uma vez só). Além disso, foi a partir de outubro que os jornais começaram a divulgar a chegada desses imigrantes na cidade. Esses são, portanto, segundo o autor, os fatores que levam outubro a ser considerado o mês oficial da fundação da cidade.

O relato de um dos meus entrevistados serve para descrever como era Nova Veneza na época da fundação. Na verdade, quando ele nasceu, a cidade tinha sido fundada há 53 anos. Esse informante cita alguns fatos históricos já discutidos nesse trabalho, como, por exemplo: a crise na Itália, as demissões das fábricas e a

proveniência dos italianos que vieram para o sul de Santa Catarina. Além disso, o entrevistado nos apresenta Nova Veneza pouco depois da sua fundação. Ele conta como os imigrantes encontraram a cidade, fala sobre a língua que falavam, o trabalho que faziam e como conseguiram sobreviver:

Entrevistado: Então, eu nasci e convivi junto com os velhos, eu conheci Caravaggio¹²⁹ com dez famílias.

Luciana: Hum, como era aqui? Essas dez famílias tudo falando italiano?

Entrevistado: *Sì, sì, erano tutti dall'Italia.* (Sim, sim eram todos da Itália).

Luciana: *Tutti parlavano l'italiano?* (Todos falavam italiano?)

Entrevistado: **Tutti, tutti venuti dall'Italia..** (Todos, todos vieram da Itália...)

Luciana: *Quà a Caravaggio c'erano più milanesi o più bergamaschi?* (Aqui em Caravaggio havia mais milaneses ou bergamascos?)

Entrevistado: Aquele era mais ou menos de família... **mais ou menos repartido**, tinha três, quatro famílias de Bérghamo e tinha quatro, cinco família de ...(Milano) que era do *nonno*, o meu *nonno*, que era o pai do meu pai, quando ele veio da Itália ele tinha família, ele veio com seis: três homens e três mulheres.

Luciana: Aí vieram tudo morar aqui?

Entrevistado: Vieram aqui morar?! Jogaram aqui no mato!

Luciana: E trabalharam duro aqui pra construir as coisas?

Entrevistado: Ahm o meu avô, quando chegou aqui ele já chegou morto, porque **na Itália ele já trabalhava em fábrica de tecido** né, lá tinha. E quando começaram... **mandaram ele embora como manda um bicho.** Tinha que **vir aqui pra fazer Veneza**, ele dizia. **Fazer Veneza, aqui era tudo mato, soltaram ele aqui.**

Luciana: E ele trabalhou com o que aqui, daí?

Entrevistado: Ele não parava aqui, ele ia em Porto Alegre¹³⁰ a pé, trabalhar em fábrica de tecido, ficava lá dois ou três meses, e a família deixaram ele ir... Ele morava naquela baixada ali, a primeiro casa era a nossa. (Entrevistado 23, Nova Veneza, idoso, zona urbana).

Vale ressaltar que eu me confundo ao fazer a pergunta (*E ele trabalhou com o que aqui, daí?*). Na verdade, quando o entrevistado começa a responder e conta sobre o homem que ia a Porto Alegre a pé, ele está falando do seu pai, e não do seu avô, como dá a entender com a minha pergunta. O avô, após ser demitido de uma fábrica de tecido na Itália, provavelmente em virtude da entrada do modo capitalista de produção, como já visto na primeira seção deste capítulo, migrou para o Brasil. Entretanto, não conseguiu finalizar a viagem e faleceu antes da chegada ao Brasil. Seu pai, ao chegar em Nova Veneza, tinha a intenção de retomar a vida e “fazer Veneza”, ou seja, construir a cidade. Isso demonstra a intenção dos italianos que aqui chegaram: seus objetivos eram de reconstruir a vida por aqui. Outra informação

¹²⁹ Distrito de Nova Veneza atualmente. “Nossa Senhora do Caravaggio [...] começou a existir em 1891, juntamente com a colônia Nova Veneza” (BORTOLOTTI, 1992, p. 219).

¹³⁰ Porto Alegre fica a 292 km de distância de Nova Veneza.

relevante da entrevista é a proveniência dos italianos de Nova Veneza, segundo o informante, bergamascos e milaneses.

Ainda em relação à colônia de Nova Veneza e a história da sua fundação, vale dizer que Miguel Napoli, diretor do local, preocupou-se desde o início com a construção de estradas para interligar a nova colônia com as outras cidades vizinhas. Algumas estradas foram construídas, entre elas, a estrada da serra do São Bento, que é, na verdade, “um caminho aberto na mata, [...] foi construída para ligar a Colônia de Nova Veneza ao alto da serra, na região de Bom Jardim, São Joaquim e Lages” (BORTOLOTTI, 1992, p. 47). Segundo o autor, só era possível transitar pela estrada a pé ou a cavalo; era impossível passar até mesmo com carros de boi devido a sua precariedade e aos aclives do terreno. Mas, embora em péssimo estado¹³¹, a estrada serviu para o transporte de mercadorias entre o litoral e o planalto.

A abertura dessa estrada foi relevante também no aspecto linguístico para a cidade. Nessa época, os colonos italianos tiveram que aprender, ou aprimorar, seu português para conseguir vender seus produtos coloniais aos serranos. Um dos entrevistados com 88 anos lembra que foi graças a essa estrada que ele precisou aprender a falar português para poder negociar com os serranos:

Luciana: *Quanti fratelli!* (Quantos irmãos!)

Entrevistado: *Tri nati in Italia e tri nati in Brasile*¹³². (Três nasceram na Itália e três no Brasil).

Luciana: *E tutta questa gente parlava in dialetto?* (E todos falavam dialeto?)

Entrevistado: ***Tutti e parleva anche in brasilian perchè dopo con la strada della serra tocca a parle in brasilian per i serrani, ghe era il trafico di serran. (Todos e falavam brasileiro também...com a estrada da serra tivemos que aprender a falar brasileiro com os serranos, tinha tráfego de serranos)***

Luciana: *Ah! Capito, quindi voi avete imparato il portoghese quando sono arrivati i serrani?* (Ah! Entendi, então vocês aprenderam português quando chegaram os serranos?)

Entrevistado: ***L'era obrigati, perchè c'era molta gente che negozziava, veniva tutto di là dalla strada...i prodotti... (Éramos obrigados, muitos eram negociantes, tudo vinha da estrada, os produtos).***

(Entrevistado 22, Nova Veneza, masculino, zona rural).

¹³¹ O autor do livro *História de Nova Veneza*, Zulmar Bortolotto, afirma que a precariedade das estradas de Nova Veneza sempre foi um fator preocupante; para ele, as estradas foram o maior obstáculo no impedimento do desenvolvimento da cidade. Os colonos italianos, cansados de falsas promessas, foram os responsáveis pela abertura e pela conservação delas na cidade durante décadas, e o fizeram às próprias custas.

¹³² A entrevista foi transcrita por mim, mas por não saber nenhum dialeto posso ter transcrito algo desconhecido para os falantes dessa língua. Durante essa entrevista, eu falei a maior parte do tempo em italiano padrão e o entrevistado, a maior parte do tempo em seu dialeto. Não houve grandes problemas de compreensão entre nós, apesar de eu não ter entendido 100% da sua fala.

Com a fala do entrevistado, ficou claro que a situação linguística da cidade foi mudando com o contato com outras culturas.

Atualmente, Nova Veneza é uma cidade com 13.309 habitantes (IBGE, 2010), a maior parte da população mora na zona urbana (67,07%); na zona rural, por sua vez, encontra-se 32,93% da população. A economia da cidade é baseada na agricultura, agroindústria, indústria metal mecânica, têxtil e turismo gastronômico e cultural (NOVA VENEZA, 2015b).

Segundo o site da prefeitura, a cidade é “um cantinho da Itália no Brasil”. Eles afirmam que:

Com mais de um século de fundação, a herança dos antepassados ainda sobrevive nos costumes e tradições. De modo especial, Nova Veneza **mantém viva a sua italianidade**, na gastronomia, nas canções, no folclore e **no dialeto falado por muitos habitantes, considerado como uma segunda língua da cidade** (NOVA VENEZA, 2015b, grifo nosso).

De fato, a cidade mantém viva a italianidade através de muitos aspectos, começando pela Festa da Gastronomia Italiana, que acontece anualmente no mês de junho (comemoração da emancipação e da colonização da cidade). Em 2015, a festa completará sua 11ª edição.

Segundo o site da prefeitura (NOVA VENEZA, 2015b), a cidade foi intitulada como a “Capital Catarinense da Gastronomia Típica Italiana”. Durante a festa, as atrações são: shows, concursos musicais, desfiles e comida italiana. O famoso *Carnevale di Veneza* é um baile que acontece durante a Festa da Gastronomia e que reproduz o carnaval da cidade de Veneza na Itália. A festa começa com um desfile pelas ruas da cidade e depois continua na Praça da Chaminé. Algumas das máscaras e dos trajes usados no baile são provenientes da Itália, mas a maior parte já é confeccionada na cidade mesmo.

A animação musical da festa é garantida pelo grupo de música *Roba da chiodi*¹³³, que traduz marchinhas de carnaval brasileiras em língua italiana e, além disso, canta músicas tradicionais italianas e conhecidas entre os ítalo-brasileiros em ritmos de samba, *rock* etc. O grupo é formado por vários cantores e músicos; todos se apresentam mascarados e com trajes típicos venezianos.

¹³³ A expressão *roba da chiodi* em italiano padrão significa “coisa de péssima qualidade”.

A cidade possui também um grupo de dança chamado Grupo Folclórico Ítalo-Brasileiro Nova Veneza. Suas apresentações na Festa da Gastronomia Italiana são sempre muito aguardadas pelos convidados em virtude da beleza e originalidade das danças apresentadas. Os dançarinos, vestidos a caráter, usam máscaras e roupas de época. O objetivo do Grupo Folclórico é “divulgar os usos, costumes e tradições dos imigrantes italianos que fundaram Nova Veneza, marcando fortemente a história de seu povo com suas raízes (GRUPO FOLCLÓRICO ÍTALO-BRASILEIRO, 2015)”. O grupo foi fundado em 21 de fevereiro de 1991 em comemoração ao centenário de Nova Veneza. Hoje, segundo a página do grupo no *Facebook*, eles mantêm 100 dançarinos, uma coreógrafa, uma ensaiadora e uma diretoria. Estão divididos em cinco categorias: infantil, infanto-júnior, sênior, adulto e terceira idade. O grupo está registrado como entidade filantrópica sem fins lucrativos e afirma se manter através de doações da prefeitura, empresários e da comunidade. Eles participam de festas em todo o Estado e já ganharam diversos concursos, com destaque para o 1º lugar no Festival de Dança de Joinville 2010, 2011 e 2013 na categoria Danças Populares – Conjunto Avançado.

Essa iniciativa da Festa da Gastronomia, apesar de muito bem organizada e produzida, remete a uma Itália glamorosa com máscaras e brilhos. Vale lembrar que os imigrantes que fundaram Nova Veneza e o sul de Santa Catarina são provenientes de uma Itália recém-formada que beirava à miséria. Apesar de ser uma festa importante para a cidade, é interessante ter presente que o carnaval luxuoso de forma alguma representa esse imigrante.

Entre os entrevistados jovens, a festa divide opiniões no que se refere a se sentirem mais italianos. Uma entrevistada da zona urbana¹³⁴, local onde ocorre a festa, afirmou que a festa envolve a cidade. Na sua opinião, esse evento colabora para aumentar, até mesmo, a difusão da língua italiana falada na cidade:

Entrevistada: Porque tem a festa da Gastronomia, todo mundo se envolve de uma maneira.

Luciana: Conta um pouco da festa da gastronomia, é uma festa que acontece em junho, né?

Entrevistada: Sim.

Luciana: Como é a festa?

Entrevistada: Ah, tem muita música, vinho, macarrão, polenta (risos).

Luciana: Tu trabalha na festa?

¹³⁴ Havia, no momento da entrevista, uma amiga da informante na sua casa; ela comentou algumas respostas da informante. Por ela ser de Nova Veneza, apresento também seus comentários neste trecho.

Entrevistada: Não. Eu não, mas eu já trabalhei com o pai um ano.

Luciana: O teu pai trabalha?

Entrevistada: Sim, eles fazem barraca: uma tenda do coral, uma tenda é do outro coral, uma tenda é do outro grupo.

Amiga da entrevistada: Em um carnaval eu ajudei, tipo, no começo, tinha que fazer as máscaras, então houve uma pesquisa, houve uma reunião de pegar isso e trazer para cá, então, foi justamente no carnaval de Veneza, as pessoas gostam de uma coisa diferente.

Luciana: A festa então é um momento bem marcante aqui da descendência italiana na região?

Entrevistada e amiga: Sim.

(...)

Luciana: E o italiano aqui na Veneza está aumentando ou diminuindo?

Entrevistada: **Eu acho que com essa festa da gastronomia está aumentando, envolve mais, tem mais interesse.**

(Informante 27, Nova Veneza, jovem, feminino, zona urbana).

Para a informante 27, portanto, o envolvimento com a festa ajuda a realçar a italianidade. Por outro lado, outro jovem da cidade, mas habitante da zona rural, disse o contrário:

Luciana: Tá. E tu sendo italiano, com sobrenome de pai e de mãe, me contando essas coisas, tu te sente mais, aqui dentro (aponto para o coração), tu sente mais italiano ou mais brasileiro?

Entrevistado: Ha sei lá, é que, assim, tipo, eu sou novo ainda né, mas eu sempre convivi com os italianos, agora eu comecei a trabalhar fora, estou conhecendo outro pessoal, tipo, que nasceu fora da raça, no caso, italiana, mas sei lá.

Luciana: Tu te sente como?

Entrevistado: Meio a meio.

Luciana: 50 a 50?

Entrevistado: É, 50 a 50.

Luciana: Quando é que tu sente mais brasileiro? Quando tu tá lá falando com os teus amigos?

Entrevistado: É, quando estou falando com o pessoal, aí quando o cara tá falando com o pessoal daqui, no caso, me sinto (italiano).

Luciana: **A festa, a festa da gastronomia ali, que tem ali na Veneza, tu acha que essa festa te ajuda a te sentir mais italiano ou nada a ver?**

Entrevistado: Não. Quando?

Luciana: **Quando tu tá lá no meio da festa, tu te sente mais italiano ou não? Não muda nada?**

Entrevistado: Não, eu acho que não muda nada.

Luciana: Tá, isso aí não quer dizer.

Entrevistado: Não, isso aí não.

(Informante 18, Nova Veneza, masculino, jovem, zona rural).

Essa diferença de sentimento entre os dois jovens em relação à festa talvez seja porque ela acontece no centro da cidade. Dessa forma, os habitantes da zona rural, como é o caso do informante 18, não assistem e não participam tanto dos preparativos; conseqüentemente, não se sentem parte da festa.

Outro motivo pelo qual a prefeitura afirma que a cidade é a “Capital Catarinense da Gastronomia Típica Italiana” é o grande número de restaurantes italianos presentes na cidade (atualmente, são aproximadamente oito, sem contar os outros restaurantes que servem outro tipo de comida que não seja a italiana, por exemplo: confeitarias, hamburguerias etc.).

É interessante ressaltar que, mesmo os restaurantes “não italianos”, como, por exemplo, a hamburgueria (com o nome comercial de *La Burgheria*) fazem alusão à elementos italianos¹³⁵. Nesse estabelecimento, os hambúrgueres são chamados por nomes de cidades italianas como Hambúrguer Milano, Hambúrguer Venezia etc. Percebe-se, com isso, que ligar elementos italianos à gastronomia – mesmo que ela seja de origem americana – é bem-visto na cidade. Ou seja, existe uma visão positiva seja pelos comerciantes que colocam esses nomes italianos em pratos originários de outros países, seja pelos próprios consumidores finais que aceitam e consomem os produtos.

Em Nova Veneza, existem também grupos de artistas e corais italianos. Destacamos os corais: Os Peregrinos da Montanha, Grupo Musical *Eco di Venessia*, Pequenos Peregrinos, Coro do Santuário de Caravaggio de Nova Veneza e Coral de São Marcos. Todos esses grupos cantam músicas em língua italiana e/ou dialeto em festas, missas e apresentações culturais não só no estado de Santa Catarina como também em outros estados. Alguns grupos já possuem CDs lançados.

Um dos pontos fundamentais para a manutenção dos aspectos da italianidade na cidade é a introdução da língua italiana na grade curricular das escolas municipais.

Segundo as funcionárias da Secretaria da Educação de Nova Veneza¹³⁶, em 1996, em forma de convênio com o ente gestor *Centro di Cultura Italiana PR/SC*, iniciou-se um projeto piloto de aulas de italiano na terceira e quarta série (4º e 5º ano do ensino fundamental hoje, crianças com 9 e 10 anos respectivamente).

Em 2002, a prefeitura já tinha intenção de introduzir gradativamente em toda a grade curricular do ensino fundamental a língua italiana. Ainda em 2012, segundo

¹³⁵ Vale destacar que, nesse caso específico da hamburgueria, os proprietários trabalharam na Itália por um período, arrecadaram dinheiro e voltaram para investir na sua cidade. É mais um exemplo de ítalo-brasileiro que, através da dupla-cidadania, conseguiu uma oportunidade de trabalho no exterior.

¹³⁶ Entrevista realizada por mim em 23/04/2015 com duas funcionárias dentro da Secretaria de Educação, na Prefeitura da cidade.

as funcionárias, foram iniciadas as aulas nos primeiros anos do ensino fundamental (1º e 2º ano fundamental, crianças com 6 e 7 anos, respectivamente).

A introdução do italiano em toda a grade foi “inerente à situação” na cidade, segundo as funcionárias da Secretaria de Educação. Com o crescimento das iniciativas italianas em Nova Veneza, era necessário o embasamento da língua para que as tradições italianas pudessem ser continuadas pelas crianças.

Portanto, atualmente, a língua italiana está presente em todos os anos do ensino fundamental (1º ao 9º ano, crianças de 6 a 14 anos). Dessa forma, o número total de alunos que estudam italiano na cidade de Nova Veneza é de 849, assim divididos: 108 alunos no 1º ano, 124 no 2º, 113 alunos no 3º, 110 no 4º, 104 no 5º, 62 alunos no 6º, 94 no 7º, 63 no 8º e 71 no 9º ano.

Estão envolvidas 14 escolas¹³⁷ e três professoras de língua italiana: duas efetivas e com formação em Letras Italiano e uma com contrato temporário (ACT).

Ainda hoje a prefeitura possui o acordo com o ente gestor *Centro di Cultura Italiana PR/SC*. As professoras são pagas pelo poder municipal e o ente gestor se encarrega da formação continuada.

As aulas de italiano da cidade parecem, segundo uma das entrevistadas, estarem alcançando a realidade dos alunos. Conforme a entrevista transcrita a seguir, para a informante 26, a disciplina era considerada “fácil, porque todo mundo já sabia um pouquinho de casa”. Ou seja, parece que os tópicos apresentados nas aulas de italiano fazem parte do dia a dia dos estudantes ítalo-brasileiros e não são apenas pontos gramaticais desconectados da realidade da língua na região de colonização italiana.

Nesse sentido, teorias de ensino de língua estrangeira, como de Skehan (1998), apontam que a familiaridade do tópico¹³⁸ associada à realidade do aluno está ligada a uma maior eficácia na aquisição/aprendizagem¹³⁹ da língua.

¹³⁷ São elas: E. B. M. Bairro Bortolotto, E. B. M. Libero Ugioni, E.M. Terezinha P. Spillere, E.M. Caravaggio, E. M. Vitor Savi, E. M. Ítalo Amboni, E. M. Augusto Mondardo, E. M. Vila Maria, C. E. Pingo de Gente, C. E. Bairro Bortolotto, C. E. Pequeno Príncipe, C. E. Chapeuzinho Vermelho, C. E. Ciranda Feliz e C. E. Tio Patinhas.

¹³⁸ Segundo Skehan (1998), a familiaridade do tópico (pertencente à familiaridade cognitiva) refere-se ao conhecimento pré-existente e previamente organizado. Isso quer dizer que quando o aprendiz está familiarizado com o assunto a ser tratado na atividade, o seu esforço cognitivo é menor, dada a relativa facilidade de processamento do assunto já conhecido. Dentre os benefícios da familiaridade com o tópico, o autor cita a maior liberação de atenção para a forma gramatical.

¹³⁹ Para esta pesquisa, os dois conceitos serão utilizados como sinônimos.

O trecho da conversa a seguir mostra exatamente isso, ou seja, como uma maior familiaridade com a língua italiana está ligada a uma menor complexidade da disciplina:

Luciana: Tu estudou italiano na escola, então, um ano e pouco?

Entrevistada: Sim. Eu acho que foi um ano, eu estava na quinta série, mais ou menos, foi pouco tempo.

Luciana: E era bom aprender?

Entrevistada: Eu achava bom, todo mundo já sabia né um pouquinho de casa, lá era uma matéria fácil, todo mundo já sabia.

(Informante 26, Nova Veneza, feminino, jovem, zona rural).

Outro ponto a ser destacado na cidade são os chamados “pactos de amizade” (*patti di amicizia*)¹⁴⁰ com cidades italianas. Em 2003, foi assinado um com Malo (província di Vicenza) e em 2014 com Conegliano (Província de Treviso), ambas na região do Vêneto.

Desse último, feito com Conegliano, existem perspectivas de abertura de cursos de gastronomia profissional. Entretanto, por enquanto, são apenas propostas. De fato, também em Nova Veneza os acordos com cidades italianas ficaram mais em nível político, sem alcançar a população com iniciativas concretas.

Existem na cidade muitas associações italianas. Destacamos: *Trevisani nel Mondo* (a mais antiga, fundada em 1994), *Bellunesi nel Mondo* (de 2009), *Circolo Vicentino* de Nova Veneza (de 2002), *Veronesi nel Mondo* (2002) e o Núcleo Bergamasco (fundado no final da década de 1990).

Essas associações são formadas por famílias de descendentes das respectivas cidades italianas, mas estão abertas também aos simpatizantes de qualquer outra etnia que gostem dos costumes desses grupos. Eles se encontram geralmente uma vez por mês, promovem pequenas festas e participam com barraquinhas na Festa da Gastronomia Italiana. Outra iniciativa é a apresentação de uma candidata por associação para participar da escolha da corte na Festa das Etnias.

Destaca-se como pontos da arquitetura italiana em Nova Veneza: 1) o pórtico de entrada da cidade (construído com pedra de basalto, pedra utilizada pelos imigrantes nas primeiras edificações na cidade, e a presença do leão de São Marcos

¹⁴⁰ O pacto de amizade (*patto di amicizia*), assim como o *Gemellaggio*, objetiva um acordo de colaboração e cooperação mútua entre duas cidades. O acordo pode focar aspectos econômicos, sociais ou culturais envolvendo as cidades.

no monumento – o leão foi presente da Região do Vêneto (Itália) para a cidade catarinense); 2) a Igreja Matriz São Marcos, o Santuário Nossa Senhora do Caravaggio e a Praça Humberto Bortolozzi com o *Palazzo delle acque* (espaço cultural na praça onde são realizadas diversas festas e apresentações culturais – algumas curiosidades sobre o local: o palco do espaço mede 85 m², o estilo da edificação é gótico e o prédio é circundado por um espelho d’água que mantém uma profundidade de 40 centímetros e 2,5 metros de largura. Uma iluminação submersa e externa reflete efeitos de água nas colunas); 3) o Museu do Imigrante Cônego Miguel Giacca inaugurado em 1991; 4) as casas de pedras tombadas pelo Patrimônio Histórico Nacional e Patrimônio Histórico Arquitetônico do Estado de Santa Catarina, construídas no final do século XIX e restauradas em 2002; 5) as vinícolas espalhadas pelo Vale da Uva Goethe.

Outra grande atração italiana da cidade é a gôndola¹⁴¹, original da cidade de Veneza, Itália. A embarcação foi doada pela província de Veneza, na Itália, em 2006, para Nova Veneza-SC. A gôndola foi colocada em um pequeno lago artificial na principal praça da cidade (Humberto Bortolozzi). Os visitantes podem entrar nela e tirar uma foto com o funcionário vestido de *gondoliere*¹⁴², que fica ao lado da embarcação. Quando chegou ao Brasil, a gôndola desfilou em um caminhão por diversas cidades até chegar a Nova Veneza.¹⁴³

Segundo alguns moradores da cidade, o centenário da cidade de Nova Veneza, em 1991, impulsionou a retomada pelos sentimentos de italianidade na cidade. Na ocasião, o Cônego Amílcar Gabriel foi designado presidente da comissão dos festejos dos 100 anos de imigração italiana. A escolha do padre Amílcar para presidente contribuiu para a união de todos os ítalo-brasileiros por não ser uma figura política. Sua imparcialidade política e seu prestígio religioso mobilizaram a movimentação da cidade para a comemoração do seu centenário. Só para citar um exemplo concreto, na ocasião, o padre promoveu uma gincana para arrecadar fotos antigas de Nova Veneza. O resultado da gincana proporcionou a abertura do Museu do Imigrante. Enfim, o centenário na cidade, assim como em todas as outras quatro

¹⁴¹ Gôndolas são embarcações típicas da cidade de Veneza, na Itália. Existem apenas quatro delas fora da Itália.

¹⁴² *Gondolieri*, em Veneza, na Itália, são as pessoas que pilotam a gôndola. São reconhecidos por usarem uma camiseta listrada e chapéu de palha.

¹⁴³ Para assistir a um trecho do documentário feito sobre a chegada da gôndola, acesse: <<https://vimeo.com/62067544>>.

envolvidas nesta pesquisa, pode ser considerado um momento histórico marcante de mobilização emocional positiva para os ítalo-brasileiros da região.

Com tantas iniciativas italianizadas presentes na cidade, é inegável convir que a prefeitura invista nessa imagem de “um pedacinho da Itália no Brasil”. O investimento de recursos públicos para a manutenção das iniciativas italianizadas da cidade promove a valorização da descendência nos cidadãos. Nova Veneza parece ser, no sul do estado, a única cidade que viu através da sua história de descendência italiana também uma estrada para a exploração comercial por meio do turismo. A escolha tem dado muito certo. A iniciativa privada também parece aprovar essa ideia como *marketing* para seus empreendimentos. Em 2014, mais restaurantes, hotéis, pousadas e bares foram abertos na cidade, a maioria com esse viés italianizado que a cidade apresenta.

A próxima seção é sobre Siderópolis, a última cidade envolvida nesta pesquisa.

3.3.5 Siderópolis: fundação e aspectos da sua italianidade

A história de Siderópolis¹⁴⁴ tem relação com a história da cidade tratada anteriormente (Nova Veneza) porque, quando fundado, esse núcleo pertencia a Nova Veneza. Na época da sua fundação, Siderópolis chamava-se “Nova Belluno” (em homenagem à província de Belluno, região do Vêneto na Itália de onde vieram os imigrantes que fundaram Siderópolis).

Outro ponto comum entre Siderópolis e Nova Veneza, como já dito na seção anterior, é que a imigração de ambas as cidades deve-se à promulgação da Lei Glicério, de 28 de julho de 1890 (já debatida na seção 3.3).

O núcleo de Nova Belluno, na época da sua fundação, foi dividido em três seções (Estrada de Urussanga com 68 famílias estabelecidas, Ex-Patrimônio com 46 famílias e, finalmente, Rio Fiorita com 85 famílias). Posteriormente, surgiu mais uma seção com 50 famílias, o núcleo Rio Jordão¹⁴⁵ (WARMLING *et al.*, 2012).

¹⁴⁴ Para um melhor panorama da cidade, ver Warmling *et al.* (2012).

¹⁴⁵ Para aprofundamento sobre a chegada de italianos (zoldanos) em Rio Jordão, ver Corazza (1997).

Estabeleceu-se 18 de julho de 1891 como data da fundação da cidade porque foi nesse mês que houve a maior concentração de chegada de imigrantes italianos ao local¹⁴⁶.

Assim que foi fundada, a cidade era mantida por pequenos negócios agrícolas, sobretudo de autossustentação. Esses pequenos negócios geravam muito trabalho nas colônias, com destaque para o cultivo de grãos, suinocultura e agropecuária.

A história de Nova Belluno começou a mudar quando se iniciou a exploração do carvão mineral do seu subsolo. Marcava-se aí o começo de uma nova fase para a cidade: carvão em abundância, muito emprego, minas de carvão e, o mais importante, progresso econômico. Era uma época de excelentes previsões.

Em 1941 (ou seja, 50 anos após a sua fundação), a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), de Volta Redonda, Rio de Janeiro, instalou-se na cidade. Segundo o historiador Dassi (2011), a instalação da Companhia em Siderópolis só foi possível porque houve um bloqueio marítimo decorrente da Segunda Guerra Mundial, que impediu o país de receber o carvão do exterior. O Brasil necessitava urgentemente de carvão. Entretanto, com a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, em agosto de 1942, contra os países do eixo (Alemanha, Itália e Japão), todos aqueles de origem italiana foram considerados inimigos do Estado.

Foi nesse momento que o nome da cidade de origem italiana (Nova Belluno) foi mudado para Siderópolis (“side” = siderúrgica, “polis” = cidade). O historiador explica como ocorreu a mudança:

Nesse contexto, não era conveniente para a nação receber carvão de um distrito catarinense de nome Nova Belluno. Coube, então, ao interventor do Estado de Santa Catarina, Nereu Ramos, por meio do decreto-lei 941 de 31/12/1943¹⁴⁷, impor a mudança do nome do distrito de Nova Belluno para distrito de Siderópolis, provavelmente com aquiescência de algumas lideranças locais (DASSI, 2011, p. 76, nota do autor).

Na verdade, esse fato é muito relevante quando se apresentam os aspectos da italianidade da cidade, porque a troca de um nome que homenageava a origem

¹⁴⁶ Essa data foi estabelecida a partir de 2011 com a criação do projeto de lei do legislativo nº 002/2011 de 14/2/2011, aprovado por unanimidade, em 21/2/2011. Por uma iniciativa dos membros da Academia de Letras e Artes de Siderópolis e da Associação *Bellunesi nel mondo*, foram apresentados à Câmara Municipal de vereadores de Siderópolis argumentos para que a cidade tivesse uma data de comemoração do seu nascimento (DASSI, 2011).

¹⁴⁷ Decreto-Lei nº 941. Diário Oficial do Estado de Santa Catarina. Ano X. n. 2.651 de 31 dez. 1943. Arquivo do Diário Oficial do Estado de Santa Catarina. Florianópolis (SC).

italiana da cidade para um nome que homenageia uma indústria siderúrgica mexeu muito com os ítalo-brasileiros de lá.

Na época, a mudança do nome de Nova Belluno para Siderópolis não foi sequer “percebida” pelos moradores como perda da identidade local. Foi tudo muito rápido, como nos mostra a entrevista de um senhor de Siderópolis que comenta o assunto:

Luciana: O que o senhor se sente assim, dentro, mais brasileiro ou mais italiano?

Entrevistado: É claro que eu me sinto mais brasileiro, isso não tem... não tenha dúvida, né?

Luciana: Tá.

Entrevistado: Mas, eu tenho verdadeira paixão pela Itália.

Luciana: É? Ficou esse amor?

Entrevistado: Ficou. Sem dúvida nenhuma. Ficou.

Luciana: Essa vergonha que eles tinham porque foram reprimidos, o senhor acha que já passou?

Entrevistado: Não, passou. Passou, a raiva também passou.

Luciana: Também o regime que a gente tem é outro né.

Entrevistado: Hoje em dia é outro. Não tenha dúvida, não tenho mais nada contra, os brasileiros, eu adoro os brasileiros, os *badiecos*.

Luciana: Mas que fizeram o povo sofrer fizeram...

Entrevistado: Fizeram muito, muito, muito, muito. Principalmente aqui, porque depois trocaram o nome de Belluno, **aí que adoraram Belluno.**

Luciana: Ah é?

Entrevistado: É claro, era Belluno, por isso vieram pra cá, por causa do carvão, aquela droga de levar carvão pros Estados Unidos, trocaram o nome para Siderópolis.

Luciana: Como é que foi esse processo de troca de nome? Mexeu com vocês, né?

Entrevistado: **Mexeu, mexeu e muito. Quando a gente viu a gente já estava Siderópolis.** Veja bem, eu acho lindo Siderópolis, o nome, eu adoro o nome da cidade. Não tenha dúvida nenhuma, tu sai por aí, “ah é Siderópolis!”, tudo bem, mas fiquei com muita pena de ter mudado de Belluno, **eu acho que gostaria mais de Belluno do que Siderópolis.**

Luciana: O senhor queria Belluno?

Entrevistado: **Preferia**, tanto que teve a história do plebiscito antigamente, tá pra mudar.

Luciana: Pois é, como é que é essa história de plebiscito e tudo isso?

Entrevistado: Está uma coisa bastante parada, é muito difícil porque passou muito tempo, a juventude dificilmente aceita.

Luciana: Os jovens já preferem Siderópolis?

Entrevistado: **Preferem Siderópolis. Não tenha dúvida nenhuma, e mesmo porque as escolas nunca ensinaram a realidade da mudança do nome, então eles não conhecem. Muita gente pelo menos ficou sabendo da história, de como foi, foi por um Decreto do Governador do Estado, aquele negócio todo...e não sabe que foi uma imposição, não foi o povo que quis.**

Luciana: Não foi?

Entrevistado: **O povo não quis, o povo quando viu já tinha mudado.**

Luciana: Foi como o senhor falou, quando a gente viu...

Entrevistado: Já era Siderópolis.

Luciana: **Em nenhum momento vocês foram consultados?**

Entrevistado: **Não, não, nenhum, nenhum.**

Luciana: Se tivessem...

Entrevistado: Na verdade, o que a siderúrgica trouxe realmente....Hoje é uma desgraça porque acabou com o município. Agora que está havendo, bastante verde e tal, mas isso aí tinha ficado uma tapera, daqui pra Fiorita tinha ficado uma tapera, a terra toda revirada, agora que houve uma legislação que mandou que reflorestasse né, aí jogaram semente por aí tudo, e tudo de árvores exóticas né.

(Informante 56. Siderópolis, masculino, idoso, zona urbana)

Ou seja, pela entrevista, podemos inferir muitos pontos importantes dessa história de mudança do nome da cidade: a) a mudança não foi uma opção dos habitantes, eles não foram consultados (“*o povo não quis, o povo quando viu já tinha mudado*”, “Em nenhum momento vocês foram consultados?” “*Não, não, nenhum, nenhum*”); b) alguns habitantes de Siderópolis tentaram e tentam retomar o antigo nome de Belluno (“tanto que teve a história do plebiscito antigamente”); c) os habitantes, sobretudo os mais velhos, parecem preferir Nova Belluno a Siderópolis (“*aí que adoraram Belluno*”, “O senhor queria Belluno?” “*Preferia*”); d) nem todos conhecem os verdadeiros motivos pelos quais o nome da cidade foi trocado (“as escolas nunca ensinaram a realidade da mudança do nome, então eles não conhecem”); e) foi um fato que mexeu com a identidade italianizada da cidade (“Como é que foi esse processo de troca de nome? Mexeu com vocês né?” “*Mexeu, mexeu e muito*”); f) as consequências da degradação ambiental com a exploração do carvão na cidade são sentidas até hoje pela população (“Hoje é uma desgraça porque acabou com o município”).

O historiador Dassi (2011), natural da cidade, também deixa bem claro seu posicionamento favorável à retomada do nome Belluno à cidade de Siderópolis: “Entende-se que retornar ao nome de batismo em memória daqueles que tiveram coragem de construir, nos momentos mais adversos, essa terra é, sim, uma iniciativa justíssima e histórica” (p. 33).

Uma das minhas entrevistadas, uma senhora de 80 anos, habitante da zona rural, ainda se refere à cidade como Belluno e não como Siderópolis, em um trecho da nossa conversa sobre outro assunto – a repressão de falar italiano na cidade:

Luciana: E todo mundo falava só assim (em italiano) ou todo mundo falava português?

Entrevistada: Ninguém sabia!

Luciana: Ninguém sabia?

Entrevistada: Não, a minha *nonna* (vó), a materna, tinha aqueles manequins ali no (nome do estabelecimento), aqueles bonecos lá para enfeite, e a minha *nonna* passou lá e ela disse “*bom di*” e veio contente dizer para a minha mãe que ela tinha aprendido a dizer “bom dia”, “*ma non mi ha*

respondu” (mas não me respondeu) Coitada! *Quanta ignoranteza!* (Quanta ignorância!). **E ninguém sabia falar, e quando a gente ia para Belluno**, as minhas irmãs mais velhas, antes que eu ainda tinha 4 irmãs, e quando nós saímos a mãe pedia pelo amor de Deus para nós não falar italiano. Porque não podia.

Luciana: Não podia?

Entrevistada: Não.

(Informante 62, Siderópolis, feminino, idosa, zona rural)

No trecho, existem outros aspectos interessantes a serem destacados, como a proibição de falar italiano, mas foi reservada uma seção deste trabalho somente para isso (seção 4.3.1 do próximo capítulo). Neste momento, é importante ressaltar apenas que a informante usa Belluno (e não Siderópolis) para se referir ao centro da cidade mesmo depois da troca dos nomes pelo Estado. Isso ocorre mais duas vezes durante a entrevista. Além disso, ao conversar com conhecidos da cidade¹⁴⁸, percebi que muitos idosos têm o mesmo hábito da entrevista 62, ou seja, ainda usam Belluno para se referirem à cidade de Siderópolis.

Após a mudança do nome, a extração de carvão continuava de vento em popa, e Siderópolis chegou a ser eleita a “Princesa do Carvão”. A cidade “reinava absoluta, sem tomar conhecimento da destruição de suas florestas, da contaminação de seus rios, das doenças pulmonares de seu povo” (WARMLING *et al.*, 2012, p. 30). Segundo os autores, “foram poucos os que enriqueceram e muitos os que sofreram” (p. 30).

Entretanto, existem fatos positivos em relação à instalação da Siderúrgica na cidade. Segundo os historiadores Carola e Dassi (2014), a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) propiciou uma melhora de vida para os cidadãos porque:

Ela construiu uma infraestrutura de atendimento para assistência social e saúde da família mineira, edificou uma área de recreação para os trabalhadores, construiu vilas operárias, tinha uma política de alimentação e costumava até presentear os filhos de seus trabalhadores com presentes de Natal. Em comparação com as empresas privadas, as condições de trabalho e salário oferecidos pela CSN eram superiores (p. 83).

¹⁴⁸ O contato com moradores que não estavam entre os entrevistados foi muito comum durante o período que passei nas cidades pesquisadas. Essas conversas informais muito contribuíram para auxiliar no entendimento da manifestação de algumas atitudes linguísticas. Segundo a abordagem etnográfica, quanto maior o número de dados e mais tempo o pesquisador passar na região pesquisada, mais perspectivas serão possíveis na hora da análise dos dados.

Ainda segundo os autores, esses fatores podem colaborar com a memória positiva que existe por parte de alguns moradores na cidade (segundo eles, a maioria da população).

Se, de um lado, realmente a Companhia Siderúrgica trouxe benefícios financeiros temporários para alguns na cidade, por outro lado, os prejuízos ambientais podem ser observados até hoje na cidade.

A população de Siderópolis percebeu o estrago ambiental que tinha sido feito na cidade somente quando a Companhia Siderúrgica Nacional desinstalou seu complexo de extração de carvão, na década de 1980. Após a saída da companhia de Siderópolis, turistas diziam que a paisagem da cidade tinha ficado parecida com um campo de guerra ou, até mesmo, com um cenário lunar (CAROLA; DASSI, 2014, p. 83).

Vale lembrar que o estrago na identidade italiana com a troca do nome de Nova Belluno para Siderópolis, infelizmente, ainda hoje, não é percebido por alguns ítalo-brasileiros da cidade e da região. Talvez porque falte esclarecimento de como o processo se deu – na surdina e sem o consentimento da população –, talvez porque as lembranças da época do progresso econômico ainda estejam fortes na memória dos habitantes da cidade. Por enquanto, a população de Siderópolis percebeu, e sente na própria pele, o estrago ambiental por meio da poluição do Rio Mãe Luzia, da pirita¹⁴⁹ que ainda ronda a cidade e das inúmeras doenças provenientes das minas de carvão (como as doenças pulmonares).

Hoje em dia, Siderópolis é uma cidade com 12.998 habitantes. 22,67% desses habitantes moram na zona rural e 77,33% moram na zona urbana (IBGE, 2010).

Segundo o site da prefeitura da cidade, a maior parte da população é de origem italiana, “entre outras etnias presentes na cidade está a negra e a alemã. Mas a presença italiana foi tão forte, que atualmente grande parte da população é bilíngue, mantenedora dos dialetos italianos” (SIDERÓPOLIS, 2015).

¹⁴⁹ A pirita é um resíduo sólido proveniente da extração de carvão mineral que, quando exposta à natureza, reage com o oxigênio e com a água, produzindo ácido sulfúrico.

Em relação às festas italianas, atualmente não existem na cidade. Existiu a Festa do Colono¹⁵⁰, que acontecia a cada dois anos, até 2011, quando foi realizada sua última edição.

Vale destacar que a cidade conta com grupos folclóricos ligados à música. O Grupo de Cantores Bellunesi *Mi son di Bellun* (Eu sou de Belluno) é um coral fundado em 1994 com o objetivo de “dar continuidade às cantorias trazidas na época da imigração” (WARMLING *et al.*, 2012, p. 332). O grupo já lançou três CDs (*Mi son di Bellun* I, II e III). Outro grupo é o coral Imigrantes, fundado em 1980 e com repertório voltado às músicas sacras italianas e populares.

Mais um ponto importante nesse panorama da italianidade é que Siderópolis, assim como Urussanga e Criciúma, possui *Gemellaggio* com uma cidade italiana.

Em 1993, um morador de Forno di Zoldo (província de Belluno, região do Vêneto, Itália) descobriu que existiam muitos descendentes de italianos, com os mesmos sobrenomes e falando o mesmo dialeto de Zoldo em Siderópolis. O primeiro passo para a aproximação entre essas duas cidades foi a criação de duas associações: a Associação *Amici di Forno di Zoldo* em Rio Jordão e a *Amici di Rio Jordão* em Forno di Zoldo, na Itália. Em 1995, por meio da Lei nº 1.066, foi concedido o título honorífico de cidade irmã *Gemellaggio* Rio Jordão¹⁵¹ (Siderópolis, Brasil) à cidade italiana de Forno di Zoldo (Belluno, Itália).

Warmling *et al.* (2012, p. 321 e 322) destacam algumas consequências desse acordo sociocultural e econômico. Dentre as quais as mais relevantes são: a) obtenção de dupla cidadania para muitos jovens que descobriram seus ancestrais e puderam ir trabalhar na Europa, em especial em sorveterias¹⁵²; b) oportunidade para que pessoas idosas conhecessem a Itália por meio de parentes zoldanos; c) introdução do ensino de língua italiana na grade curricular (será discutido nos

¹⁵⁰ Dentre os atrativos, estavam: cantoria pela cidade (na semana que antecede a festa), atrações culturais (corais, concurso de poesias, exposição de gado leiteiro, encontro de agricultores, exposição da indústria e comércio), olimpíadas rurais (jogo de bocha, caça ao porco na lama, prova de laço, corrida de carriola etc.), baile da terceira idade, desfile típico (famílias italianas da cidade, muitas com roupas de colonos italianos), shows nacionais e muita comida italiana (polenta, galinha, *fortaia*, *minestra* etc.) (WARMLING *et al.*, 2012).

¹⁵¹ Rio Jordão é um bairro de Siderópolis localizado mais na zona rural da cidade. É lá que está localizado a maior parte dos italianos descendentes de Forno di Zoldo.

¹⁵² Assim como Longarone, cidade com *Gemellaggio* com Urussanga, também Forno di Zoldo possui moradores da cidade que são proprietários de sorveterias na Itália e na Alemanha. Com a obtenção da dupla cidadania, jovens de Siderópolis tiveram a oportunidade de ir trabalhar com estes sorveteiros. Para os proprietários de sorveterias italianas, a possibilidade de obter mão de obra regularizada e barata foi vista como uma ótima oportunidade. Segundo os autores, esses jovens retornam ao município e reinvestem o que ganharam no exterior na cidade.

próximos parágrafos); d) oportunidade para professores de língua italiana realizarem cursos de aperfeiçoamento na Itália¹⁵³; e) divulgação da cidade de Siderópolis na Itália, em especial em Forno di Zoldo; f) pacto de amizade com Belluno, objetivando promover intercâmbio tecnológico, industrial e comercial (os autores não citam nenhuma iniciativa proveniente desse pacto).

Também em Siderópolis, portanto, o *Gemellaggio*, do ponto de vista humano e de aproximação dos parentes, foi um excelente movimento: oportunizou o estreitamento de laços familiares e de laços de amizade entre italianos e brasileiros de uma forma espetacular. Os habitantes da cidade citaram esse benefício do *Gemellaggio* durante as entrevistas, como nos mostra o trecho a seguir:

Luciana: Tem mais alguma coisa que eu não tenha te perguntado que tu queira falar nesse contato entre o italiano e o português em Siderópolis, que tu acha importante que eu não tenha perguntado?

Entrevistada: **Eu acho que para nós, de Siderópolis, foi muito bom termos o *Gemellaggio* em Siderópolis com Forno di Zoldo. Eu acho assim, essa história do resgate, do *Gemellaggio* foi muito bom. Hoje a gente tem muitos amigos, eles vêm e vão. Isso de saber que tens umas pessoas lá a 3 mil km que tu pode chegar lá na casa deles e eles, da mesma forma, eles vem na minha casa, eu acho legal isso!** E assim, esse contato de ir e vir, de não deixar morrer o que os *nonnos* (avós) fizeram porque eles fizeram muita coisa né...

(Informante 63, Siderópolis, feminino, idosa, zona urbana)

Mais um ponto benéfico do *Gemellaggio* em Siderópolis foi sua contribuição para a aprovação da Lei Municipal que incluiu o italiano na grade curricular no ensino fundamental. De fato, esse é um aspecto relevante da italianidade porque Siderópolis foi o primeiro município do sul do estado de Santa Catarina a incluir a língua italiana na grade curricular. Em 1997, por meio da Lei nº 1.210 de 10 de novembro de 1997, foi decretada a obrigatoriedade do ensino dessa língua nas escolas municipais no ensino fundamental. Em 2012, o ensino da língua italiana foi ampliado também às crianças de três a cinco anos da rede municipal.

A atual coordenação pedagógica do município confirma¹⁵⁴ que as crianças estudam italiano na grade desde 1997 e que hoje em dia existem 490 alunos no

¹⁵³ Professores brasileiros são levados para Forno di Zoldo e lá a Associação *Amici di Rio Jordão* organiza cursos de aperfeiçoamento de língua italiana *padrão* para que posteriormente esses professores possam voltar e ensinar a língua italiana aos habitantes de Siderópolis. Neste momento, vale citar que fui uma das professoras selecionadas para ficar um mês em Forno di Zoldo estudando italiano graças a esse acordo entre as duas cidades.

¹⁵⁴ Informações fornecidas por e-mail em março de 2015.

ensino fundamental I e 222 alunos no fundamental II. Em 2015, portanto, existem em Siderópolis 721 estudantes da língua italiana na grade curricular.

Para tanto, atualmente ministram as aulas cinco professores, todos temporários; todo ano a prefeitura realiza concurso de ACT (admitido em caráter temporário). Desses cinco, alguns possuem licenciatura. Segundo a coordenadora do município, não há efetivos, pois não há professores habilitados em Letras Italiano no município para prestar o concurso.

O material didático utilizado pelo município e a formação continuada dos professores fica a cargo do ente gestor *Centro di Cultura Italiana PR/SC*.

Essa iniciativa da introdução do italiano na grade curricular parece ser muito bem vista pela comunidade. Segundo um dos entrevistados e sua esposa¹⁵⁵, depois do *Gemellaggio* e com a aprovação da lei, muito mudou na cidade:

Marido: Por causa da mãe né, eles se criaram com a *nonna* (vó), era assim naquela época, eles iam pra aula e era português, tá, é um problema né porque na escola era só português, é... **agora depois do *Gemellaggio* começaram aqui em Siderópolis a dar aula de italiano.**

Luciana: Pois é, aí com o *Gemellaggio* melhorou?

Marido: Sim, claro né.

Por que daí o pessoal começou a querer?

Marido: Sim.

Mulher: Querer conversar, falar...

Marido: É que os italianos de lá começaram com o *Gemellaggio*, começaram a trazer, que são eles que tão pagando essas professoras ali, por intermédio deles né, essa aula de italiano...

Luciana: **Aí as pessoas começaram a gostar mais?**

Marido: **Sim, todo mundo, oh!**

Luciana: Ah é?

Marido: Oh! Tem aluno ali que eles fazem italiano, mas precisa de ver, eles lê tudo...

Luciana: Tudo depois do *Gemellaggio*?

Marido: **Estão continuando né, então tem essa gurizada indo pra aula, e tu vai falar com eles, fala o português, né,**

Luciana: Ah que bonito...

Marido: **Então melhorou bastante.**

(Informante 53, Siderópolis, masculino, idoso, zona rural)

Percebe-se, portanto, que o entrevistado e sua esposa estão satisfeitos com os frutos que o *Gemellaggio* tem dado, como a introdução do italiano na grade (“*Pois é, aí com o *Gemellaggio* melhorou?*” Marido: “*Sim, claro né*”) e demonstram atitudes linguísticas positivas com os resultados desse ensino (“mas tu dá pra ler e falar o italiano, eles falam... mas precisa ver, eles lê tudo...”). É importante frisar que,

¹⁵⁵ Para esta pesquisa só compilei os dados dele, mas como a esposa estava presente e fez questão de participar aceitei prontamente.

diferentemente do que fala o informante e como já afirmado anteriormente, os professores de italiano são pagos pela prefeitura municipal da cidade.

Se, por um lado, podem-se citar iniciativas importantes e benéficas para as duas cidades envolvidas com o *Gemellaggio*, como a introdução do italiano na grade curricular e a aproximação de familiares; por outro lado, no plano econômico, quase nada foi feito, assim como nas outras cidades com *Gemellaggio* no sul de Santa Catarina.

Destaca-se, ainda, como aspecto da italianidade da cidade de Siderópolis, além da associação criada a partir da descoberta de parentes na Itália (*Amici di Forno di Zoldo*), outra associação italiana, a Associação *Bellunesi nel Mondo – Famiglia Siderópolis*. O objetivo principal dessa associação é unir os italianos e seus descendentes em todas as partes do mundo. A sede é em Belluno, na Itália, e a denominação “famiglia” (família) define a cidade na qual a associação está instalada (WARMLING *et al.*, 2012, p. 317).

Outro ponto de destaque da cidade que remete à Itália é a sua arquitetura. Podemos citar: 1) Monumento ao Imigrante Italiano, localizado em uma pequena praça em frente ao Colégio Dom Orione – uma das placas existentes nesse monumento foi feita na ocasião da comemoração do 75º aniversário de fundação do município, no ano de 1966; na placa encontra-se a frase: “Nascemos na Itália e amamos essa terra querida”, além dos nomes das famílias fundadoras da cidade; em outra placa, estão mais nomes de famílias homenageadas não mencionadas na primeira; ainda nessa pequena praça encontra-se um obelisco com um leão no topo; é o símbolo da colonização vêneta no Município; 2) monumento do *Gemellaggio* (duas pedras entrelaçadas que simbolizam as duas cidades); 3) Portal Rio Jordão na entrada da comunidade; acima do portal foram colocadas duas esculturas de ferro com martelo e bigorna, construídas em 2005; 4) Monumento *Civetta* (Coruja) em Rio Jordão, estátua de uma coruja, símbolo do Vale de Zoldo, presente dos zoldanos à Rio Jordão; 5) Casa de pedra da Família Remor; 6) Casa Antiga de Imigrante em São Martinho Alto onde existem artigos antigos usados na roça pelos imigrantes no local (propriedade particular) (WARMLING *et al.*, 2012, p. 302-312).

Para finalizar a apresentação de Siderópolis e de seus aspectos italianos, menciona-se um trecho de uma conversa que aconteceu com dois moradores da cidade. Eles não foram entrevistados para esta pesquisa, mas poderiam ter sido porque nasceram e viveram toda a vida em Siderópolis. Foi uma conversa informal

que tive com um homem e uma mulher, na beira do portão da casa dele, em Siderópolis. A mulher explica que todas as iniciativas mencionadas sobre a italianidade da cidade são recentes, de aproximadamente 20 anos atrás. Antes disso, segundo ela, pouco se falava sobre ser italiano na cidade:

Mulher: [...] depois trocaram o nome, depois que foi trocado o nome foi jogado, foi trocado tudo, Siderópolis só voltou com a italianidade quando a gente, há vinte anos atrás, criou a associação *Bellunesi*, o projeto das escolas italianas, o *Gemellaggio*. Daí então as pessoas começaram a buscar a identidade porque ninguém sabia de identidade, de nada. A cultura do italiano foi abafada, foi morta. Aí a gente foi perdendo e só resgatou, com uns quinze, vinte anos atrás, com a associação senão tinha morrido tudo. Não é, (nome do homem)?

Homem: É sim.

Luciana: Tinha vergonha né de ser italiano?

Mulher: Tinha vergonha.

Luciana: E hoje, hoje ninguém mais tem essa vergonha?

Homem: Não, hoje não, desapareceu. Até pelo contrário.

Mulher: Hoje não tem mais essa repressão, até tem a busca da cultura agora.

Homem: É.

Luciana: Pelo contrário, então? Mas de onde vem agora essa vontade de ser italiano? O que mudou? Aí que eu quero entender. O que aconteceu dessa vergonha pra esse...

Mulher: O conhecimento.

(Informantes não numerados na pesquisa, moradores de Siderópolis da zona urbana, ambos idosos¹⁵⁶).

Para esses dois moradores de Siderópolis, todos os dois a favor da retomada do nome Belluno, o conhecimento da história da colonização italiana estaria mudando as atitudes linguísticas dos moradores em relação a ser ítalo-brasileiro (e conseqüentemente mudariam também as atitudes em relação à língua italiana/dialeto) na cidade.

Após a apresentação dos aspectos da italianidade das cinco cidades apresentados, o próximo capítulo tenta definir a língua que os ítalo-brasileiros falavam e falam ainda hoje na região.

¹⁵⁶ Os depoimentos dos informantes não numerados na pesquisa não foram transcritos porque não houve gravação. Esse, excepcionalmente, foi gravado porque encontrei essas duas pessoas enquanto saía da casa de um entrevistado; eles são amigos do entrevistado. O gravador, sem intenção, ainda não havia sido desligado.

4 CONTEXTO LINGUÍSTICO DA REGIÃO DE COLONIZAÇÃO ITALIANA NO SUL DE SANTA CATARINA

Bisognerebbe intendersi su cosa sia lingua corretta.

Le lingue le creano i poveri e poi seguitano a rinnovarle all'infinito. I ricchi le cristallizzano per poter sfottere chi non parla come loro. O per bocciarlo¹⁵⁷.

Don Lorenzo Milani (*Lettera a una professoressa*, como Scuola di Barbiana, Firenze, Libreria Editrice Fiorentina, 1967. p. 18)

Após a apresentação da italianidade das cidades envolvidas nesta pesquisa, feita no capítulo anterior, pretende-se definir qual é a língua italiana falada na região sul de Santa Catarina (seção 4.1). Esta parte da pesquisa é de fundamental importância neste trabalho porque as atitudes linguísticas analisadas nesta tese (positivas, negativas e neutras) foram manifestadas em relação a essa língua.

A seção seguinte (4.2) foi elaborada com o objetivo de apresentar a estigmatização que a fala com sotaque italiano sofre na região. Apesar do trabalho desta tese não focalizar a análise das atitudes linguística em relação a essa variação, foi observado no decorrer das entrevistas uma forte desvalorização da variedade. Então, achou-se por bem inserir uma seção para tratar do assunto.

Finalmente, a última seção (4.3) apresenta os aspectos políticos das colônias do sul de Santa Catarina e como a Campanha de Nacionalização de Getúlio Vargas na década de 1930 pode ter influência nas atitudes linguísticas na região (seção 4.3.1).

4.1 A LÍNGUA ITALIANA FALADA NO SUL DE SANTA CATARINA PELOS ÍTALO-BRASILEIROS

Nesta seção, pretende-se definir qual é a língua italiana falada pelos ítalo-brasileiros de Criciúma e região. Isso se faz necessário e fundamental nesta pesquisa porque todas as manifestações de atitudes linguísticas apresentadas neste trabalho são em relação a essa língua.

¹⁵⁷ É necessário que se entenda o que é língua correta. Os pobres criam as línguas e continuam renová-las infinitamente. Os ricos as cristalizam para poder ferrar quem não fala como eles. Ou para poder reprová-los.

Para tanto, inicialmente, é fundamental delimitar como serão entendidos dois conceitos: dialeto e língua.

Segundo o *Dicionário de Linguística* de J. Dubois *et al.* (1993), “dialeto” é “uma forma de língua que tem o seu próprio sistema léxico, sintático e fonético, e que é usada num ambiente mais restrito que a própria língua” (p. 184). Já “língua” é definida como “um instrumento de comunicação, um sistema de signos vocais específicos aos membros de uma mesma comunidade” (p. 378).

Avolio (2009, p. 24) assevera que “entre uma língua e um dialeto não existe nenhuma diferença de ‘funcionamento’ em relação às modalidades da comunicação”¹⁵⁸ (p. 24, grifo do autor). De fato, dentro da teoria linguística, “todas as línguas são dialetos e todos os dialetos são línguas, uma vez que os dois são sistemas linguísticos estruturados para a comunicação verbal em diversos níveis”¹⁵⁹ (BERRUTO; BERRETTA, 1977, p. 82).

Percebe-se, por meio das definições apresentadas, que, do ponto de vista estritamente linguístico, não existem diferenças entre língua e dialeto, ou seja, tanto a língua quanto o dialeto apresentam fonética, morfologia, sintaxe e léxico específico¹⁶⁰.

Na verdade, as diferenças que se colocam entre dialeto e língua são unicamente de caráter histórico, político, social e cultural. A língua foi consagrada pela tradição, é algo tipicamente social ligado ao prestígio, ao *status* e ao consenso. A história de quase todas as línguas da Europa nos demonstra isso.

As línguas italiana, francesa, alemã, entre outras, eram, inicialmente, dialetos, ou seja, sistemas linguísticos utilizados em comunidades menores, que alcançaram uma importância sociocultural a ponto de ser promovidas a língua (BERRUTO; BERRETTA, 1977, p. 82). A diferença, portanto, entre dialeto e língua é “de caráter exclusivamente sociolinguístico”¹⁶¹ (BERRUTO; BERRETTA, 1977, p. 83).

¹⁵⁸ No original: *Tra una lingua e un dialetto non vi è nessuna differenza di “funzionamento”, riguardante, cioè le modalità della comunicazione.*

¹⁵⁹ No original: *tutte le lingue sono dialetti e tutti i dialetti sono lingue, giacché tutti sono sistemi linguistici strutturati per la comunicazione verbale a diversi livelli.*

¹⁶⁰ Em relação ao léxico específico de língua e de dialeto, Berruto; Berretta (1977, p. 85) exemplificam: para falar sobre filosofia analítica, provavelmente, você precisará da língua, mas para falar sobre a criação dos animais nos Alpes, o dialeto é muito mais útil. Isso acontece porque, dependendo do setor específico e da atividade específica do grupo social, o dialeto pode ser mais rico, mais cômodo e mais válido. No exemplo dado, o dialeto satisfaz a necessidade comunicativa dos falantes perfeitamente; a língua, por sua vez, elaborou um léxico para satisfazer outras necessidades dos grupos que a usam, como as científicas.

¹⁶¹ No original: *di carattere esclusivamente sociolinguistico.*

Ainda sobre as definições dos dois conceitos apresentadas por Dubois *et al.* (1993) para diferenciar língua e dialeto, o uso em ambiente mais restrito e, conseqüentemente, com um número menor de falantes seria uma característica designada somente ao dialeto. Avolio (2009) esclarece que nem sempre esse critério corresponde à realidade. Ele exemplifica com a situação italiana de 1861, já comentada neste trabalho, na qual grande parte da população era composta de falantes de dialeto e não de língua nacional¹⁶².

Portanto, para esta pesquisa, tanto língua quanto dialeto serão considerados como instrumentos válidos para a comunicação entre as pessoas. Os dois, no mesmo patamar, dignos de respeito e com o mesmo valor porque, como já afirmado, um dialeto só não é uma língua por motivos históricos e hábitos culturais, mas de maneira alguma por fatores linguísticos.

Mesmo assim, alguns consideram o dialeto limitado, mais grosseiro, sem regras precisas. Por outro lado, existem também aqueles que acham o dialeto a expressão genuína daquilo que as pessoas sentem, uma expressão dos valores locais de uma comunidade; acreditam que o dialeto seja mais espontâneo e autêntico.

Vale apresentar, para finalizar esse debate, o autor italiano nascido na Sicília Andrea Camilleri, famoso por introduzir nos seus textos expressões e palavras em dialeto siciliano. Ele concorda com a segunda posição do parágrafo anterior de que o dialeto consegue exprimir “coisas” que o italiano não consegue. Para ele:

O dialeto é sempre a língua do afeto, um fato confidencial, íntimo, familiar. Como dizia Pirandello, a palavra do dialeto é a *coisa mesmo*, porque o dialeto de uma coisa exprime o sentimento, enquanto a língua daquela mesma coisa exprime o conceito. Comigo e com o dialeto, com a língua do coração, que não é somente do coração, mas algo ainda mais complexo, acontece uma coisa apaixonante. Falo isto como alguém que escreve. Me acontece de usar palavras dialetais que exprimem completamente, redondamente, como um balão, aquilo que eu gostaria de dizer, e não encontro o equivalente na língua italiana. Não é somente uma questão de

¹⁶² Avolio (2009) derruba também outros mitos em relação à superioridade da língua perante o dialeto. Um deles é que o dialeto, diferentemente da língua, não apresenta uma tradição escrita. O autor italiano afirma que muitos dialetos tem uma tradição escrita e cita óperas venezianas, napolitanas. Para exemplificar, ele cita autores como Goldoni e Basile. Entretanto, também a língua italiana/dialeto dos ítalo-brasileiros de Criciúma e região, apesar de não ter uma grande tradição escrita, possui obras literárias. A mais famosa delas é *Nanetto Pipetta* – uma epopeia da imigração italiana (*Vita e Storia de Nanetto Pipetta nassuo in Italia e vegnudo in Merica par catar ela cucagna*), de Aquiles Bernardi (Frei Paulino de Caxias). O livro conta em dialeto vêneto, misturado com outros dialetos e português, as peripécias de um jovem imigrante. O original é de 1937, mas as cópias seguintes foram feitas da segunda edição de 1956 pela Editora São Miguel de Caxias do Sul.

coração, é também de cabeça. Cabeça e coração.¹⁶³ (CAMILLERI; DE MAURO, 2013, p. 5-6, grifo do autor).

Após a delimitação de língua e dialeto nesta pesquisa, retoma-se a tarefa de tentar entender como ocorreu a formação da *língua italiana/dialeto* dos ítalo-brasileiros na região pesquisada.

Como já visto na primeira seção do capítulo anterior (seção 3.1), na época da imigração para o sul de Santa Catarina, os italianos estavam ainda se formando como cidadãos italianos; a Itália ainda estava se formando como nação. Nesse período, com toda a instabilidade social e econômica do país, era natural que também a língua apresentasse pouca consistência. Transportada para outro país pelos seus falantes, outro país também em formação e cheio de desafios, a língua acaba por acompanhar as mudanças sociais e se transforma, se funde e se deixa absorver. Foi isso que aconteceu com a língua italiana/dialeto falada pelos imigrantes do sul do estado de Santa Catarina.

Não há registros linguísticos de como era falada a língua dos imigrantes. A maior parte dos relatos da época, feitos por historiadores ou religiosos, retrata com mais detalhes os fatos históricos.

Sabe-se, entretanto, que na Itália cada uma das cidades tinha seu próprio dialeto e foi ele que os imigrantes italianos trouxeram para o sul do estado.

Se for analisada a proveniência dos imigrantes que vieram das cinco cidades envolvidas nesta pesquisa, teremos: em Urussanga, italianos de Belluno; em Criciúma, além de belluneses, os trevisanos; já em Nova Veneza e Siderópolis, cidades fundadas posteriormente, encontramos bergamascos, milaneses, belluneses e trevisanos.

Em relação à proveniência dos italianos que colonizaram Azambuja, a primeira colônia do sul, não encontrei nos livros de história que li a sua exata proveniência. Dall'Alba (1983, p. 87), ao falar dos imigrantes de Urussanga, afirma que eles “eram mais robustos que os primeiros colonos [os de Azambuja] e não falavam o mesmo dialeto”.

¹⁶³ No original: *Il dialetto è sempre la lingua degli affetti, un fatto confidenziale, intimo, familiare. Come diceva Pirandello, la parola del dialetto è la cosa stessa, perché il dialetto di una cosa esprime il sentimento, mentre la lingua di quella stessa cosa esprime il concetto. A me con il dialetto, con la lingua del cuore, che non è soltanto del cuore ma qualcosa di ancora più complesso, succede una cosa appassionante. Lo dico da persona che scrive. Mi capita di usare parole dialettali che esprimono compiutamente, rotondamente, come un sasso, quello che io volevo dire, e non trovo l'equivalente nella lingua italiana. Non è solo una questione di cuore, è anche di testa. Testa e cuore.*

Como sabemos que Urussanga foi colonizada, sobretudo, por belluneses, provavelmente, os italianos de Pedras Grandes não eram exclusivamente de lá. Um dos informantes de Azambuja me disse que seu sobrenome é de proveniência toscana, mais especificamente da cidade de Mulazzo (província de Massa Carrara). Entretanto, não é possível afirmar que os primeiros imigrantes eram todos toscanos, até porque, segundo alguns moradores da cidade, seus sobrenomes italianos são provenientes da região do Vêneto. Portanto, concretamente, no sul de Santa Catarina temos italianos de Bérgamo e Milão (cidades pertencentes à região da Lombardia na Itália), e Belluno e Treviso (cidades da região do Vêneto).

Para Curi (2009), os italianos que vieram para Santa Catarina são provenientes das seguintes cidades: Trento, Rovereto, Pergine, Civezano, Fornace, Vigolo, Vatarro, Levico, Matarello (todas essas sob o domínio austríaco). E ainda, de cidades maiores, tais como: Gênova, Milão, Mântua, Verona, Veneza, Pisa. Vale lembrar que o linguista José Curi está se referindo à imigração em todo o estado e não somente ao sul de Santa Catarina.

Por meio do relato de historiadores, foi possível perceber que, para se comunicarem, os italianos usavam palavras do seu próprio dialeto regional, misturadas com palavras em português e com sotaque italiano.

Em Urussanga, por exemplo, “apesar desse esforço, a língua oficial da Colônia era, de fato, o dialeto Vêneto. Ou, um Vêneto aportuguesado, ou, como expressou o padre Marzano, falavam vocábulos portugueses italianizados” (BALDIN, 1999, p. 107).

Em Criciúma, como os imigrantes tinham contato com outras etnias, “os pioneiros italianos procuravam se entender no início por gesticulação, depois por vocábulos de suas línguas” (ARNS, 1983, p. 64). A autora sugere, assim, que os italianos conseguiam se comunicar, pelo menos no início, através de itens lexicais.

Curi (2009) também explica como acontecia a comunicação entre os italianos provenientes de cidades diferentes em Santa Catarina e como a questão linguística foi resolvida:

O fato de falarem diversos dialetos a comunicação linguística entre os imigrantes italianos não foi prejudicada, pois criaram com o tempo uma espécie de koiné, uma língua falada, comum nas diversas áreas de colonização, e embora sem escrita, um meio belíssimo de comunicação tendo por base o veneziano, assim como o vicentino-padovano, o polesino,

o veronês, o trevigiano, o feltrino-belunese e o triestino. A esta língua falada, damos o nome de **TALIAN** (CURI, 2009, p. 16, grifo do autor).

Como aqui no sul de Santa Catarina a maioria dos colonizadores era de proveniência vêneta¹⁶⁴, também o *talian* dos imigrantes do sul do estado é uma língua com base vêneta. De acordo com Frosi e Mioranza (1975), na época da imigração, os dialetos vênets eram os seguintes: vicentino, trevisano, feltrino-belunês, paduano, veronês, veneziano e rovigoto.

Um dos informantes da minha pesquisa explica, com as suas palavras, o que o linguista José Curi (2009) chama de *talian*. Ele *não* dá esse nome para a sua língua/dialeto, mas explica quais são as interferências que ela sofre. Podemos perceber que a explicação do informante 08 e do linguista Curi (2009) apresentam pontos bem semelhantes:

Entrevistado: Não adianta falar dialeto perto dela (sua esposa) que ela se safa. Ela é igual a minha filha, não sabe falar o dialeto, sabe falar o italiano porque ela estudou, mas ela sabe 80% daquilo que eu falei, porque o meu o meu dialeto é sacana, **não é um vêneto puro.**

Luciana: Ah tá...

Entrevistado: **É misturado assim né.. (...)**

Luciana: Mas além de cantar em italiano, vocês falavam em italiano também?

Entrevistado: Eu só comecei a falar em português com os meus pais a partir dos meus 30 anos. Sempre o dialeto em casa, sempre. Eu, na realidade quando eu entrei na escola, eu passava vergonha porque eu só sabia falar o dialeto. **O problema que o meu dialeto é uma mistura de trevisani, bellunese e padovani, os três da região... que é do lado da minha avó materna, ela falava o padovano da região Padovana porque é (sobrenomes), e do lado do meu pai era (sobrenomes) , tudo da região de Belluno, pra cima ali de Treviso.**

Luciana: Aí misturou tudo...

Entrevistado: **Misturou...veio pra cá e começou no meio polaco e alemão, imagina o que sai, então o meu dialeto não sai um dialeto. Tanto que agora em abril do ano passado, eu fui pra lá e comecei a falar italiano no meu dialeto e eles olhavam assim.. *Ma che to dialetto qua, non è mia Veneto, eh. Tase su, parla portoghese.* (Mas que dialeto é esse, não é vêneto heim. Fica quieto, fala português).**

Luciana: Eles não te entendiam?

Entrevistado: Entendiam muito pouco, e o meu amigo de viagem que é um (sobrenome) ali de Nova Prata, ele falava o dialeto dele e eles não entendiam... *ma come, il dialetto dei miei nonni i bisnonni ?* (Mas como o

¹⁶⁴ Também no Rio Grande do Sul (nordeste do estado), segundo Frosi e Mioranza (1979), o número de imigrantes maior é proveniente da região do Vêneto (54%), seguido da Lombardia (33%). Em análise posterior, eles verificaram quais as províncias com maior número de imigração para o Rio Grande do Sul e os resultados foram: Vicenza 32%, Belluno 30%, Treviso 24%, Pádua 8%. As outras províncias vênets juntas somam 6% (Verona, Veneza e Rovigo). Ao analisar as províncias da segunda região italiana com mais imigrantes para o estado (Lombardia), têm-se: Cremona, com 30%; Bérgamo, 27%; Mântua, 20%; e Milão, 14%. A conclusão linguística desses dados é que os dialetos predominantes no nordeste do Rio Grande do Sul são: vicentino, feltrino-belunês, trevisano e paduano (dentre os vênets); e cremonês, bergamasco, mantuano e milânês (dentre os lombardos).

dialeto dos meus avós e bisavós?), falava certinho! E não era muito diferente do meu, era só a pronúncia...**porque o meu dialeto é muito misturado e eu estudei italiano, aí tu mistura tudo.**

Luciana: Tá, italiano com dialeto...

Entrevistado: **Dialeto com um pouco de português, com um pouco de algumas palavras polonesa, alemã no meio** que veio lá dos meus pais, dos meus avós, porque, na verdade, eu não aprendi nada com os meus avós, eu aprendi com meus pais.

(Informante 08, Criciúma, masculino, idoso, zona urbana).

É interessante ressaltar a consciência linguística do entrevistado ao analisar a sua língua. Para ele, seu dialeto “*não é um vêneto puro*”. Além das interferências na sua língua, ele percebe também que a língua dos imigrantes de Santa Catarina – o *talian* – é diferente do dialeto vêneto falado hoje em dia na Itália. Isso acontece porque, exatamente como ele explica, a língua italiana/dialeto dos imigrantes e ítalo-brasileiros de Criciúma e região sofreu interferências dos outros dialetos aqui presentes (sobretudo lombardo), do português e, no caso de Criciúma especificamente, também do contato com outras etnias (polonesa, alemã entre outras).

Margotti (2004), assim como o informante 08, mas de forma acadêmica, explica como se deu a formação do *talian* aqui no sul do estado de Santa Catarina:

O contato de diferentes dialetos no Sul do Brasil deu origem a um modo de falar característico e bastante peculiar, conhecido como *talian*, ou coiné vêneta (italiano brasileiro). Os vênets que vieram em maior quantidade – os números giram em torno de 60% -, irradiaram com maior intensidade seu dialeto e seus costumes. Dessa forma, o dialeto vêneto foi se impondo de forma natural na Região Sul do Brasil. É esse dialeto, aqui modificado pelo contato com outros dialetos italianos, especialmente o lombardo, que dá origem ao *talian* ou à coiné vêneta (p. 38).

Sobre esse contato entre os diferentes dialetos citado por Margotti (2004), Frosi e Mioranza (1975) explicam que se deu em virtude do critério para a distribuição e ocupação dos lotes entre os imigrantes. Não se considerou o aspecto da língua para a distribuição; foi considerado apenas o aspecto geográfico, o que acabou por contribuir para a formação da coiné citada por Margotti (2004)¹⁶⁵.

Podemos perceber que, na citação anterior, Margotti (2004) usa como sinônimo de *talian* o conceito de coiné vêneta. Para este trabalho, coiné (ou koiné) será definida como “uma mescla básica dos dialetos vênets mais representativos,

¹⁶⁵ Outro aspecto que contribuiu para a formação da coiné vêneta foram os casamentos entre ítalo-brasileiros de regiões diferentes (LUZZATTO, 1998).

com influências lombardas mais ou menos acentuadas, segundo as localidades de maior ou menor presença (...) lombarda” (FROSI; MIORANZA, 1975, p. 70). Para os autores gaúchos, a *coiné* tornou-se instrumento linguístico de comunicação entre as diversas comunidades ítalo-brasileiras, seja no convívio familiar, seja no relacionamento comercial.

Luzzatto (1998) afirma que o *talian* não nasceu de um dia para outro e nem por decreto, e que foi a necessidade da comunicação que proporcionou o surgimento da *coiné*. Passaram-se muitos anos para que o *talian* se tornasse a língua de comunicação na qual se transformou. O autor afirma que os sotaques provenientes das diferentes cidades italianas das quais vieram os imigrantes que aqui chegaram persistiram por muito tempo na *coiné*. Ele aponta também como se dava a influência do português no *talian*: “Algumas palavras, talvez por soarem estranhamente a certos participantes do grupo, foram sendo substituídas quase sempre pela correspondente portuguesa, embora devidamente venetizada, é claro!” (p. 169).

Ao analisar a definição de *talian* de Curi (2009), Margotti (2004) e Luzzatto (1998), podemos citar algumas características comuns citadas pelos pesquisadores: 1) base vêneta, com destaque na região sul do estado para o padovano, trevisano e bellunese; 2) interferências de outros dialetos, sobretudo o lombardo (aqui no sul do estado, mais especificamente do bergamasco); 3) língua predominantemente falada; 4) interferências do português. Essas quatro características poderiam definir a língua italiana falada no sul de Santa Catarina. Entretanto, vale ressaltar que determinar apenas quatro características para definir o *talian* falado aqui é um tanto ousado em virtude da complexidade linguística do sul do estado. Perceba-se que não foram citadas nos quatro pontos as interferências de outros idiomas, como do polonês e do alemão, citadas pelo informante 08 em Criciúma, exatamente por não ter sido feita uma análise mais aprofundada dessa língua na região.

Ressalta-se que, apesar de interessante a análise linguística sobre a língua dos ítalo-brasileiros do sul do estado de Santa Catarina, esse não é foco desta seção. O objetivo aqui é identificar a língua falada por eles, não analisá-la¹⁶⁶. Não se pretende investigar as formas dialetais ainda vigentes no sul do estado, mas uma

¹⁶⁶ Para uma descrição linguística do *talian* ver: LUZZATTO, Darcy Loss. *Talian (Vêneta Brasileiro) Noções de Gramática, História e Cultura*. Porto Alegre: Sagra: DC Luzzatto, 1994. Ou CURI, José. *El Talian* (a língua dos imigrantes italianos de Santa Catarina). Florianópolis: Editora Garapuvu, 2009.

análise mais aprofundada da língua italiana/dialeto falada pelos ítalo-brasileiros de Criciúma e região é necessária para que possamos confirmar se os dados relativos à origem dos imigrantes são compatíveis com os dialetos aqui encontrados. Destaca-se e exemplifica-se essa louvável iniciativa feita por Frosi e Mioranza (1975) no que diz respeito à colonização do nordeste do Rio Grande do Sul.

Atualmente, como nos mostra o exemplo a seguir, quando os ítalo-brasileiros de Criciúma e região se referem ao seu idioma, afirmam falar “italiano” ou a “língua italiana”. Além disso, eles também sabem diferenciar dialetos de italiano padrão, como nos mostra o trecho a seguir:

Luciana: O senhor falava que língua com o seu pai e com a sua mãe?

Entrevistado: **Eu falo italiano ainda, né.**

Luciana: Fala até hoje?

Entrevistado: Falo.

Luciana: *Mi non capi. lo parlo solo l'italiano standard. (“Eu não entendo” em dialeto de Belluno, “eu falo só italiano padrão” em italiano padrão).*

Entrevistado: **La grammatica?** (A gramática?)

Luciana: É.

Entrevistado: *Tu parli diferente.* (Tu falas diferente)

(Informante 70, Urussanga, masculino, idoso, zona rural).

No exemplo, pode-se perceber, então, como alguns dos habitantes do sul de Santa Catarina chamam a sua língua (italiano) e o italiano padrão (*la grammatica*).

Gostaria de frisar, portanto, que os ítalo-brasileiros do sul de Santa Catarina não chamam a sua língua de “*talian*”. É importante que isso fique claro porque a palavra “*talian*” significa, na língua italiana/dialeto falada pelo imigrante, “*italiano*”. Por exemplo, ele diz “*Me parla talian*” para dizer “*eu falo italiano*”, mas quando está falando português, o ítalo-brasileiro de Criciúma e região não diz “*Eu falo talian*”, ele diz: “*Eu falo italiano*” ou “*Eu falo a língua italiana*”.

Além disso, os informantes da pesquisa têm total consciência do panorama linguístico italiano na época da imigração; em diversos momentos eles deram exemplos lexicais de dialetos diferentes. Vale ressaltar aqui que, embora os ítalo-brasileiros da região definam a sua língua como sendo “italiano” ou a “língua italiana” em confronto com o português, eles passam a chamá-la de “dialeto” se comparada a outros dialetos italianos ou ao italiano padrão. No trecho a seguir, é possível verificar os exemplos de palavras em dialeto e em italiano padrão dado pelo informante:

Luciana: O meu também é italiano, dialeto *mi non capi* (eu não entendo, em dialeto de Belluno).

Entrevistado: Capisco. (Entendo). Em dialeto, só um exemplo básico, o coelho que eles falam *coniglio* é *conidio* para nós.

Luciana: Copo, vocês falam como?

Entrevistado: *Bicier*.

Luciana: O meu *nonno* (vô) falava *gotto*.

Entrevistado: Ah, é outra região da Itália.

(Informante 52, Siderópolis, masculino, jovem, zona urbana).

Para concluir, as denominações dadas à língua do ítalo-brasileiro de Criciúma e região são: *italiano e/ou língua italiana e/ou dialeto*.

Para alguns dos ítalo-brasileiros da região, a língua italiana/dialeto é a língua materna¹⁶⁷. Eles a consideram tanto como a sua língua que se sentem melhores falando italiano/dialeto a português:

Luciana: A senhora lembra de falar italiano?

Entrevistada: A gente era pobre, humilde, mas era aquela coisa sadia, aquela convivência sadia, tu sair da casa do pai para ir lá comer uma *minestra*¹⁶⁸ que era um feijão com arroz na *nonna*. Aquele colhia o café, torrava, moía... era tudo isso... tu ia e plantava o trigo para farinha, plantava o arroz em banhado, nós se atolava no banhado até aqui para ir lá plantar as mudinhas com a *nonna*, a mudinha do arroz.

Luciana: E isso tudo sempre teve presente a língua italiana?

Entrevistada: Sempre a língua italiana.

Luciana: Então quando a senhora pensa em italiano hoje, em língua italiana, a senhora lembra dessas coisas?

Entrevistada: Sim, sim.

Luciana: Estou vendo os seus olhinhos todos marejados, dá saudade?

Entrevistada: Sim, oh se dá, guria! Meu Deus!

Luciana: A senhora gosta de falar mais italiano ou português?

Entrevistada: Eu às vezes evito de falar brasileiro porque eu erro palavras, a língua enrola.

Luciana: E italiano não?

Entrevistada: Não, sei lá se é mais fácil ou se é porque a gente fala com as pessoas que tem mais segurança, por exemplo, mãe. Porque às vezes se vou falar contigo uma palavra ou me expressar eu evito falar porque eu posso estar falando errado a palavra brasileira.

(Informante 47, Pedras Grandes, feminino, idosa, zona urbana)

Nesse exemplo, a informante parece conectar a língua italiana/dialeto à família, mais especificamente a sua mãe. Ela afirma que, com as pessoas com as quais possui mais intimidade, seria melhor falar italiano/dialeto.

No próximo exemplo, outro informante também afirma preferir falar italiano/dialeto a português. Mais uma vez, o uso da língua parece estar relacionado ao laços sentimentais e familiares:

¹⁶⁷ Língua materna é a língua que o falante adquiriu desde a infância, durante o aprendizado da linguagem (DUBOIS *et al.*, 1993).

¹⁶⁸ Sopa de caldo de feijão com arroz ou macarrão, é considerado um prato típico italiano no sul de Santa Catarina.

Luciana: Vocês gostam de falar mais italiano ou mais português?

Mulher: **Eu gosto de falar italiano.**

Luciana: Gosta do italiano?

Mulher: Sim.

Luciana: Por que, é melhor?

Homem: **Sei lá, a língua nossa é mais...**

Luciana: E se criaram assim?

Homem: **Vê se tu fala muito assim o brasileiro, a minha língua fica enrolada...** (risos)

Luciana: O italiano sai?

Mulher: O italiano sai bem.

Luciana: É melhor né. Como é que pode! E com os pais de vocês, era só italiano?

Mulher: **Só italiano, minha mãe com 90 anos**, claro que nos últimos cinco ou seis anos, ela não falava mais, não conhecia mais ninguém. (Informante 53, Siderópolis, masculino, idoso, zona rural)¹⁶⁹.

Em diversos momentos durante as entrevistas, ficou claro que a língua italiana/dialeto do ítalo-brasileiro de Criciúma e região está relacionada a recordações familiares e de afeto.

Dentro desse panorama linguístico, histórico e social apresentado, optei por chamar o idioma italiano falado pelos ítalo-brasileiros da região pesquisada de “*língua italiana/dialeto*”. Essa opção foi fundamentada na ideia de que, nesse caso, língua italiana e dialeto são termos equivalentes para o contexto do sul catarinense. Ressalto que não optei por chamá-la de *talian* porque os meus entrevistados não definem assim a sua própria língua; eles afirmam falar “italiano” ou “língua italiana” quando comparada ao português, e “dialeto” quando comparada às outras variações do italiano presentes na região. Por todos esses motivos, a chamarei de *língua italiana/dialeto*¹⁷⁰.

É difícil prever se a língua italiana/dialeto dos ítalo-brasileiros continuará viva por muito tempo na região.

Segundo Margotti (2004), a questão linguística no sul do Brasil (Santa Catarina e Rio Grande do Sul) envolve três fases. A primeira, fase monolíngue, aconteceu quando os imigrantes falavam apenas a sua língua de origem e começaram, pouco a pouco, a aprender português como segunda língua (L2). A segunda fase, fase bilíngue, quando usavam o português no uso externo e sua

¹⁶⁹ Na entrevista aparece a fala também da esposa do informante. Ela estava em casa e fez questão de participar da pesquisa e fui favorável; entretanto, para a análise quantitativa somente os dados dele serão levados em consideração.

¹⁷⁰ Essa língua foi chamada também, nesta tese, de “língua italiana falada na região”, especialmente antes da sessão 4.1, isto porque é somente nesta parte do trabalho que ela é apresentada e definida.

língua de origem em família e na comunidade. E finalmente, a terceira fase, a fase inicial de difusão do português, com as terceiras e quartas gerações de descendentes de italianos, o que acontece, em diferentes graus, com a morte das línguas dos ascendentes.

Neste trabalho estão sendo envolvidos, de acordo com as três fases apontadas por Margotti (2004), ítalo-brasileiros da segunda e da terceira.

Assim como Margotti (2004), também Dall’Alba, já em 1983, alertava para a fase da mortandade dos dialetos no sul do estado. Dall’Alba (1983) diz que os colonos de Nova Veneza, maior parte “vênetos ou bergamascos”, “conservaram seu dialeto e o transmitem, por força, a seus filhos, mas isto cessará, também por força, logo que serão levados pelas circunstâncias a lançar-se por dentro dos fatos e da vida de sua pátria adotiva” (p. 69).

Para a maioria dos ítalo-brasileiros de Criciúma e região, a presença da língua italiana/dialeto está diminuindo. Eles citam diversas razões para explicar essa diminuição, entre elas:

a) Miscigenação com outras etnias:

“Veio *muita gente de fora*, veio gente do norte do país, do nordeste, de Porto Alegre” (Informante 52, Siderópolis, masculino, jovem, zona urbana).

“*Como vem gente de fora, quem não é daqui não está passando muito para as próximas gerações muita cultura*, assim... eu acho que diminuiu um pouco” (Informante 26, Nova Veneza, feminino, jovem, zona rural).

b) Uso de novas tecnologias:

“Fator econômico e *novas tecnologias*” (Informante 03, Criciúma, masculino, jovem, zona urbana).

Eu acho que é a modernidade, **a modernidade nos tira do contato pessoal** e o contato pessoal, a beleza da língua italiana que é essa sonoridade, essa melodia e o envolvimento de todo o corpo na linguagem, isso, tu não vai ver através de e-mail e etc... Então, isso está acabando com a língua (Informante 07, Criciúma, masculino, idoso, zona urbana).

c) Mortandade das pessoas que falam a língua:

“Porque vai se perdendo, *as pessoas vão morrendo, os que falam...*” (Informante 09, Criciúma, feminino, jovem, zona rural).

“Porque assim... como meus avós falavam italiano com o meu pai, mas *meu pai já deixou de falar italiano com nós*, eu e meus irmãos, e isso tem acontecido, e

os velhos estão morrendo” (Informante 20, Nova Veneza, masculino, jovem, zona urbana).

“Porque eu não encontro ninguém para falar italiano” (Informante 16, Criciúma, feminino, idoso, zona urbana).

d) Diminuição do contato familiar com falantes da língua, em virtude do trabalho e estudo:

“Porque a cidade está crescendo pra fora, por exemplo, eu vou trabalhar fora, tipo, eu vou estudar e não fico mais aqui perto do nonno (vô) que conversa, que fala” (informante 02, Criciúma, masculino, jovem, zona rural).

e) Desinteresse do jovem:

“Eu acho que pelo mesmo fato que aconteceu comigo, foram se distanciando, foi se perdendo, eu acho que na geração mais nova foi se perdendo um pouco” (Informante 43, Pedras Grandes, feminino, jovem, zona urbana).

Entrevistado: Não sei, a meu ver, está diminuindo porque... não sei por que nunca fui atrás disso, mas quando tu era pequeno tu sabia que tinha escola de italiano, hoje não sei mais se tem. Os italianos que falam o italiano estão morrendo, os velhos estão morrendo e a gurizada que está vindo, não sei se estão atrás de buscar o italiano, então não sei.

Luciana: Tu não tá pelo que tu me contou.

Entrevistado: Não, não.

Luciana: Tu sabe dizer por que tu não tá nem aí?

Entrevistado: Não... porque não preciso talvez, não é uma coisa que eu tenha interesse em aprender, por aprender talvez.

(Informante 04, Criciúma, masculino, jovem, zona urbana).

f) Não introdução da língua italiana nas escolas:

“Olha, no meu ponto de vista, tá diminuindo porque a juventude ninguém fala italiano, né? Porque também não tem aula. Não tem ninguém que ensina, vai perdendo, né” (Informante 46, Pedras Grandes, feminino, idosa, zona rural).

g) Falta de financiamento do governo italiano para fomentar o ensino do italiano padrão:

“Está diminuindo por falta de escola. O governo italiano não subsidia mais, não dá mais... Não tem mais, só associação né, agora temos a associação que está dando força pra cultura italiana” (Informante 15, Criciúma, feminino, idosa, zona urbana).

É interessante perceber que os poucos ítalo-brasileiros que falaram que a língua italiana está aumentando moram em cidades onde a língua italiana está presente na grade curricular (Nova Veneza, Urussanga e Siderópolis). Talvez tenha

sido esse o motivo pelo qual eles percebam que a língua esteja aumentando nas suas cidades:

Exemplo 1

Luciana: Tem mais gente falando devido o que? O que será que está aumentando?

Entrevistado: Tem bastante pesquisando sobre a Itália e **dando aula de italiano na escola.**

(Informante 17, **Nova Veneza**, Masculino, jovem, zona rural).

Exemplo 2

Entrevistado: Essa aumentando né.

Luciana: Agora está aumentando?

Entrevistado: **Eles dão aula ali né...** porque elas (as professoras) foram pra lá fazer a língua italiana¹⁷¹.

(Informante 53, **Siderópolis**, masculino, idoso, zona rural).

Dentre os ítalo-brasileiros que afirmaram que a língua italiana/dialeto está diminuindo na região, a grande maioria, como nos mostram os depoimentos a seguir, disse que isso é ruim para os próprios ítalo-brasileiros. As razões apontadas foram: deixar de ser bilíngue, perder valores familiares e religiosos, perder oportunidade de conhecer a história da família e perder a sua origem.

Na sequência são apresentadas algumas falas expondo essas razões:

Exemplo 1:

É ruim porque o meu pai fala duas línguas, eu não vou falar duas línguas, eu só falo uma né, meus filhos só vão falar uma, **seria bom se o cara soubesse falar duas línguas** (Informante 51, Siderópolis, masculino, jovem, zona urbana).

Exemplo 2:

Luciana: É ruim para nós que somos descendentes de italianos essa diminuição, perde-se, além da língua, tudo isso que a senhora falou?

Entrevistada: Exato, os **valores da família, religião** (Informante 31, Nova Veneza, feminino, idosa, zona urbana).

Exemplo 3:

Pra mim é ruim, para os futuros filhos, netos é pior ainda porque não vai ter a cultura, uma base do que foi a família. Vai ser meio ruim para eles tentarem aprender, tentar **aprender mais da família e da descendência** (Informante 65, Urussanga, masculino, jovem, zona rural).

Exemplo 4:

Bom não é... é ruim no sentido que vai se perdendo, ruim nesse sentido porque vai se perdendo uma **origem** né (Informante 15, Criciúma, feminino, idosa, zona urbana).

¹⁷¹ O entrevistado se refere aos cursos de formação continuada na Itália, que foram realizados pelos professores de italiano de Siderópolis (os cursos são organizados e financiados por associações italianas).

Contudo, não se pode, de fato, afirmar se a língua tende a se extinguir com a morte da geração mais velha tratada nesta pesquisa ou se haverá um resgate na cultura e na vontade de aprender a língua italiana/dialeto na região.

De qualquer forma, esse panorama linguístico justifica também a relevância desta pesquisa e a necessidade de outras mais na região. É importante que a situação da língua italiana/dialeto do sul de Santa Catarina seja registrada antes que fortes mudanças possam vir a acontecer.

4.2 O PORTUGUÊS COM SOTAQUE ITALIANO NA REGIÃO SUL DE SANTA CATARINA: VARIAÇÃO ESTIGMATIZADA

Perceberam-se durante as entrevistas muitas atitudes linguísticas negativas dos próprios ítalo-brasileiros do sul de Santa Catarina em relação ao português com sotaque. Pode-se afirmar que o português com sotaque italiano na região é uma variação estigmatizada.

É importante deixar claro que o foco desta tese é verificar as atitudes linguísticas em relação à língua italiana/dialeto falada na região, e não em relação ao português com sotaque de italiano. Entretanto, acredita-se ser importante apresentar brevemente essa atitude do ítalo-brasileiro porque foi um ponto recorrente em diversos momentos das entrevistas. De fato, durante as conversas realizadas para esta pesquisa, foi percebido, muitas vezes, que o português com sotaque italiano falado no sul de Santa Catarina pelos ítalo-brasileiros foi visto como “errado”. Apresenta-se, a seguir, um quadro com frases dos informantes, separadas por cidade, para exemplificar como foi possível chegar a essa conclusão:

Cidade	Visão do ítalo-brasileiro sobre o português falado com sotaque italiano
Pedras Grandes	<p>Luciana: E tu gostava desse sotaque deles? Achava bonito quando eles falavam português?</p> <p>Entrevistada: Sim, achava, a mãe tinha dificuldade, falava meio errado às vezes.</p> <p>Luciana: Isso dava uma vergonha?</p> <p>Entrevistada: Dava vergonha. Hoje não, eu acho lindo se alguém fala meio errado.</p> <p>(Informante 45, Pedras Grandes, feminino, idosa, zona rural).</p>
	<p>Luciana: Tu gosta desse sotaque ou tu ainda acha meio polêmico?</p> <p>Entrevistada: Eu acho meio estranho quando falam umas palavras erradas assim, mas o resto não.</p> <p>Luciana: Tipo carocha, tera.. essas coisas?</p>

Cidade	Visão do ítalo-brasileiro sobre o português falado com sotaque italiano
Urussanga	<p>Entrevistada: Errado, é... (...) Luciana: E o pessoal tira sarro? Entrevistada: Ah! Nos canto eles tiram (risos). Luciana: Tá, por que tu acha que tem esse sarro com o italiano assim? Entrevistada: Ah só pelo fato de falar errado, porque no Paraná eles falam assim, eles falam igual ao italiano, assim bareira, tereno. (Informante 74, Urussanga, feminino, jovem, zona rural).</p>
Criciúma	<p>Luciana: E a tua avó, como é que fala português hoje em dia? Entrevistado: Fala 80% certo, mas nem todas as palavras ela acerta. (Informante 04, Criciúma, masculino, jovem, zona urbana).</p>
Nova Veneza	<p>Exemplo 1 Luciana: Como foi isso? Entrevistado: A gente falava tudo errado, errava uma palavra e eles falavam eeeeehhhh italianinho grosso. Faziam <i>bullying</i>. Entrevistada: Se fosse agora não poderia mais. Entrevistado: Então, a gente tinha até vergonha de ir para a escola porque não sabia certas palavras. Entrevistada: Não sabia se expressar, acompanhar a língua dos colegas. Luciana: Quem é que fazia <i>bullying</i>, era os coleguinhas? Entrevistada: Sim. Entrevistado: Os próprios colegas, não entendiam a nossa língua, o nosso dialeto, a gente falava o português, mas tudo errado, essa é diferente, então, era a língua que na escola não era usada, o nosso dialeto. (Informante 21, Nova Veneza, masculino, idoso, zona rural e Informante 30, Nova Veneza, feminino, idosa, zona rural).</p> <p>Exemplo 2 Luciana: Tu acha que tu fala com sotaque ou não? Entrevistada: Eu acho que tenho um pouquinho. Já me falaram também. Luciana: Tu gosta? Entrevistada: Sei lá, às vezes a pessoa faz uma coisinha assim e fala que eu tenho sotaque e fico meio assim né, porque é gente de fora né. Mãe da entrevistada: Porque aqui em Nova Veneza, especialmente a gente, fala muito errado português. A minha irmã que mora em São Leopoldo, quando ela vem aqui, ela vive me chamando atenção, não é assim que se fala! (Informante 26, Nova Veneza, feminino, jovem, zona rural).</p>
Siderópolis	<p>A gente falava só bergamasco, quando a gente começou ir para a aula, quando a gente começou a falar o brasileiro, a gente nem sabia, a gente começou falar o brasileiro e até a gente falava tudo errado, então a gente dizia “core, Maria, core!” (Informante 64, Siderópolis, feminino, idosa, zona urbana).</p>

QUADRO 9 – VISÃO DO ÍTALO-BRASILEIROS DE CRICIÚMA E REGIÃO SOBRE O PORTUGUÊS FALADO COM SOTAQUE ITALIANO.

Percebe-se a partir dos exemplos que um dos fatores considerados “errados” por dois informantes é em nível fonético, isto é, a neutralização da consoante vibrante, alveolar, vozeada [r] (tereno = informante 74 de Urussanga e core = informante 64 de Siderópolis). Para Margotti (2004), “um dos estereótipos mais

comuns do português de contato com o italiano é o abrandamento do [r] forte, seja na posição inicial de vocábulos, seja na posição intervocálica, ou mesmo no início de sílaba precedida por consoante” (p. 10). Como “na coine vêneta inexistente o [r] forte, a influência do *talian* no português faz com que os falantes bilíngues (...) ou mesmo monolíngues (...) usem o [r] fraco (tepe) em lugar do [r] forte (vibrante ou fricativa)” (MESKA, 1983; FROSI; MIORANZA, 1983, *apud* MARGOTTI, 2004, p. 10)¹⁷².

Outras pesquisas também constataram atitudes linguísticas negativas em relação à pronúncia do português com sotaque italiano no sul do país¹⁷³. No nordeste do Rio Grande do Sul, por exemplo, essas pesquisas permitiram relacionar a fala do ítalo-brasileiro com sotaque à situação sociocultural do colono, o habitante da colônia. “Fala de colono” é uma expressão utilizada “numa acepção carregada de preconceitos” (FAGGION, 2010, p. 67).

Existem muitas razões pelas quais podemos entender por que isso acontece. Uma delas, certamente, está relacionada ao nível econômico e social dos imigrantes italianos que colonizaram o estado. Em sua maioria, eram agricultores sem instrução escolar. Dessa forma, o modo de falar dessas pessoas tende a ser coletivamente estigmatizado pela sociedade. A forma estigmatizada em uma comunidade é interpretada como inferior, menor e menos importante. “Os usuários das formas sem prestígio, e, sobretudo das formas estigmatizadas, são rotulados de descuidados ou ignorantes das belezas da língua padrão” (VOTRE, 2003, p. 52). Sendo assim, os “erros” cometidos pelos ítalo-brasileiros, ou melhor, sua variação do português é vista como um mal a ser excluído da comunidade. É exatamente por isso que o modo de falar do ítalo-brasileiro está ligado a ser colono. Quem faz a neutralização da consoante vibrante, alveolar, vozeada, por exemplo, só para incluir as citações usadas, fala errado e é considerado colono.

O trecho da próxima entrevista que se apresenta para continuar o debate sobre a estigmatização da variação da fala do ítalo-brasileiro é um pouco longo, mas interessante para perceber como ainda hoje, para algumas pessoas, existe o estereótipo: falar com sotaque italiano é “ser colono”, “ser do mato”:

Luciana: Tu acha bonito ou tu acha meio jeca?

¹⁷² Para mais detalhes em nível fonético sobre a fala dos imigrantes italianos no sul do Brasil, ver: MARGOTTI (2004) ou GUBERT (2012).

¹⁷³ Ver Frosi e Mioranza (1975, 1983); Frosi (1987, 2001); Mantovani e Santini (1998) e Paviani (2004).

Entrevistada: Não, eu acho bonito, hoje em dia eu acho bonito com a valorização assim, a gente acha bonito. Quando eu era pequena eu não gostava muito.

Luciana: Não?

Entrevistada: Não.

Luciana: Por quê?

Entrevistada: O pai mandava a gente meio que obrigado para a aula de italiano, a gente não achava assim muito útil, a gente achava meio colono.

Luciana: O que é colono?

Entrevistada: Colono é a pessoa que mora no interior e que fica responsável pela atividade de agricultura.

Luciana: No dicionário?

Entrevistada: É né, mas é isso mesmo, os colonos são agricultores da região do interior, mais ou menos da nossa região, todos mais ou menos Italianos.

Luciana: E quando tu diz “um cara meio colono”, não é que a gente achava “meio agricultor” o que tem nesse colono, nessa palavra por trás?

Entrevistada: Pessoa sem cultura.

Luciana: Pessoa meio sem cultura?

Entrevistada: Sim.

Luciana: De onde vem isso, tu imagina?

Entrevistada: Eu acho que sim, eu acho o pessoal que vem formar as colônias, na época que teve a mineração eram muitos, eles eram muito discriminados eu acho assim... o pai conta que eles iam estudar na escola (nome da escola) que tinha a mineração, o pessoal tudo filho de engenheiro, o pessoal que era mais da cidade e eles ficavam um pouco envergonhados porque eles eram considerados coloninhos, ou mais pobrinhos, não sei, tem uma questão social até de ser mais, menos bem de vida de trabalhar na agricultura e eles tinham mais sotaques, falavam aRRRREIA ao invés de areia.

Luciana: Caroça?

Entrevistada: Caroça, ele conta que ficavam meio amuado, a gente já perdeu um pouco disso eu tive amigos da escola que eram ali de Volta Redonda ali, mais Treviso, tinham um pouco de sotaque a gente achava meio esquisito.

Luciana: Tirava um sarrinho?

Entrevistada: A gente não tirava sarro, mas a gente achava engraçado. A gente não tirava sarro porque a gente era bem educado, mas achava esquisito. Hoje em dia ainda tem esses negócios, esses dias a C.

estava me mostrando um vídeo do Youtube de uns caras tirando um anel e o cara falando CUDIO, CUDIO (palavra incompreensível). KKKK, muito colono.

Luciana: Ainda existe essa expressão né? Muito colono, ele é muito colono né?

Entrevistada: É, pessoa grossa, é grosseiro, é uma pessoa rústica, eu acho que é mais nesse sentido. Colono é uma pessoa tipo, jogadona, não é polida, é mais grosseira, eu acho que é nesse sentido.

(Informante 60, Siderópolis, feminino, jovem, zona urbana).

No próximo trecho sobre a estigmatização da fala com sotaque em italiano e, em especial, a neutralização do [r], a entrevista é também sobre como o português falado sem sotaque é visto pela sua família. Para eles, falar português sem sotaque italiano é falar a “língua dos ricos”:

Luciana: Entre o italiano que tu acha bonito e o português que tu também acha bonito, qual que tu acha a mais bonita das duas? O português ou o italiano?

Entrevistada: Como língua assim eu acho o italiano.

Luciana: O italiano?

Entrevistada: Claro.

Luciana: E por quê?

Entrevistada: Não... a língua italiana ela é, ela é mais doce né.

Luciana: Doce?

Entrevistada: É mais harmoniosa, quando a gente canta parece que o som sai melhor.

Luciana: Ah entendi.

Entrevistada: O som assim de pronúncia é mais fácil, a língua portuguesa eu tive dificuldade de aprender o, o... a palavra terra. Eles fazem gutural “terra”, e lá onde eu nasci não tinham esse som, eles diziam “tera”.

Luciana: “Tera”?

Entrevistada: “Tera”, como fazem no italiano.

Luciana: Hum.

Entrevistada: E essa pronúncia “tera” para nós dava certo, era fácil de falar, e na escola eles... Eles não gostavam.

Luciana: Eles quem?

Entrevistada: Os colegas, a professora, ninguém admitia que a gente dissesse “tera”.

Luciana: Hum.

Entrevistada: Chamava a gente de colono.

Luciana: Por que vocês falavam “tera”?

Entrevistada: “Tera”, é, então... “a tera é redonda” eles começavam a cantar e tirar sarro da gente cantando isso “a tera é redonda, a tera é...”.

Luciana: E aí como vocês faziam, vocês mudavam quando tinha... Quando tava na escola?

Entrevistada: Daí, eu não conseguia.

Luciana: Hum.

Entrevistada: Aí eu evitava de falar aquela palavra.

Luciana: Ahhh.

Entrevistada: Evitava, evitava pra não pagar mico né.

Luciana: Risos. Entendi.

Entrevistada: (Risos) pra não pagar mico não fala “tera”. Depois de...

Luciana: Mas e quando era outra palavra daí?

Entrevistada: Aí depois de... não, era “tera”, depois eu aprendi a falar gutural, “o rato” né? “O rei, a rainha”.

Luciana: Mas aí tu mudava? Tipo quando estava em casa tu falava “tera”?

Entrevistada: Não eu... Ah, não me lembro, eu, eu acho que sim, eu acho que sim porque em casa se a gente começava a falar “terra, rato” assim, eles diziam que a gente era exibida.

Luciana: Ah é?

Entrevistada: Exibida: “ai que exibida tá falando língua da escola, língua...” Como é que eles diziam? “Língua dos ricos”, um negócio assim. Mas o termo que eles usavam quando a gente falava direitinho, como todo mundo fala, era o termo exibida.

Luciana: Exibida?

Entrevistada: Exibida.

Luciana: Porque falava terra.

Entrevistada: Uhum (afirmação).

(Informante 15, Criciúma, feminino, idosa, zona urbana).

É interessante observar, nessa entrevista, como uma atitude linguística negativa pode levar (ou acelerar) a mudança linguística. Para não “tirarem mais sarro” da entrevistada, ela evitava falar a palavra e, em seguida, aprende uma nova

variedade. A fala da entrevista nos remete ao que diz o autor Moreno Fernández (1998). Para ele, uma atitude negativa ou desfavorável pode fazer com que uma mudança linguística se cumpra mais rapidamente. E ainda “uma atitude desfavorável ou negativa pode levar ao abandono e ao esquecimento de uma língua ou impedir a difusão de uma variante ou uma mudança linguística”¹⁷⁴ (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 179). É exatamente isso que aconteceu com a entrevistada: falar “tera” é considerado feio, então, ela aprende a falar “terra”. Ou seja, atitudes linguísticas (negativas ou positivas) podem levar mais rapidamente às mudanças linguísticas.

Entretanto, no Rio Grande do Sul, pesquisas sugerem que esse estigma em relação à fala do descendente italiano está atenuado. Para Faggion (2010), em virtude do movimento de valorização das origens, o esclarecimento da história da imigração e a tolerância entre pessoas de etnias diferentes podem ter contribuído para essa amenização. A autora diz também que essa fala estigmatizada torna-se uma afirmação pessoal que caracteriza o falante ítalo-brasileiro. Para ela, aspectos fonético-fonológicos, morfossintáticos e lexicais são a marca identitária desse grupo.

Também no sul de Santa Catarina parece estar havendo a valorização da italianidade, como foi detalhado nas seções referentes às cinco cidades envolvidas na pesquisa (seções 3.3.1 a 3.3.5). A própria informante 60 começa sua fala dizendo: “Não, eu acho bonito, hoje em dia eu acho bonito *com a valorização assim*, a gente acha bonito. Quando eu era pequena eu não gostava muito”. Outros informantes, da mesma forma, demonstraram aceitação e até valorização do seu sotaque ou da característica de “ser colono”. Os próximos quatro exemplos servem para demonstrar essa mudança de posição, essa passagem de negação para autoafirmação:

Exemplo 1

Luciana: E o que tu acha dessas pessoas? Colona?

Entrevistado: Não. Eu acho que é algo que está na raiz, né digamos...

Luciana: É o que tu acha?

Entrevistado: É da raiz. Assim, os italianos começaram aprender o português, eles não falavam o português corretamente sem o seu sotaque né, o **italiano deixou a marca dele na linguagem e até hoje tem isso...**

(Informante 20, Nova Veneza, masculino, **jovem**, zona urbana).

Exemplo 2

Luciana: Mas não é meio colono?

Entrevistado: O que?

¹⁷⁴ No original: *Una actitud desfavorable o negativa puede llevar al abandono y el olvido de una lengua o impedir la difusión de una variante o un cambio lingüístico.*

Luciana: Aprender italiano.

Entrevistado: Não, é bom, eu acho bem legal.

Luciana: Tu acha legal?

Entrevistado: Aham.

Luciana: E se te chamarem de colono quando tu está aprendendo?

Entrevistado: Não, isso é tranquilo.

(informante 19, Nova Veneza, masculino, **jovem**, zona urbana)

Exemplo 3

Luciana: E aquela história que italiano é colono, é pé rachado?

Entrevistado: Sou colono mesmo, assumo.

Luciana: É bom?

Entrevistado: **Imagina!** Meu primeiro dia de faculdade, isso há seis anos atrás, tinha aquela história de rolar o trote né, dai os veteranos vieram na sala porque “a gente vai fazer trote, vai pintar a cara de vocês, quem não quiser é porque “é do mato”, **mas eu sou do mato mesmo, sou colono** e não vou entrar na brincadeira de vocês. Até no dia da formatura eles: “pô, a gente nunca vai esquecer da tua frase” “sou do mato, sou colono”.
(informante 35, Pedras Grandes, masculino, **jovem**, zona urbana)

Exemplo 4

Luciana: Se todo mundo é assim é porque isso [ser colono] é normal, então?

Entrevistado: Sim, não é uma coisa ruim, **mas é uma coisa cultural.**

(Informante 66, Urussanga, masculino, **jovem**, zona rural)

Perceba-se que, nos quatro exemplos, as atitudes linguísticas positivas em relação a “ser colono” são manifestadas por jovens. Isso nos leva a inferir que talvez possa estar acontecendo no sul de Santa Catarina o mesmo que aconteceu no nordeste do Rio Grande do Sul, ou seja, uma diminuição da vergonha de ser colono para uma ressignificação da palavra “colono” e de tudo que vem carregado nela: ser do mato, falar com sotaque o [r] etc. Como não existem pesquisas em atitudes linguísticas no sul do estado para que possamos comparar os resultados atuais com outros de 10 ou 15 anos atrás, fica difícil concluir que está, de fato, havendo uma mudança na própria percepção da italianidade do ítalo-brasileiro, como está acontecendo no nordeste do Rio Grande do Sul. O que se pode afirmar é que atualmente existem ítalo-brasileiros que começam a se posicionar mais positivamente em relação a sua italianidade, apesar de ainda existirem casos de preconceito com sua própria fala e origem.

No Rio Grande do Sul, Faggion (2010) afirma que um fator que pode estar contribuindo para que exista essa autoafirmação da descendência é a demonstração de ser bilíngue. “Há um certo orgulho na fala com sotaque, um certo orgulho de pertencer à comunidade ítalo-brasileira. Uma ideia de que, se existe sotaque, é porque a pessoa é bilíngue (...) uma visão compreensiva de língua, de culturas e de

diferenças” (FAGGION, 2010, p. 73). Não foram encontrados depoimentos que pudessem confirmar essa posição dentre os entrevistados desta pesquisa.

Apesar dessa corrente de valorização, ainda existem resquícios e preconceitos daquela posição de que quem fala com sotaque é colono e ser colono é *feio*. Em virtude dessas atitudes linguísticas negativas em relação ao português falado com sotaque italiano em Criciúma e região, alguns dos ítalo-brasileiros entrevistados acabaram afirmando que tendem a disfarçar ou mudar o seu jeito de falar português para não demonstrarem sua descendência, como nos mostram os exemplos a seguir:

Luciana: Mas e o teu jeito de falar? Eles (os colegas da escola) implicavam também?

Entrevistada: **Não era nem questão de implicar, porque eu tentava meio que disfarçar também um pouco.** E quando eu era bem pequeninha eu já nem ligava, **já fala meio errado mesmo que é criança**, e aí depois, quando eu fui estudar no centro, daí eu já tentava né, porque eu via que eles falavam diferente.

(...)

Luciana: E quando tu estudava na escola que era só brasileiro, tu também disfarçava um pouco ou não, pra falar?

Entrevistada: **Disfarçava.**

Luciana: Por que tu tinha que disfarçar?

Entrevistada: **Porque eles começavam a dizer que eu falava errado, falava diferente, perguntavam se eu era daqui.**

(Informante 09, Criciúma, feminino, jovem, zona rural).

Nesse trecho, a informante 09 diz claramente que, em virtude do seu sotaque italiano, disfarçava sua fala quando falava português. Além disso, mais uma vez, o português falado com sotaque italiano é visto como “errado” (“já fala meio errado mesmo que é criança”).

Outra entrevistada diz: “Eu falava pouco na escola, cuidava de não falar nada para não errar. Tinha medo de errar e depois, sempre tem uns moleques que tiram sarro” (Informante 13, Criciúma, feminino, idosa, zona rural).

Detalhe importante é que, nesses dois exemplos, os julgamentos negativos em relação à variação ocorrem na escola. A primeira entrevistada é uma garota de 26 anos, ou seja, é recente sua saída do ambiente escolar. E aqui cabe a crítica sobre uma educação mais democrática em relação à aceitação e ao conhecimento da variação linguística. O contexto escolar não deveria servir para evidenciar a ridicularização de falares, para a comparação da norma culta com a forma desprestigiada. O contexto escolar deveria, além de ensinar sem opressão a norma

culta, oportunizar a percepção da variedade e a valorização de cada uma delas, de acordo com o contexto no qual o aluno está inserido.

Durante as entrevistas, os informantes falaram algumas vezes sobre como disfarçam/disfarçavam sua fala com sotaque, sobretudo em período escolar. Portanto, resolveu-se apresentar mais dois depoimentos que evidenciam essa prática. Não foi fácil achar o momento certo de perguntar se ele(a) disfarçava a fala. O tema é extremamente delicado e percebi que somente em entrevistas sem nenhuma outra pessoa por perto o informante admitiu que o fazia. Nesse primeiro exemplo a seguir, ele nega no começo, mas com outra abordagem acaba admitindo. Já no segundo exemplo, ela admite após eu me incluir como ítalo-brasileira também e afirmar que eu também falo com sotaque:

Exemplo 1

Luciana: Ou tentar disfarçar o sotaque?

Entrevistado: Não, não.

Luciana: Tu acha que tem sotaque?

Entrevistado: Pelas pessoas, algumas pessoas falam que eu tenho, não sei, e agora? (risos)

Luciana: (Risos)

Entrevistado: Eu achava que não.

Luciana: Teu pai e tua mãe têm?

Entrevistado: O pai e a mãe, o pai tem.

Luciana: Tu gosta?

Entrevistado: É o costume já com o pessoal, então a gente não...

Luciana: E quando vai pra outro lugar assim, isso te incomoda?

Entrevistado: Aí eu tento me controlar um pouquinho...

Luciana: Tenta disfarçar...

Entrevistado: É...

Luciana: Por quê?

Entrevistado: É assim oh, o sotaque... mas, no caso, não é falando em italiano mas, português, tu pega um pouquinho...

(Informante 34, Pedras Grandes, masculino, jovem, zona rural).

Exemplo 2

Entrevistada: É verdade, porque é do mato, eles falavam é do mato, tu é italiana do mato, é assim mesmo e não adianta.

Luciana: Essas coisas. E vocês tentavam disfarçar a voz por causa disso? Tentar disfarçar a fala sei lá, os Rs, caro, **que a gente fala, né? Puxado assim.**

Entrevistada: Eu acho que sim um pouco, sim, sim.

(Informante 57, Siderópolis, feminino, jovem, zona rural)

Um dos fortes motivos que podem ter levado a manifestação dessas atitudes linguísticas negativas em relação ao português com sotaque italiano na pesquisa foi a campanha de nacionalização da década de 1930. Muito provavelmente, a campanha fez brotar também muitas atitudes negativas em relação à língua

italiana/dialeto do ítalo-brasileiro de Criciúma e região. Esse assunto será o tema da próxima seção.

4.3 CARACTERÍSTICAS POLÍTICAS DAS COLÔNIAS DO SUL DE SANTA CATARINA

Politicamente, os colonos do sul de Santa Catarina não tinham muita influência no estado. As colônias do sul estavam ocupadas com sua organização interna e pouco preocupavam as lideranças do governo do estado (BALDIN, 1999).

Uma das poucas ações que merece destaque foi a formação de uma federação (Federação de Cooperativas das Colônias Italianas do Sul do Estado de Santa Catarina) e uma sociedade confederada-associação (*Società di Mutuo Soccorso Fratellanza Italiana*), fundadas pelas Colônias de Urussanga, Nova Veneza, Azambuja, Nova Belluno (Siderópolis hoje), Cocal, Criciúma, Nova Orleans, Nova Treviso e Armazém, em 1891. Incentivados por Roti, o então Cônsul italiano em Florianópolis, as entidades tinham o objetivo de unir forças para promover econômica e politicamente as colônias. Além disso, objetivavam “manter vivo, no coração dos imigrantes, o amor à pátria Itália, considerando-se que os jovens, os nascidos no Brasil, já não mais se *ligavam* à Itália como os mais idosos” (BALDIN, 1999, p. 112-113, grifo da autora).

De fato, segundo a historiadora Nelma Baldin, nessa época, nas colônias do sul do estado de Santa Catarina, propagava-se “um forte sentimento de amor ao Brasil, à pátria que acolhera os imigrantes e que os ajudara a viver, a prosperar e a criar seus filhos” (BALDIN, 1999, p. 110-111). Para a autora, essas ideias se faziam mais fortes em virtude do abandono do governo italiano. Os italianos sentiam-se largados à própria sorte pelo governo da Itália, sobretudo quando comparavam as iniciativas do seu país com aquelas do governo alemão¹⁷⁵.

Também Dall’Alba (1983) afirma que houve um abandono da pátria italiana por parte dos imigrantes. Para ele, os imigrantes que tinham alguma coisa na Itália venderam e trouxeram a família para cá. Aqueles que conseguiram um terreno em solo brasileiro muito trabalharam e suaram para conseguir plantar; aqui nasceram

¹⁷⁵ Para uma análise completa das diferenças entre as colônias italianas e alemãs instaladas no Brasil, ver Manfroi (1979).

seus filhos, aqui construíram igrejas, aqui enterraram seus mortos. “Por quanto grande, por quanto ardente e tormentoso possa ser o amor pela terra nativa, eles não abandonarão mais esse país onde puseram raízes profundas” (DALL’ALBA, 1983, p. 68).

Ainda sobre as ações políticas dos imigrantes, é importante dizer que a *federação* fundada pelos colonos do sul do de Santa Catarina, não tivera vida longa. Com a saída do Consul Roti do estado, ela perdeu forças e fechou após dois anos da sua inauguração. Segundo Baldin (1999), não foi pela sua força política que a Federação das Colônias Italianas do Estado de Santa Catarina fechou (não tinha nem dado tempo para tanto), mas sim porque pesava sobre ela a acusação de ser fascista.

Além do mais, nesse período se instalava no Brasil, embora ainda muito inicialmente, um sentimento nacionalista que mudaria a relação dos ítalo-brasileiros com os brasileiros e, até mesmo, com sua própria língua (tema da próxima seção).

A perda política foi significativa. Desfazia-se a *Federação* ou *Sociedade Cooperativa* e ficava apenas a *Associação das Colônias Italianas do Estado de Santa Catarina*. Essa última focou seus interesses em programações culturais e sociais e abandonou suas funções políticas; durou apenas até o período da segunda Guerra Mundial. Houve, a partir desse momento, uma pressão do governo para que a associação fosse extinta. Para poder dar continuidade às suas atividades, mudaram de nome, de objetivos e abandonaram seus ideais políticos. O resultado, entretanto, foi a extinção da associação com a venda da sede (BALDIN, 1999).

Percebe-se com esse panorama sobre a participação política dos imigrantes do sul de Santa Catarina que houve intervenções do governo que acabaram por dificultar uma atuação mais ativa no campo político do estado.

Segundo Baldin (1999), a atividade política que, de fato, mais se destacou entre os imigrantes italianos, e alemães também, foi o apoio ao Integralismo¹⁷⁶.

¹⁷⁶ Movimento criado em Portugal, chega ao Brasil em meados da década de 1930 com Plínio Salgado. Defende uma política tradicionalista que tem em suas bases a defesa de uma sociedade estruturada a partir da religião e da família. O intuito de se formar homens íntegros guiou os pensamentos dessa doutrina de direita. Todos esses ideais se resumiam no *slogan*: “Deus, Pátria e Família”. O movimento Integralista ganhou destaque no Brasil com um crescente número de partidários. Foi influenciado pelo fascismo italiano e iniciou suas atividades durante o primeiro governo de Getúlio Vargas, combatendo os defensores de pensamentos de esquerda. A ação integralista brasileira fazia contraponto ao Partido Comunista Brasileiro, fundado em 1922. Os integralistas acusavam os comunistas de corromper a família com seus pensamentos que ameaçavam a formação religiosa das pessoas. Considerado como um movimento de classe média,

Um dos entrevistados confirma que seu pai apoiou o movimento, ele diz:

Luciana: Me diz uma coisa, o senhor pegou alguma história do seu pai, do seu avô que na época da guerra foi proibido de falar italiano?

Entrevistado: Não. **Eu só me lembro que o meu falecido pai era da política, o partido deles era integralista, camisa verde**, até o falecido pai tinha essa camisa e mais assim... para negócio de guerra não.
(Informante 24, Nova Veneza, masculino, idoso, zona urbana).

Os imigrantes apoiaram com força total esse movimento. Segundo Bertonha (1998), 16% dos militantes integralistas de todo o país tinham origem italiana (vale frisar que o movimento não era exclusivamente formado por italianos). Para Baldin (1999), os imigrantes italianos apoiaram esse movimento¹⁷⁷ graças ao “apelo à defesa da propriedade das terras que poderiam vir a ser tomadas pelos comunistas, conforme se propagava à época (...) Afinal, era aqui, no Brasil, que eles, colonos, haviam conseguido voltar a ter dignidade e a ser proprietários de terras” (p. 116).

Em 1930, a Ação Integralista Brasileira estava firmada como partido político, mas foi veementemente combatida com a atuação de Getúlio Vargas na instauração do Estado Novo em 1937. A partir daí teve começo a repressão aos integralistas e ao movimento, liderado pelo meio católico e intelectual (BALDIN, 1999, p. 117).

As consequências desse movimento fundado por Getúlio Vargas sobre a língua falada nas colônias italianas no sul de Santa Catarina é o tema da próxima seção.

4.3.1 Campanha de nacionalização de Getúlio Vargas e suas consequências nas atitudes linguísticas dos ítalo-brasileiros em relação à língua italiana/dialeto em Criciúma e região

A campanha de nacionalização foi uma série de medidas tomadas durante o governo de Getúlio Vargas com objetivo de minimizar e diminuir as influências estrangeiras no Brasil para o fortalecimento e a integração da sua população. Essa

os seguidores do Integralismo ficaram conhecidos como “camisas verdes” ou “galinhas verdes” por causa de seus típicos uniformes (GASPARETTO JUNIOR, 2015).

¹⁷⁷ Bertonha (1998), em sua tese de doutorado intitulada *Sob o Signo do fascio: o Fascismo, os imigrantes italianos e o Brasil, 1922-1943*, avalia o relacionamento entre Fascismo italiano e o Integralismo brasileiro. O autor apresenta a posição do ítalo-brasileiro que foi influenciado pelos dois regimes e o os motivos pelos quais os imigrantes apoiaram o Integralismo no Brasil.

campanha ocorreu durante o regime político do Estado Novo, caracterizado pela centralização do poder, nacionalismo, anticomunismo e autoritarismo. Durou de outubro de 1937 até outubro de 1945 e gerou muitas atitudes linguísticas negativas em relação à língua italiana/dialeto na região sul do estado.

Em um primeiro momento, em 1938, foram proibidas as escolas étnicas, através do decreto federal nº 406 de 4 de maio de 1938¹⁷⁸. Com isso, as escolas em língua italiana não puderam continuar. Segundo o decreto, as aulas deveriam ser ministradas por brasileiros natos e em língua portuguesa. Esse fato interferiu muito na rotina das escolas do sul do estado de Santa Catarina que eram todas em língua italiana/dialeto. Alguns entrevistados confirmam esse momento:

Mas na época que o meu pai estudava, ele sempre contava né, que daí eles iam pra aula e era o irmão mais velho que dava aula, mas dava aula em italiano, **só que quando chegou uma época, ele não pode mais dar aula porque proibiram, porque não podia mais ensinar a linguagem italiana, aí então veio os professores brasileiros né, que falavam em português.** (Informante 14, Criciúma, feminino, idosa, zona rural).

Além das aulas, o material didático e os livros escolares também foram objeto de censura. O decreto federal nº 1.006 de 30 de dezembro de 1938 (BRASIL, 1939) determinou que todos os livros didáticos deveriam ter autorização prévia concedida pelo Ministério da Educação para o “ensino das escolas primárias, normais, profissionais e secundárias, em toda a República”. Conseqüentemente, os livros mandados aos professores pelo governo da Itália estavam proibidos. Isso também foi relatado pelos informantes:

Tinha uma história da época do tempo da guerra, em 45, eles não podiam ver um livro em italiano né...daí, não tem aquela casa de pedra? O (nome da pessoa) era professor na época - quer dizer, professor.... minha mãe também deu aula, quem sabia mais ensinava os outros - e **ele tinha livros e livros da Itália que mandavam para ele. No tempo da guerra ele**

¹⁷⁸ “§ 2º O Conselho agirá nesse caso na forma do presente artigo. Art. 41. Nos núcleos, centros ou colônias, quaisquer escalas, oficiais ou particulares, serão **sempre regidas por brasileiros natos**. Art. 42. Nenhum núcleo, centro ou colônia, ou estabelecimento de comércio ou indústria ou associação neles existentes, **poderá ter denominação em idioma estrangeiro**. (...)Art. 85. Em todas as escolas rurais do país, **o ensino de qualquer matéria será ministrada em português**, sem prejuízo do eventual emprego do método direto no ensino das línguas vivas. § 1º As escolas a que se refere este artigo serão sempre regidas por brasileiros natos. § 2º Nelas não se ensinará idioma estrangeiro a menores de quatorze (14) anos. § 3º **Os livros destinados ao ensino primário serão exclusivamente escritos em língua portuguesa**. § 4º Nos programas do curso primário e secundário é obrigatório o ensino da história e da geografia do Brasil. § 5º Nas escolas para estrangeiros adultos serão ensinadas noções sobre as instituições políticas do país.” (BRASIL, 1938).

encaixotou tudo e enterrou lá no rio, jogou fora tudo, toda a história, todo o manuscrito que ele tinha que não podia...

(Informante 72, Urussanga, masculino, idoso, zona urbana).

Conforme o depoimento do informante 72, nas colônias do sul, os professores eram membros da comunidade ou “quem sabia mais ensinava os outros”. Entretanto, após o decreto com a determinação de que somente professores natos brasileiros fossem professores, vieram ministrar as aulas na região professoras de fora, como nos conta o entrevistado a seguir:

Luciana: E nessas escolas que o senhor estudou a maioria era italiano ou era brasileiro, ou tudo misturado?

Entrevistado: Olha, tenho impressão que oitenta por cento descendentes de italiano.

Luciana: O senhor lembra se podia falar italiano ou só português, como que era essa questão na escola?

Entrevistado: Bom, na escola eu só falava português. Não sei se alguém falava italiano ou não, **os professores na aquela época, a maioria, vieram de Florianópolis e a diretora era a dona (nome da diretora), todas vieram de Florianópolis.**

(Informante 71, Urussanga, masculino, idoso, zona urbana).

Os próprios imigrantes construíam a escola e muitas vezes pagavam os professores. Arns (1985, p. 64) diz que em Criciúma, por exemplo, antes da campanha de nacionalização, os professores eram mantidos pelos pais dos alunos, que pagavam uma taxa escolar. O consulado da Itália contribuía com parte das despesas, e somente em alguns casos órgãos do governo brasileiro ajudavam a manter as escolas.

Em Nova Veneza, da mesma forma, em 1895, segundo o cônsul italiano Alberto Roti, o professor recebia dos pais dos alunos um subsídio provisório. As escolas foram fundadas e eram mantidas pelos moradores. O estado ou a companhia colonizadora não as financiavam (BORTOLLOTO, 1992, p. 106).

Em Siderópolis, a primeira escola foi fundada em Jordão Baixo, em 1901. Assim como em todas as outras do sul do estado, as aulas eram ministradas em língua italiana. Essa escola recebia recursos da Itália por meio do cônsul Antonio Remor (WARMLING *et al.*, 2012, p. 248).

As escolas étnicas eram uma realidade na região. Conforme Lúcio Kreutz (2000), o número dessas escolas era muito expressivo: em 1937, havia no Brasil 1.579 escolas alemãs, 396 italianas, 349 polonesas e 178 japonesas.

Em 1942, com a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial¹⁷⁹, o seu alinhamento aos Aliados (principais forças: União Soviética, Estados Unidos e Império Britânico) e seu posicionamento contra o Eixo (Alemanha, Itália e Japão), a perseguição aos imigrantes italianos identificados ao fascismo de Mussolini cresceu (bem como a perseguição aos alemães indicados como nazistas atuantes na causa de Hitler). Segundo Fáveri (2005, p. 213), foi montada uma caçada a espiões e propagandistas do regime fascista.

A Secretaria de Segurança Pública lançou um edital no dia 28 de janeiro de 1942, no qual tornava público aos estrangeiros naturais dos países Itália, Alemanha e Japão que: “ficam proibidos, a contar desta data, os hinos, cantos e saudações que lhe sejam peculiares, bem como o uso dos idiomas dos países apontados” (SANTA CATARINA, 1942, *apud* FÁVERI, 2005, p. 504). A historiadora Marlene de Fáveri (2005) diz que esse edital foi “a legitimação que faltava para que a polícia promovesse uma devassa nas colônias, gerando oportunismos de ocasião, muitas vezes indo parar no Tribunal de Segurança Nacional” (p. 97).

Estava decretado e legalizado o emudecimento dos italianos e de alguns já ítalo-brasileiros.

O mesmo edital, de janeiro de 1942, no artigo terceiro, afirmava:

É vedado aos súditos dos países mencionados: a) mudar de residência sem comunicação prévia ao Serviço de Registro de Estrangeiros, na Capital, e às Delegacias de Polícia, no interior do Estado; b) **reunir-se, ainda que em casas particulares a título de comemorações de caráter privado** (aniversários, bailes, banquetes, etc.); c) **viajar de uma para outra localidade sem licença da Polícia (Salvo-Conduto)**. (SANTA CATARINA, 1942, p. 4 *apud* FÁVERI, 2005, p. 504).

Ou seja, além de não poderem falar a própria língua, os italianos e ítalo-brasileiros estavam proibidos de fazerem qualquer tipo de comemoração e de se deslocarem de um lugar para o outro.

Um dos informantes, de 99 anos, comenta como fazia para conseguir viajar: ele não tinha o salvo-conduto, permissão exigida pela polícia para deslocamentos, então, pegava o documento emprestado de um primo e viajava calado, “sem dar conversa pra ninguém”:

¹⁷⁹ Decreto federal n. 10.358, de 31 de agosto de 1942, que declarou Estado de Guerra em todo o território nacional (FÁVERI, 2005, p. 43).

Tinha um primo que me emprestava pra comprar a passagem, lá no trem tinha que ser só com salvo-conduto. Então, eu não ... o salvo-conduto não era no meu nome, eu não tinha idade, então andava com um que tinha. **Eu não dava conversa pra ninguém.**

(Informante 38, Pedras Grandes, masculino, idoso, zona rural)

A consequência desse decreto foi o *silenciamento* dos ítalo-brasileiros. Esse entrevistado diz que, em virtude do medo, não falava, nem italiano, nem português. O conselho teria vindo de um tio que era delegado:

Entrevistado: Eu andava sempre com medo também, eu sabia que era perigoso, que tinha aquela lei lá... meia fina...

Luciana: O senhor tinha medo de falar italiano?

Entrevistado: Eu tinha medo também de falar o brasileiro como o que era de costume, porque um tio meu era delegado, ele me ensinou bem, não falar coisa nenhuma, de nem uma maneira, nem de outra, porque era uma época que não se sabia se era obrigado a fazer italiano ou saber brasileiro, teve época que era tudo meio proibido.

(Informante 38, Pedras Grandes, masculino, idoso, zona rural).

A historiadora Marlene de Fáveri diz que em várias cidades do estado de Santa Catarina, após a entrada do Brasil na Segunda Guerra, houve atos públicos nos quais a multidão irritada jogou pedras em casas, pichou paredes e muros, quebrou placas com nomes em alemão e “achincalhou estrangeiros e descendentes obrigando-os a darem vivas ao Brasil e aos Interventores Nereu Ramos¹⁸⁰ e Getúlio Vargas” (FÁVERI, 2005, p. 43).

Uma das entrevistadas lembrou exatamente o episódio citado por Fáveri (2005), no qual um ítalo-brasileiro de Pedras Grandes foi obrigado a gritar “viva Brasil” para não ser preso:

Entrevistada: Uma vez, o primo do (nome do marido) e não sei quem foram em uma eleição, ele disse assim: “viva a Itália!”, daí puniram ele, fizeram ele ir em cima do palco 7 de setembro¹⁸¹ com a bandeira na mão e falar “viva o Brasil!” em cima do palco com a presença de todos que estavam ali.

Luciana: Para desfazer o que ele tinha falado?

Entrevistada: Sim, “viva o Brasil” senão iria para a cadeia.

Entrevistado: Naquela época era perigoso.

(Informante 40, Pedras Grandes, masculino, idoso, zona urbana e Informante 48, Pedras Grandes, feminino, idosa, zona urbana).

¹⁸⁰ Então governador do estado, estava totalmente alinhado ao projeto ideológico de Getúlio Vargas do Estado Novo.

¹⁸¹ Comemoração da Independência Brasileira. As comemorações oficiais foram iniciadas no Estado Novo para aproximar o poder público do povo e construir a “alma” brasileira (FÁVERI, 2005, p. 59).

A última frase do informante 40 é: “Naquela época era perigoso”. Foi esse o sentimento percebido na fala dos entrevistados ao se referirem a esse período: *medo e perigo*. Causar medo foi a estratégia criada por essa campanha para “nacionalizar” o Brasil. Para disseminar o medo, boatos foram espalhados e, de tanto serem repassados, tornaram-se reais no imaginário de ítalo-brasileiros que viviam amedrontados no sul de Santa Catarina. Por exemplo, segundo Fáveri (2005, p. 57), no Brasil, e especificamente em Santa Catarina, não houve bombardeios, mas em duas das minhas entrevistas ítalo-brasileiras afirmaram que aviões passavam jogando bombas e que eles se escondiam nas cantinas para se protegerem.

Fáveri (2005) também percebeu que os informantes “inventaram” fatos em suas entrevistas, mas ela diz que esse imaginário de conspiração foi gerado pelo medo. Isso mexeu tanto com o cotidiano e com os sentimentos dos ítalo-brasileiros que sentidos e memórias foram alterados. Na verdade, os boatos transformados em supostas verdades foram mais uma estratégia que colaborou para o projeto do governo.

Ao analisar o percentual de informantes desta pesquisa, verificou-se que a maioria dos ítalo-brasileiros (63%) sabe que houve a proibição de falar em italiano na região, como demonstram os dados a seguir:

TABELA 8 – INFORMANTES DESTA PESQUISA QUE (NÃO) CONHECEM A HISTÓRIA DA PROIBIÇÃO DE FALAR A LÍNGUA ITALIANA NO SUL DE SANTA CATARINA

Localidade	Sabe da história da proibição de falar italiano	Não sabe da história da proibição de falar italiano
Pedras Grandes	62%	38%
Urussanga	75%	25%
Criciúma	44%	56%
Nova Veneza	75%	25%
Siderópolis	56%	44%
Total nas 5 cidades	63%	37%

Das cinco cidades, aquelas na quais seus habitantes mais conhecem esse fato histórico são Urussanga e Nova Veneza, em que 75% dos informantes já tinham ouvido falar, em casa ou em outros lugares, sobre o assunto.

Em Urussanga, maior colônia de italianos da época, a repressão da polícia em cima dos italianos foi realmente bem forte. A historiadora Nelma Baldin afirma que o medo era um sentimento reinante na cidade. Afirma também que, como os italianos da cidade ficaram isolados do resto do país, eles preservaram sua língua e

seus costumes, o que gerou certo mal-estar perante os dispositivos nacionalistas da legislação em vigor. Na cidade de Urussanga, “a espionagem e as delações eram largamente disseminadas (...), principalmente nas relações entre os descendentes de imigrantes e os brasileiros” (BALDIN, 1999, p. 224).

A consequência desse medo era o desprezo por tudo que fosse italiano. Na verdade, desfazer-se de tudo que reportasse à Itália era uma forma de proteção. Em Urussanga, uma das consequências foi esconder monumentos com inscrições em língua italiana/dialeto, como nos conta a entrevistada:

Luciana: Tu ouviu falar, o teu pai, teu *nonno* (avô), alguém te contou que na época da guerra foi proibido falar italiano aqui em Urussanga, já ouviu falar dessa história?

Entrevistada: Eu já ouvi falar, mas não pelo pai assim, por outras fontes.

Luciana: Talvez tenha estudado alguma coisa?

Entrevistada: É, na verdade, tem um caso bem específico aqui em Urussanga que é na vinícola (nome do lugar). Eu fiz estágio no turismo daí a dona dessa vinícola era Secretária e a gente conversou muito sobre isso. Faz, eu acho, uns 4 anos ela fez uma reforma em uma capelinha, Nossa Senhora das Graças, que tem lá. Era propriedade da família dela lá em São Pedro, que é uma comunidade retirada. **Aí ela foi fazer a reforma e ela foi tirar a pintura, foi tirando o reboco quando ela chegou tinha uma pintura com a escrita: “NS Gracie” com “c”, acho que não era nem com “z” que seria possivelmente dialeto, sei lá, e estava apagado, anos apagado. Então possivelmente por causa disso, por ter passado um momento histórico que não se podia falar, eles tamparam para não se ter o vínculo com o italiano; e ela nem sabia, foi fazer a reforma na capela e descobriu, daí ela não tampou mais. Ela deixou assim para ser italiano.**

(Informante 75, Urussanga, feminino, jovem, zona urbana).

Em Nova Veneza, cidade na qual 75% dos entrevistados afirmam conhecer a proibição de falar italiano, também existem relatos desse tempo, as lembranças são as mesmas: mudança da língua na escola, medo, dificuldade de falar português:

Entrevistada: Houve um tempo, porque no nosso tempo até podia falar italiano, mas houve um tempo, antes disso, que não podia falar italiano.

Entrevistado: Tempo de guerra.

Luciana: Pois é, o que vocês lembram disso?

Entrevistada: Era proibido falar italiano.

Entrevistado: O meu pai, ele começou a ir para escola aqui em Nova Veneza, porque aqui não tinha escola em língua portuguesa, eles estudavam italiano, então ele disse que depois, quando foi na guerra, que teve aquelas guerras... que a Itália, não sei porquê, proibiram a língua italiana no Brasil. Então, mesmo nas escolas eles não podiam falar o dialeto.

Luciana: Quem contou essa história para o senhor?

Entrevistado: O pai contava.

Entrevistada: Os antigos.

Entrevistado: Teve uma época, depois então liberaram, **mas ficou né, ficou naquela porque era meio restrito. Nossos bisavós, nossos antecedentes que eram italianos aqui no Brasil, eles passaram trabalho com isso aí porque eles não sabiam nem falar e o povo daqui achava que o italiano era meio.... depois é que os italianos foram se acampando aqui.**

(Informante 21, Nova Veneza, masculino, idoso, zona rural e Informante 30, Nova Veneza, feminino, idosa, zona rural).

No trecho “e o povo daqui achava que o italiano era meio.... depois é que os italianos foram se acampando aqui” (Informante 21), percebe-se claramente que as atitudes linguísticas negativas em relação à língua italiana/dialeto eram reportadas também aos seus falantes. O entrevistado diz que somente depois de um tempo é que o ítalo-brasileiro foi conquistando seu espaço na cidade (“se acampando”), mas que, nessa época, ele não era bem-visto. Provavelmente, essas atitudes negativas foram manifestadas em consequência da campanha de nacionalização.

Outro ponto que apareceu nas entrevistas em Nova Veneza foi o medo de ser preso por falar italiano:

Entrevistado: Teve uma época que não podia mais falar italiano.

Luciana: Como é que foi essa época? Conta pra mim o que aconteceu?

Entrevistado: Aconteceu que proibiram os pais, até os pais não podia mais criar um filho e falar italiano, tinha que aprender. A primeira palavra era brasileiro.

Luciana: O que polícia fazia se falasse italiano?

Entrevistado: **Bom, em Veneza, a polícia botava na cadeia, o meu pai quantas vez que andou arriscado de andar na cadeia.**

Luciana: **Porque falava?**

Entrevistado: Eles não sabiam falar brasileiro, a língua deles, ele veio, nasceu na Itália, quando vieram de lá falavam tudo italiano, tudo italiano e não sabia falar brasileiro.

Luciana: Tá.

Entrevistado: Em Veneza me veio essa lei que não podia mais falar italiano.

Luciana: E como é que eles faziam daí, se eles não sabiam falar?

Entrevistado: Olha, eles tinham que ficar lá tudo meio escondido lá nos cantos é, eles não podiam abrir a boca.

(Informante 23, Nova Veneza, masculino, idoso, zona urbana).

Ao fazer essas perguntas sobre o conhecimento desse fato histórico nas cinco cidades, pode-se perceber que em três delas a parte da zona rural, talvez por estar mais afastada, parece ter sentido menos a repressão da Campanha de Nacionalização. Isso será demonstrado com os trechos de conversa a seguir.

Em Nova Veneza:

Luciana: E aí como fazia, não falava?

Entrevistado: Ficavam quieto, o (nome do professor), era ele que estava dando aula ainda, ele era estrangeiro, era lá da Itália e ainda dava aula e ficou quieto por ali, passou uns anos.

Luciana: Passou uns anos quieto?

Entrevistado: Sim.

Luciana: Isso chegou a acontecer com o seu pai alguma coisa?

Entrevistado: Não. O meu pai nasceu aqui.

Luciana: Aqui podia falar?

Entrevistado: Podia falar tudo.

Luciana: Não tinha problema, a polícia não vinha aqui?

Entrevistado: Não, não, não. Em nova Veneza não tinha problema nenhum.

Luciana: Lá em Laguna não podia?

Entrevistado: Lá em Laguna não podia.

(Informante 22, Nova Veneza, masculino, idoso, zona rural).

Em Azambuja, zona rural de Pedras Grandes:

Luciana: Essa coisa que o senhor me contou de Urussanga, que não podia falar, isso não chegou aqui em Azambuja?

Entrevistado: Aqui não.

Luciana: Aqui todo mundo podia falar?

Entrevistado: Aqui não tinha fiscalização, mas em Urussanga tinha.

(Informante 37, Pedras Grandes, masculino, idoso, zona rural).

E na zona rural de Criciúma:

Luciana: E eles falavam italiano com a senhora em casa?

Entrevistada: Eles falavam, mas era meio proibido porque eu nasci diante da época da guerra que foi de 39 a 43, 42. Eu nasci em 42 eles foram proibidos de falar italiano.

Luciana: Como que foi isso, essa proibição? Como que acontecia na casa da senhora? Não podia falar?

Entrevistada: Sim, disseram que não podia falar, porque o meu pai era de falar pouco de não contar história né, o meu sogro já gostava de contar história da época do que acontecia, o meu pai já era mais fechado.

(...)

Luciana: E como a senhora soube que não podia falar italiano?

Entrevistada: A minha mãe falou.

Luciana: como que ela falou que era?

Entrevistada: A minha mãe não sabia nem ler e escrever, eles não foram para a escola, eles tinham medo de falar.

Luciana: Por quê?

Entrevistada: Porque era proibido Deus o livre se alguém escutasse o carro da polícia alguma coisa.

Luciana: E vocês não falavam italiano?

Entrevistada: Não, falava, quer dizer, em casa a gente falava porque a gente morava bem no interior né, era longe de tudo.

Luciana: No interior falava?

Entrevistada: Sim, falava.

(Informante 13, Criciúma, feminino, idosa, zona rural)

Em Urussanga e em Siderópolis, parece que até mesmo a zona rural sofreu as consequências da repressão. Segundo os relatos dos informantes dessas zonas

rurais, existiam até mesmo espiões que escutavam as pessoas dentro das casas para verificar se estavam falando em italiano.

Urussanga foi o foco da imigração no sul do estado, a maior colônia na época. Talvez por isso até os habitantes da zona rural tenham se sentido controlados e vigiados:

Luciana: E isso, de não poder falar foi mais forte ali no centro de Urussanga ou aqui no interior? Ou em tudo quando é lugar?

Entrevistado: Tudo, tudo quanto é lugar.

(Informante 70, Urussanga, masculino, idoso, **zona rural**).

Em Siderópolis, também a zona rural sentiu muito essa repressão, talvez pela presença da Companhia Siderúrgica. Pode ser que, em virtude disso, tenha existido uma pressão maior para que nenhum traço de italianidade fosse expresso na cidade. Fato é que, segundo os entrevistados da zona rural da cidade dessa cidade, houve até prisões por lá, como me contou esta entrevistada:

Luciana: Como que era essa história?

Entrevistada: Não podia falar italiano porque...Bom, **prenderam o meu sogro** que estava jogando baralho, tem o espião como se diz do *Big Brother* lá, uma espiadinha.

Luciana: Eles davam uma espiadinha em quem falava italiano?

Entrevistada: Tinha vez que dava uma espiadinha para pegar, então pegaram estes quatro que jogavam baralho, foram presos porque falavam italiano.

(Informante 62, Siderópolis, feminino, idosa, **zona rural**).

Entretanto, apesar de muitos dos descendentes de italianos do sul de Santa Catarina saberem que houve a proibição de falar italiano (63%), nem todos sabem o motivo pelo qual seus ascendentes foram proibidos de falar. O entrevistado a seguir diz que “pode ser por causa da guerra”, mas não tem certeza. Ele não foi o único que, apesar de ter conhecimento da criminalização de fala, não sabia o real motivo da proibição.

Entrevistado: Língua italiana tinha aqui antigamente, o (nome de uma pessoa), ele era professor de língua italiana, mas era dialeto.

Luciana: Ele dava aula em dialeto?

Entrevistado: Sim, dava aula.

Luciana: De dialeto vêneto?

Entrevistado: Isso, depois mais tarde, teve uma época que foi proibida a língua italiana.

Luciana: Ah é? Me conta essa história...

Entrevistado: Alí em Urussanga teve uma fiscalização, polícia e tudo que cuidava para escutar se alguém falava em italiano. Proibiram aquela época.

O que fizeram: **mandaram esses italianos, de mais origem italiana, mandaram para as praias, tipo um prisioneiro, porque tinham falado em italiano.** Nos jardins era proibido, já tinha os espões, tipo fiscais.

Luciana: Sério?

Entrevistado: Sim, era uma época bem ingrata aquele tempo. Rádio recolheram os rádios porque quem tinha rádio se comunicava assim, escutava programa italiano e **proibiram o porquê não se sabe. Não sei se foi o tempo de guerra ou alguma coisa, pode ser.**

Luciana: E nessa época o senhor era criança ou já era grandinho?

Entrevistado: Eu era criança, eu tinha doze anos. Quando eu fui a Urussanga estudar, lá que eu soube que foram expulsos.

Luciana: Eles pegaram as pessoas e mandaram todos para o litoral?

Entrevistado: Sim, lá para o litoral, para praia. Só os mais idosos que falavam em língua italiana (vários nomes de pessoas da cidade de Urussanga), todos eles eram naturais daqui da região, mas eram bem idosos, eles gostavam de falar italiano. Como o nosso caso aqui de Azambuja, aqui é tudo italianada fala tudo italiano, ainda agora.

(Informante 37, Pedras Grandes, masculino, idoso, zona rural).

Outro aspecto relevante desse trecho é o relato de que italianos foram mandados como prisioneiros para o litoral do estado. A historiadora Marlene de Fáveri confirma que em 1938 foram mais de 100 os detidos a darem entrada na cadeia pública de Florianópolis como “presos políticos” e colocados em liberdade semanas depois (exceto os condenados). A historiadora afirma que ocorreu também uma prisão em massa dos integralistas, mas não se sabe ao certo o número exato porque os registros foram feitos com letra pouco legível, ou em bilhetes minúsculos ou porque muitos dos integralistas ficaram presos em cadeias do interior (FÁVERI, 2005 p. 214).

Um dos informantes de Pedras Grandes disse que presenciava frequentemente prisioneiros no trem sendo enviados para o litoral:

Alí em Pedras Grandes eu sempre tinha algum amigo que me ajudava pra tirar a passagem porque pra embarcar no trem, no começo, tinha que dar seu nome para comprar a passagem. (...) E quando eu ia, sempre, eu me lembro toda vida, **não é mentira o que eu digo, tinha sempre gente meio presa que chegava lá em Tubarão ou Laguna**, então... tinha uma porção que estava preso...

(Informante 38, Pedras Grandes, masculino, idoso, zona rural).

Ou seja, ser italiano ou ser ítalo-brasileiro durante a campanha de nacionalização na era Vargas virou perigoso, errado, feio e contra a lei. Não há dúvidas de que esses sentimentos negativos foram passados para a língua e falar italiano foi considerado algo a ser evitado e vergonhoso.

Getúlio Vargas sabia do poder da língua para uma nação. Ele chegou a dizer que “A língua é um nobre instrumento de afirmação da soberania nacional

(VARGAS, 1943, p. 304)”. Dessa forma, suas medidas conseguiram, naquele momento, fazer com que a língua italiana/dialeto da população do sul do estado fosse vista como algo estranho à pátria. E pior, tudo que fosse estranho à pátria brasileira deveria ser combatido, negado e desvalorizado.

Em relação às atitudes linguísticas negativas manifestadas perante a língua italiana/dialeto no sul de Santa Catarina, pode-se perceber que essa campanha muito contribuiu, sobretudo na zona urbana das cidades. A forma violenta imposta pelo governo desconsiderou diferenças culturais, excluindo quem pensava ou falava diferente. Fáveri (2005, p. 127) lembra que essa forma violenta de tratamento com os estrangeiros foi uma resposta aos preconceitos destes com os *brasiliani*. Ela afirma que, de qualquer forma, não podemos aceitar toda essa violência como natural, muito pelo contrário.

É necessário que esse episódio que tanto contribuiu para a marginalização e discriminação da língua italiana/dialeto seja lembrado, discutido e entendido para que muitas das atitudes linguísticas negativas manifestadas na região possam ser mais bem compreendidas.

O próximo capítulo deste trabalho apresenta a análise dos dados em relação às atitudes linguísticas encontradas na região pesquisada.

5 ANÁLISE DAS ATITUDES LINGUÍSTICAS

Neste capítulo, serão analisadas as atitudes linguísticas manifestadas durante as 80 entrevistas realizadas com os ítalo-brasileiros da região pesquisada. Para a realização de todas as análises deste trabalho, serão utilizados instrumentos quantitativos e qualitativos, já explicados e justificados no capítulo da metodologia deste trabalho (seção 2.5).

Para que se possa de fato analisar e entender o porquê da quantidade de atitudes positivas, negativas e neutras de cada grupo pesquisado, é necessário que se conheça o ambiente social no qual eles estão inseridos. Isso porque as atitudes são culturalmente determinadas; elas são influenciadas pela estrutura social na qual a pessoa está inserida (SAVILLE-TROIKE, 2003, p. 183).

Neste capítulo, primeiramente, serão apresentadas as atitudes positivas, negativas e neutras encontradas nas cinco cidades (seção 5.1). Foi feito um quadro para cada uma das cinco cidades dividido em atitudes positivas, negativas e neutras. Todos os sentimentos, avaliações ou comportamentos dos entrevistados relacionados à língua italiana falada na região que foram manifestados durante as entrevistas, e selecionados por mim, serão listados.

Na segunda seção (5.2), serão verificadas as proporções das atitudes linguísticas de jovens e idosos (dimensão diageracional), ou seja, pretende-se verificar qual dos dois grupos apresenta mais atitudes positivas, negativas e neutras. Além disso, pretende-se analisar os motivos pelos quais existem mais atitudes positivas, negativas ou neutras nos dois grupos. Dessa forma, essa segunda seção objetiva responder à primeira pergunta de pesquisa desta tese: as atitudes linguísticas de ítalo-brasileiros jovens e idosos em relação à língua italiana falada na região se manifestam nas mesmas proporções? Por quê?

Nessa mesma seção (5.2.1), será feita uma análise do significado da palavra *baieco* para os jovens e para os idosos. Seu significado e as formas de uso parecem estar mudando entre as duas gerações de descendentes de italianos no sul de Santa Catarina.

A terceira seção do capítulo (5.3) objetiva perceber em qual dos contextos, zona rural ou da zona urbana (dimensão diazonal), os ítalo-brasileiros apresentam mais atitudes positivas, negativas e neutras, e por quê. Essa seção irá responder à

segunda pergunta de pesquisa da tese: as atitudes linguísticas de ítalo-brasileiros da zona rural e urbana em relação à língua italiana falada na região se manifestam nas mesmas proporções? Por quê?

A quarta parte do capítulo de análise envolverá a dimensão diagenérica, ou seja, será calculado e analisado o percentual de atitudes linguísticas de homens e mulheres ítalo-brasileiros(as) na região (seção 5.4). Por sua vez, essa seção responderá à terceira pergunta de pesquisa da tese: as atitudes linguísticas de homens e mulheres ítalo-brasileiros(as) em relação à língua italiana falada na região se manifestam nas mesmas proporções? Por quê?

Finalmente, na quinta seção de análise deste trabalho (seção 5.5), será feita uma verificação das atitudes linguísticas ao considerar a dimensão diatópica (cinco localidades). Nesse momento, além dos dados quantitativos em percentuais apresentados para medir quantas atitudes positivas, negativas e neutras cada cidade manifestou, serão utilizados também os adjetivos usados espontaneamente pelos entrevistados para expressar sua opinião sobre os ítalo-brasileiros e os brasileiros (seção 5.5.1). Essas duas partes do capítulo de análise terão o objetivo de responder à quarta e última pergunta de pesquisa: quais das cinco cidades – Pedras Grandes, Urussanga, Criciúma, Nova Veneza e Siderópolis – apresentam mais atitudes positivas, negativas e neutras em relação à língua italiana falada na região? Quais fatores poderiam justificar esses resultados?

5.1 ATITUDES LINGUÍSTICAS ENCONTRADAS EM RELAÇÃO À LÍNGUA ITALIANA/DIALETO NA REGIÃO PESQUISADA

Para que se possa começar a analisar as atitudes linguísticas presentes na região, é necessário primeiramente que se conheçam quais são elas. Nesta seção, portanto, são apresentados cinco quadros que apresentam todas as atitudes linguísticas positivas, negativas e neutras encontradas em cada uma das cinco cidades.

Para facilitar a leitura e resumir as atitudes positivas mais frequentes nas cinco cidades, ao final da apresentação dos cinco quadros, existe um sexto no qual estão presentes atitudes positivas, negativas e neutras recorrentes nas cinco cidades.

Ressalta-se que todas elas são atitudes que se referem à língua italiana/dialeto falada na região. Por exemplo, “já ter estudado italiano e não ter gostado”, foi considerada uma atitude linguística negativa em relação à língua italiana/dialeto. Como exemplo de atitude neutra apresentada no quadro, cita-se o sentimento de se definir 50% brasileiro e 50% italiano, ou seja, o informante demonstra, sim, uma atitude, mas ela não é nem positiva em relação à língua italiana/dialeto da região, nem negativa. Finalmente, como exemplo de atitude positiva em relação à língua italiana/dialeto da região, cita-se o fato de que o entrevistado afirma se sentir mais italiano que brasileiro.

Vale ressaltar que a dimensão diatópica (cidades) será analisada na quinta seção deste capítulo (5.5). Neste momento, portanto, o objetivo não é analisar as diferenças e semelhanças das atitudes entre as cinco cidades, muito menos analisar qual das cinco cidades apresenta mais atitudes positivas ou negativas. Todas essas questões serão debatidas na seção 5.5. Então, o objetivo agora é apenas elencá-las para que, durante as próximas seções da análise, fique claro quais sentimentos, avaliações ou comportamentos perante a língua italiana/dialeto estão sendo analisados.

Para ser incluída nos quadros a seguir, a atitude foi manifestada por, no mínimo, dois informantes na cidade. Atitudes manifestadas por apenas um informante foram excluídas, como já explicado e justificado na metodologia.

O parêntese com um número na primeira coluna dos quadros indica a quantidade total de atitudes reportadas na segunda coluna.

Os próximos quadros apresentam todas as atitudes linguísticas em relação à língua italiana/dialeto manifestadas por ítalo-brasileiros durante as entrevistas nas cidades de Pedras Grandes, Urussanga, Criciúma, Nova Veneza e Siderópolis, nessa ordem:

Cidade de Pedras Grandes	
Atitudes negativas (16)	1- Sente-se mais brasileiro(a).
	2- Já estudou italiano e não gostou.
	3- Afirma que ainda hoje existe <i>bullying</i> com a fala com sotaque italiano.
	4- Não compraria casa em um bairro só de italianos..
	5- Compraria casa em um bairro só de brasileiros.
	6- Já teve a possibilidade de estudar a língua italiana, mas não se interessou.
	7- Não sabe da história da proibição de falar italiano durante a guerra.
	8- Não tem nenhum contato com pessoas que falem italiano.
	9- Não acha interessante a língua italiana.
	10- Descendência italiana não interfere na amizade.
	11- Não sabe histórias dos descendentes italianos, nenhuma.
	12- Vergonha do sotaque italiano.
	13- Acha feio sotaque italiano.
	14- Afirma não usar palavras italianas na sua fala.
	15- Não ensinou dialeto aos filhos.
	16- Tira sarro dos amigos italianos.
Atitudes neutras (4)	17- Tanto faz o médico (brasileiro ou italiano).
	18- Não tem como dizer qual língua é mais bonita (português ou italiano).
	19- Sente-se 50% brasileiro(a), 50% italiano(a).
	20- Tanto faz o bairro para comprar uma casa (brasileiros ou italianos).
Atitudes positivas (23)	21- Tem contato com a língua italiana/dialeto atualmente (ouve pessoas falarem ainda).
	22- Sabe histórias familiares dos descendentes italianos.
	23- Sabe da história da proibição de falar italiano.
	24- Acha interessante/legal/bonita/gosta da língua italiana.
	25- Considera importante a preservação da cultura italiana.
	26- Acha que deveria ter italiano nas escolas.
	27- Valorizou mais sua descendência italiana depois de sair por um tempo da cidade de Pedras Grandes.
	28- Estudou italiano e gostou.
	29- Valoriza as festas italianas da região, se torna mais italiano.
	30- Demonstra grande sentimento de carinho pela língua italiana por ter aprendido primeiro italiano e depois português.
	31- Ensinou dialeto aos filhos.
	32- Descendência italiana interfere na amizade.
	33- Falou “Tenho orgulho de ser italiano”.
	34- Gosta de ser italiano(a).
	35- Gosta de sotaque italiano.
	36- Acha a língua italiana mais bonita comparada ao português.
	37- Admite usar palavras italianas no dia a dia (sobretudo as blasfêmias).
	38- Compraria casa em um bairro só de italianos.
	39- Não compraria casa em um bairro só de brasileiros.
	40- É melhor/mais fácil falar italiano a português.
	41- Afirma que não existe mais medo de ser italiano (relacionado à repressão da década de 1930).
	42- Se sente mais italiano(a).
	43- Educação de descendentes de italianos é mais dura, mais correta que a dos brasileiros.

QUADRO 10 – ATITUDES ENCONTRADAS NAS ENTREVISTAS DE PEDRAS GRANDES

Antes de apresentar as atitudes encontradas nas entrevistas na próxima cidade, Urussanga, vale a pena analisar e explicar algumas das atitudes numeradas no quadro anterior. Por exemplo, a atitude 5 (Compraria casa em um bairro só de brasileiros), só foi contabilizada como negativa em casos nos quais os informantes afirmaram que não comprariam sua casa em bairros só de italianos, mas comprariam em bairros só de brasileiros.

A atitude 8 (Não tem nenhum contato com pessoas que falem italiano), por sua vez, também foi considerada negativa porque alguns entrevistados da cidade afirmam que não têm contato com a língua italiana falada na região, quando, na verdade, eles não percebem (talvez por desinteresse ou porque demonstram atitudes negativas) a presença da língua. Por exemplo, na entrevista com a informante 44:

Luciana: E hoje em dia, tu ouve falar alguma coisa, algum lugar aqui de Pedras Grandes, ouve alguém falar italiano ou tu não ouve mais?

Entrevistada: Não, falar eu não ouço mais não.

Luciana: Nem na igreja aquele monte de gente mais velha?

Entrevistada: Não, não. Eles falam assim puxado, **mas não é o italiano. Só entre eles mesmo, contigo ninguém fala, comigo não.**

(Informante 44, Pedras Grandes, feminino, jovem, zona urbana)

Primeira consideração importante: na porta da igreja após a missa os mais velhos falam, sim, a língua italiana da região. Eu pude presenciar e outros entrevistados também confirmaram. Fiz a pergunta de propósito porque eu tinha certeza de que lá se falava a língua italiana da região. Outro detalhe: o avô da entrevistada mora a 500 metros da sua casa e sabe falar a língua italiana/dialeto; ele não fala com a neta, mas afirma conversar com os familiares. Será que realmente a entrevistada não tem contato com a língua italiana ou suas atitudes negativas em relação à língua italiana não a fazem notá-la na comunidade? Por esse tipo de análise, essa atitude foi considerada negativa.

A atitude 10 do quadro anterior (Descendência italiana não interfere na amizade) foi contabilizada como negativa em contrapartida aos casos nos quais os informantes disseram que a amizade com ítalo-brasileiros interfere na amizade. Por exemplo, a informante 73 tem uma atitude positiva em relação à influência que a descendência tem na amizade. Na sua entrevista ela diz:

Luciana: As tuas amigas são mais brasileiras ou mais italianas?

Entrevistada: Italianas e alemãs.

Luciana: É sem querer ou a gente é mais parecido e se aproxima mais?

Entrevistada: Eu acho que é sem querer porque eu também tenho algumas que são brasileiras, mas sei lá, tem algumas coisas, tipo *fortaia*¹⁸², se for um brasileiro não sabe o que é. Aí tu fala pra uma amiga que já é italiana, ela já vai entender de primeira. Não precisa explicar (risos). **Porque daí já vem da cultura, né. Facilita tudo sim.**

Luciana: A tua melhor amiga é assim?

Entrevistada: **Ela é italiana, é descendente de italiano, não é à toa que a nossa comida preferida é a mesma, que é a polenta, gostamos de vinho, das mesmas coisas.**

Luciana: Facilita?

Entrevistada: **Facilita, é porque a gente vê assim, a gente vê que o que acontece aqui, acontece lá também, o que o avô dela conta pra ela o meu também contava pra mim, alguma coisa assim né.**

(Informante 73, Urussanga, feminino, jovem, zona rural)

Em contrapartida a esse tipo de atitude positiva em relação à interferência da descendência na amizade, alguns informantes afirmam que a amizade italiana não interfere na amizade, como se vê, por exemplo, na entrevista com a informante 12:

Luciana: Tu acha que a amizade é diferente?

Entrevistada: Eu acho que não, o italiano que vive aqui, assim, os descendentes, como eu, que nunca morei fora tu não ...tu não...como eu vou te explicar, tu não te contamina com o italiano lá da fora que é mais bagunceiro, que é mais... Eu posso estar errada, vocês já moraram lá fora, vocês sabem (refere-se a mim e a uma amiga que estava na casa dela que já tinha morado na Itália também), mas a imagem que eu tenho é que o italiano lá de fora é mais falador, fala mais alto é mais esporrento e aqui **a gente por conviver e ser descendente de italiano, mas ter a cultura e a criação daqui, é um pouco diferente**, claro na nossa família a gente tem que falar com as mãos e tal, **mas eu acho que não, que não tem diferença dos meus amigos assim.**

(Informante 12, Criciúma, feminino, jovem, zona urbana)

Ao analisar as respostas dos dois informantes (73 e 12), percebe-se que no primeiro caso, a informante 73 deixa claro que, para ela, ter amigos italianos faz diferença porque alguns costumes e tradições são compartilhados em ambas as casas. Já a informante 12, percebe essa diferença somente entre os ítalo-brasileiros e os italianos da Itália, mas com os descendentes de italianos que vivem no sul de SC, segundo ela, que “tem a cultura e a criação daqui [Brasil]”, não existe diferença entre ter amigos com descendência italiana ou outra descendência.

Agora que algumas das atitudes encontradas já foram melhor analisadas e explicadas, continuemos a apresentação das atitudes encontradas nas entrevistas, o próximo quadro apresenta aquelas de Urussanga.

¹⁸² Prato considerado típico italiano no sul de Santa Catarina, os ingredientes são apenas ovos e queijo misturados e derretidos em uma frigideira (uma espécie de omelete). A *fortaia*, geralmente, é servida com polenta e galinha ensopada.

Cidade de Urussanga	
Atitudes negativas (8)	Sente-se mais brasileiro(a).
	Compraria casa em um bairro só de brasileiros.
	Descendência italiana não interfere na amizade.
	Não sabe da história da proibição de falar italiano durante a guerra.
	Acha que não deveria ter a língua italiana nas escolas.
	Não ensinou dialeto aos filhos.
	Acha que os jovens não vêm utilidade em aprender a língua italiana.
	Não gosta/gostou de ser italiano em algum momento.
Atitudes neutras (3)	Tanto faz o médico (brasileiro ou italiano).
	Sente-se 50% brasileiro(a), 50% italiano(a).
	Tanto faz o bairro para comprar uma casa (brasileiros ou italianos).
Atitudes positivas (17)	Sente-se mais italiano (a).
	Acha a língua italiana mais bonita comparada ao português.
	Acredita que a descendência italiana interfira na amizade.
	Gosta de sotaque italiano.
	Gosta de ser italiano(a).
	Falou "Tenho orgulho de ser italiano".
	Conhece a origem do sobrenome italiano.
	Tem contato com a língua italiana/dialeto atualmente.
	Sabe histórias familiares dos descendentes italianos.
	Sabe da história da proibição de falar italiano durante a guerra.
	Acha interessante/legal/bonita/gosta da língua italiana.
	Acha que deveria ter italiano nas escolas.
	Estudou italiano padrão e gostou.
	Admite usar palavras italianas no dia a dia (sobretudo blasfêmias).
	Acha que o italiano é mais simples/fácil comparado ao português.
	Acredita que hoje é "chique" ser italiano.
	Acredita que hoje em dia o italiano está bem-visto pela sociedade.

QUADRO 11 – ATITUDES ENCONTRADAS NAS ENTREVISTAS DE URUSSANGA

Cidade de Criciúma	
Atitudes negativas (17)	Sente-se mais brasileiro (a).
	Não compraria casa em um bairro só de italianos.
	Compraria casa em um bairro só de brasileiros.
	Não iria a um médico italiano.
	Iria a um médico brasileiro ¹⁸³ .
	Português língua mais bonita.
	Descendência italiana não interfere na amizade.
	Sentiu-se humilhado/envergonhado por ser italiano alguma vez.
	Não tem contato com pessoas que falem italiano.
	Não sabe histórias dos descendentes de italianos, nenhuma.
	Não sabe da história da proibição de falar italiano durante a guerra.
	Nunca se interessou em estudar italiano, nunca foi atrás.
	Não ensinou dialeto/italiano aos filhos.
	Não sabe a diferença entre italiano e dialeto.
	Afirma não usar palavras italianas na sua fala.
	Mudou/muda o jeito de falar para não parecer italiano.
	Já teve vergonha do jeito que fala atualmente.
Atitudes neutras (5)	Tanto faz o médico (brasileiro ou italiano).
	Não tem como dizer qual língua é mais bonita (português ou italiano).
	Sente-se 50% brasileiro(a), 50% italiano(a).
	Tanto faz o bairro para comprar uma casa (brasileiros ou italianos).
	Não gosta nem “desgosta” da língua italiana.
Atitudes positivas (27)	Sente-se mais italiano(a).
	Compraria casa em um bairro só de italianos.
	Não compraria casa em um bairro só de brasileiros.
	Iria a um médico italiano.
	Não iria a um médico brasileiro.
	Acha a língua italiana mais bonita do que o português.
	Descendência italiana interfere na amizade.
	Gosta de sotaque italiano.
	Falou “Tenho orgulho de ser italiano”.
	Acha que hoje ser italiano não é mais colono/vergonhoso.
	Sabe histórias familiares dos descendentes de italianos.
	Sabe da história da proibição de falar italiano.
	Acha interessante/legal/bonita/gosta da língua italiana.
	Acha que deveria ter italiano nas escolas.
	Acredita que hoje é “chique” ser italiano.
	Estudou italiano padrão e gostou.
	Aprendeu primeiro italiano, depois português (na escola).
	Gosta de ser italiano(a).
	Ensinou dialeto aos filhos.
	Tentou incentivar os filhos a estudarem italiano padrão.
	Admite usar palavras italianas no seu dia a dia.
	Afirma que não existe mais medo de ser italiano (relacionado à repressão dec. 30).
	Educação de descendentes de italianos é mais dura, mais correta que dos brasileiros.
	As tradições italianas estão presentes na casa (sobretudo na culinária).
	Usa/usava o italiano/dialeto para falar de outros grupos e não ser entendido.
	Viajou para a Itália em virtude de ser descendente de italiano e adorou.
	Afirma que a dupla-nacionalidade italiana ajudou muito a viajar/morar no exterior.

QUADRO 12 – ATITUDES ENCONTRADAS NAS ENTREVISTAS DE CRICIÚMA

¹⁸³ Essa atitude foi considerada como negativa somente nos casos nos quais os informantes disseram que iriam a um médico brasileiro, mas não a um italiano.

Cidade de Nova Veneza	
Atitudes negativas (10)	Sente-se mais brasileiro(a).
	Não compraria casa em um bairro só de italianos.
	Descendência italiana não interfere na amizade.
	Já sentiu/sente vergonha do sotaque italiano.
	Fez <i>bullying</i> com outros descendentes por causa do sotaque italiano na escola.
	Sentiu-se mal por ser italiano alguma vez.
	Não conhece a origem do seu sobrenome italiano.
	Não sabe histórias dos descendentes de italianos.
	Não sabe da história da proibição de falar italiano durante a guerra.
	Afirma que a proibição de falar italiano durante a guerra não lhe fez mal.
Atitudes neutras (4)	Tanto faz o médico (brasileiro ou italiano).
	Não tem como dizer qual língua é mais bonita (português ou italiano).
	<i>bullying</i> 50% brasileiro(a), 50% italiano(a).
	Tanto faz o bairro para comprar uma casa (brasileiros ou italianos).
Atitudes positivas (23)	Sente-se mais italiano(a).
	Compraria casa em um bairro só de italianos.
	Não compraria casa em um bairro só de brasileiros.
	Não iria a um médico brasileiro.
	Acha a língua italiana mais bonita comparada ao português.
	Descendência italiana interfere na amizade.
	Gosta de sotaque italiano.
	Gosta de ser italiano (a).
	Falou "Tenho orgulho de ser italiano".
	Valorização das festas italianas da região, tornam-se mais italianos.
	Conhece a origem do seu sobrenome italiano.
	Tem contato com a língua italiana/dialeto atualmente.
	Sabe histórias familiares dos descendentes de italianos.
	Sabe da história da proibição de falar italiano.
	Acha interessante/legal/bonita/gosta da língua italiana.
	Acha que deveria ter italiano nas escolas.
	Estudou italiano padrão e gostou.
	As tradições italianas estão presentes na casa (especialmente culinárias).
	Ensinou dialeto aos filhos.
	Admite usar palavras italianas no seu dia a dia.
	É melhor/mais fácil falar italiano que português.
	Morou/visitou a Itália por ser descendente de italiano e gostou.
	Expressões de amor em língua italiana/dialeto mexem mais com o coração.

QUADRO 13 – ATITUDES ENCONTRADAS NAS ENTREVISTAS DE NOVA VENEZA

Cidade de Siderópolis	
Atitudes negativas (13)	Sente-se mais brasileiro(a).
	Descendência italiana não interfere na amizade.
	Não conhece a origem do seu sobrenome italiano.
	Não sabe da história da proibição de falar italiano durante a guerra.
	Não ensinou dialeto aos filhos.
	Acha o português brasileiro mais bonito comparado à língua italiana.
	Não usa palavras italianas na sua fala.
	Tira sarro dos amigos italianos.
	Ainda hoje existe <i>bullying</i> com a fala com sotaque italiano.
	Já teve vergonha de ser italiano.
	Já estudou italiano padrão e não gostou.
	Diz que o medo de falar italiano por causa da guerra respingou muito nele(a).
	Já tentou disfarçar a fala para não parecer italiano.
Atitudes neutras (4)	Tanto faz o médico (brasileiro ou italiano).
	Não tem como dizer qual língua é mais bonita (português ou italiano).
	Sente-se 50% brasileiro(a), 50% italiano(a).
	Tanto faz o bairro para comprar uma casa (brasileiros ou italianos).
Atitudes positivas (21)	Sente-se mais italiano (a).
	Compraria casa em um bairro só de italianos.
	Não compraria casa em um bairro só de brasileiros.
	Acha a língua italiana mais bonita comparada ao português.
	Descendência italiana interfere na amizade.
	Gosta de sotaque italiano.
	Gosta de ser italiano (a).
	Falou “Tenho orgulho de ser italiano”.
	Conhece a origem do seu sobrenome italiano.
	Tem contato com a língua italiana/dialeto atualmente.
	Sabe histórias familiares dos descendentes de italianos.
	Sabe da história da proibição de falar italiano.
	Acha interessante/legal/bonita/gosta da língua italiana.
	Acha que deveria ter italiano nas escolas.
	Estudou italiano padrão e gostou.
	Ensinou dialeto aos filhos.
	Admite usar palavras italianas no seu dia a dia.
Começou a valorizar a língua italiana quando saiu da cidade de origem.	
Hoje não tem mais vergonha de ser italiano.	
Acha que houve uma revalorização da italianidade.	
Prefere falar italiano a português.	

QUADRO 14 – ATITUDES ENCONTRADAS NAS ENTREVISTAS DE SIDERÓPOLIS

Como já dito, para que se possam clarificar os dados apresentados, criou-se o quadro a seguir apenas com as atitudes positivas, negativas e neutras que aparecem nas cinco cidades:

Atitudes presentes nas cinco cidades	
Atitudes negativas (4)	Sente-se mais brasileiro(a).
	Descendência italiana não interfere na amizade.
	Não sabe da história da proibição de falar italiano durante a guerra.
	Já se sentiu envergonhado ou humilhado por ser ou falar italiano alguma vez na vida.
Atitudes neutras (3)	Tanto faz o médico (brasileiro ou italiano).
	Sente-se 50% brasileiro(a), 50% italiano(a).
Atitudes positivas (11)	Tanto faz o bairro para comprar uma casa (brasileiros ou italianos).
	Sente-se mais italiano(a).
	Acha a língua italiana/dialeto mais bonito comparado ao português.
	Gosta de sotaque italiano.
	Gosta de ser italiano(a).
	Falou “tenho orgulho de ser italiano(a)!”
	Sabe histórias familiares dos descendentes de italianos.
	Sabe da história de proibição de falar italiano durante a guerra.
	Acha interessante e/ou legal e/ou bonita e/ou gosta da língua italiana falada na região.
	Acha que deveria ter italiano nas escolas.
	Estudou italiano padrão e gostou.
Admite usar palavras italianas do seu dia-dia (sobretudo blasfêmias).	

QUADRO 15 – ATITUDES RECORRENTES MANIFESTADAS NAS CINCO CIDADES

Como se percebe por esse último quadro, o número de atitudes linguísticas positivas – 11 no total – é maior que o número de atitudes negativas (4). De fato, ficou claro com o desenvolvimento desta pesquisa que os ítalo-brasileiros manifestaram mais atitudes positivas que negativas em relação à língua italiana falada na região. Entretanto, como já dito, esta seção não pretende analisar ou quantificar as atitudes; isso será feito nas próximas seções deste trabalho. O objetivo aqui era situar o leitor para que entenda quais são, de fato, as *atitudes* em relação à língua italiana/dialeto falada em Criciúma e região.

Agora que já foram identificados quais são os sentimentos, as avaliações e os comportamentos dos ítalo-brasileiros perante a língua italiana/dialeto, analisa-se a seguir se jovens e idosos apresentam a mesma proporção de atitudes positivas, negativas e neutras.

5.2 ATITUDES LINGUÍSTICAS DE JOVENS E IDOSOS: DIMENSÃO DIAGERACIONAL

Nesta parte do trabalho, serão comparadas as atitudes linguísticas dos 40 jovens com a dos 40 idosos entrevistados nas cinco cidades para verificar em qual

dos dois grupos existem mais atitudes positivas, negativas e neutras (análise quantitativa).

Além disso, será feita uma análise qualitativa das falas dos próprios informantes para justificar tais resultados. Para tanto, pretende-se levar em consideração os aspectos sociais, políticos e históricos da cidade para, assim, explicar as diferenças entre as atitudes de jovens e idosos. Isso porque acredito que a manifestação da atitude tenha muito a ver com o meio onde ela é desenvolvida; a sociedade tem um papel fundamental tanto na formação quanto na manifestação das atitudes (GROSJEAN, 1982; MORENO FERNÁNDEZ, 1998; BISINOTO, 2000) e, por isso, para analisá-las, é fundamental que se analise também o meio em que vivem os informantes.

Foram considerados jovens os informantes com idade entre 20 e 35 anos, e idosos aqueles com mais de 60 anos. Todos os informantes são ítalo-brasileiros e residiram a vida inteira, ou a maior parte da vida, na cidade pesquisada (detalhes sobre os informantes na seção 2.3, sobre os informantes da pesquisa).

Inicia-se com a análise das atitudes linguísticas positivas porque elas são a maioria. Como já se imaginava, as atitudes positivas são manifestadas mais por idosos em relação à língua italiana/dialeto, isto acontece em 4 das 5 cidades pesquisadas (somente em Urussanga o resultado foi diferente).

Vejamos primeiramente o gráfico¹⁸⁴ das *atitudes positivas* nessas quatro cidades: Criciúma, Pedras Grandes, Nova Veneza e Siderópolis.

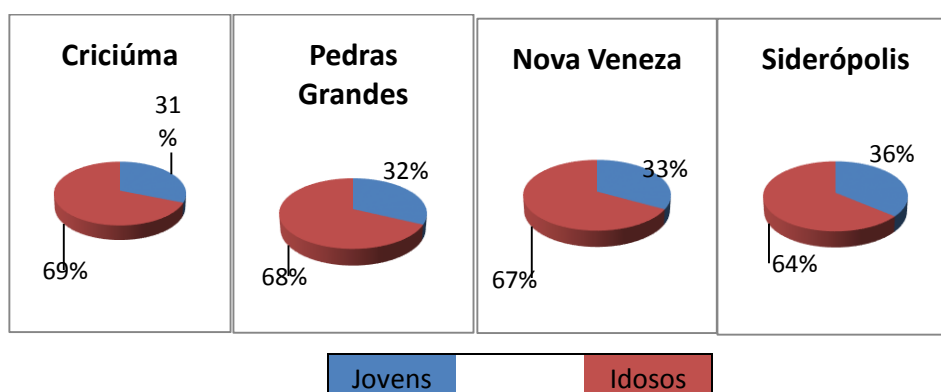


GRÁFICO 3 – ATITUDES POSITIVAS DE CRICIÚMA, PEDRAS GRANDES, NOVA VENEZA E SIDERÓPOLIS

¹⁸⁴ Para detalhamento sobre a elaboração dos gráficos, ver seção 2.5 (Análise dos dados).

Nas quatro cidades, os idosos apresentam mais atitudes positivas. Em ordem decrescente de percentual, apresentam-se assim: Criciúma (69%), Pedras Grandes (68%), Nova Veneza (67%) e Siderópolis (64%).

Um dos aspectos que pode ajudar a compreender esse resultado é saber que muitos dos idosos aprenderam a língua italiana/dialeto como língua mãe. A manutenção dessa língua e, conseqüentemente, das atitudes linguísticas em relação a ela está, até hoje, bem presente na vida dos idosos dessas quatro cidades. Os sentimentos positivos estão conectados ao momento no qual eles aprenderam essa língua, ou seja, momento da sua infância e da convivência com os familiares (em sua maioria já falecidos).

Em vários momentos nas entrevistas, foi possível verificar a expressão dos sentimentos positivos relacionados à língua italiana/dialeto por ela ter sido a primeira língua aprendida pelos idosos.

Luciana: Por que é bom falar italiano?

Entrevistado: Sei lá, porque eu fui criado assim né, língua mãe.

Luciana: Língua do coração?

Entrevistado: É, é. Eu fui criado no meio dos italianos e até hoje no Rio Maior (zona rural de Urussanga), eu acho que 80% das famílias falam italiano.

(Informante 72, Urussanga, masculino, idoso, zona urbana).

A consequência da língua italiana ter sido a língua mãe de muitos dos idosos entrevistados é o desenvolvimento de atitudes muito positivas entre eles, como nos mostra o depoimento a seguir:

Entrevistada: Não tenho vergonha de falar italiano, de ser italiana, **tenho orgulho daquele sangue que corre aqui em mim. Tenho um orgulho muito grande.** Quando eu cheguei, eu fui para Itália, quando eu cheguei em Milão, eu chorei, eu chorei porque lembrei de uma música que o **nonno** (nome do avô), ele veio da Itália e ele passou essa música assim para nós: (cantando) *Guarda Milano, come l'e bello e piano*. Eu achava lindoooo ele cantar música italiana, eu achava lindo ele falar italiano, aí eu chorei quando eu cheguei em Milão, eu disse: gente, eu não acredito! Daí o (nome do genro), meu genro, que estava lá, disse: “Imagina se a minha sogra não chora!” E eu disse: (nome do genro), se tu soubesse, quando o avião aterrissou eu chorei, **cheguei em Milão, lembrei da música e eu cantei pra ele lá.**

(Informante 31, Nova Veneza, feminino, idosa, zona urbana).

Outro fator que pode ajudar a entender por que a maioria dos idosos manifestou atitudes positivas em relação à língua falada na região tem a ver com a pesquisa de Labov (2008 [1972]) na ilha de *Martha's Vineyard*. O autor percebeu

que, quanto mais idosos, mais os habitantes usavam a forma linguística original do lugar, enquanto os mais novos usavam predominantemente a forma linguística modificada. Da mesma forma, no sul de Santa Catarina, os mais velhos tendem a preservar mais a língua italiana falada por lá e, conseqüentemente, a expressar mais atitudes positivas nessas cidades se comparados aos jovens.

Entretanto, surpreendentemente, na cidade de Urussanga, os jovens manifestaram mais *atitudes positivas* que os idosos. Vejamos o gráfico dessa cidade:

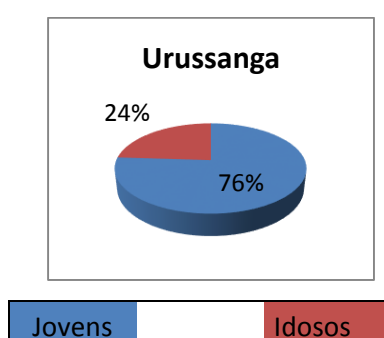


GRÁFICO 4 – ATITUDES POSITIVAS EM URUSSANGA

Em Urussanga, 76% das atitudes positivas são provenientes dos jovens. Ou seja, o percentual de atitudes linguísticas positivas manifestadas por jovens é bem grande na cidade. A explicação para esse fato pode ser a participação da juventude em associações italianas da cidade. De fato, das cinco cidades pesquisadas, onde mais foi possível perceber o envolvimento da juventude nessas iniciativas foi lá.

Um dos jovens de Urussanga, ao falar da sua participação nas festas italianas da cidade, explica como se poderia fazer para promover esses sentimentos positivos em outros jovens: “a maneira que tem do jovem perder a vergonha de fazer alguma coisa é ver outro jovem fazer”. Quando perguntado por que ajuda a organizar as festas da cidade, ele diz:

Entrevistado: Pra principalmente fazer com que as pessoas que estejam na festa se sintam mais no ambiente de Itália, e, em segundo, **e o mais importante de tudo, que a juventude veja que tu botar uma roupa típica orgulha tua origem, não vai fazer as gurias terem medo de ti ou as pessoas se afastarem de ti ou tu deixar de ser um jovem normal.** (Informante 68, Urussanga, masculino, jovem, zona urbana).

Nas outras cidades, o número de atitudes positivas dos jovens foi bem menor em relação à Urussanga (76%). Em ordem decrescente, as cidades nas quais os jovens apresentaram atitudes linguísticas positivas foram: Siderópolis (36%), Nova Veneza (33%), Pedras Grandes (32%) e Criciúma (31%). Um ponto relevante que acaba por promover maior desenvolvimento dessas atitudes linguísticas positivas dos jovens do sul do estado de Santa Catarina é o seu afastamento provisório da cidade natal. Quando os entrevistados moram alguns anos¹⁸⁵ no exterior ou em outra cidade, como Florianópolis (capital do estado e onde se encontra a Universidade Federal de Santa Catarina), eles se identificam como ítalo-brasileiros.

Exemplifica-se o fato com a saída dos jovens para trabalhar em sorveterias de proprietários italianos na Alemanha e na Itália (situação muito comum entre os jovens de Urussanga, Nova Veneza e Siderópolis). Essa oportunidade de trabalho parece gerar uma conscientização positiva de manutenção de língua italiana nos jovens.

Ao sair de Siderópolis – segunda cidade com mais atitudes positivas dos jovens em relação à língua italiana falada na região – e usar o dialeto que aprenderam (ou ouviram) em casa para trabalhar, eles começam a enxergar o dialeto e suas origens de uma forma mais positiva. Uma das minhas entrevistadas de Siderópolis já vai à Alemanha trabalhar em sorveterias há seis anos. Ela e o marido vão em março e voltam no início de outubro:

Entrevistado: Se eu não fosse para lá eu não estaria vendo assim, eu acho que nem estaria dando tanto valor nas coisas da cultura porque eu escutava meu *nonno* (vô) e minha *nonna* (vó) falar, mas os meus pais não falavam, **depois que eu comecei a ir para lá e comecei a gostar tanto de ouvir eles falarem, de conversar com eles que eu dei valor mesmo.**
(informante 58, Siderópolis, feminino, **jovem**, zona rural).

Ou seja, a oportunidade de se afastar da sua cidade lhe proporcionou a mudança das suas atitudes linguísticas em relação à língua italiana/dialeto. Quando ela estava no Brasil, não conseguia ver dessa forma, como nos mostra o trecho a seguir da sua entrevista:

¹⁸⁵ Como já informado, para participar como informante desta pesquisa, era necessário que o jovem tivesse morado a vida inteira ou a maior parte da vida na sua cidade de origem. Foram aceitos alguns jovens que haviam tido a experiência de morar no exterior para trabalhar por perceber que, dessa forma, a realidade da juventude do sul do estado estaria sendo mais bem retratada. Além disso, apesar da experiência no exterior, eles ainda continuam com mais tempo de vida vivido na cidade natal; eles tinham vivido dos 2 aos 12 anos (período de aquisição da língua nativa, segundo Labov (2008 [1972])) naquela cidade.

Luciana: As tuas amigas, que não viajaram, elas dão valor para o dialeto?

Entrevistada: Não. Eu vou conversar com as minhas amigas da minha idade, já poucas dão valor, mas conversam pouco, mais é com os idosos.

Luciana: Porque elas não conversam? Elas acham colono?

Entrevistada: Vergonha de falar a língua italiana, a gente tem vergonha de falar, **até eu antes de ir para lá eu tinha vergonha de falar.**

Luciana: Por que vocês tinham vergonha?

Entrevistada: **Achava que a gente não tinha direito de falar italiano**, a gente nasceu, aprendeu sempre o português. Depois que eu fui para lá que eu vi que era totalmente diferente, **daí a gente dá valor porque a gente é descendente de italiano, os pais da minha nonna (vó), eles vieram da Itália .**

(Informante 58, Siderópolis, feminino, **jovem**, zona rural).

A entrevistada só se deu o direito de falar italiano a partir do momento em que percebeu que fazia parte daquele mundo; somente quando ela se identificou como descendente de italiano percebeu que aquela língua também era dela. Nesse caso, a dupla cidadania foi importante como documento para ela ser considerada legalmente italiana, mas somente na Itália ela entendeu que poderia, de fato, ser italiana e falar a língua de seus ascendentes.

Às vezes, o afastamento da cidade nem precisa ser tão longínquo quanto ir à Alemanha para que o jovem ítalo-brasileiro se dê conta das suas origens italianas. Um dos jovens, em uma viagem a estudo para o estado de Minas Gerais, conta que usou uma expressão comum entre os ítalo-brasileiros do sul de Santa Catarina (*porco zio!*¹⁸⁶) e foi identificado como italiano pelas outras pessoas da fila:

Entrevistado: Chegou em 2009 e eu fui para Minas Gerais em um evento do meu curso, saímos daqui, na fila, eu conversando com o pessoal lá de Alagoas que até hoje são meus amigos, a gente fez amizade e de repente eu disse: **Porco Zio essa fila não anda! Eles olharam pra mim, o que tu falou aí?** Não, é que a fila não anda! Não, mas o que tu falou antes.. *Porco Zio*, mas o que quer dizer *Porco Zio*? Ah.. explicar agora pra eles... (risos) É assim, é uma coisa que a gente usa pra tudo tá, pra alegria, pra tristeza, só muda a entonação da voz, é uma expressão italiana. Ué, italiano, por que italiano? Eu disse: **Porque é a minha família, a minha cidade toda é de origem italiana, de colonização italiana. Oi? Tu fala italiano? Eu falo**, daí eu falei dois minutinhos, eles ficaram deslumbrados e bateram uma foto comigo, botaram no *Facebook*: “nós e nosso amigo italiano”. Nosso amigo italiano?! **Então eu não era mais brasileiro pra eles, eu era italiano, então aí eu percebi, meu Deus, a gente vive em um mundo que não é comum, o que a gente vive aqui não é o normal, não é o padrão Brasil!** (Informante 68, Urussanga, masculino, **jovem**, zona urbana).

¹⁸⁶ “Porco zio” significa, literalmente, “tio porco”. Na verdade, a expressão é uma amenização de uma blasfêmia muito comum entre os ítalo-brasileiros: “porco Dio”, que significa “Deus porco”. Ou seja, em vez de usar a blasfêmia “porco Dio”, o informante usou “porco zio”, que, apesar de foneticamente ser uma expressão parecida com a ofensa religiosa, não seria considerada *por eles* uma blasfêmia.

O informante 68 só percebeu suas características italianas e seu jeito de falar com expressões italianas (como, por exemplo, *porco Zio*) quando teve contato com outras pessoas que não eram da mesma descendência. Ao dizer “então aí eu percebi, meu Deus, a gente vive em um mundo que não é comum, o que a gente vive aqui não é o normal, não é padrão Brasil”, ele confirma o momento no qual se percebeu como ítalo-brasileiro.

De fato, alguns jovens estão tão encharcados dos aspectos italianizados em alguns pontos das cinco cidades que fica difícil se perceberem como ítalo-brasileiros, ou seja, faz tanto parte da formação da identidade dessas pessoas que elas só percebem com a análise de outras que vivem fora desse contexto. A partir do Outro, eles se identificam como descendentes de italianos.

Para Aguilera (2008, p. 105-106), a identidade pode ser definida como “a característica ou o conjunto de características que permitem diferenciar um grupo do outro, uma etnia da outra, um povo de outro”. Nesse exemplo do informante 68, seu jeito de falar e usar expressões italianas o identificou como “italiano” e o diferenciou de outros grupos (“então eu não era mais brasileiro para eles, eu era italiano”).

Para finalizar esse assunto sobre o quanto sair de onde a pessoa mora auxilia na percepção de quem ela é, na valorização de onde viemos e na construção da identidade dos jovens ítalo-brasileiros do sul de Santa Catarina, apresenta-se um depoimento de um jovem da zona rural:

Luciana: Isso nunca te afetou?

Entrevistado: Não, de vez em quando eles falavam: tu é da roça, até na universidade rola aquela *brincadinha*, por exemplo: só eu da minha sala sou do interior, ah seu colono, seu italiano, mas isso aí é de boa, não levo para o mal. Sou eu, eu sou mesmo desse lugar. Dizer que não, eu estou negando a minha identidade. Eu acho que a pessoa tem que saber se direcionar e olhar para a sua identidade também é importante, não adianta eu negar a identidade, tem que valorizar de onde a gente veio, isso é importante. A pessoa talvez demore para se descobrir, entrar nesse caminho e reconhecer sua identidade, muita gente nega, mas eu aceito de boa. Se bem que a identidade é móvel, tem uma identidade que muitas vezes amanhã não é mais aquela que tenho hoje, mas sempre fica aquela raiz.

Luciana: Tu já estudou sobre isso?

Entrevistado: Na época a gente estudou linguagem e cultura.

Luciana: Ah tá, tu tem um papo muito de quem já leu sobre isso.

Entrevistado: A gente estuda muito cultura e linguagem.

Luciana: E antes de ir para lá na universidade tu pensava assim também?

Entrevistado: Não.

Luciana: Como tu pensava antes, o que te fez mudar, o que mudou na cabeça do (nome do entrevistado)?

Entrevistado: Eu acho que a gente vai tendo a leitura, vai tendo o conhecimento e muda. Muitas vezes eu morava aqui e achava ruim, mas

agora eu acho que é bom pra mim, por mais que eu ache que eu tenho que ir em outra cidade, tenho que estudar mais porque aqui é tudo muito longe de tudo, entendeu? **Ao mesmo tempo que eu tenho que ir, eu gosto daqui, entendeu?**

Luciana: Entendi! E tudo isso, **tu só percebeu quando tu saiu daqui?**

Entrevistado: Sim.

(informante 66, Urussanga, masculino, **jovem**, zona rural).

O depoimento do informante 66 confirma a hipótese de que algumas das atitudes linguísticas em relação à língua italiana/dialeto nos jovens são percebidas quando eles se afastam do contexto de colonização italiana. O informante 66 cita também outra forma de perceber sua identidade: por meio do conhecimento (“a gente vai tendo a leitura, vai tendo o conhecimento e muda. Muitas vezes eu morava aqui e achava ruim, mas agora eu acho que é bom pra mim”).

As *atitudes linguísticas negativas*, por sua vez, são consequentemente predominantes nos jovens, com exceção mais uma vez de Urussanga.

As cidades, em ordem decrescente, onde as atitudes negativas são manifestadas mais pelos jovens são: Pedras Grandes (72%), Siderópolis (61,5%), Criciúma (59,5%) e Nova Veneza (55%)

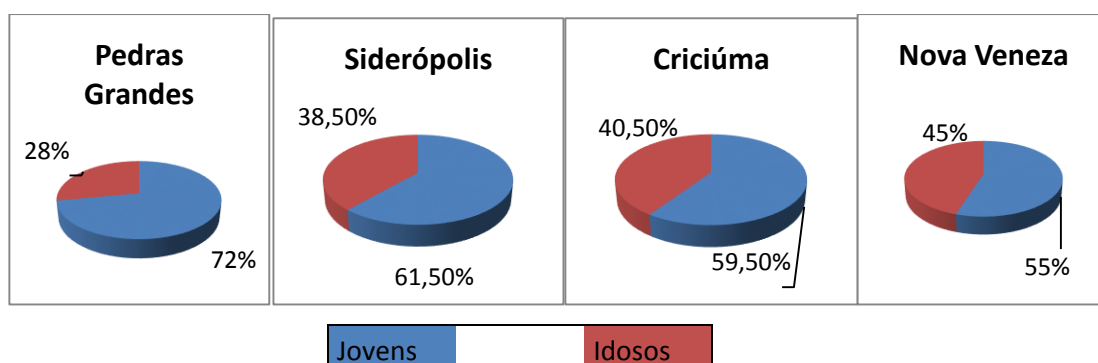


GRÁFICO 5 – ATITUDES LINGUÍSTICAS NEGATIVAS

O motivo pelo qual o maior número de atitudes linguísticas negativas seja manifestado em Pedras Grandes (72%) pode ter conexão com o ambiente de trabalho desses jovens. A maior parte dos jovens que mora em Pedras Grandes possui relações de trabalho ou estudo com a cidade de Tubarão (cidade miscigenada¹⁸⁷, com poucas tradições italianas se comparada às outras do sul do Estado de Santa Catarina).

¹⁸⁷ Tubarão foi fundada porque era parada para os tropeiros que desciam da região serrana com mulas carregadas de queijo, charque e outros produtos. Além dos tropeiros, durante a década de 1870, a cidade recebeu imigrantes europeus (italianos, alemães, entre outros). A cidade recebeu

Um fato que pode explicar a manifestação de atitudes negativas dos jovens talvez não só em Pedras Grandes, mas também nas outras cidades da pesquisa, é a pouca utilidade do italiano no mundo dos negócios, como nos mostra o trecho da entrevista a seguir:

Luciana: Tu acha que o fato de essa gurizada não estar nem aí para o italiano é bom ou ruim para nós que somos ítalo-brasileiros?

Entrevistado: **Acho pra cultura ruim né, mas outras coisas não faz diferença.**

Luciana: **Pra economia?**

Entrevistado: **Pra economia, porque eles tem que ir atrás do inglês, do mandarim, o italiano ficaria mais pro final, talvez.**

Luciana: Claro.

Entrevistado: Então, foi por isso.

(Informante 04, Criciúma, masculino, **jovem**, zona urbana).

A próxima entrevistada jovem, assim como o informante 04, diz que não precisa da língua italiana hoje para nada.

Luciana: E tu acha que isso é bom ou ruim? Pra nós que somos descendentes de italiano (o fato de a língua italiana estar diminuindo na cidade de Siderópolis)?

Entrevistada: **Eu não vejo diferença, porque eu, por enquanto, eu não preciso do italiano, talvez eu faça minha dupla cidadania, vá pra Itália e eu vou precisar, então eu acho que eu deveria ter no ensino médio o italiano pra eu saber, para que no dia que eu precisar ...mas agora, não faz diferença muita não.**

(Informante 60, Siderópolis, feminino, **jovem**, zona urbana)

O desinteresse dos jovens pela língua é compreensível quando eles afirmam que “agora não faz diferença, não”. Para que a língua italiana faça a diferença na vida de jovens ítalo-brasileiros, como jovens e não como adultos ou aposentados (quando as necessidades econômicas e emocionais mudam), é necessário que a língua esteja vinculada, sobretudo, a novas possibilidades de desenvolvimento profissional.

Intercâmbios para aprender a cultura e a língua, estágios em empresas italianas na sua área de estudo no Brasil, trabalhos temporários e outras formas de melhorar o currículo são possibilidades que a Itália pode oferecer a qualquer jovem brasileiro e que, certamente, interessariam a muitos deles. Talvez, o que falte para

haver um interesse na língua italiana entre os jovens seja a organização das associações já existentes para proporcionar tais oportunidades concretamente.

Os acordos de *Gemellaggio*¹⁸⁸ entre as cidades são outra forma, já existente, de oportunizar aos jovens possibilidades de desenvolvimento profissional (e pessoal) por meio do uso da língua italiana. Infelizmente, muito pouco tem sido feito para que a língua italiana desperte o interesse dos jovens.

Outro motivo que talvez faça o jovem ítalo-brasileiro expressar atitudes negativas em relação à língua italiana/dialeto da região é a conexão que existe entre ser descendente de italiano e ser colono. Essa concepção foi desenvolvida a partir da década de 1930 com a Campanha de Nacionalização de Getúlio Vargas (seção 4.3.1).

O depoimento de um jovem de Siderópolis, cidade na qual os efeitos da repressão foram fortemente sentidos pelos moradores até mesmo da zona rural, mostra-nos que ainda hoje existe esse medo de ser considerado colono se gostar de língua italiana ou dialeto.

Luciana: A tua namorada fala dialeto, ela entende?

Entrevistado: Ela entende um pouco, mas ela não fala.

Luciana: Como a maioria dos jovens?

Entrevistado: Sim.

Luciana: O que tu acha que está acontecendo? Tu é diferente, optou por aprender, o que tu acha dessa galera que não está aprendendo, por que está acontecendo isso?

Entrevistado: **Eu não sei se não é vergonha.**

Luciana: **Tu acha que tem isso?**

Entrevistado: **Eu creio que um pouco tem.**

Luciana: **Esse fato de italiano ser ligado à agricultura, ser colono?**

Entrevistado: **Eu creio que seja isso. Como eu te disse, quando a gente saía e começava falando italiano, tinha muita gente que olhava assim: “quem é esse colono?”; eu acho que isso atrapalha um pouco.**

Luciana: Tu acha que os mais jovem não querem ter essa imagem?

Entrevistado: **Eu acho que um pouco sim, às vezes a pessoa não se interessa em escutar e querer aprender um pouco, a questão do preconceito de ser colono, eu acho que isso que atrapalha.**

Luciana: Pra ti isso nunca foi problema?

Entrevistado: Não, sempre gostei, gosto muito dos meus *nonnos* (avós). (Informante 52, Siderópolis, masculino, **jovem**, zona urbana).

Em Urussanga, diferente das outras quatro cidades, temos um empate entre jovens e idosos em relação às *atitudes negativas*, como nos mostra o gráfico a seguir:

¹⁸⁸ O significado do termo já foi apresentado no capítulo 3, seção 3.3.2.

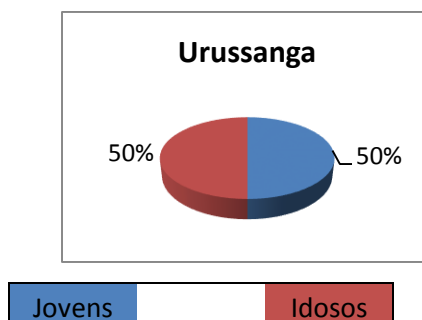


GRÁFICO 6 – ATITUDES NEGATIVAS EM URUSSANGA

Os dados do gráfico demonstram que tanto jovens quanto idosos apresentam a mesma quantidade de atitudes negativas. Vale a pena perceber que, embora existam atitudes negativas entre os jovens e os idosos da cidade de Urussanga (50% de cada grupo), o percentual nessa cidade continua sendo o menor das cinco: em Pedras Grandes, 72% das atitudes manifestadas pelos jovens são negativas; em Siderópolis, 61,5%; em Criciúma, 59,5%; e em Nova Veneza, 55%. Isso reforça a ideia de que ainda existe em Urussanga, maior colônia de italianos na época da fundação das cinco cidades pesquisadas, fortes laços históricos e sentimentais positivos com a italianidade dos seus habitantes. Esse fato acaba por fazê-los manifestar poucas atitudes negativas em relação à língua italiana falada na região.

Sobre as *atitudes neutras*, percebe-se que em três cidades são predominantemente manifestadas por jovens. De fato, o idoso tende a “não ficar em cima do muro” e expressar sua opinião com mais exatidão. O jovem pode, algumas vezes, até em virtude dos conflitos provenientes da fase, colocar-se em uma posição mais central.

Os gráficos a seguir mostram os percentuais das *atitudes neutras* dos jovens e idosos em relação à língua italiana/dialeto:

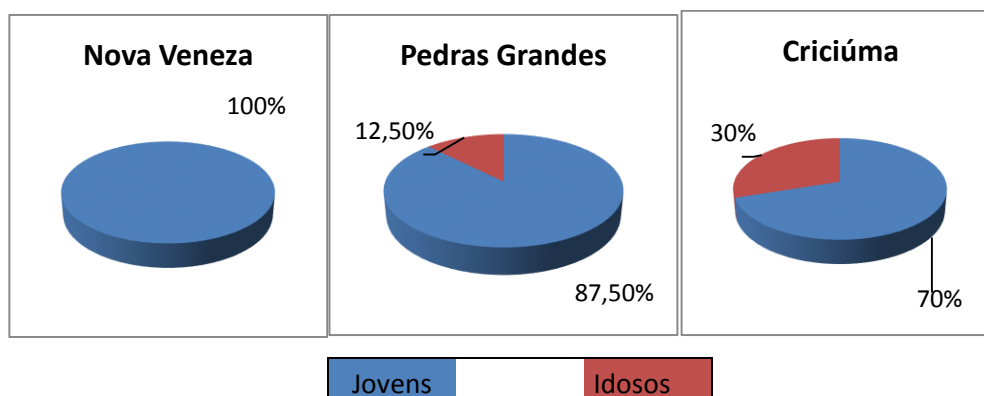


GRÁFICO 7 – ATITUDES NEUTRAS

Por outro lado, em Siderópolis e Urussanga, as *atitudes neutras* foram predominantes nos idosos.

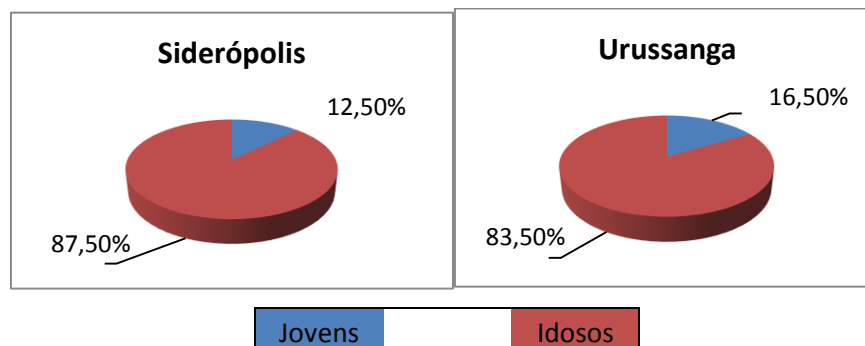


GRÁFICO 8 – PREDOMINÂNCIA DAS ATITUDES NEUTRAS

As atitudes neutras encontradas nesta pesquisa estão em número muito menor se comparadas às atitudes positivas ou negativas. Isso quer dizer que geralmente o ítalo-brasileiro se posiciona em relação à língua italiana falada na região. Entretanto, os jovens (três cidades: Nova Veneza, Pedras Grandes e Criciúma) tendem a se expor menos e manifestam mais atitudes neutras se comparados aos idosos.

Nessas duas últimas cidades (Siderópolis e Urussanga), as atitudes neutras foram: dizer que se sentem 50% brasileiro, 50% italianos; afirmar que iriam tanto a um médico brasileiro, quanto a um italiano, sem diferença; dizer que comprariam casas em bairros italianos ou brasileiros sem restrições a nenhum dos dois; e afirmar, quando perguntados qual das duas línguas é a mais bonita, que é impossível responder.

Na próxima seção, foi feita uma análise da palavra *baieco* porque ela parece estar tomando significados diferentes para idosos e jovens. Será, portanto, feita uma análise semântica dessa palavra que é muito usada no sul do estado de Santa Catarina entre os ítalo-brasileiros.

5.2.1 Resignificações da palavra *baieco* entre idosos e jovens

A palavra *baieco* ou *badieco*¹⁸⁹, segundo os idosos, é o modo pejorativo e preconceituoso como os ítalo-brasileiros da região chamam os não descendentes de italianos ou os afrodescendentes.

Luciana: O que eram os *baiecos* que eles falam?

Entrevistado: Eram os que não eram descendentes de italianos.

Luciana: Mas era bom ou ruim ser *baieco*?

Entrevistado: Se fosse descendente de italiano teria mais receptividade do pessoal, então os que não eram descendentes, **eles eram um pouco discriminados.**

(Informante 71, Urussanga, masculino, **idoso**, zona urbana).

Depois de algumas entrevistas, comecei a perceber que, na verdade, em algumas cidades, os *baiecos* não eram todos “os que não eram descendentes de italianos”, como afirma o informante 71. O próximo trecho confirmou a hipótese:

Luciana: Tu chamava eles (os brasileiros) de como?

Entrevistada: Nós chamava eles de *baieco*.

Luciana: O que era *baieco*?

Entrevistada: ***Baieco* eram as pessoas que não eram descendentes de italiano.**

Luciana: Alemão era *baieco*?

Entrevistada: Não, alemão não era *baieco*. ***Baieco* eram os portugueses, aqueles que vinham lá das beira mar, principalmente.**

(Informante 63, Siderópolis, feminino, **idosa**, zona urbana).

Percebe-se, portanto, que a palavra não se refere a *todos os não descendentes de italianos* (caso contrário, alemães também seriam considerados *baiecos*), mas sim àqueles de origem portuguesa ou, sobretudo, àqueles nascidos no Brasil.

Para alguns idosos, o conceito se refere aos afrodescendentes:

Luciana: O que é *baieco*?

Entrevistada: ***Baieco* pra mim é preto.**

¹⁸⁹ A palavra não foi encontrada em dicionários da língua portuguesa ou italiana. Entretanto, em italiano existe a palavra *bieco*, que, talvez, possa ter originado *baieco*. Segundo o dicionário *on line Treccani* (BIECO, 2015), *bieco* significa oblíquo quando se refere ao olhar, especialmente quando se olha com má vontade, hostilidade, aversão. O segundo significado da palavra, no sentido figurado, diz que *bieco* pode ser quem está voltado a fazer o mal (*maligno*). Segundo a enciclopédia *Treccani on line* (BIECO, 1970), a palavra pode ser usada com sentido de desonesto, ruim, contrário de correto. Ou seja, levando em consideração esses significados, realmente existe a possibilidade de a palavra *bieco* ter originado *baieco*.

Luciana: Quem é alemão não é *baieco*?

Entrevistada: Não.

Luciana: *Baieco* é preto, entendi, é bom ou ruim ser *baieco*?

Entrevistada: Preto, mais moreno. É um apelido que eu sempre aprendi do meu pai, *baieco*, a cor.

(Informante 61, Siderópolis, feminino, **idosa**, zona rural)

O conceito de ser *baieco*, ou *badieco*, em alguns lugares, vem carregado das características de “ser brasileiro” (na seção 5.5.1 deste capítulo, serão vistos adjetivos com os quais os ítalo-brasileiros descrevem os brasileiros, que são, em sua maioria, adjetivos pejorativos). Para os idosos, ser *baieco/badieco* é algo visto como negativo, e o uso da palavra refere-se sempre ao outro, um italiano ou um ítalo-brasileiro não pode ser chamado assim.

Quando se faz a mesma pergunta aos jovens (o que é *baieco*?), o conceito perde o forte preconceito racial e ganha um tom mais leve e, até mesmo, divertido. A palavra é usada para “tirar sarro”, nas próprias palavras do jovem de Pedras Grandes. Os jovens afirmam que usam a palavra com sentido de pessoa do interior:

Luciana: O que *baieco*?

Entrevistado: A gente fala *baieco*, ah seus *baieco*, é porque eu não sei realmente o que é! (risos)

Luciana: (risos) Vocês falam pra quem?

Entrevistado: Entre nós assim.

Luciana: Ha, tipo, tu pro (nome do amigo ítalo-brasileiro que eu havia entrevistado antes)?

Entrevistado: É, mas é uma coisa tipo assim oh, deixa eu ver..

Luciana: Tenta captar um exemplo do momento, de um *baieco* que vocês usam que...

Entrevistado: Às vezes, uma coisa engraçada, muito colona, muito de interior. Ah o seu *baieco*! Sabe?

Luciana: Tá, mas tu pro (nome do amigo novamente) usa? De italiano pra italiano?

Entrevistado: Assim...às vezes, se a gente quer falar mal de alguém: oh é um *baieco* aquele lá.

Luciana: Ah entendi! Então *baieco* é uma pessoa que fez alguma coisa que não é legal, é alguma coisa mala.

Entrevistado: Não, é alguma coisa muito de interior assim, muito provinciana, é... não sei. É difícil de explicar.

Luciana: Tá, mas é pra tirar sarro *baieco*?

Entrevistado: É.

Luciana: E o italiano dependendo da situação que ele estiver ele pode ser *baieco*?

Entrevistado: ãhãh¹⁹⁰.

(Informante 33, Pedras Grandes, masculino, **jovem**, zona rural).

¹⁹⁰ Interjeição de afirmação.

A palavra *baieco*, para o jovem ítalo-brasileiro, também significa “ser brasileiro”, mas, diferentemente do que acontece com os idosos, os jovens brincam quando falam do assunto:

Luciana: O que é *baieco*, *badieco*?

Entrevistado: É a mistura, é aquele que não é descendente de italiano.

Luciana: É bom ser *badieco*?

Entrevistado: É um sarrinho que o colono tira.

Luciana: Aqui na tua casa usa *badieco*?

Entrevistado: Usa, com a minha namorada.

Luciana: Ela é *badieca*?

Entrevistado: Sim, mas a gente brinca; mas é claro, só na brincadeira.

Luciana: Ela leva na brincadeira também?

Entrevistado: Sim, sim. Mas é aquela coisa de ficar enchendo o saco, mas quando faz alguma coisa errada: tinha que ser a *badieca*!

(Informante 51, Siderópolis, masculino, **jovem**, zona urbana)

Nesse exemplo, o informante afirma que a própria namorada é *badieca*, o que nos leva mais uma vez a perceber que houve, de fato, uma resignificação da palavra *baieco/badieco* entre os ítalo-brasileiros do sul de Santa Catarina.

A namorada do informante 51, que não é descendente de italiano, estava assistindo a televisão perto dele no momento da entrevista. Ao ouvir esse depoimento, ela colocou a cabeça na janela e falou: “E a gente chama eles de *colono!*”. Gargalhada geral na casa.

Brincadeiras à parte, a história nos faz inferir que *talvez*, entre os jovens, também a palavra “colono” esteja amenizada de preconceito e tenha tomado um sentido mais lúdico, brincalhão e não ofensivo.

O fato interessante é a descoberta de que, entre os mais jovens, como afirmou o informante 33, a palavra começou a ser usada entre os próprios ítalo-brasileiros jovens por brincadeira. Um deles explica o porquê:

Luciana: A tua galera que tu anda, os teus amigos, usam essa palavra?

Entrevistado: Sim, todo mundo... **A minha turma usa.** É *baieco*, mas, por exemplo, assim, principalmente no sentido de tirar sarro, de um ou de outro né. Fala assim: Oh *baieco*, é coisa de *baieco*.

Luciana: **Pode usar *baieco* pra tirar sarro de alguém que é italiano ou não?**

Entrevistado: **Pode porque daí fica brabo.**

Luciana: Ah tá.

Entrevistado: **Porque uma das piores coisas que um italiano pode, vamos dizer assim, uma coisa que mais ofende ele é questionar a italianidade dele, então, a gente, por exemplo, chega pro amigo e diz assim: Ah derrubou alguma coisa, pô! Coisa de *baieco*! É pra ficar brabo.** Que na realidade tem aquele negócio... como a colônia era muito fechada...

(Informante 68, Urussanga, masculino, **jovem**, zona urbana).

Na verdade, o que talvez esteja acontecendo é que, por a geração mais nova ser menos preconceituosa com os brasileiros, a conotação preconceituosa da palavra *baieco/badieco* está atenuada. Prova disso é que está sendo usada em ambientes e conversas informais e para designar pessoas queridas, como namoradas e maridos.

A observação de que o significado da palavra *baieco/badieco* está mudando no sul de Santa Catarina confirma um dos princípios fundamentais da Sociolinguística, de que a língua varia e muda, assim como a sociedade na qual vivemos. Segundo Fasold (1996, p. 17), são os próprios falantes que decidem as mudanças da língua; elas podem ocorrer desde uma simples variação de pronúncia, como um [r] vibrante, até a eleição de uma língua em ambientes bilíngues ou plurilíngues.

Conforme Fasold (1996, p. 17-18), a língua é usada também para transmitir informações e pensamentos aos demais; o falante a utiliza para fazer afirmações sobre si mesmo e sobre os outros. Dessa forma, quando os jovens ítalo-brasileiros ressignificaram o uso dessa palavra e começaram a usá-la entre eles próprios, demonstraram que parte da sociedade ítalo-brasileira, felizmente, em alguns aspectos está mais aberta à recepção de outras etnias.

Na próxima seção, serão analisadas as diferenças entre as atitudes na zona urbana e rural.

5.3 ATITUDES LINGUÍSTICAS DA ZONA RURAL E URBANA: DIMENSÃO DIAZONAL

Nesta seção, será verificada e analisada a proporção das atitudes positivas, negativas e neutras na zona rural e urbana da região pesquisada. Assim como na seção anterior, as análises terão uma parte quantitativa (gráficos com percentuais) e uma qualitativa (trechos das entrevistas).

Para começar a falar sobre as diferenças entre a zona rural e a zona urbana, vale retomar as palavras de Frosi e Mioranza (1975, p. 60-61). Para eles, em virtude do cruzamento de diversos dialetos, existe uma tendência à adoção imediata do

português por fatores econômicos e sociais que requerem uma língua comum como instrumento de comunicação para toda a comunidade.

Margotti (2004, p. 219) verificou que, no sul do país (sua pesquisa incluiu a cidade de Orleans, localizada ao sul de Santa Catarina), a difusão do português é muito maior na zona urbana. Um dos motivos para justificar essa difusão na cidade de Orleans foi a grande presença de população lusa (isto é, de origem lusitana), segundo o autor.

Portanto, nas áreas urbanas das cinco cidades envolvidas nesta tese, os ítalo-brasileiros estariam mais sujeitos e propícios à substituição linguística (italiano por português). Por outro lado, os habitantes das zonas rurais, por estarem mais isolados, seriam mais conservadores e, dessa forma, menos propensos às mudanças. Assim, teríamos mais pessoas bilíngues nas zonas rurais (mais conservadoras e isoladas) e mais monolíngues nas áreas urbanas.

Essas considerações se confirmam no sul de Santa Catarina, como mostram os gráficos a seguir. A maior parte da população que fala a língua italiana/dialeto¹⁹¹ nas cinco cidades pesquisadas está concentrada na zona rural.

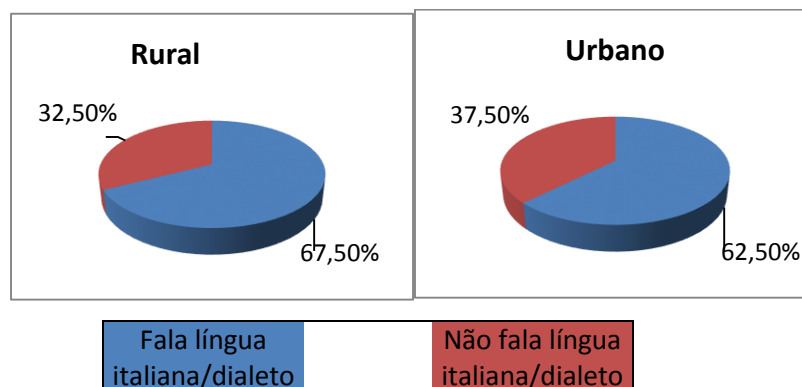


GRÁFICO 9 – BILÍNGUES ATIVOS DA LÍNGUA ITALIANA/DIALETO

Perceba-se que, embora o percentual de bilíngues¹⁹² ativos (falantes) seja maior na zona rural (67,5%), também na zona urbana o percentual é alto (62,5%).

¹⁹¹ Para esta análise, a língua italiana a qual me refiro não é somente à língua italiana/dialeto descrita no capítulo 4 (seção 4.1). Estão inclusas nesse percentual também pessoas que conhecem somente a língua italiana padrão, mesmo que seja a minoria.

¹⁹² Para saber se o informante é bilíngue ou não apenas lhe foi perguntado; a informação não foi comprovada através de testes de proficiência. Com alguns informantes, conversei em língua italiana e pude perceber que realmente eram pessoas com competência comunicativa alta em língua italiana; com outras, no entanto, não tive a oportunidade. Quero, com isso, ressaltar que esses percentuais são frutos das respostas dos informantes, sem comprovação empírica de proficiência.

Quando interrogados sobre sua capacidade de entender a língua italiana (bilíngues passivos), 93% dos ítalo-brasileiros da zona rural afirmam que entendem tudo ou quase tudo. Na zona urbana, por sua vez, essa faixa cai para 75%. O gráfico a seguir apresenta todos os percentuais:

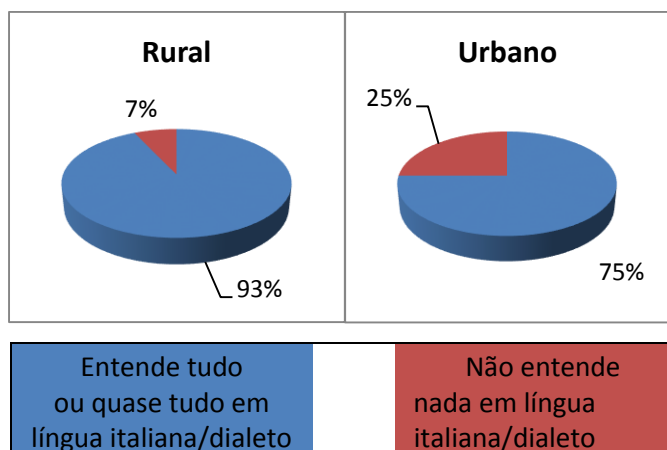


GRÁFICO 9 – BILÍNGUES PASSIVOS DA LÍNGUA ITALIANA/DIALETO

Percebe-se, portanto, que, tanto na zona rural quanto na zona urbana, a maior parte dos informantes desta pesquisa afirma conhecer a língua italiana¹⁹³, embora seja visível que o percentual de bilíngues passivos (entendem a língua) é bem maior que ativos (falam a língua). Isso demonstra claramente que está havendo uma diminuição do número de falantes da língua italiana/dialetto.

Antes de continuar a análise do gráfico de bilíngues ativos e passivos na zona rural e urbana nas cidades pesquisadas, é necessário que se faça uma pequena discussão teórica sobre bilinguismo e diglossia para que se possa analisar mais cientificamente o contexto linguístico do sul de Santa Catarina.

Tanto o conceito de bilinguismo quanto o de diglossia podem seguir diferentes correntes teóricas e ser apresentados com variações, isso porque existem no Brasil

¹⁹³ Vale neste momento uma importante consideração, já comentada na metodologia, sobre a amostra dos informantes. Quando fui à busca pelas pessoas para participarem da pesquisa, expliquei que estava fazendo um trabalho para a universidade sobre “o italiano aqui no sul de Santa Catarina”. Conseqüentemente, os nomes que me eram sugeridos para as entrevistas, geralmente, eram de pessoas ligadas às associações italianas, corais, escolas, enfim, pessoas responsáveis por fomentar a divulgação da língua e da cultura na cidade. Embora eu explicasse que “não precisava saber italiano” para ser entrevistado, essas pessoas estavam sempre disponíveis para as entrevistas e faziam questão de participar. Isso, talvez, possa explicar por que os percentuais de bilíngues tenham ficado altos.

diferentes situações de línguas minoritárias em contato com o português. Inicia-se o debate com a definição do primeiro termo.

Um dos conceitos de bilinguismo encontrado na literatura é o de Heye (2003). Para o autor, bilinguismo corresponde ao domínio de duas línguas, com habilidades em diferentes níveis de graduação. Pode-se dizer que o falante bilíngue usa as línguas que conhece conforme a situação de comunicação, os interlocutores e os seus objetivos. Dentro dessa perspectiva, devemos levar em consideração diversos elementos: aspectos históricos, culturais, sociais e relacionados ao espaço físico no qual aquela língua é falada e/ou não falada, e ainda, considerar também o domínio dos aspectos linguísticos e as condições psicológicas do falante. A combinação desses elementos levaria à constituição do falante bilíngue. Ou seja, os elementos que constituem o bilíngue são bem específicos de cada contexto e de cada indivíduo. Além disso, essa condição de bilíngue não parece ser estável, mas influenciada e modificada pela combinação desses elementos (HEYE, 2003).

Portanto, é necessário que se identifique o contexto no qual se manifesta o bilinguismo e quais os aspectos relevantes àquele contexto que devem ser levados em conta para a identificação do indivíduo bilíngue. Essa análise implica no estudo do uso que as pessoas fazem das línguas e como esse uso está ligado a fenômenos socioculturais. Por exemplo, no sul de Santa Catarina, sabe-se que a Campanha de Nacionalização de Getúlio Vargas teve forte impacto na vida e na língua dos ítalo-brasileiros. Alguns dos entrevistados afirmaram que foram proibidos pelos pais de aprender a língua italiana como forma de proteção às perseguições que o governo fez aos imigrantes. Nesse período, o número de bilíngues pode ter diminuído em virtude desse fato histórico.

Essa situação descrita no sul de Santa Catarina é confirmada na citação que segue:

A condição de bilíngue se modifica na trajetória de vida dos indivíduos e assume diferentes contornos (estágios) em relação ao domínio e à variação de uso de ambas as línguas. Estes estágios são estabelecidos pelas funções de uso das línguas em contextos e situações diferentes (familiar, social, escolar, profissional, etc.). Desta forma, a condição particular de indivíduos bilíngues é vista como sendo dinâmica (HEYE; VANDRESEN, 2006, p. 393).

Portanto, é importante levar em consideração diversos contextos quando se define uma pessoa como bilíngue porque ela parece ser uma condição instável e mutável.

Schlieben-Lange (1993) nos faz perceber a importância de analisar também os fatores internos ao aprendiz quando se analisa o bilinguismo. Na pesquisa sobre o bilinguismo encoberto em 1972, na cidade de Bagnols-sur-Cèze, na França, ela pretendia verificar se o occitano ainda era falado na cidade. A autora afirma que não se tinha noção clara do número exato de falantes da língua então, para começar sua investigação, ela se fez algumas perguntas:

Quem seria um falante de occitano? Aquele que o *usa* no seu dia-a-dia, aquele que o usa de vez em quando, aquele que o entende, mas quase não o usa mais? Ou seria aquele que *diz* de si mesmo que sabe falar o occitano fluentemente e que o usa diariamente, mas que, na realidade, somente domina algumas expressões idiomáticas? Ou finalmente aquele que *diz* que não fala e não entende uma palavra em occitano (ou provençal, ou patois ou como for que ele denomine a língua em questão), mas, mal viramos as costas para ele já começa a falar? Como se pode, então, contar os conhecedores e falantes do occitano? (SCHLIEBEN-LANGE, 1993, p. 93 E 94, grifo da autora)

Assim como Schlieben-Lange com os franceses, também tive dificuldade de identificar o falante bilíngue de italiano no sul de Santa Catarina. Percebi, em alguns casos, que existe uma incompatibilidade entre a resposta do informante e sua real competência comunicativa em língua italiana. Alguns dos meus entrevistados afirmaram que sabiam falar italiano, mas quando comecei a conversar com eles em italiano *standard* eles não conseguiam nem compreender o que tinha sido perguntado. Vale a ressalva que eu falo somente italiano *standard* e não a língua italiana da região.

De qualquer forma, o que se pode perceber é que, talvez em virtude da atual revalorização de ser italiano na região e das atitudes positivas em relação a essa língua encontradas na pesquisa, alguns entrevistados tenham afirmado que sabiam falar, quando, na verdade, não sabiam ou possuíam uma competência comunicativa muito baixa.

Ao afirmar que um entrevistado possui um nível de competência comunicativa muito baixo, entramos em outro emaranhado teórico: como podemos julgar o nível de compreensão de um falante de uma língua? Com quais critérios de análise poderíamos dizer que um ítalo-brasileiro de Nova Veneza entende melhor a língua

italiana falada na região do que um de Criciúma? Para tanto, teríamos que esclarecer o conceito de competência comunicativa. O termo pode ser definido de forma diferenciada na literatura. Uma das propostas é de Canale e Swain (1980) que ampliaram o conceito de Hymes, e consideraram não somente *conhecimentos e habilidades linguísticas e sociolinguísticas* para definir o termo competência comunicativa, mas também o *conhecimento discursivo e o estratégico*. O *conhecimento linguístico* é o domínio do código da língua estrangeira, ou seja, a capacidade de o aprendiz formar palavras e frases corretamente. O *conhecimento sociolinguístico* permite ao aprendiz escolher a forma gramatical apropriada para o contexto social/ situação na qual se encontra. O *conhecimento discursivo*, por sua vez, é a capacidade de o aprendiz produzir discurso coeso e coerente e, por fim, o *conhecimento estratégico* se refere às estratégias verbais e não verbais usadas pelos aprendizes para compensar lacunas em seu conhecimento linguístico.

Mesmo quando apresentamos uma definição bem fundamentada para o conceito de competência comunicativa, devemos ter cautela para definir o grau de bilinguismo de uma pessoa. Isso porque ela pode ter um nível mais alto em uma habilidade de produção (falar ou escrever, por exemplo) e um nível mais baixo em outra habilidade (entender ou ler, por exemplo).

No sul de SC a língua italiana falada na região é muito mais falada que escrita. Quando foi perguntado aos informantes da tese o que eles sabiam fazer com a língua, as opções eram: falar, ler, entender, escrever, cantar, rezar, xingar e fazer contas. A grande maioria afirma falar e entender, mas não sabe escrever na língua italiana/dialeto, ou seja, os falantes dessa língua em Criciúma e região apresentam níveis de competência comunicativa diferenciado para cada habilidade. Isto se dá, nesse contexto, em virtude do uso que é feito dessa língua na região. Os ítalo-brasileiros a usam para conversar com os familiares e amigos, não há necessidade de escrever em língua italiana. Além disso, sabe-se que as habilidades de entender (ouvir) e ler exigem menos dos falantes, porque são mais passivas; as de produção - falar/escrever- são mais complexas e exigem mais proficiência dos indivíduos, mesmo em língua materna.

Um exemplo que pode ser útil nessa discussão sobre bilinguismo e competência comunicativa pode vir da sala de aula de língua estrangeira. Quando se ensina uma língua estrangeira percebe-se claramente que os alunos apresentam níveis diferenciados de competência comunicativa para cada habilidade; nós

mesmos, como professores, podemos perceber que apresentamos níveis diferenciados de competência para desenvolver tarefas com a língua. Tanto é que o Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas¹⁹⁴ (QECR), optou por graduar o aluno em 6 diferentes níveis (A1, A2, B1, B2, C1, C2) de acordo com a sua habilidade (entender, ler, falar e escrever). Dessa forma, eu posso ser considerada, por exemplo, como B2 em habilidade escrita, mas A2 na produção oral.

Portanto, ao perceber todos os aspectos discutidos em relação ao bilinguismo, deve-se levar em consideração para analisá-lo, além da coexistência das duas línguas, a condição particular dos indivíduos, o contexto, a idade de aquisição, a variação de uso das línguas e a manutenção ou abandono das línguas em virtude de fatores sociais e comportamentais. O estudo do bilinguismo deve ser visto dentro de uma perspectiva complexa e interdisciplinar na qual temos que relacionar fatores psicológicos, linguísticos e sociais do fenômeno (HEYE, 2003).

Como já dito, para o desenvolvimento da tese, foram considerados bilíngues passivos aqueles que afirmaram, com suas próprias palavras, que entendem a língua; e como bilíngues ativos aqueles que falam a língua. Entretanto, foi levado em consideração apenas o que o próprio informante disse, sem testes de competência comunicativa ou outras análises que ajudariam a confirmar os resultados obtidos. De fato, uma das limitações apontadas na pesquisa foi justamente o alto número de bilíngues passivos encontrados na região. O número obtido (93%) talvez não represente a população ítalo-brasileira do sul do Santa Catarina, isto comprova que para analisar o grau de bilinguismo são necessárias análise linguísticas, psicológicas e sociais, como afirma Heye (2003).

O segundo conceito a ser aqui debatido será o de diglossia. A definição do termo diglossia, proposta por Ferguson (1959), foi amplamente ampliada e revista.

Segundo Fishman (1975), no início desse debate, o conceito era usado para designar situações nas quais dentro de uma sociedade se admitissem duas, ou mais, línguas ou variedades para a comunicação entre seus membros. O uso de uma ou da outra língua dependia das funções para cada uma delas. Existia uma separação funcional, mas os comportamentos e valores eram aceitos como

¹⁹⁴ O QECR é um documento criado pela Divisão de Línguas Vivas do Conselho da Europa - uma organização internacional que tem como objetivo promover a democracia, os direitos humanos, a identidade cultural européia e a procura de soluções para os problemas sociais da Europa. Quarenta e sete países fazem parte deste Conselho - que pretende fornecer uma base comum para a elaboração de programas de línguas, orientação para currículos, provas, manuais etc em toda e Europa.

culturalmente legítimos em ambas as línguas. A separação ocorria entre a língua (A)lta usada para a religião, instrução e outros aspectos da cultura elevada e a língua (B)aixa, utilizada no dia-a-dia das famílias e em ambientes de trabalho mais simples. A variedade A seria aprendida em situações formais, ao contrário da variedade B, que seria usada em situações informais. A essa definição inicial de Ferguson (1959), outros autores acrescentaram contribuições significativas. De fato, Heye (2006) discute quatro trajetórias teóricas de definições sobre o termo através dos autores: Ferguson (1959), Fishman (1967, 1972), Fasold (1984) e novamente Fishman (1980).

Fishman (1972 *apud* Heye 2006) amplia a problematização da definição do conceito de Ferguson (1959), ao acrescentar ao debate a noção de bilinguismo. Para Fishman, bilinguismo é considerado como um fenômeno psicológico individual, enquanto a diglossia é vista como fenômeno social. Dessa forma, o autor propõe quatro modelos de sociedade relacionado os dois conceitos: 1) comunidades linguísticas com bilinguismo e com diglossia¹⁹⁵, 2) comunidades linguísticas com bilinguismo e sem diglossia¹⁹⁶, 3) comunidades linguísticas com diglossia e sem bilinguismo¹⁹⁷ e, finalmente, 4) comunidades linguísticas sem diglossia e sem bilinguismo¹⁹⁸.

O sul de Santa Catarina, contexto estudado na tese, parece se aproximar mais do modelo 2 de Fishman (1972): comunidade linguística com bilinguismo e sem diglossia, entretanto, com algumas especificidades. Para o autor, nas comunidades linguísticas nas quais existe bilinguismo sem diglossia, não existe um consenso social e amplamente difundido de qual língua utilizar, com quais interlocutores e com qual assunto.

Vejamos primeiro a definição comunidade linguística “com bilinguismo”. A presença de bilíngues no contexto estudado já foi discutida acima e pode-se afirmar

¹⁹⁵ Para exemplificar Fishman (1975, p. 157) cita o Paraguai, país no qual mais da metade da população fala tanto espanhol quanto guarani. Ou seja, boa parte do país fala as duas línguas, mas as usam de modo diferenciado.

¹⁹⁶ Para Fishman esta fase é transitória, nesses contextos há uma incerteza de qual língua utilizar, geralmente, após três gerações, uma das línguas já se consolidou e se sobressaiu sobre a outra.

¹⁹⁷ Exemplos dessa situação são comunidades linguísticas unidas por política, religião e/ou economia, embora apresentem aspectos socioculturais que as separem. São casos raros de ser encontrados porque é provável que um rápido desenvolvimento educativo, político e econômico de um grupo ou de classes mais desfavorecidas leve a reivindicações separatistas ou de igualdade entre as línguas.

¹⁹⁸ Ocorre somente em comunidades muito pequenas e isoladas, muito raro.

que existe a presença de falantes bilíngues (português e língua italiana da região) entre os ítalo-brasileiros do sul de Santa Catarina.

Em relação à diglossia, entretanto, acredito que o contexto estudado na tese se diferencie um pouco do que é descrito por Fishman.

Nenhum ítalo-brasileiro chegará a prefeitura, por exemplo, para resolver um assunto burocrático falando a língua italiana da região. Por outro lado, dificilmente após a missa de domingo de manhã em Pedras Grandes você encontrará grupos de idosos falando português. Ou seja, parece que os falantes da língua italiana do sul de SC conhecem “as regras” de qual língua utilizar dependendo do contexto no qual estão inseridos. É fácil perceber também que, na dúvida, optam pela utilização do português. Esse contexto de bilinguismo sem diglossia encontrado na região pesquisada talvez seja mesmo transicional, como aponta o autor, e acarrete em uma situação sem bilinguismo e sem diglossia futuramente; mas somente com novas pesquisas as suposições teóricas do autor serão confirmadas no sul de Santa Catarina.

Encerra-se aqui a discussão teórica sobre bilinguismo e diglossia e retoma-se a análise do gráfico da página 236 (gráfico 9 – Bilíngues passivos da língua italiana/dialeto).

Ao analisar o gráfico 9, percebe-se também que existem mais bilíngues passivos na zona rural (93%) que na zona urbana (75%). De fato, a zona rural parece apresentar um cenário mais propício e protegido aos falantes da língua italiana/dialeto. O “interior”, como diz o entrevistado do trecho a seguir, proporciona uma ligação com os parentes mais idosos da família que ainda mantêm vivas as tradições. É nesse contexto – na zona rural – que a língua italiana/dialeto do sul de Santa Catarina encontra espaço e é passado para as próximas gerações (“é meio que automático aprender, só não aprende se tu não quer”), como nos mostra o trecho:

Luciana: E tu com esse monte de sobrenome italiano e falando dialeto, tu te sente mais brasileiro ou mais italiano?

Entrevistado: Eu acredito que por nascer aqui e por viver sempre aqui me sinto brasileiro, **o dialeto é mais usado quando a gente vai no nonno (vô)**, não é aquela coisa do cara se sentir italiano.

Luciana: Tu te sente italiano quando tu vai no teu *nonno*?

Entrevistado: **Sim, porque o nonno mora no interior.**

Luciana: Onde que ele mora?

Entrevistado: São Martino, próximo à Nova Veneza, eles têm costumes, eles falam oitenta por cento dialeto e vinte por cento português, então é

meio que automático aprender, **só não aprende se tu não quer, daí lá o cara se sente bem mais italiano, não tem como.**
(Informante 52, Siderópolis, masculino, jovem, **zona urbana**).

Perceba-se que o informante 52 é habitante da zona urbana. Entretanto, é na zona rural que ele “se sente mais italiano” porque é lá que ele pode falar a língua da sua família; é na rural que ele se sente protegido para isso. Tanto é que ele diz na sequência da entrevista: “Até porque onde eu vivo, onde eu trabalho, eu não uso o dialeto, só quando a gente vai lá no *nonno* (vô) porque é uma coisa tranquila, *em um lugar próprio, um lugar seu que tu pode falar do jeito que for ninguém vai te julgar*” (Informante 52).

Embora a língua italiana/dialeto seja mais falada na zona rural que na zona urbana, foram encontradas em quatro das cinco cidades mais *atitudes positivas* em relação a essa língua na zona urbana, como nos mostram os gráficos a seguir:

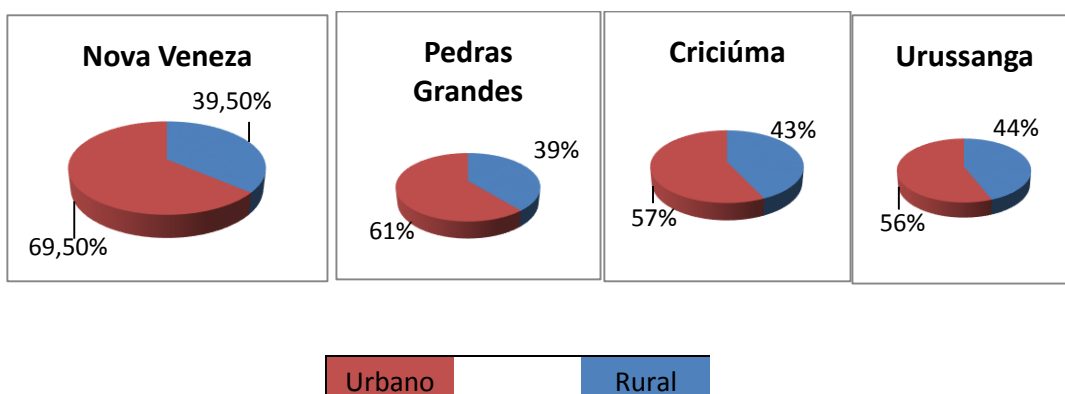


GRÁFICO 10 – ATITUDES POSITIVAS NA ZONA URBANA E NA ZONA RURAL

Tanto em Nova Veneza (69,5%) quanto em Pedras Grandes (61%), Criciúma (57%) e Urussanga (56%), a maior parte das atitudes positivas foi encontrada na zona urbana. Somente em Siderópolis as *atitudes positivas* foram maioria na zona rural (57% na rural e 43% na urbana).

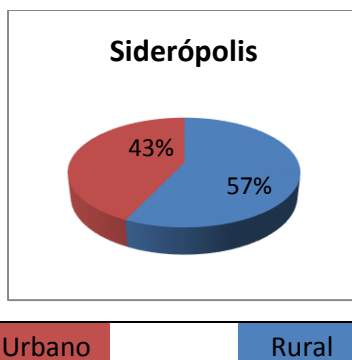


GRÁFICO 11 – ATITUDES POSITIVAS EM SIDERÓPOLIS

Em um primeiro momento, esses dados podem parecer contraditórios. Ora, se na zona rural existem mais bilíngues, não é lá que deveríamos encontrar a maior parte das atitudes positivas? Talvez a explicação para esses percentuais esteja no momento social no qual a língua italiana/dialeto está passando no sul de Santa Catarina.

Como já dito em outros momentos neste trabalho, parece existir um ressurgimento, uma retomada positiva da italianidade nas cidades pesquisadas. Esse sentimento positivo se contrapõe à situação anterior de vergonha e medo de ser italiano, fato que ocorreu a partir da Campanha de Nacionalização da Década de 1930 e da nacionalização da educação. Para Frosi (1996), após a Campanha de Nacionalização e o período no qual era vergonhoso ser italiano, “à medida que o ítalo-brasileiro enriquece e se *urbaniza*, forma uma nova classe de nível econômico mais elevado” (p. 162, grifo nosso).

Atualmente, os motivos pelos quais as atitudes positivas aumentam em relação à língua italiana ainda parecem estar ligados à ascensão econômica dos descendentes de italianos, como comentou Frosi (1996). Entretanto, existem também outros fatores ligados aos aspectos econômicos que podem estar auxiliando as mudanças atuais.

Com a melhoria do nível socioeconômico do país, viagens à Itália e o acesso a alimentos, bebidas, roupas italianas e outros bens de consumo ligados ao *bel paese* estão mais fáceis também à classe média no Brasil. Há alguns anos, por exemplo, comprar uma garrafa de um vinho italiano no nosso país custava muito caro, um luxo concedido a poucos. Atualmente, o acesso a bens de consumo relacionados à Itália está mais facilitado e acessível, sobretudo nos centros urbanos. A zona urbana consegue sentir mais rapidamente essas mudanças porque já está sendo beneficiada atualmente, diferentemente da zona rural.

Outro ponto que talvez esteja influenciando o aumento das atitudes linguísticas positivas na zona urbana é o uso da internet. Hoje em dia, a grande maioria das casas dos centros urbanos possui um computador conectado. O acesso a fontes bibliográficas italianas nos diversos setores nos quais a Itália tem uma forte tradição, como, por exemplo, direito, moda, *design*, gastronomia, música, arquitetura, entre outros, pode estar trazendo benefícios e influenciando a zona urbana a manifestar mais atitudes positivas.

Esses talvez sejam os motivos pelos quais tenham sido encontradas mais atitudes positivas nos centros das cidades que no interior.

Em uma entrevista realizada na zona urbana da cidade de Criciúma, maior cidade da pesquisa, um informante parece já ter percebido claramente essa mudança de eixo:

Entrevistado: Porque tu usa aqui verde, branco e vermelho na camisa, opa! Isso é importante.

Luciana: Hoje não é mais colono?

Entrevistado: Não é mais colono, é diferenciado.

Luciana: Hoje é o que?

Entrevistado: É a elite que forma opinião.

Luciana: Hoje virou chique?

Entrevistado: Virou chique, virou uma elite intelectual, uma raça de elite.

(Informante 07, Criciúma, masculino, idoso, **zona urbana**).

A imagem do ítalo-brasileiro parece estar tomando uma proporção totalmente diferente: de colono para elite intelectual, como aponta o informante 07. Essa imagem positiva, segundo os dados quantitativos desta tese, parece estar mais evidente na zona urbana que na zona rural.

Fishman (1975, p. 191) afirma que os movimentos de fidelidade linguística¹⁹⁹, de retomada e conservação de uma língua, geralmente têm origem nas zonas urbanas e não nas rurais. Segundo ele, “os intelectuais e a classe média, ambos quase exclusivamente urbanos, frequentemente foram os primeiros a apoiar a conservação linguística nas sociedades compostas de população rural e urbana”²⁰⁰ (FISHMAN, 1975, p. 191, tradução nossa). Ele afirma ainda que os grupos urbanos podem apresentar tentativas mais organizadas, conscientes e originais para conservar, retomar ou mudar a sua língua.

O que talvez esteja acontecendo no contexto onde ocorreu esta pesquisa é que, embora a língua italiana/dialeto seja mais falada na zona rural (maior número de bilíngues encontrados), os ítalo-brasileiros da zona urbana parecem já estar se beneficiando com o contato com a Itália de hoje em dia, um país desenvolvido e muito diferente daquela Itália segmentada do período da emigração. Esse contato

¹⁹⁹ Termo cunhado por Weinreich (1974). Para ele, a atitude linguística positiva em relação a uma língua seria a fidelidade linguística. O autor afirma que a fidelidade linguística faz com que o falante defenda e valorize a língua.

²⁰⁰ No original: *Gli intellettuali e la classe media, entrambi quasi esclusivamente urbani, sono stati spesso i primi sostenitori della conservazione linguistica nelle società composte sia di popolazione rurale che urbana.*

entre os ítalo-brasileiros da zona urbana e a Itália atual pode estar proporcionando o aumento das suas atitudes positivas em relação à língua.

Se as atitudes positivas estão mais concentradas nos centros urbanos (4 cidades da pesquisa), por outro lado, *as atitudes negativas* foram predominantes na zona rural (3 cidades da pesquisa).

Em Nova Veneza, 60 % das atitudes negativas foram manifestadas na zona rural, em Pedras Grandes, 56,25% e em Criciúma, 51%, como nos mostram os gráficos a seguir:

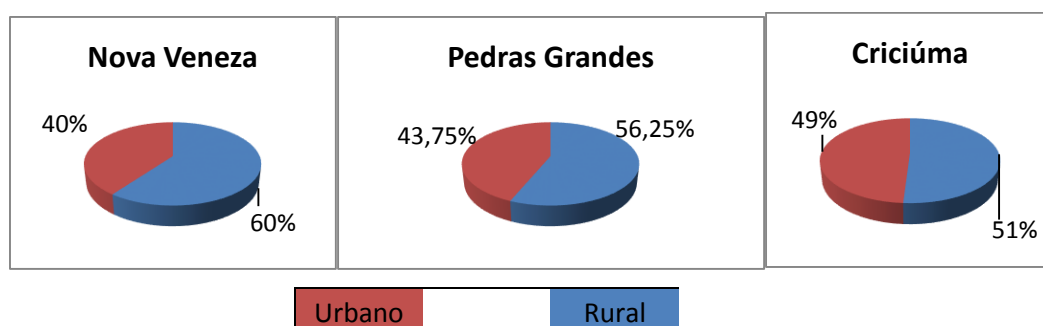


GRÁFICO 12 – ATITUDES NEGATIVAS NA ZONA URBANA E NA ZONA RURAL

Já em Siderópolis (76,5%) e em Urussanga (56,2%), a maior parte das *atitudes negativas*, diferentemente das três primeiras cidades, está na zona urbana.

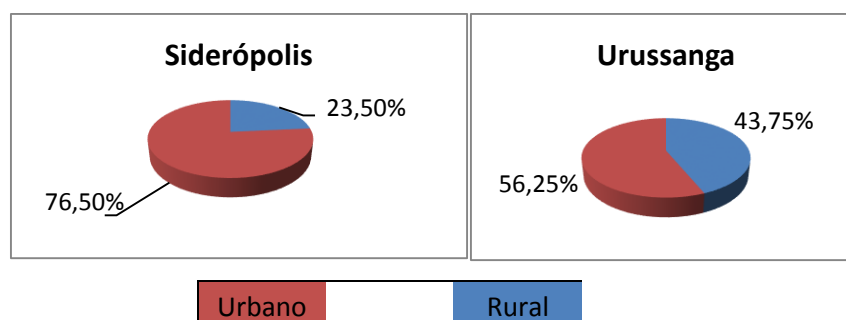


GRÁFICO 13 – ATITUDES NEGATIVAS EM SIDERÓPOLIS E URUSSANGA

O que pode justificar o fato de que em duas das cinco cidades (Siderópolis e Urussanga) as atitudes negativas estejam presentes predominantemente na zona urbana é que, ao contrário do que vimos anteriormente, nessas cidades talvez os benefícios citados (acesso aos bens de consumo italianos e *know-how* italiano em setores como moda, direito, gastronomia etc.) ainda não estejam totalmente inseridos no cotidiano das pessoas da cidade; somente com análises futuras será

possível confirmar a tendência de que a maior parte de atitudes positivas encontrasse na zona urbana.

Entretanto, somente esse argumento não parece ser suficiente para justificar as atitudes negativas na zona urbana nessas duas cidades. Em Pedras Grandes, por exemplo, cidade bem menor que Urussanga e Siderópolis, as atitudes negativas foram encontradas predominantemente na zona rural, ou seja, até em cidades menores que Urussanga e Siderópolis a zona urbana já está percebendo o lado positivo de estar vinculada à língua italiana/dialeto. Por que, então, nessas duas últimas cidades as atitudes negativas foram predominantemente encontradas na zona urbana?

O que talvez possa auxiliar a justificar o motivo pelo qual as atitudes negativas em Siderópolis e Urussanga foram predominantemente encontradas na zona urbana é o fato de que, nessas duas cidades, a Campanha de Nacionalização foi efetivamente mais sentida que nas outras três cidades (Pedras Grandes, Nova Veneza e Criciúma). Urussanga era a principal colônia italiana do sul do estado de Santa Catarina; falar italiano na zona urbana nessa cidade durante a década de 1930 era realmente perigoso!

Em Siderópolis, antiga Nova Belluno, foi instalada a Companhia Siderúrgica Nacional em 1941. Essa empresa havia sido criada com o apoio financeiro dos Estados Unidos (país que pertencia ao grupo dos Aliados na Segunda Guerra Mundial). Em 1942, com a entrada no Brasil na Segunda Guerra Mundial e seu apoio aos países Aliados, não era conveniente para a imagem brasileira ter uma cidade produtora de carvão com vínculos históricos com a Itália (país que pertencia ao grupo do Eixo na Segunda Guerra Mundial). Portanto, iniciativas italianizadas na cidade de Siderópolis foram fortemente combatidas, sobretudo em virtude da presença da Companhia Siderúrgica Nacional.

Ou seja, se nessas duas cidades – Urussanga e Siderópolis – a Campanha de Nacionalização de Getúlio Vargas causou mágoas profundas²⁰¹ sentidas até mesmo na zona rural, imagine na zona urbana onde a presença da polícia era constante. Os habitantes da zona urbana de Siderópolis e de Urussanga sentiram muito os efeitos da descendência italiana durante a Campanha de Nacionalização,

²⁰¹ Ver capítulo 4, sessão 4.3.1, sobre a campanha de nacionalização de Getúlio Vargas e suas consequências nas atitudes linguísticas dos ítalo-brasileiros em relação à língua italiana/dialeto em Criciúma e região.

ainda mais que os da zona rural. Talvez esse seja o real motivo pelo qual nessas duas cidades tenham sido encontradas mais atitudes negativas na zona urbana que na zona rural.

Outras pesquisas que envolvem ítalo-brasileiros também parecem ter verificado mais atitudes negativas na zona rural que na zona urbana. Dal Corno e Santini (1998) analisaram as reações subjetivas à fala com sotaque italiano na região de colonização italiana do Rio Grande do Sul. As autoras verificaram que “pelo menos em alguns aspectos, os habitantes da zona rural estigmatizaram mais a fala com sotaque italiano que os da zona urbana” (p. 44).

Labov (2001 [1972], p. 182), ao analisar as dimensões subjetivas de uma mudança linguística em andamento,²⁰² percebeu que falantes que usam o grau mais alto de um traço estigmatizado em sua própria fala tendem, mais que os outros, a estigmatizar os demais falantes que empregam esses traços, ou seja, quanto mais estigmatizada é a fala, maior é o preconceito do próprio falante daquela variação com aqueles que falam como ele.

Se passarmos as conclusões dessa pesquisa de Labov para esta tese, poderíamos pensar que: por existirem mais bilíngues na zona rural, é exatamente lá que existem mais atitudes negativas relacionadas à língua italiana falada na região. Ou seja, se a língua italiana/dialeto é mais falada na zona rural e os falantes estigmatizados tendem a ter maior preconceito com o próprio falante daquela variação, isso talvez justifique a maior parte das atitudes negativas em relação à língua italiana/dialeto no sul do estado de Santa Catarina estar presente na zona rural.

Finalmente, as *atitudes neutras* foram encontradas predominantemente na zona urbana das cidades de Siderópolis (87,5%), Nova Veneza (75%) e Urussanga (67%), como nos mostra o próximo gráfico:

²⁰² Trata-se do estudo sobre a estratificação do inglês na cidade de Nova Iorque. O autor mostra que as variantes linguísticas são determinadas por um padrão de normas sociais e estilísticas. Ele usa a técnica de “falsos pares” desenvolvida por Lambert (1976) para realizar essa pesquisa.

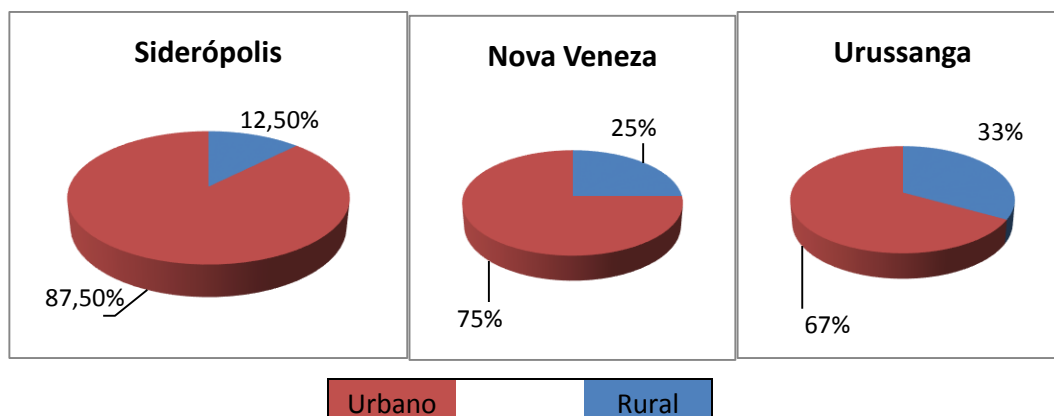


GRÁFICO 14 – ATITUDES NEUTRAS EM SIDERÓPOLIS, NOVA VENEZA E URUSSANGA

Entretanto, em Criciúma e Pedras Grandes, a maior parte das atitudes linguísticas neutras em relação à língua italiana/dialeto foi encontrada na zona rural: 70% e 62,5%, respectivamente.

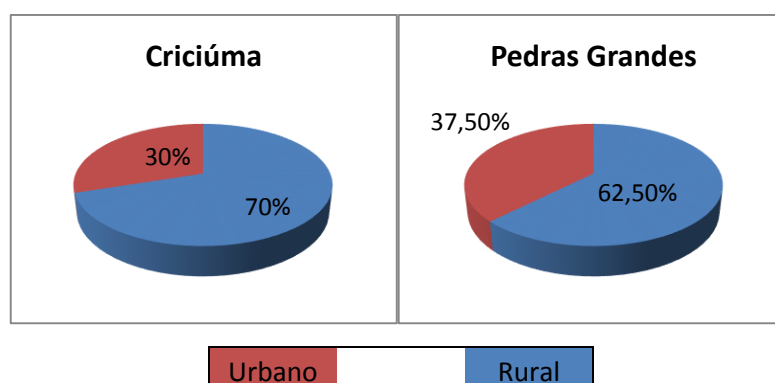


GRÁFICO 15 – ATITUDES NEUTRAS EM CRICIÚMA E PEDRAS GRANDES

O fato de as atitudes neutras estarem mais presentes na zona urbana (três cidades) no que na zona rural (duas cidades) pode estar ligado à sinceridade e à espontaneidade dos habitantes da zona rural. Os habitantes da zona rural aparentam ser mais sinceros e expressarem suas atitudes linguísticas sem tantos filtros como os da zona urbana.

Outro motivo que possa talvez justificar a maior parte das atitudes neutras ter sido encontrada na zona urbana é que, nessa área, existem menos pessoas que conhecem a língua italiana. Sem conhecer a língua italiana, os habitantes da zona urbana preferem apresentar uma atitude neutra, como nos mostra o exemplo a seguir:

Luciana: Qual a língua que tu acha mais bonita. Italiano ou português?
Entrevistado: Não sei te responder, se entendesse alguma coisa em italiano...
(Informante 36, Pedras Grandes, masculino, jovem, **zona urbana**).

Portanto, o fato de conhecerem menos a língua italiana/dialeto na zona urbana e características da personalidade do habitante da zona rural, como simplicidade e sinceridade, podem ser os motivos pelos quais as atitudes linguísticas neutras perante a língua italiana/dialeto foram encontradas predominantemente na zona urbana.

A próxima seção analisa a proporção de atitudes linguísticas nas cinco cidades e leva em consideração o sexo. Pretende-se verificar se homens e mulheres apresentam a mesma quantidade de atitudes positivas, negativas e neutras perante a língua italiana/dialeto e entender o motivo que justificaria tais percentuais.

5.4 ATITUDES LINGUÍSTICAS DE HOMENS E MULHERES: DIMENSÃO DIAGENÉRICA

Nesta seção, pretende-se verificar em quais proporções as atitudes positivas, negativas e neutras foram manifestadas nos homens ou nas mulheres ítalo-brasileiros(as). Para tanto, assim como já foi feito nas duas seções anteriores, será feita uma análise quantitativo-qualitativa.

Na parte quantitativa, serão trazidos os gráficos com percentuais, e na qualitativa serão apresentados trechos das entrevistas. Conforme Saville-Troike (2003, p. 185), a integração desses dois métodos para medir atitudes é o procedimento mais desejável.

Como já visto na metodologia deste trabalho, mais especificamente na seção 2.2.3, o uso da forma padrão da língua é mais encontrado na fala de mulheres (PAIVA, 2003). Mulheres tendem a usar a forma linguística de maior *status*, evitam a forma estigmatizada. Segundo Paiva (2003), isso pode estar ligado ao (preconceituoso) papel da mulher na sociedade como, por exemplo, educar os filhos e resguardar a imagem para ser "bem" aceita na própria sociedade.

Em comunidades ítalo-brasileiras, geralmente patriarcais e machistas, na qual a palavra final fica com o homem, esse papel da mulher, citado por Paiva (2003), de

mulher recatada e exemplar, pode ficar ainda mais evidente. Conseqüentemente, a mulher ítalo-brasileira tende a escolher a forma linguística de maior *status* social para causar boa impressão no meio no qual vive.

Isso nos leva a concluir que ítalo-brasileiros do sexo masculino e feminino falam de acordo com o papel que exercem dentro de cada comunidade.

No que se refere à análise das *atitudes positivas* deste trabalho, infelizmente, não houve resultados que possam nos levar a conclusões sobre as diferenças de atitudes entre homens e mulheres, isso porque houve um empate. Em duas cidades (Urussanga e Pedras Grandes), as atitudes positivas foram predominantemente manifestadas por homens (62% em Urussanga e 59% em Pedras Grandes das atitudes positivas são masculinas).

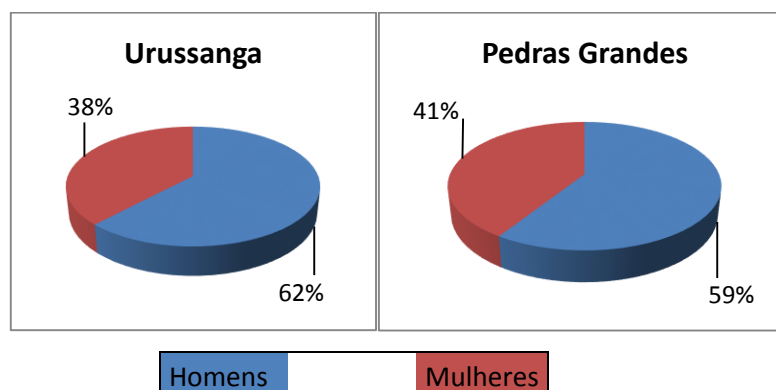


GRÁFICO 16 – ATITUDES POSITIVAS PARA HOMENS E MULHERES EM URUSSANGA E PEDRAS GRANDES

Em outras duas cidades (Criciúma e Nova Veneza), as *atitudes positivas* manifestadas foram predominantemente de mulheres, como nos mostra o gráfico a seguir (Em Criciúma 59,5% e em Nova Veneza 69,5% das atitudes positivas são femininas):

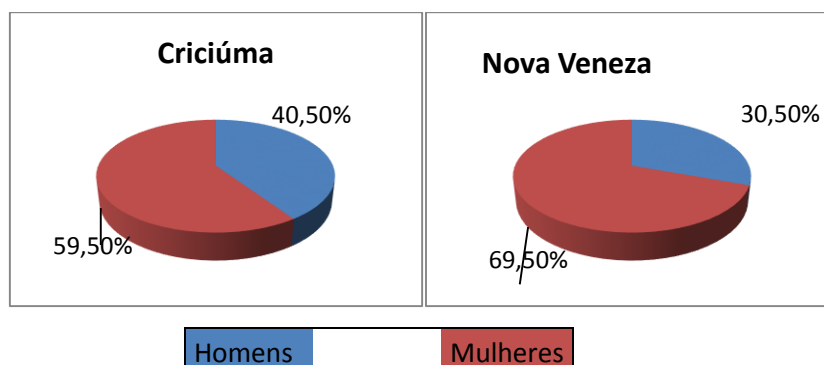


GRÁFICO 17 – ATITUDES POSITIVAS PARA HOMENS E MULHERES EM CRICIÚMA E NOVA VENEZA

A quinta e última cidade, que poderia ajudar a esclarecer se as atitudes positivas são manifestadas mais por homens ou mulheres, apresentou um empate. Em Siderópolis, como nos mostra o gráfico que segue, 50% das *atitudes positivas* são das mulheres e 50% dos homens.

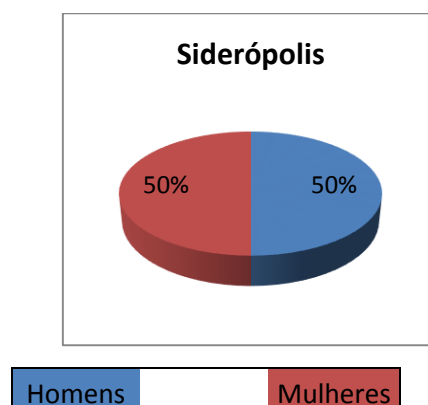


GRÁFICO 18 – ATITUDES POSITIVAS PARA HOMENS E MULHERES EM SIDERÓPOLIS

Ou seja, com essa análise quantitativa não foi possível detectar a posição de homens e mulheres em relação às atitudes positivas. Isso demonstra que talvez a dimensão diagenérica não seja tão relevante quando se analisa atitudes linguísticas.

Como os dados das atitudes positivas não apresentaram resultados satisfatórios para que pudéssemos fazer análises sobre atitudes de homens e mulheres ítalo-brasileiros(as), resolveu-se verificar também o número de ítalo-brasileiros(as) que afirmam blasfemar²⁰³, costume comum entre descendentes de italianos. O objetivo dessa análise é verificar se de fato as ítalo-brasileiras tendem a usar a forma de maior *status* social como afirmam as pesquisas da área (PAIVA, 2003). Dessa forma, elas usariam em menor quantidade as blasfêmias se comparadas aos homens.

Os dados desta pesquisa confirmam resultados como o de Paiva (2003) e mostraram que realmente, ao comparar homens e mulheres que afirmam blasfemar, o percentual masculino é maior (56% dos homens contra 41% das mulheres

²⁰³ “Blasfemar” é sinônimo de “praguejar”. Embora, talvez, o segundo verbo seja o mais usual no português brasileiro, optou-se por usar blasfemar durante toda esta pesquisa porque é como os ítalo-brasileiros da região falam (por influência da língua italiana, na qual existe o verbo *blasfemare*). A intenção dessa escolha é facilitar a leitura para os informantes da pesquisa.

blasfemam). Por outro lado, o percentual feminino é maior quando afirmam que não blasfemam: 59% nas mulheres e 44% nos homens, conforme o gráfico a seguir:

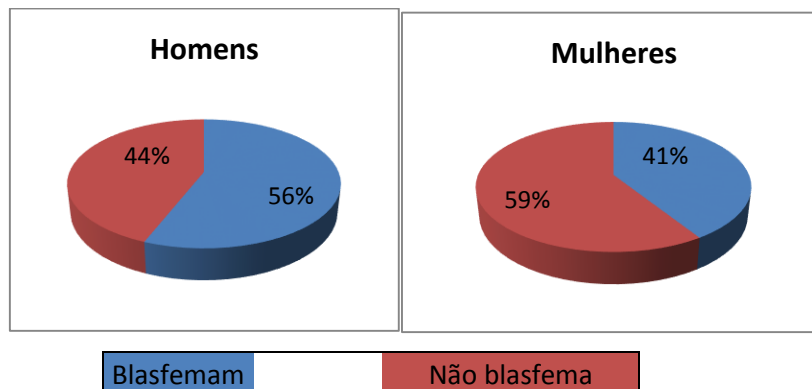


GRÁFICO 19 – HOMENS E MULHERES QUE AFIRMAM BLASFEMAR

O motivo pelo qual os ítalo-brasileiros afirmam que blasfemam é ter ouvido os pais em casa. No exemplo a seguir, o informante do sexo masculino de Nova Veneza, além de confirmar essa análise, afirma que, na sua casa, seu pai blasfema mais que sua mãe:

Luciana: E quando tu tá caminhando, subindo ali o degrauzinho, dá aquela batida assim ou pega o dedo assim, arranca aquele pedacinho da tampa...

Entrevistado: Sai besteira, né?

Luciana: Sai? Uns Porco?

Entrevistado: Os porco.

Luciana: Tá.

Entrevistado: Coisa que não deveria, mas sai.

Luciana: De onde vem esse porco?

Entrevistado: Coisa de italiano... (risos)

Luciana: Mas tu ouviu quem falar?

Entrevistado: Ah o pai, a mãe, não, o pai fala mais.

(Informante 18, Nova Veneza, jovem, masculino, zona rural)

O próximo trecho traz uma entrevista realizada com uma mulher. Ela afirma que também blasfema, mas quando questionada de onde vem essa influência, cita somente parentescos masculinos:

Luciana: Me diz uma coisa agora, quando a senhora está caminhando ali naquela pedrinha e bate o dedinho no degrau e arranca a tampinha do dedinho sai uns palavrão, uns porco em italiano?

Entrevistada: Sai.

Luciana: E a senhora escutou de quem?

Entrevistada: Do meu pai, meu sogro também. O nonno (vô) também...

(Informante 29, Nova Veneza, idosa, feminino, zona rural).

Da mesma forma, a justificativa para não usar esse tipo de expressão é o hábito passado pelos pais em casa, como nos mostra o trecho desta entrevista com uma mulher de Nova Veneza:

Luciana: Quando a senhora sobe ali o degrauzinho e dá com a ponta do dedinho no degrau, aquela dor, arranca um pedaço do...

Entrevistada: Não chamo nome, não, sacramento! **O mal do italiano é isso aí.**

Luciana: Blasfêmia, a senhora se controla?

Entrevistada: **Muito controlada, o meu pai não era disso e nem a minha mãe era disso.**

Luciana: Vem um palavrão em português mesmo?

Entrevistada: **Não era disso, mas tenho uns vizinhos que diziam *porco Dio, Zio porco*....**

(Informante 31, Nova Veneza, idosa, **feminino**, zona urbana).

Já com a análise das *atitudes negativas*, foi possível fazer algumas inferências sobre a diferença de atitudes linguísticas femininas e de masculinas no sul do estado de Santa Catarina. As atitudes negativas são, em sua maior parte (4 cidades), das mulheres.

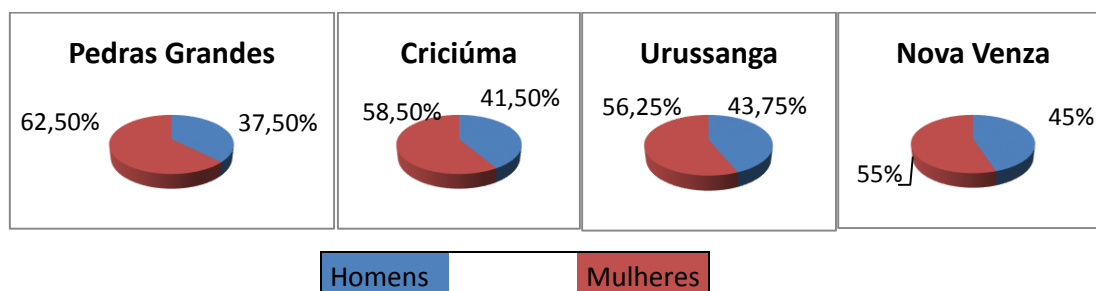


GRÁFICO 20 – ATITUDES NEGATIVAS PARA HOMENS E MULHERES

Esses gráficos nos mostram que, em Pedras Grandes, 62,5% das atitudes negativas são femininas; em Criciúma, 58,5%; em Urussanga, 56,25%; e em Nova Veneza, 55%. Somente em uma cidade pesquisada, Siderópolis (gráfico a seguir, com 57,5% de atitudes negativas masculinas), os homens apresentaram mais atitudes negativas que as mulheres em relação à língua italiana/dialeto.

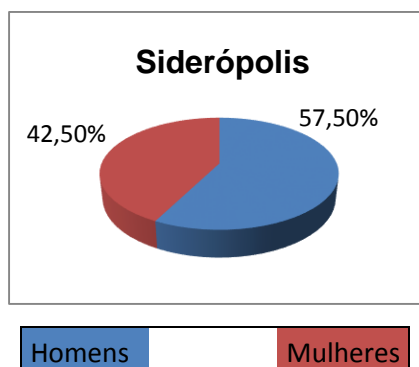


GRÁFICO 21 – ATITUDES NEGATIVAS PARA HOMENS E MULHERES EM SIDERÓPOLIS

Para entender o que talvez esteja gerando mais atitudes negativas no sexo feminino, é necessário que se retome o que já foi afirmado no início desta seção.

Pesquisas que envolvem a variável sexo e mudanças linguísticas afirmam que as mulheres lideram as inovações, sobretudo quando existe implementação de formas de prestígio. Paiva (2003, p. 35) afirma que mulheres possuem, mais que os homens, "uma consciência feminina do *status* social de formas linguísticas". Já Labov (2008 [1972]) afirmava que mulheres tendem a utilizar formas de prestígio e a rejeitar as formas estigmatizadas.

Como no contexto pesquisado, apesar da recente valorização da italianidade, ainda é possível perceber muitas atitudes negativas em relação ao italiano falado na região, como já visto na seção 4.2, as mulheres talvez demonstrem mais atitudes negativas em relação à língua italiana/dialeto porque, entre as duas línguas, a língua italiana/dialeto é aquela com menor prestígio. Ou seja, demonstrar atitudes negativas em relação à língua italiana/dialeto para as mulheres do sul de Santa Catarina pode ser uma forma de apoio à língua mais prestigiada: o português. Talvez seja uma demonstração de que elas não querem pertencer ao grupo de menor *status* social (ítilo-brasileiros em alguns períodos foram (e são até hoje) considerados colonos; ver seção 4.2).

Se realmente ficar comprovado daqui a alguns anos, com mais pesquisas na área, que está, de fato, acontecendo uma revalorização dos ítilo-brasileiros da região, como já verificamos com alguns indícios nesta pesquisa (ver seções 3.3.1 até 3.3.5), as atitudes negativas das mulheres tendem a diminuir. Mas, neste momento, através dos dados obtidos para este trabalho, pode-se concluir que a maior parte das atitudes linguísticas negativas perante a língua italiana/dialeto são femininas.

As *atitudes neutras* foram encontradas predominantemente nas entrevistas dos homens. Em duas cidades, Criciúma e Nova Veneza, os homens manifestaram, respectivamente, 80% e 75% das atitudes neutras.

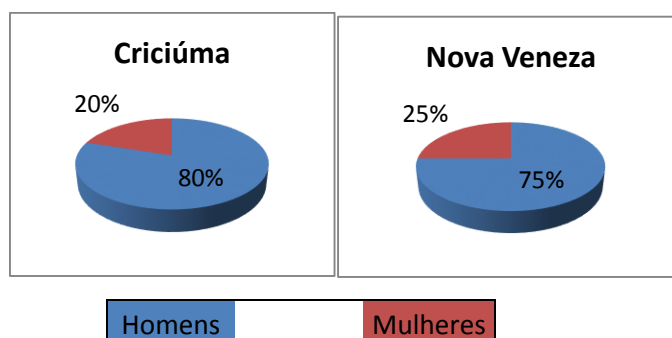


GRÁFICO 22 – ATITUDES NEUTRAS PARA HOMENS E MULHERES EM CRICIÚMA E NOVA VENEZA

Em Urussanga e Pedras Grandes, não foi possível analisar os dados porque homens e mulheres apresentaram o mesmo percentual (50%) de *atitudes neutras*, ou seja, houve um empate, como demonstram os gráficos que seguem:

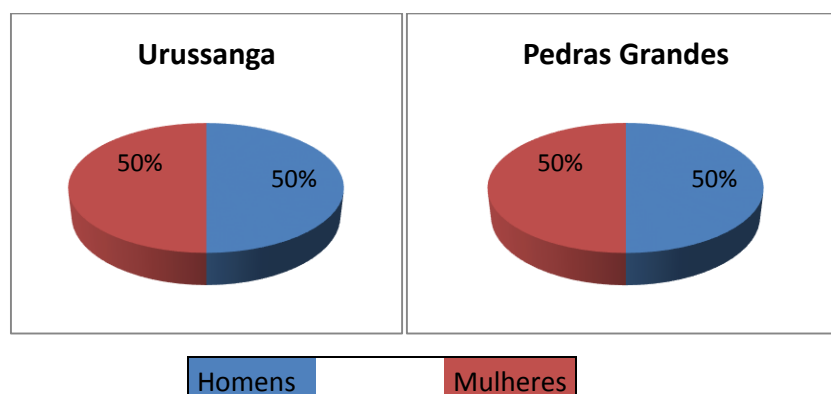


GRÁFICO 23 – ATITUDES NEUTRAS PARA HOMENS E MULHERES EM URUSSANGA E PEDRAS GRANDES

Somente em Siderópolis, as atitudes neutras foram predominantemente femininas (87,5%).

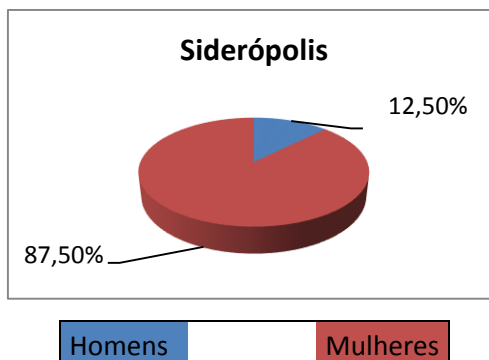


GRÁFICO 24 – ATITUDES NEUTRAS PARA HOMENS E MULHERES EM SIDERÓPOLIS

Resumidamente, os cinco gráficos nos mostram a seguinte situação: duas cidades com atitudes neutras predominantemente masculinas (Criciúma e Nova Veneza), dois empates (Urussanga e Pedras Grandes) e uma cidade com atitudes neutras predominantemente femininas (Siderópolis). Ou seja, a maior parte das atitudes neutras são masculinas.

A justificativa para esse panorama pode ser o fato de que a pesquisadora seja uma mulher.

Embora entrevistadoras mulheres, geralmente, sejam consideradas menos ameaçadoras que os homens (SAVILLE-TROIKE, 2003, p. 101), os homens talvez tenham se preservado mais e manifestado mais atitudes neutras que as mulheres porque minha presença pode ter intimidado. Já as mulheres talvez tenham se sentido mais à vontade para dar sua opinião na presença de outra mulher.

Não existem trechos nas transcrições que exemplifiquem explicitamente esse comportamento das mulheres e dos homens comigo durante as entrevistas. Entretanto, a meu ver, essa diferença era perceptível desde as primeiras entrevistas, sobretudo com as mulheres mais jovens. Ao entrevistar mulheres da minha faixa etária, era possível perceber que a conversa virava quase um “bate-papo”; falamos, além dos assuntos necessários para a entrevista, de nossas vidas pessoais.

Muitas me contaram as histórias de seus casamentos, separações, dos filhos, do trabalho etc. Essa quebra de protocolo ajuda a proporcionar um clima mais tranquilo, que amenizava a presença do gravador e, acredito, deixava as opiniões sobre as atitudes linguísticas mais espontâneas.

Também com as mulheres aconteceram muitos cafés, lanches e até almoços. Para dar um exemplo, em uma entrevista no interior de Pedras Grandes, na localidade de Azambuja, após o término da conversa, fui gentilmente convidada a

almoçar na casa da entrevistada. Tenho certeza de que o convite foi fruto da interação que aconteceu entre nós duas durante a entrevista.

No período do almoço, tive a oportunidade de conversar sobre assuntos não relacionados à italianidade, mas que me ajudaram a entender melhor não só a entrevistada, mas também a sua família.

Esse contato com os moradores das cidades, em especial com as mulheres, muito auxiliou no entendimento de como a cidade convive com a língua italiana/dialeto e talvez justifique o maior percentual de atitudes neutras ter sido masculino.

A próxima e última seção desta análise verifica a dimensão diatópica.

5.5 ATITUDES LINGUÍSTICAS NAS CINCO CIDADES DA PESQUISA: DIMENSÃO DIATÓPICA

Esta seção objetiva verificar e justificar a proporção das atitudes positivas, negativas e neutras nas cidades envolvidas nessa pesquisa. Com isso, pretende-se responder à quarta pergunta de pesquisa: quais das cinco cidades – Urussanga, Pedras Grandes, Criciúma, Nova Veneza e Siderópolis – apresentam mais atitudes positivas, negativas e neutras em relação à língua italiana falada na região? Quais fatores poderiam justificar esses resultados?

Ao analisar o gráfico com o percentual de atitudes positivas, negativas e neutras nas cidades, percebe-se que em todas as cinco cidades da pesquisa o número de *atitudes positivas* é maior que o número de negativas. Os percentuais são: Nova Veneza, 62%; Urussanga, 61%; Criciúma e Siderópolis empatadas, com 55%; e Pedras Grandes, 54%.

As *atitudes negativas*, em ordem decrescente, são: Pedras Grandes, 37%; Criciúma, 35%; Siderópolis, 34%; Urussanga, 28%; e Nova Veneza, 27%.

Em relação às *atitudes neutras*, os percentuais ficaram muito similares em todas as cidades. Tivemos percentuais de 11% (Urussanga, Nova Veneza, Siderópolis), 10% (Criciúma) e 9% (Pedras Grandes), ou seja, com pouquíssima variação. Entre o percentual máximo e mínimo, não foi apresentado mais que 2% de diferença.

Além de perceber que os ítalo-brasileiros do sul do estado tendem a apresentar a mesma proporção de atitudes neutras, é possível concluir com esses dados também que em todo o sul de Santa Catarina os ítalo-brasileiros apresentam poucas atitudes neutras em relação à língua/italiana (máximo 11%). Isso quer dizer que eles tendem a se posicionar mais para um lado ou para outro quando se trata dessa língua.

A partir deste momento serão aprofundadas as análises das atitudes positivas e negativas nas quais os percentuais foram diferenciados e que nos dão margem para algumas interpretações e justificativas mais precisas.

Os gráficos a seguir indicam todos os percentuais de atitudes positivas, negativas e neutras citados:

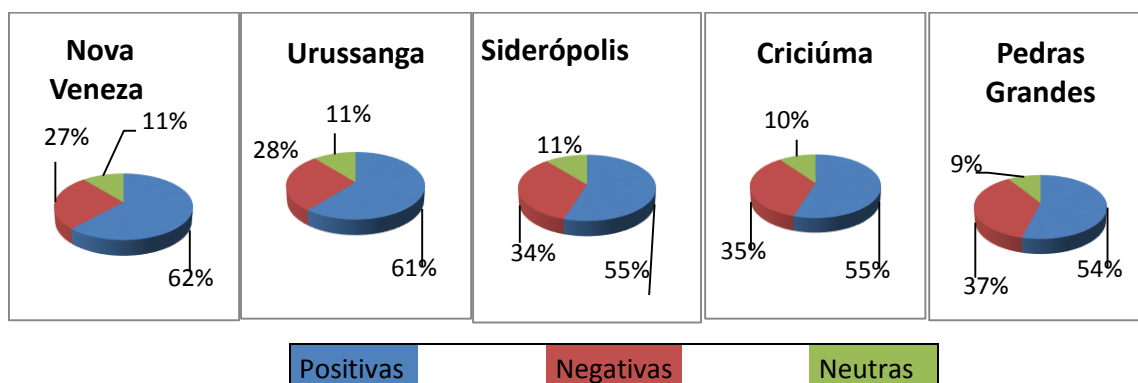


GRÁFICO 25 – ATITUDES POSITIVAS, NEGATIVAS E NEUTRAS

Nova Veneza é a cidade com maior número de atitudes positivas (62%) e menor de negativas (27%). O *slogan* da prefeitura “um cantinho da Itália no Brasil” parece realmente fazer jus aos sentimentos, avaliações e comportamentos dos ítalo-brasileiros em relação à língua italiana/dialeto por lá.

Mas o papel da prefeitura na análise desse resultado não se resume somente na proposta do *slogan*. O que parece acontecer é que muitas das iniciativas italianizadas passaram a ser financiadas pelo município, com interesse em investimentos turísticos. A proposta de incentivo e valorização da italianidade, que nasceu a partir da semente plantada pelo Cônego Amílcar na comemoração do centenário da cidade, talvez esteja frutificando agora.

O incentivo municipal na cultura italiana parece ter impulsionado os sentimentos positivos na população. Entretanto, os moradores da cidade compraram a ideia de “cantinho da Itália no Brasil” não somente pelos sentimentos positivos

relacionados à língua e à Itália, mas também em virtude dos benefícios financeiros que a proposta vem trazendo para Nova Veneza. A população e os empresários da cidade viram nesse mercado uma oportunidade para investimentos, com destaque para o setor turístico (pousadas, hotéis e restaurantes).

Vale neste momento uma importante consideração: a imagem de Nova Veneza, que está sendo divulgada, atrelada ao Carnaval de Veneza, com gôndolas, festas e restaurantes, nada tem a ver com o passado dos colonizadores italianos. A proposta da “cidade mais italiana do Brasil” remete a uma Itália mais atual e luxuosa, mas agrada moradores e visitantes. Para se ter uma ideia, em junho de 2015, segundo dados da Prefeitura, a Festa da Gastronomia realizada na cidade contou com a participação de mais de 80.000 pessoas em três dias. Ou seja, existe a aprovação da população da cidade e de turistas nessa proposta.

Urussanga ficou em segundo lugar, mas com percentuais quase iguais aos de Nova Veneza (61% de atitudes positivas e 28% de negativas, enquanto Nova Veneza apresentou 62% de atitudes positiva e 27% de negativas). Os resultados de *Urussanga*, portanto, também são bem representativos no que diz respeito à manifestação de atitudes positivas.

Essas atitudes linguísticas positivas na cidade talvez possam ser fruto do glorioso passado da cidade: *Urussanga* era a maior colônia de italianos do sul do estado na época da sua fundação. Seus habitantes ainda retomam esse passado renomado, mas, diferentemente de Nova Veneza, as iniciativas italianizadas atuais estão apoiadas em casos isolados de moradores pertencentes a associações italianas.

A maior iniciativa italianizada e com o apoio da prefeitura, a Festa do Vinho, como já dito na seção 3.3.2, não foca na valorização dos costumes italianos, apesar da existência da culinária na festa. Os shows nacionais acabam por abafar a divulgação da cidade ou da sua história italianizada.

Na verdade, percebe-se que falta incentivo municipal para acender os holofotes para a cidade italiana com o passado mais glorioso do sul do estado. A cidade teve um papel fundamental na imigração no sul do estado. Para dar um exemplo, um idoso da cidade de Nova Veneza (informante 23), em sua entrevista, explicou que, quando os italianos das regiões próximas tinham alguma dúvida, dirigiam-se até *Urussanga* para conversar com moradores de lá e para serem aconselhados.

Em uma ocasião, segundo ele, a colônia de Nova Veneza estava com problemas porque seus habitantes precisam comer proteína, mas não sabiam onde providenciá-la. Foi graças a um conselho de um italiano de Urussanga de como fazer uma armadilha para caçar paca que o problema foi solucionado.

O exemplo é simples, mas nos faz entender o importante e pouco valorizado papel histórico que Urussanga tem no sul do estado.

Outro detalhe importante a ser dito sobre Urussanga é que a cidade tem potencial para se destacar no cenário turístico do sul do estado de forma original, como bem percebe um jovem entrevistado:

Luciana: Eu acho que tem espaço pra construir a italianidade de Urussanga, não precisa ficar copiando...

Entrevistado: Não, não precisa. Na realidade eu acho que a gente... o caminho de Urussanga, é seguir Bento Gonçalves de Caxias, que faz aquele turismo... vamos dizer assim mais valoroso (*sic*) da serra, é Gramado, todo mundo acha Gramado glamorosa, mas eu vejo no caminho de Urussanga como uma Bento Gonçalves **de fazer passeio de trem com gente cantando Merica, Merica²⁰⁴ com a gaita dentro...** (Informante 68, Urussanga, masculino, jovem, zona urbana).

De fato, como diz o entrevistado 68, existe muito espaço para Urussanga mostrar seu próprio potencial turístico italiano. A produção de *prosecco*, de vinho branco *Goethe* em vinícolas com cursos de degustação e os *tours* enológicos podem ser exemplos disso.

Siderópolis e Criciúma apresentaram o mesmo percentual de atitudes positivas (55%), mas o percentual de negativas foi menor em Siderópolis (34%) que em Criciúma (35%). Ou seja, Siderópolis fica em terceiro lugar e Criciúma em quarto.

A cidade de *Siderópolis*, portanto, apresentou 55% das atitudes positivas, 34% de atitudes negativas e 11% neutras.

O percentual dessa cidade, comparado ao de Urussanga, demonstra uma queda de 7% nas atitudes positivas e um aumento de 7% nas atitudes negativas. O que talvez possa justificar esses resultados sejam resquícios da Campanha de Nacionalização de Getúlio Vargas.

²⁰⁴ O informante se refere à música conhecida como Hino da imigração italiana, na qual é narrada a sofrida viagem da Itália para a sonhada América (*Trentasei giorni di macchina e vapore. Merica, Merica, Merica, cosa sarà 'sta Merica? Merica, Merica, Merica, un bel mazzolino di fior*) e as dificuldades enfrentadas pelos imigrantes assim que chegaram ao Brasil (*E alla Merica noi siamo arrivati, no' abbiám trovato nè paglia e nè fieno, Abbiám dormito sul nudo terreno, come le bestie andiam riposar*). A música comove muito os ítalo-brasileiros e, geralmente, é cantada com entusiasmo nas festas tradicionais. O autor da música é desconhecido.

Embora todas as cidades com descendentes de italianos tenham sofrido repressão nessa época, em Siderópolis, por causa da presença da Companhia Siderúrgica, a pressão foi bem grande. Era necessário desvincular totalmente o município com o nome de *Nova Belluno* da Itália. Para começar, como já dito na seção 3.3.5, foi mudado o nome da cidade, que fazia uma homenagem à cidade da qual vieram seus colonizadores, de Nova Belluno para Siderópolis (já foi visto na mesma seção como isso repercutiu na imagem do ítalo-brasileiro na cidade).

Além disso, assim como em Urussanga, muito pouco é investido pela prefeitura na preservação da cultura italiana. Iniciativas de membros de associações italianas da cidade são louváveis (e gratuitas!) e atualmente é isso que tem mantido as tradições italianas vivas na cidade.

Um ponto positivo que não pode deixar de ser comentado é a inserção do italiano na grade curricular desde 1997. Siderópolis foi a primeira cidade do sul do estado a tomar essa decisão. Entretanto, vale lembrar que a primeira escola bilíngue português-italiano do sul do estado foi aberta em Siderópolis, mas, por falta de um lugar físico, fechou em 2007²⁰⁵.

A propósito de escolas de italiano, as três cidades nas quais se perceberam mais atitudes positivas no sul do estado (Nova Veneza, Urussanga e Siderópolis) são as três nas quais existe a língua italiana na grade curricular do município. Essa iniciativa pode estar aumentando (ou mantendo) os percentuais de atitudes linguísticas positivas nas cidades pesquisadas. Além disso, a proposta conta com aprovação de 95% dos entrevistados nesta pesquisa.

Criciúma ficou em quarto lugar, com 55% das atitudes positivas, 35% negativas e 10% neutras. O fato de ser a maior cidade do sul do estado pode ter colaborado para tais resultados. Como a cidade recebeu e recebe ainda hoje muitas pessoas de outros estados, e atualmente até de outros países, os costumes italianos foram se perdendo no meio do crescimento e desenvolvimento da cidade.

Os membros das associações italianas na cidade são pessoas mais velhas, muitas vezes aposentados que, apesar da boa vontade e grande dedicação, nem sempre conseguem fazer a cultura italiana aparecer na cidade.

O restaurante italiano da Festa das Etnias (já comentada na seção 3.3.3), parece ser o maior símbolo de italianidade da cidade. Ou seja, a cultura italiana está

²⁰⁵ A escola bilíngue italiano-português abriu em função de um acordo com o ente gestor *Centro di Cultura Italiana PR/SC* e a prefeitura de Siderópolis.

ligada somente a tradições culinárias, sem nenhum respaldo histórico ou linguístico. Isso ficou claro também a partir dos informantes da cidade. Muitos prezam pelas tradições italianas “especialmente na gastronomia”, mas até onde chegarão essas tradições baseadas somente em receitas?

Portanto, o pouco apoio municipal aliado à desorganização das associações italianas presentes na cidade podem talvez justificar os resultados encontrados nesta pesquisa.

No que diz respeito ao apoio municipal, ou melhor, a falta dele, Criciúma segue o caminho de Urussanga e Siderópolis. Para dar um exemplo prático, basta dizer que houve em 2001 a aprovação da lei municipal (CRICIÚMA, 2001) que regulamentava o ensino de língua italiana nas escolas da cidade, mas essa lei foi alterada no mesmo ano da sua publicação, e de “obrigatório” o ensino da língua italiana passou a ser opcional:

~~Art. 1º - Fica instituído (sic) a disciplina de Italiano no currículo da Rede Municipal de Ensino do Município de Criciúma~~²⁰⁶. Art.1º Fica instituída a disciplina de língua italiana como **matéria extracurricular** de ensino do Município de Criciúma. Parágrafo único. O ensino da língua italiana será oferecido aos alunos de 5ª a 8ª série, *de forma facultativa à comunidade escolar a fim de não prejudicar as disciplinas da grade curricular.*(NR - Lei 4348)". (CRICIÚMA, 2001, grifo nosso).

Dessa forma, na prática, o ensino de língua italiana dentro da grade curricular nunca aconteceu²⁰⁷.

Pedras Grandes, cidade com mais atitudes negativas (37%) e menos positivas (54%), quando comparada às outras quatro desta pesquisa, ficou em quinto lugar em relação às suas atitudes perante a língua italiana/dialeto. Entre os fatores que podem justificar esse resultado, está o fato de que a cidade, como já mencionado neste trabalho, está muito ligada à cidade de Tubarão. Pedras Grandes tem 4.107 habitantes, enquanto Tubarão tem 97.235 habitantes (IBGE, 2010). Isso faz com que a cidade usufrua dos serviços e facilidades de uma cidade maior: escolas e universidades, mais oportunidades de emprego, compras etc.

²⁰⁶ O texto tachado significa que a lei foi alterada.

²⁰⁷ Entrei em contato com a prefeitura para saber a justificativa de tal atitude, mas não obtive resposta. A Secretaria de Educação de Criciúma foi a única, das cinco cidades pesquisadas, que nunca respondeu a meus e-mails e ligações telefônicas. Vale ressaltar que atualmente a prefeitura passa por sérias dificuldades após dois incêndios que destruíram boa parte dos arquivos e quase que totalmente o espaço físico.

Essa aproximação com Tubarão gerou muitos casamentos entre descendentes de italianos e pessoas de outras descendências. Talvez isso também tenha contribuído para a diminuição da propagação da língua. O informante a seguir, natural de Pedras Grandes, diz que acredita não ter aprendido italiano porque, apesar de o pai saber falar, a mãe não sabia:

Luciana: O que tu acha que teve essa quebra: o teu vô era italiano o teu pai falava com o teu avô e vocês [tu e teus irmãos] nada?

Entrevistado: Eu acho que foi se perdendo assim mesmo, **a mãe já era brasileira, a gente não falava em casa eu acho que foi por isso falta de tempo**, o pai viajava também.

(Informante 36, **Pedras Grandes**, masculino, jovem, zona rural)

Outro motivo que talvez possa justificar o fato de Pedras Grandes e Criciúma terem ficado em último lugar em relação às atitudes linguísticas positivas em relação à língua italiana é o fato de que, nessas duas cidades, a língua italiana não está incluída na grade curricular municipal (diferentemente das outras três cidades pesquisadas).

Parece que nessas duas cidades as tradições italianas estão ficando atreladas somente à gastronomia. Falta fundamentação histórica e conhecimento da língua italiana para que aspectos culturais sejam repassados às próximas gerações. O depoimento a seguir pode confirmar essa impressão:

Luciana: Tu se sente um pouco italiana, apesar de, lógico, ter nascido no Brasil, se sente um pouco italiana ou não ?

Entrevistada: Só de comida: massa, pizza, lasanha, nhoque, polenta. **Só nessa parte eu acho que é mais forte.**

(Informante 44, Pedras Grandes, jovem, zona urbana, feminino).

Embora Pedras Grandes esteja em quinto lugar se comparada às outras cidades, é bem perceptível que, também nessa cidade, a maioria das atitudes sejam positivas (54%, contra 37% de negativas). Isso pode ser proveniente do orgulho que seus habitantes têm de saber que a Colônia de Azambuja foi o primeiro lugar do sul do estado habitado por italianos. Esse fato histórico foi comentado por muitos dos entrevistados, inclusive os jovens na zona rural.

Para finalizar a análise da dimensão diatópica (cidades), a apresentação dos dados divulgados em 2014 pela Federação Catarinense de Municípios (FECAN²⁰⁸) podem ser bem esclarecedores.

A Fecan divulgou em 2014 dados de uma pesquisa que apresenta os indicadores de desenvolvimento sustentável de todos os municípios de Santa Catarina. O objetivo da pesquisa é “avaliar os municípios segundo o seu nível de desenvolvimento sustentável” (FECAN, 2015b). As dimensões avaliadas foram: sociocultural, econômica, política e ambiental. Essas dimensões, por sua vez, se subdividem em subdimensões. A dimensão sociocultural, por exemplo, é subdividida em: educação, saúde, cultura e habitação.

Como foi dito durante toda esta tese que as atitudes linguísticas estão relacionadas aos fatores socioculturais, para essa análise diatópica, foram selecionadas três dimensões analisadas pela Fecan ligadas às atitudes linguísticas em relação à língua italiana falada na cidade: educação, cultura e economia.

A tabela a seguir apresenta os números:

TABELA 9 – TRÊS DIMENSÕES DE INDICADORES DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL NAS CINCO CIDADES PESQUISADAS E A MÉDIA ESTADUAL

Cidade	Cultura	Educação	Economia
Pedras Grandes	0,437 (5º lugar)	0,830 (1º lugar)	0,769 (2º lugar)
Urussanga	0,801 (1º lugar)	0,711 (4º lugar)	0,717 (4º lugar)
Criciúma	0,759 (2º lugar)	0,757 (2º lugar)	0,719 (3º lugar)
Nova Veneza	0,738 (3º lugar)	0,737 (3º lugar)	0,608 (5º lugar)
Siderópolis	0,503 (4º lugar)	0,651 (5º lugar)	0,790 (1º lugar)
Média SC	0,471	0,720	0,662

FONTE: FECAN (2014)

Iniciam-se as considerações para esta tese pela análise da dimensão cultural.

Para calcular o *índice de desenvolvimento cultural* das cidades, a Fecan leva em consideração: a adesão ao sistema nacional de cultura, a existência de uma legislação de proteção ao patrimônio cultural material e imaterial, a existência de um conselho municipal de cultura em atividade, a existência de grupos artísticos, a existência de equipamentos socioculturais (teatros, cinemas, cineclubes, museus,

²⁰⁸ A Fecan foi criada em 1980 com o intuito de atender os interesses comuns dos municípios e tem como finalidade associar, integrar e representar os seus associados com objetivo de valorizar e fortalecer os municípios de Santa Catarina. A Fecan objetiva, portanto, unir as forças das associações municipais e ter mais poder para reivindicar assuntos de interesse comum (FECAN, 2015a).

arquivos, bibliotecas e salas de exposição), o valor do investimento *per capita* em cultura (R\$) e o investimento em cultura sobre a receita corrente líquida (%).

Ao analisar o índice de desenvolvimento cultural das cidades envolvidas nesta pesquisa, conforme a primeira coluna da tabela, tem-se, em primeiro lugar, Urussanga, seguida de Criciúma, Nova Veneza, Siderópolis e Pedras Grandes. Dessa forma, o índice de desenvolvimento relacionado à cultura não estaria diretamente relacionado aos resultados encontrados nesta pesquisa (Nova Veneza, cidade com mais atitudes linguísticas positivas, seguida de Urussanga, Siderópolis, Criciúma e Pedras Grandes). Ou seja, o índice de desenvolvimento relacionado à cultura não estaria diretamente relacionado às atitudes linguísticas.

Entretanto, ao verificar os itens considerados pela Fecan para chegar ao *índice de desenvolvimento cultural*, percebe-se que o valor do investimento *per capita* em cultura em Nova Veneza é *notavelmente* o maior. Nova Veneza investe R\$ 83,60 em cultura *per capita*, o que corresponde a 4,24% da receita corrente líquida; Urussanga, R\$ 24,87, que corresponde a 1,29% da receita líquida; Siderópolis, R\$ 10,80, que corresponde a 0,67% da receita corrente líquida; Criciúma, R\$ 11,09, que corresponde a 0,55% da receita líquida; e Pedras Grandes investe R\$ 1,86, que corresponde a 0,08% da receita líquida. Ao analisar, portanto, o *percentual de investimento sobre a receita corrente líquida* das cinco cidades, chega-se exatamente à ordem encontrada nesta pesquisa no que se refere à manifestação de atitudes linguísticas positivas.

Tais dados nos levam a inferir que, talvez, as atitudes linguísticas possam estar *diretamente* ligadas aos investimentos relacionados à *cultura*; quanto maior o investimento da prefeitura no setor cultural, maior seria a manifestação de atitudes linguísticas positivas na cidade.

Vale a pena entender por que, apesar do alto valor investido em cultura, Nova Veneza não fica em primeiro lugar em relação às outras cidades pesquisadas. Ao analisar detalhadamente o índice de desenvolvimento cultural, percebe-se que essa cidade não fica em primeiro lugar no índice de desenvolvimento cultural dentre as cinco cidades porque não há uma legislação de proteção ao patrimônio cultural material e imaterial²⁰⁹. De fato, para uma cidade que preza a imagem de “pedacinho da Itália no Brasil”, essa legislação se faz necessária e urgente.

²⁰⁹ “O Ministério da Cultura considera o Patrimônio Cultural Material os bens como obras, objetos, documentos, edificações, conjuntos urbanos, sítios de valor histórico, paisagístico, artístico,

Em relação ao *índice de desenvolvimento econômico e escolar* (duas últimas colunas da tabela anterior), os percentuais das cidades pesquisadas não parecem estar diretamente relacionados aos resultados encontrados nesta tese. No que diz respeito à educação, vale lembrar que, nas cidades onde foram encontradas mais atitudes positivas, a língua italiana está presente na grade curricular, como já mencionado.

Para terminar, é importante ressaltar que, apesar de existirem particularidades apresentadas e discutidas nesta seção sobre cada cidade, em todas as cinco, os sentimentos positivos predominam em relação aos negativos quando se trata de língua italiana/dialeto.

A próxima seção pretende continuar essa análise a respeito das cinco cidades através dos adjetivos usados pelos informantes durante as entrevistas para descrever brasileiros e italianos.

5.5.1 Traços da personalidade de italianos e brasileiros segundo os ítalo-brasileiros

Enquanto externavam a sua opinião sobre os diversos assuntos da entrevista, os ítalo-brasileiros acabaram por descrever, espontaneamente, como eles enxergam italianos e brasileiros através de adjetivos.

Ao ouvir as entrevistas, percebeu-se que, embora o intuito do trabalho não fosse o de pesquisar e analisar tais adjetivos, eles retratavam atitudes linguísticas.

A decisão de apresentar esta seção veio da constatação de que os adjetivos coletados confirmam os dados analisados, ou seja, no geral, o ítalo-brasileiro de Criciúma e região manifesta atitudes positivas em relação ao italiano.

Além disso, decidiu-se apresentar esta seção baseando-se na teoria de Lambert (1960), que afirma que as avaliações de uma determinada língua frequentemente não são percebidas em nível consciente, mas são expressas pronta e conscientemente em *termos de julgamento de traços de personalidade* dos falantes. Dessa forma, quando os entrevistados expressavam suas opiniões, por

arqueológico, dentre outros, e Patrimônio Cultural Imaterial são bens de natureza imaterial, como conhecimentos, processos e modos de saber e fazer, rituais, festas, folguedos, ritmos, literatura oral, dentre outros” (FECAN, 2014, p. 73). Urussanga e Criciúma, as duas cidades que estão à frente de Nova Veneza em relação ao índice de desenvolvimento cultural estabelecido pela Fecan, têm essa legislação de proteção ao patrimônio cultural material e imaterial.

meio de adjetivos, sobre os italianos e os brasileiros, já manifestavam suas atitudes linguísticas em relação à língua italiana/dialeto (foco do trabalho) e ao português.

É importante ressaltar que todos os adjetivos aqui apresentados provêm de falas espontâneas dos entrevistados. De maneira nenhuma foram propostas duas opções: o italiano é trabalhador ou preguiçoso? Culto ou ignorante? Econômico ou mão aberta? Enfim, nenhuma proposta de dualidade foi lançada para chegar a esses resultados. Algumas perguntas oportunizaram, mais que outras, a exteriorização dos adjetivos. Por exemplo: *se você fosse comprar uma casa num bairro onde só houvesse italianos, você compraria? Se você fosse comprar uma casa num bairro onde só houvesse brasileiros, você compraria?* Geralmente, a resposta vinha acompanhada ou justificada com características dos brasileiros e dos italianos, por exemplo:

Luciana: Tu compraria uma casa em um lugar onde só tivesse brasileiro?

Entrevistado: Não.

Luciana: Por quê?

Entrevistado: Sei lá, eu não tenho intenção de sair daqui. Mas o sistema de tradição dos italianos é diferente, o sistema de convivência tudo né.

Luciana: O que tu acha que é diferente?

Entrevistado: **O brasileiro é mais frio, sei lá.**

(Informante 43, Pedras Grandes, feminino, jovem, zona urbana).

Vejamos agora as listas com os traços de personalidade dos italianos e dos brasileiros, segundo os ítalo-brasileiros, em cada uma das cinco cidades:

Lista de traços de personalidade de <i>Pedras Grandes</i>	
Brasileiros	Italianos
Não trabalham Molengas <i>Baiecos</i> Dá jeitinho Mais frios Maliciosos Malandros /Chupins Vadio Tem bons e ruins	Trabalhador Honesto/ Mais direitos Religiosos / “na religião” Mais sérios Mais harmonia Corretos Grossos Educa melhor os filhos, mais rígidos

QUADRO 16 – LISTA DE ADJETIVOS PARA BRASILEIROS E ITALIANOS DE PEDRAS GRANDES

Lista de traços de personalidade de Urussanga	
Brasileiros	Italianos
Mais “deixa levar” Tem casas mais sujas Jeitinho de desviar para fazer as coisas/Se esquiva mais	Mais rígido Gosta de adquirir as coisas Mais limpos Entrosados Gesticulam Mais vontade de fazer as coisas/Põe a mão e

	faz /Trabalhador
--	------------------

QUADRO 17 – LISTA DE ADJETIVOS PARA BRASILEIROS E ITALIANOS DE URUSSANGA

Lista de traços de personalidade de Criciúma	
Brasileiros	Italianos
Menos civilizado Mais da vida/ Mais da rua Vagabundo <i>Baieco /Badieção</i> Não tinham vontade de conseguir as coisas Paravam de trabalhar às 5 da tarde Teimoso Tem brasileiro muito bom À vontade Não tem capital (terra) <i>Brutta bestia</i>	Berram Mais conservador, mais regras Colono Mais bagunceiros/ Mais festa Trabalhador Italiano esganado Sempre juntos Falam todos juntos/Falante Mais de palavra/Mais de confiança/Cumprem a palavra Italiano se entende melhor Alegre/Expansivo Fala com as mãos Mais teimoso/Mais resistentes Mais fechado Mais seguro, econômico Mais teimoso

QUADRO 18 – LISTA DE ADJETIVOS PARA BRASILEIROS E ITALIANOS DE CRICIÚMA

Lista de traços de personalidade de Nova Veneza	
Brasileiros	Italianos
Vagabundo Negrinhos Gente boa Quer se divertir mais Mais mentiroso	É bom É mais divertido Mais mão fechada Sabe o que faz Pensa no amanhã/ Economizam/Mais seguros Meio porcos Mais confiável Teimoso Mais companheiro Respeitam muito os outros São um pouco racistas A gente se entende melhor Mais parados Bastante grosseirões Tem no sangue o progresso, o trabalho/ Trabalha no pesado/Trabalhadores

QUADRO 19 – LISTA DE ADJETIVOS PARA BRASILEIROS E ITALIANOS DE NOVA VENEZA

Lista de traços de personalidade de Siderópolis	
Brasileiros	Italianos
“Se tem, torra” (dinheiro)/ O que ganha hoje, gasta hoje/ Mais mão aberta Só querem folia/ Cultura brasileira é a festa A casa é bagunçada Toma muito banho Cheio de gíria Querem emprego, mas não trabalho Tem que abrir o olho, tem que cuidar	Seguro (com dinheiro) Tem bastante cultura Mais sincero para falar Mais tímidos Mais entusiasmados/Mais festivos Mais de guardar, de economizar Trabalhador Mão de vaca Se entende melhor Somos brabos

O modo de viver é melhor, o estilo de vida
--

QUADRO 20 – LISTA DE ADJETIVOS PARA BRASILEIROS E ITALIANOS DE SIDERÓPOLIS

Essas falas dos ítalo-brasileiros remetem aos seguintes gráficos:

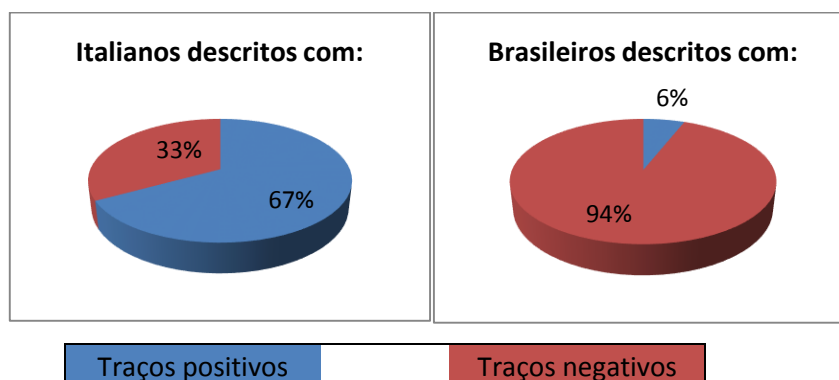


GRÁFICO 26 – TRAÇOS POSITIVOS E NEGATIVOS NA DESCRIÇÃO DE ITALIANOS E BRASILEIROS

Conforme os gráficos, os ítalo-brasileiros de Criciúma e região descrevem os italianos com 67% de adjetivos positivos e 33% negativos, enquanto os brasileiros são descritos pelos ítalo-brasileiros com 94% de adjetivos negativos e 6% positivos. Portanto, ao analisar os dados, é bastante perceptível que exista, ainda hoje, um ar de superioridade dos ítalo-brasileiros perante aqueles que nasceram no Brasil ou são descendentes de portugueses.

Embora o assunto seja pouco discutido nas colônias italianas, o preconceito parece estar presente e o percentual de adjetivos negativos destinados aos brasileiros (94%) parece confirmar essa posição.

Por outro lado, alguns avanços têm sido feitos para amenizar o evidente preconceito. Os mais jovens parecem já ter começado a desconstruir essa figura do brasileiro como preguiçoso, vadio; nas suas palavras, *badieco* (ver seção 5.2.1).

Se, por um lado, esta pesquisa tem o objetivo de dar visibilidade à língua italiana/dialeto do ítalo-brasileiro da região a fim de registrar sua língua e a história de seus falantes, por outro, ao conhecer os ítalo-brasileiros mais a fundo, sua forma de falar, pensar e agir, é necessário que se aponte também defeitos presentes nessa comunidade para que se possa contribuir com a construção de uma sociedade mais humanitária e menos preconceituosa.

Um dos informantes jovens de Pedras Grandes, ao falar sobre como os ítalo-brasileiros enxergam o brasileiro, afirma: “Uma das coisas que não acho bonita na cultura italiana, o racismo” (Informante 35).

Comentários como esse de jovens ítalo-brasileiros demonstram que *talvez* as próximas gerações possam já estar mais abertas a receber as outras etnias que ajudaram e ajudam a construir as cidades pesquisadas.

O próximo capítulo desta pesquisa apresenta as conclusões provenientes das análises.

CONCLUSÃO

Esta pesquisa teve como *objetivo principal* investigar as atitudes linguísticas de ítalo-brasileiros de Pedras Grandes, Urussanga, Criciúma, Nova Veneza e Siderópolis, cidades do sul de Santa Catarina, em relação à língua italiana/dialeto falada na região. Procurou-se analisar atitudes linguísticas de jovens e idosos, de habitantes rurais e urbanos e de homens e mulheres das cinco cidades envolvidas.

Além de identificar quais eram essas atitudes linguísticas, pretendia-se também justificar o motivo da sua formação e manifestação.

A *dimensão diageracional (idade)* foi bem representativa para este trabalho porque possibilitou diversas análises e conclusões sobre as atitudes de jovens e idosos ítalo-brasileiros nas cinco cidades. Para começar, pode-se dizer que existem mais atitudes positivas dentre os idosos, como já esperado. O motivo pelo qual isso talvez esteja acontecendo é que a língua italiana/dialeto falada na região é, na verdade, língua mãe de muitos dos idosos entrevistados. Ou seja, como a maior parte dos entrevistados aprendeu primeiro a língua italiana/dialeto e depois o português, suas atitudes linguísticas em relação à língua mãe são positivas porque remetem a sentimentos ligados à infância e à família.

Em quatro das cinco cidades pesquisadas, portanto, os idosos apresentaram mais atitudes positivas em relação aos mais jovens (das atitudes positivas manifestadas pelos mais velhos: em Criciúma, 69%; Pedras Grandes, 68%; Nova Veneza, 67%; e em Siderópolis, 64%).

Entretanto, na cidade de Urussanga, o percentual foi diferente: 76% das atitudes positivas estão relacionadas aos jovens e somente 24% das atitudes positivas estão relacionadas aos mais velhos. Ou seja, a maior parte das atitudes linguísticas positivas é dos jovens, e não dos idosos, como nas outras quatro cidades. A explicação para esses percentuais pode estar no fato de que, em Urussanga, constatou-se a participação de jovens em associações italianas da cidade. O envolvimento dos jovens nessas associações italianas, fundadas pelos seus pais ou parentes, parece estar proporcionando aos jovens urussanguenses atitudes positivas em relação à língua italiana/dialeto.

Essa participação juvenil nas associações é fruto do incentivo e do exemplo de pais ítalo-brasileiros engajados em iniciativas italianizadas na cidade. Percebe-se

que em Urussanga houve uma educação voltada à italianidade dentro de casa, ou seja, esses sentimentos positivos apresentados nos dados quantitativos desta tese nos jovens de Urussanga foram desenvolvidos através dessa *educação italianística* na qual o papel do imigrante como fundador da cidade é muito respeitado.

Os jovens entrevistados na cidade têm de 20 a 35 anos. Isso quer dizer que seus sentimentos positivos pela língua podem ser fruto também da inclusão da língua italiana no *currículo* das escolas municipais, com início em 2003. Entretanto, a maior parte desses jovens entrevistados de Urussanga não aprendeu a língua na escola municipal, mas em casa com o convívio com pais e avós. Esse fato também leva à conclusão de que as atitudes positivas dos jovens urussanguenses são fruto do convívio familiar.

Para comprovar como essa *educação italianística* se deu em casa e através do exemplo, cita-se o depoimento de um jovem da cidade a seguir:

Entrevistado: É, eu até esses dias... eu faço curso, às segundas feiras, e até pediram **pra contar uma história marcante da infância. A história que eu contei** foi porque eu fui fazer italiano, que até hoje, o italiano, das decisões que eu tomei na minha vida, foi o que mais me abriu portas até hoje, foi aprender a falar italiano... **Porque eu era criança, eu tenho até foto, o meu pai estava de italiano, e eu desse tamanho (faz gesto com a mão indicando o seu tamanho), pequenininho trajado com a mesma roupa dele, de mão dada andando na praça em um desfile na festa.**
(Informante 68, Urussanga, masculino, **jovem**, zona urbana).

Fica claro por meio do depoimento do informante 68 que seus sentimentos positivos em relação à língua italiana são provenientes do exemplo do pai. De fato, um dos princípios de formação das atitudes linguísticas se dá por meio da transferência, ou seja, assim como aprendemos através da instrução, também as atitudes podem ser transferidas de pais para filhos (LAMBERT; LAMBERT, 1975, p. 120).

No que diz respeito às atitudes negativas entre jovens e idosos, os resultados apontaram dados inversamente proporcionais ao das atitudes positivas: em todas as cidades, as atitudes negativas são predominantemente dos jovens (em Pedras Grandes, 72%; Siderópolis, 61,5%; Criciúma, 59,5%; e Nova Veneza, 55% das atitudes negativas estão relacionadas aos jovens), com exceção de Urussanga. Nessa última cidade, as atitudes negativas são proporcionalmente iguais entre jovens e idosos (50% das atitudes negativas são dos jovens e 50% dos idosos).

Os jovens do sul do estado de Santa Catarina (com exceção de Urussanga) apresentam atitudes linguísticas negativas em relação à língua italiana/dialeto porque essa língua atualmente, para eles, não apresenta nenhuma função social.

Todos os pais e avós desses jovens, alguns com dificuldade, vale lembrar, falam português. Ou seja, para a comunicação, a língua italiana/dialeto não tem nenhuma validade. Ela pode ser escolhida por questões culturais e sentimentais, assim como o fazem os mais velhos ao optarem por falar italiano/dialeto com os amigos e familiares, mesmo que todos saibam falar português.

O jovem ítalo-brasileiro que não tem a língua italiana/dialeto como língua mãe não vai aprender a falar italiano e a valorizar essa língua apenas para conversar com os avós ou com os pais, sobretudo se não houve uma *educação italianística* na qual os valores do imigrante italiano tenham sido ressaltados. Na verdade, é muito mais útil para sua vida profissional aprender inglês ou espanhol, como alguns entrevistados jovens disseram.

Dentro desse panorama, acredito que existam alguns caminhos a serem tomados para que haja uma retomada do aprendizado da língua na região.

Primeiro, a *educação italianística* que alguns pais deram aos seus filhos, assim como ocorreu em Urussanga, pode acontecer também em ambiente escolar por meio de aulas de língua italiana na grade curricular nos municípios (somente Criciúma e Pedras Grandes não apresentam a língua italiana na grade curricular). Entretanto, essas aulas devem ser embasadas em fundamentos sociolinguísticos que relacionem a língua italiana padrão falada na Itália atualmente com a língua italiana/dialeto falada no sul do Estado, sendo apresentadas as devidas diferenças e valorizações necessárias.

O ensino de língua italiana nas escolas para crianças no sul de Santa Catarina não pode se resumir ao ensino lexical de cores, animais, frutas, números e estações do ano. É primordial que o ensino da língua nas escolas ocorra a partir de uma associação com aprendizagens anteriores (a língua do *nonno*), criando um significado que permita a ampliação do repertório de quem aprende. Ou seja, os novos conhecimentos adquiridos na escola devem relacionar-se com o conhecimento prévio que o aluno ítalo-brasileiro possui e leva para sala de aula. Então, é necessário que a língua italiana ensinada nas escolas no sul de Santa Catarina não se resuma estritamente a ampliação de conhecimentos linguísticos, mas também trabalhe com a *interculturalidade*, busque a construção de um caminho

que ajude o aluno a ampliar o conhecimento de si próprio e do mundo em que vive. Desta forma será possível fortalecer uma visão positiva e crítica das diferenças e, dessa forma, integrar o aluno ao mundo globalizado da tecnologia e da informação. A partir disso, será possível fortalecer sua autoestima e sua identidade de ítalo-brasileiro, capacitando-o a agir e a se comunicar de forma crítica em italiano (mas também em português) na sociedade plurilíngue e pluricultural na qual estamos inseridos.

Outro ponto a ser destacado para despertar o interesse dos jovens ítalo-brasileiros na língua italiana e, conseqüentemente, aumentar suas atitudes linguísticas positivas em relação à língua é proporcionar a eles oportunidades profissionais por meio dela. Intercâmbios de estudo e trabalho na Itália, nos moldes dos famosos (e lucrativos) intercâmbios para os países de língua inglesa, são um exemplo de como os jovens ítalo-brasileiros do sul de Santa Catarina podem aproveitar a descendência, conhecer a língua italiana e, o mais importante para um jovem, crescer profissionalmente. São oportunidades como essas que importam nesse momento da vida dos jovens. Somente com uma função social relevante para esse momento da vida os jovens ítalo-brasileiros retomarão o contato com sua italianidade e com a língua.

Algumas associações de Urussanga, lideradas por jovens, já apresentaram essas iniciativas e enviaram jovens para regiões do norte da Itália a fim de aprender a produzir *grappa*²¹⁰ e espumante. Infelizmente, não houve os desdobramentos necessários para que a experiência fosse repetida por outros.

Também em Nova Veneza, através de iniciativa, mais uma vez, da prefeitura, alguns jovens conseguiram oportunidades de desenvolvimento profissional (no ramo da gastronomia) na Itália.

Talvez, mais organização entre as próprias associações italianas já existentes para somar esforços e envolver também lideranças políticas possa ser uma alternativa para a implementação de intercâmbios entre jovens da Itália e do Brasil. Dessa forma, seria possível conseguir despertar o interesse na língua e na cultura italiana nos jovens.

Em relação à *zona rural e urbana (dimensão diazonal)*, esta pesquisa concluiu que, surpreendentemente, apesar de na zona rural existirem mais falantes da língua

²¹⁰ Bebida alcoólica produzida a partir da fermentação da uva.

italiana, existem mais atitudes linguísticas positivas na zona urbana (em Nova Veneza, 69,5%; em Pedras Grandes, 61%; em Criciúma, 57%; e em Urussanga, 56% das atitudes positivas foram encontradas na zona urbana). Esse fato talvez se deva ao momento sócio-histórico-cultural da imagem do ítalo-brasileiro na região. Após um longo período, relacionado à Campanha de Nacionalização de Getúlio Vargas, no qual ser italiano foi considerado vergonhoso e desprestigiado, hoje em dia, parece estar havendo uma virada de pêndulo. A revalorização da italianidade está acontecendo da zona urbana para a zona rural. É na zona urbana que os privilégios e benefícios de ser ítalo-brasileiro estão mais presentes. Além disso, como afirma Fishman (1975, p. 191), os movimentos de retomada e conservação de uma língua geralmente têm origem nas zonas urbanas e não nas rurais. Segundo ele, “os intelectuais e a classe média, ambos quase exclusivamente urbanos, frequentemente foram os primeiros a apoiar a conservação linguística nas sociedades compostas de população rural e urbana”²¹¹ (FISHMAN, 1975, p. 191, tradução nossa).

As atitudes negativas, por sua vez, estão mais presentes na zona rural (em Nova Veneza, 60% das atitudes negativas foram manifestadas na zona rural, enquanto em Pedras Grandes, 56,25% e em Criciúma, 51%). Entretanto, em Siderópolis em Urussanga, a maior parte das atitudes negativas foi encontrada na zona urbana. Para entender o motivo pelo qual nessas duas últimas cidades as atitudes negativas na zona urbana foram maiores que na zona rural, deve-se analisar os antecedentes históricos das duas cidades. Urussanga, por ter sido o maior e principal centro receptor de imigrantes italianos do sul do estado, e Siderópolis, em virtude da instalação da Companhia Siderúrgica Nacional em 1941, foram fortemente atacadas durante a Campanha de Nacionalização da década de 1930. O centro dessas cidades foi ainda mais vigiado que as zonas rurais, que estavam mais afastadas e eram de difícil acesso. Portanto, os efeitos da forte repressão na zona urbana, talvez, justifiquem o desenvolvimento e a manifestação de mais atitudes negativas nessa área. Ou seja, a zona urbana de Urussanga e Siderópolis sofreu ainda mais que a zona rural com as punições impostas por Getúlio Vargas.

²¹¹ No original: *Gli intellettuali e la classe media, entrambi quasi esclusivamente urbani, sono stati spesso i primi sostenitori della conservazione linguistica nelle società composte sia di popolazione rurale che urbana.*

Os dados mais imprecisos deste trabalho referem-se às *atitudes linguísticas de homens e mulheres (dimensão diagenérica)*. De fato, a primeira conclusão que se pode tecer é que, dentro desse campo de estudos da Sociolinguística, o sexo demonstrou-se como a dimensão menos relevante para a análise. Ou seja, as atitudes linguísticas de ítalo-brasileiros do sul do estado não parecem ser fortemente influenciadas pelo fato de ser homem ou mulher. Uma das primeiras comprovações dessa conclusão é que tivemos duas cidades com maior parte das atitudes positivas relacionadas às mulheres (Criciúma e Nova Veneza), duas aos homens (Urussanga e Pedras Grandes) e uma empatada (Siderópolis).

Entretanto, algumas diferenças foram observadas. Por exemplo, pode-se perceber que as mulheres apresentam mais atitudes linguísticas negativas que os homens em relação à língua italiana falada na região. Em quatro das cinco cidades, constataram-se mais atitudes negativas em relação à língua italiana nas mulheres (em Pedras Grandes, 62,5% das atitudes negativas são femininas; em Criciúma, 58,5%; em Urussanga, 56,25%; e em Nova Veneza, 55%). As mulheres, segundo Labov (2008 [1972]), tendem a utilizar formas de prestígio e a rejeitar as formas estigmatizadas. Talvez pelo fato de, ainda hoje, apesar da revalorização da italianidade, ser possível encontrar preconceito relacionado à fala dos italianos; em uma tentativa de proteção, as mulheres estejam manifestando mais atitudes negativas em relação ao italiano falado na região. Percebe-se, como visto na seção 4.2 desta tese (O português com sotaque italiano na região sul de Santa Catarina: variação estigmatizada), que o sotaque italiano ainda hoje gera estigmatização até mesmo entre seus próprios falantes e talvez seja esse o motivo pelo qual as mulheres tenham manifestado mais atitudes linguísticas negativas que os homens. Mulheres se preocupam com o *status* social da língua.

Em relação às *atitudes neutras* nas três das quatro dimensões analisadas neste trabalho (diageracional, diazonal e diagenérica), pode-se concluir que o ítalo-brasileiro manifesta poucas atitudes neutras se comparadas com as positivas e as negativas. Somente três atitudes neutras foram encontradas nas cinco cidades (1 – Sente-se 50% brasileiro(a) e 50% italiano(a); 2 – Tanto faz o médico (brasileiro ou italiano). 3 – Tanto faz o bairro para comprar uma casa brasileiros ou italianos). A conclusão da análise das atitudes neutras nas três dimensões analisadas nesta pesquisa é que, apesar de presentes, as atitudes neutras não são tão manifestadas no sul do estado quanto as positivas e negativas. Isso nos leva a concluir que o

ítilo-brasileiro tende a se posicionar mais positivamente ou negativamente em relação à língua italiana/dialeto.

Finalmente, ao analisar a *dimensão diatópica (geográfica)*, pode-se concluir primeiramente que, no geral, existem mais atitudes positivas que negativas dos ítalo-brasileiros de Criciúma e região: Nova Veneza (62%), Urussanga (61%), Criciúma e Siderópolis empatadas (55%) e Pedras Grandes (54%). Em todas as cinco cidades, portanto, as atitudes manifestadas são predominantemente positivas. As atitudes negativas, por sua vez, são maiores nas cidades de: Pedras Grandes (37%), Criciúma (35%), Siderópolis (34%), Urussanga (28%) e Nova Veneza (27%).

Em relação às atitudes neutras, os percentuais ficaram muito similares em todas as cidades. Tivemos percentuais de 11% em Urussanga, Nova Veneza e Siderópolis; 10% em Criciúma; e 9% em Pedras Grandes. Ou seja, houve pouquíssima variação; entre o percentual máximo e mínimo, não foi apresentado mais que 2% de diferença.

Uma observação importante ao analisar esses dados é a percepção de que os percentuais das atitudes positivas e negativas são proporcionalmente invertidos, ou seja, Nova Veneza é a cidade com mais atitudes positivas (62%) e com menos negativas (27%). Em seguida, há a mesma situação com Urussanga, com 61% de atitudes positivas e 28% de negativas. Isso segue adiante em relação às outras (único detalhe é que Criciúma e Siderópolis empataram no percentual de atitudes positivas). A última cidade, Pedras Grandes, é a que apresenta menos positivas (54%) e mais negativas (37%).

Essa conclusão talvez seja importante para comprovar as análises feitas neste trabalho e nos oriente com mais precisão a responder à quarta e última pergunta de pesquisa da tese: quais das cinco cidades apresentam mais atitudes positivas, negativas e neutras em relação à língua italiana falada na região?

Pode-se dizer, portanto, que, em ordem, as cidades que apresentam mais *atitudes positivas* são: 1° lugar: Nova Veneza; 2° lugar: Urussanga; 3° lugar: Siderópolis; 4° lugar: Criciúma; e 5° lugar: Pedras Grandes. Inversamente proporcional, as cidades que apresentam mais *atitudes negativas* em ordem decrescente são: 1° lugar: Pedras Grandes; 2° lugar: Criciúma; 3° lugar: Siderópolis; 4° lugar: Urussanga; e 5° lugar: Nova Veneza.

Os motivos que justificam tais resultados estão ligados à história, à economia e à educação de cada município.

O motivo que justifica *Nova Veneza* ficar em primeiro lugar talvez seja o suporte financeiro da prefeitura em incentivar a ideia de “um cantinho da Itália no Brasil”. A proposta, além de reacquecer os sentimentos positivos da população de origem italiana, aquece também a economia local, que percebe nesse *slogan* uma oportunidade de lucrar financeiramente.

Conforme dados apresentados pela Fecan (2014) – detalhes na seção 5.5 sobre as atitudes linguísticas nas cinco cidades da pesquisa –, o valor investido pelo município de Nova Veneza em desenvolvimento cultural é de 4,24% da receita corrente líquida do município (R\$ 83,60 *per capita*). É certamente o maior valor dentre as cinco cidades pesquisadas: Urussanga investe 1,29% da receita líquida (R\$ 24,87 *per capita*); Siderópolis, 0,67% (R\$ 10,80 *per capita*); Criciúma, 0,55% da receita líquida (R\$ 11,09 *per capita*); e Pedras Grandes, 0,08% (R\$ 1,86 *per capita*). Ou seja, o maior número de atitudes linguísticas positivas pode estar diretamente ligado ao investimento em cultura destinado a cada cidade, pois a ordem dos percentuais de investimento da receita líquida de cada município confere com os percentuais de atitudes positivas obtidos nesta tese.

Os resultados das análises desta tese em *Urussanga*, segunda cidade com mais atitudes linguísticas positivas e quarta com mais atitudes negativas, talvez possam ser explicados pelo seu passado glorioso. A cidade foi o maior polo receptor de imigrantes italianos do sul do estado de Santa Catarina. As manifestações de atitudes positivas não contam com o suporte financeiro da prefeitura, como em Nova Veneza, mas o sentimento de amor aos laços italianos foi passado dentro de casa. Ou seja, a italianidade da cidade se mantém por iniciativas dos próprios urussanguenses em repassar as tradições. Ao repassá-las, também as atitudes positivas em relação à língua são passadas para as futuras gerações. Talvez se a prefeitura de Urussanga apoiasse e proporcionasse aos habitantes alternativas de trabalho relacionadas ao turismo e explorasse a italianidade da cidade, haveria mais atitudes linguísticas positivas em Urussanga que em Nova Veneza, até porque o percentual entre as duas cidades foi de apenas 1% de diferença (tanto para as atitudes positivas quanto para as negativas).

Siderópolis, cidade com 55% de atitudes positivas e 34% de atitudes negativas, traz na sua história a explicação para esses percentuais. A cidade chamava-se “Nova Belluno”, mas de uma hora para outra, e sem a consulta dos moradores, teve o nome trocado para homenagear uma companhia siderúrgica. A

troca do nome italiano por Siderópolis mexeu e mexe até hoje com a identidade italiana da cidade. Historiadores e intelectuais buscam a retomada do antigo nome, enquanto os mais jovens e aqueles que apoiam apenas os avanços financeiros trazidos pela siderúrgica acham que é melhor manter o nome atual. Dentre os mais velhos investigados para esta tese, alguns ainda chamam a cidade de “Belluno”, o que demonstra uma desaprovação em relação à troca do nome. A presença da siderúrgica repercutiu também na grande repressão sofrida durante a Campanha de Nacionalização de Getúlio Vargas, segundo a qual era necessário desvincular da Itália a imagem da cidade para criar cidadãos comprometidos com o Brasil.

Somente após os 100 anos de fundação italiana da cidade houve a retomada da sua italianidade e a imagem do ítalo-brasileiro começou a mudar.

Um dos fortes pontos positivos dessa virada de pêndulo ocorreu em 1997 quando a prefeitura colocou a língua italiana na grade curricular do município. Essa iniciativa sideropolitana serviu de exemplo para que outras cidades do sul do estado fizessem o mesmo.

Em relação à introdução da língua italiana na grade curricular, vale ressaltar que os percentuais que levaram Nova Veneza, Urussanga e Siderópolis a ficarem dentre as três cidades com mais atitudes linguísticas positivas neste trabalho talvez estejam ligados justamente ao fato de que, nessas três cidades, a língua italiana está presente nas escolas dos municípios. Isso não acontece em Criciúma nem em Pedras Grandes.

Criciúma ficou em quarto lugar porque apresentou 55% de atitudes positivas e 35% de negativas. Apesar da presença de outras etnias, a comunidade italiana criciumense, através de iniciativas privadas ou com pouco auxílio da prefeitura, continua mantendo as tradições italianas na cidade (festas, escolas), o que talvez justifique o percentual de atitudes positivas mencionados.

Criciúma é a maior cidade da pesquisa e a maior do sul do estado. Portanto, os percentuais obtidos surpreendem positivamente porque demonstram que o contato dos ítalo-brasileiros com outras etnias não necessariamente os fará manifestar atitudes negativas em relação à língua italiana/dialeto, mas, pelo contrário, pode ser um momento de percepção do outro e autoafirmação da sua própria identidade italiana, diferentemente do que foi observado em Pedras Grandes. Ou seja, percebe-se que existem iniciativas italianizadas na cidade, mas,

em virtude talvez do tamanho de Criciúma, elas encontram-se pulverizadas e espalhadas pelos bairros e acabam por não aparecer em destaque.

Entretanto, por outro lado, iniciativas como a da prefeitura, com a alteração da lei que já havia sido aprovada com a obrigatoriedade da inclusão da língua italiana na grade curricular em 2001, podem exemplificar o percentual de atitudes negativas encontrado na cidade.

Pedras Grandes foi a cidade que apresentou menos atitudes linguísticas positivas e mais negativas. Os dados, por um lado, surpreenderam porque Azambuja, distrito da cidade, foi o primeiro povoado de italianos do sul de Santa Catarina. Embora isso seja motivo de orgulho para alguns de seus habitantes, até mesmo na zona rural, onde se encontra Azambuja, as atitudes negativas superaram as positivas (56,25% de atitudes negativas contra 43,75% de positivas na zona rural). Tentou-se justificar esses resultados percebendo a grande aproximação que Pedras Grandes tem com Tubarão (cidade maior com a presença de outras etnias, não predominantemente italianos). Alguns entrevistados da cidade ajudaram nessa percepção e confirmaram a ideia da grande influência de Tubarão em Pedras Grandes. Entretanto, assim como nas outras cinco cidades, o número de atitudes positivas (54%) é bem maior que o de negativas (37%). Isso demonstra que, embora em menor percentuais que nas outras cidades pesquisadas, os habitantes de Pedras Grandes manifestam muitos sentimentos e comportamentos positivos em relação à língua italiana falada na região.

Após responder às quatro perguntas de pesquisa propostas neste trabalho, cabe ainda fazer uma última consideração geral sobre as atitudes linguísticas de ítalo-brasileiros no sul de Santa Catarina: estamos em um momento de transição da imagem dos ítalo-brasileiros; ainda existe a ideia de colono, mas já começam a aparecer indícios de uma nova fase. Para alguns, sobretudo idosos e habitantes da zona urbana, os ítalo-brasileiros já superaram essa fase de discriminação e estão alcançando um papel de destaque na sociedade. A língua acompanha esses avanços e já é considerada, em alguns contextos, como de “elite intelectual”. Porém, é necessário que novas pesquisas sejam realizadas futuramente para poder compreender se, de fato, essa hipótese será concretizada ou não. Da mesma forma, cabe a nós linguistas produzir mais pesquisas na área para poder afirmar cientificamente se a língua do ítalo-brasileiro de Criciúma e região está realmente

fadada ao desaparecimento ou, apesar das mudanças e adaptações, continuará *per sempre* presente no sul do estado.

LIMITAÇÕES DA PESQUISA E RECOMENDAÇÕES PARA TRABALHOS FUTUROS

Ao terminar esta pesquisa e olhar para o que foi feito, percebo algumas limitações que devem ser apontadas.

Iniciam-se estas considerações com observações relacionadas às entrevistas.

Acredito que, se eu fosse refazer novamente a pesquisa e as entrevistas, teria feito perguntas mais precisas, teria feito as entrevistas com mais consciência de aonde queria chegar. Por outro lado, percebo que minha ingenuidade de entrevistadora deixou meus informantes mais tranquilos. Eles falaram de outros assuntos: ouvi receitas, histórias de separações, piadas, choros, enfim, deixei meus informantes mais à vontade e foi exatamente nesses momentos que muitas das atitudes linguísticas se manifestaram. Na minha inocência de entrevistadora de primeira viagem, talvez eu tenha conseguido deixar o momento mais parecido com uma conversa ou um bate-papo descontraído, sem regras. Posso ter perdido o momento certo para fazer perguntas importantes, eu tenho consciência dessa limitação, mas consegui depoimentos sinceros para perguntas que, às vezes, nem tinham sido feitas. Acho que consegui oportunizar momentos para que as atitudes linguísticas fossem manifestadas espontaneamente.

Outra limitação relacionada às entrevistas: quando iniciei com essa prática, as perguntas não estavam todas memorizadas; entretanto, após a 10ª entrevista aproximadamente, decorei as perguntas. Acredito que isso proporcionou mais naturalidade ao processo; contudo, é apenas uma observação baseada em minhas anotações do caderno de anotações. Não foi feita uma análise científica para averiguar se essa consideração realmente confere. Talvez tivesse sido melhor descartar as 10 primeiras perguntas e realizar mais 10 no final, mas a percepção de que a naturalidade das respostas havia aumentado só foi possível em casa, após a realização de todas as entrevistas. Enfim, aponto esse *gap* como limitação e fica o

aprendizado para a próxima entrevista que realizarei de que a memorização das perguntas pode ser uma técnica interessante para garantir resultados mais eficazes.

Uma outra limitação relacionada ao trabalho refere-se à seleção dos informantes. Saville-Troike (2003, p. 102) já alertava que, entre as críticas em qualquer tipo de entrevista, a seleção dos informantes está entre as principais.

As pessoas que estavam disponíveis para serem entrevistadas para esta pesquisa, muitas vezes, eram engajadas em associações ou escolas italianas. Esse fato pode ter mascarado os resultados, em especial o percentual de atitudes negativas. Por mais que eu explicasse que não precisava falar italiano ou saber histórias sobre a sua família, quando eu chegava às cidades e explicava que eu estava fazendo uma pesquisa sobre os italianos, os nomes sugeridos eram de exponenciais ligados à divulgação da cultura italiana, e não sempre de cidadãos “normais”. Esse fato pode ter contribuído para que o número de atitudes positivas encontrado tenha sido bem mais alto que o de negativas.

Ao perceber isso durante as entrevistas, conversei com pessoas nas ruas e nos restaurantes e perguntei se eles não conheciam algum descendente de italiano na cidade que “falasse mal dos italianos”. Eu queria contrabalancear as muitas atitudes positivas que eu estava percebendo desde o começo das entrevistas. O fato de eles terem me dito que era muito difícil ou que não conheciam ameniza essa limitação e pode demonstrar que *talvez* a amostra apresentada aqui realmente retrate as cinco cidades. Segundo Guy e Zilles (2007, p. 24), uma das melhores maneiras de garantir a representatividade é “usar uma amostra aleatória, construída de maneira a dar, a cada informante ou dado potencial existente na população total igual probabilidade de serem incluídos na amostra”. Talvez essa devesse ter sido a forma de seleção dos informantes, aleatoriamente. Mas aqui esbarramos em como chegar em um informante ítalo-brasileiro sem nenhum vínculo e conseguir disponibilidade de tempo e sinceridade para uma entrevista sobre atitudes.

Além das limitações, esta pesquisa apresenta também possíveis sugestões de continuação e ramificação.

Ficou claro durante a pesquisa que há necessidade de uma análise feita por linguistas sobre a língua falada no sul de Santa Catarina. É importante que se verifique cientificamente se ela pode ser considerada o *talian*, já estudado e analisado no Rio Grande do Sul, por exemplo.

Outro ponto que permite uma série de outras análises e pesquisas é o *corpus* deste trabalho, com 80 entrevistas gravadas e transcritas.

No que se refere a estudos relacionados às atitudes linguísticas, seria fundamental observar, no decorrer dos anos, se as hipóteses levantadas nesse trabalho sobre as atitudes dos ítalo-brasileiros se confirmarão.

REFERÊNCIAS

AGHEYISI, Rebecca; FISHMAN, Joshua. Language attitude studies: a brief survey of methodological approaches. *Anthropological Linguistics*, n. 12, p. 137-157, 1970.

AGUILERA, Vanderci de Andrade. Crenças e atitudes linguísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras. *Estudos Linguísticos*, 37 (2), p. 105-112, São Paulo, maio-ago, 2008.

AMÂNCIO, Rosana Gemima. *As cidades trigêmeas: um estudo sobre atitudes linguístico-social e identidade*. Campinas, 102 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007. Disponível em: <<http://cutter.unicamp.br/document/?code=vtls000420929>>. Acesso em: 10 out. 2013.

ARNOULD, Eric J.; WALLENDORF, Melanie. Market-Oriented Ethnography: Interpretation Building and Marketing Strategy Formulation. *Journal of Marketing Research*, v. 31, p. 484-504, nov. 1994.

ARNS, Otilia. *Criciúma 1880-1980: A semente deu bons frutos*. Casa Civil Santa Catarina: Florianópolis, 1985.

AVOLIO, Francesco. *Lingue e dialetti d'Italia*. Roma: Carocci, 2009.

BALDIN, Nelma. *Tão fortes quanto a vontade, história da imigração italiana no Brasil: os vênetsos em Santa Catarina*. Florianópolis: Insular, Editora da UFSC, 1999.

BECCARIA, Gian Luigi. *Italiano antico e nuovo*. 2 ed. Milano: Garzanti Editore, 2002.

BERGAMASCHI, Maria Cristina Zandomeneghi. *Bilinguismo de dialeto italiano-português: atitudes linguísticas*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2006. Disponível em: <http://tede.uces.br/tde_arquivos/1/TDE-2007-01-18T121716Z-72/Publico/Dissertacao%20Maria%20Cristina%20Z%20Bergamaschi.pdf>. Acesso em: 18 set. 2013.

BERRUTO, Gaetano e BERRETTA, Monica. *Lezioni di Sociolinguistica e Linguistica Applicata*. Napoli: Liguori, 1977.

BERTONHA, João Fábio. *Os italianos*. São Paulo: Contexto, 2008.

BIECO. In: DICIONÁRIO Treccani. Roma: Treccani. Disponível em: <<http://www.treccani.it/vocabolario/bieco/>> Acesso em: 6 jul. 2015.

BIECO. In: ENCICLOPEDIA Dantesca. Roma: Treccani. 1970. Disponível em: <<http://www.treccani.it/vocabolario/bieco/>> Acesso em: 6 jul. 2015.> Acesso em: 6 jul. 2015.

BISINOTO, Leila Salomão Jacob. *Atitudes Sociolinguísticas em Cáceres – MT: efeitos do processo migratório*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

BORTOLOTTI, Zulmar. *História de Nova Veneza*. Prefeitura de Nova Veneza, 1992.

BOTASSINI, Jacqueline Ortelan Mai. *Crenças e atitudes linguísticas: um estudo dos róticos em coda silábica no norte do Paraná*. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Estadual de Londrina, 2013.

BOTASSINI, Jacqueline Ortelan Maia. Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com língua de contato em Foz do Iguaçu. *Revistas Línguas & Letras*, Cascavel, v. 12, n. 22, p. 65-84, primeiro sem. 2011.

BRASIL. Decreto-Lei nº 406, de 4 de Maio de 1938. *Diário Oficial da União*, Poder Executivo, 6 maio 1938. Seção 1, p. 8494. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-406-4-maio-1938-348724-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 8 abr. 2015.

BRASIL. Decreto-Lei nº 1.006, de 30 de Dezembro de 1938. *Diário Oficial da União*, Poder Executivo, 5 jan. 1939. Seção 1, p. 277. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-1006-30-dezembro-1938-350741-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 8 abr. 2015.

CALVET, Louis-Jean. *As políticas linguísticas*. Trad. Isabel de Oliveira Duarte, Jonas Tenfen e Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

CAMILLERI, Andrea; DE MAURO, Tullio. *La lingua batte dove il dente duole*. Bari: Editori Laterza, 2013.

CANALE, M. & SWAIN, M. Theoretical bases of communicative approaches to second language teaching and testing. In: *Applied Linguistics*, 1(1), 1980.

CAROLA, Carlos Renati; DASSI, Nilso. *Era uma vez o rio Mãe Luzia...* Criciúma: UNESC, 2014.

CONFORTIN, Helena. Atitudes Linguísticas de Falantes Bilíngues. *Revista Letras*, PUCCAMP, Campinas, v. 20, n. 1/2, p. 123-135, dez. 2001.

CORAZZA, Michelangelo. *Giovanni di Rio Jordão una pagina amara e sofferta di Zoldo*. Editora do autor: Belluno, 1997.

COSTA, Marcia Marques. *Tanti anni dopo*. Urussanga: Editora do autor, 2012.

CRICIÚMA. Prefeitura Municipal. *Comemorando dez anos de Gemellaggio*. 3 maio 2011. Disponível em: <http://www.criciuma.sc.gov.br/site/noticia/comemorado_dez_anos_de_gemellaggio-5617>. Acesso em: 7 maio 2015.

_____. Prefeitura Municipal. *Mapa Perímetro Urbano*. Novo Plano Diretor. 2014. Disponível em: <http://www.criciuma.sc.gov.br/site/upload/ckfinder/files/Anexo_05_Mapas_Perimetro_Urbano.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2014.

_____. Prefeitura Municipal. *Lei nº 3.900, de 28 de outubro de 1999*. Disponível em: <http://www.camaracriciuma.sc.gov.br/upload/conteudo/lei_3900-1999.doc>. Acesso em: 6 maio 2015.

_____. Prefeitura Municipal. *Lei nº 4.159, de 29 de maio de 2001*. Disponível em: <<http://www.camaracriciuma.sc.gov.br/documento/lei-no-4159-2001-4051>>. Acesso em: 6 maio 2015.

_____. Prefeitura Municipal. *Sobre a história*. Disponível em: <http://www.criciuma.sc.gov.br/site/turismo/p/sobre_a_historia>. Acesso em: 25 fev. 2015.

CURI, José. *El Talian* (a língua dos imigrantes italianos de Santa Catarina). Florianópolis: Editora Garapuvu, 2009.

DALL'ALBA, João Leonir. *Imigração italiana em Santa Catarina (Documentário)*. Caxias do Sul: Editora da Universidade de Caxias do Sul, Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, Florianópolis: Ed. Lunardelli, 1983.

DASSI, Nilso. Cronologia município de Siderópolis. In: *Portal Siderópolis*. 10 abr. 2009. Disponível em: <<https://portalsidera.wordpress.com/2009/04/10/cronologia-municipio-de-sideropolis/>>. Acesso em: 5 dez. 2015.

_____. *Nova Belluno, 1891 – Siderópolis, 1943*. Siderópolis: Ed do Autor, 2011.

DAL CORNO, Giselle Olivia Mantovani. Consequências de atitudes linguísticas negativas para com grupos linguísticos: da estigmatização à solidariedade. In: Congresso Internacional de Linguagem e Interação. São Leopoldo-RS. *Anais... UNISINOS*, 2005.

DAL CORSO, Giselle Olivia Mantovani; SANTINI, Mara Suzana. Reações subjetivas à fala com sotaque italiano na RCI do Rio Grande do Sul. *Coletânea Cultura e Saber*, Caxias do Sul, v. 2, n. 1, p. 35-45, 1998.

DESCENDENTES: os filhos da imigração. Direção: Eonir Malgaresi. Produção de Epagri. 2014. 21 min. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=H3HxIDz2ixs#t=174>>. Acesso em: 3 fev. 2014.

DUBOIS, Jean *et al.* *Dicionário de linguística*. São Paulo: Cultrix, 1993.

FAGGION, Carmen Maria. Estigma, cultura e atitude: investigações preliminares sobre o binômio prestígio/estigmatização na linguagem da região de Colonização Italiana da Serra gaúcha. In: FROSI, Maria Vitaliana; FAGGION, Carmen Maria; DAL CORNO, Giselle Olivia Mantovani (Orgs.). *Estigma: cultura e atitudes linguísticas*. Caxias do Sul: EDUCS, 2010. p. 61-76.

FASOLD, Ralph. *La Sociolingüística de la Sociedad: Introducción a la Sociolingüística*. Trad. Margarita España Villasante e Joaquín Mejía Alberdi. Madrid: Visor Libros, 1996.

FÁVERI, Marlene. *Memórias de uma (outra) guerra: cotidiano e medo durante a Segunda Guerra em Santa Catarina*. Itajaí: Editora da Universidade do Vale do Itajaí, 2005.

FECAN. *Home*. Disponível em: <<http://www.fecam.org.br/>>. Acesso em: 7 jul. 2015a.

_____. *Metodologia IDMS*. Disponível em: <<http://indicadores.fecam.org.br/cms/pagina/ver/codMapaltem/621>>. Acesso em: 7 jul. 2015b.

_____. *Sistema de Indicadores de Desenvolvimento Municipal Sustentável (SIDMS)*. 2014. Disponível em: <http://indicadores.fecam.org.br/uploads/28/arquivos/385900_Metodologia_Completa_IDMS_2012.pdf>. Acesso em: 6 jul. 2015.

FESTA DO VINHO. Disponível em <<http://www.festadovinho.tur.br/2014/>>. Acesso em: 6 fev. 2015.

FISHMAN, Joshua. A. *La sociologia del linguaggio*. Tradução Maurizio Gnerre. Roma: Officina Edizioni, 1975.

FONTANELLA, Gerusa. *Motivos que levam os cidadãos urussanguenses a se utilizarem da dupla-cidadania para migrarem para a Europa*. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Relações Internacionais) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2004.

FROSI, Maria Vitalina. A linguagem oral da região de colonização italiana no sul do Brasil. In: MAESTRI, Mário (Coord.). *Nós, os ítalo-gaúchos*. Porto Alegre: UFRGS, 1996. p. 158- 167.

FROSI, Maria Vitalina *et al.* *Estigma: cultura e atitudes linguísticas*. Caxias do Sul: Editora da Universidade de Caxias do Sul (EDUCS), 2010.

_____. Bilinguismo, identidade étnica e atitudes linguísticas. In: CHAVES, F. L.; BATTISTI, E. (Org.). *Cultura regional 2: língua, história e literatura*. Caxias do Sul: Editora da Universidade de Caxias do Sul (EDUCS), 2006. p. 97-111.

_____. Da estigmatização à solidariedade: atitudes linguísticas na RCI. *MÉTIS: história & cultura*, v. 4, n. 8, p. 257-280, jul./dez. 2005. Disponível em: <www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/download/1227/850>. Acesso em: 4 set. 2013.

FROSI, Maria Vitalina; MIORANZA, Ciro. *Imigração Italiana no Nordeste do Rio Grande do Sul*. Caxias do Sul: Editora Movimento Co-Edição Universidade de Caxias do Sul, 1975.

FURLAN, Oswaldo Antônio. Gli italiani nello stato di Santa Catarina: una bibliografia commentata. *Fragmentos*, Florianópolis, n. 21, p. 103-137, jul.-dez. 2001.

GASPARETTO JUNIOR, Antonio. *Integralismo*. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/historia-do-brasil/integralismo/>>. Acesso em: 12 mar. 2015.

GOOGLE MAPS. [Tubarão-Pedras Grandes]. [2015]. Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps/dir/Pedras+Grandes,+State+of+Santa+Catarina/Tubar%C3%A3o,+SC/@-28.4982966,-49.1896419,12z/am=t/data=!3m1!4b1!4m13!4m12!1m5!1m1!1s0x95216d40de7b78e9:0x202f3a9c811de0c6!2m2!1d-49.2233389!2d-28.4919629!1m5!1m1!1s0x952142592ca52293:0xf8e8b689980101de!2m2!1d-49.0148571!2d-28.4718138>>. Acesso em: 7 dez. 2015.

GRAVAÇÃO de Centenário de Urussanga será transformada em filme. *Jornal Vanguarda*, Urussanga, 13 fev. 2015. Geral.

GROSJEAN, François. *Life with two Languages: An Introduction to Bilingualism*, Cambridge, Massachusetts e Londres: Harvard University Press, 1982.

GRUPO FOLCLÓRICO ÍTALO-BRASILEIRO. *Informação*. Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/pages/Grupo-Folcl%C3%B3rico-%C3%8Dtalo-Brasileiro-Nova-Veneza/121350660032?sk=info&tab=page_info>. Acesso em: 3 mar. 2015.

GUBERT, Antônio. *Influências do Talian no PB de Vargeão, SC: um estudo sobre variação no nível fonético*. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

HEYE, Jürgen. Línguas em contato: considerações sobre bilinguismo e bilinguagem. In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara. *Português Brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.

_____. *Sociolinguística e ensino: contribuições para a formação de professores de língua*, Florianópolis, Ed. UFSC, 2006: 69-83.

HEYE, Jürgen; VANDRESEN, Paulino. Línguas em contato. In: CARDOSO; Suzana Alice Marcelino; MOTA, Jacira Andrade; SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. *Quinhentos anos de história linguística do Brasil*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006.

IBGE. *Sinopse Censo demográfico 2010: Santa Catarina*. 2010. Disponível em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?uf=42&dados=8>>. Acesso em: 12 mar. 2014.

KREUTZ, Lúcio. Escolas comunitárias de imigrantes no Brasil: instâncias de coordenação e estruturas de apoio. *Revista Brasileira de Educação*, n. 15, p. 159-176, set.-dez. 2000.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos* [1972]. Trad. Marcos Bagno; Maria Marta Scherre; Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

LABOV, William. Estágio na aquisição do inglês padrão. In: FONSECA, M.S.V.; NEVES, M. E. (Org.) *Sociolinguística*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.

LAMBERT, Wallace. A social psychology of bilingualism. *Journal of Social Issues*, n. 23, v. 2, p. 91-109, [1967] In: PAULSTON, Chistina Bratt; TUCKER, G. Richard (orgs). *Sociolinguistics: the essential readings*. Malden, Mass: Blackwell Publishing Ltd, 2003.

LAMBERT, Wallace E. A Social Psychology of Bilingualism. *Journal of Social Issues*, n. 23, 1967. p. 91-109.

LAMBERT, William W.; LAMBERT, Wallace E. *Psicologia social*. Trad. Dante Moreira Leite. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

LA VOCE DELLA BENEDETTA. Disponível em: <<http://lavoceurussanga.blogspot.com.br>>. Acesso em: 10 fev. 2015.

LENARD, Andrieta. *Lealdade linguística em Rodeio (SC)*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1976.

LÓPEZ MORALES, Humberto. *Sociolinguística*. Madrid: Editorial Gredos, 2004.

LUZZATTO, Darcy Loss. A nossa língua. In: MAESTRI, Mário et al. *Nós, os ítalo-gaúchos*. 2. ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1998. p. 168-172

MANFROI, Olívio. Imigração Alemã e Italiana: estudo comparativo in Instituto Superior Brasileiro-Italiano de Estudos e Pesquisa. In: I e II Forum de Estudos Ítalo-brasileiros, 01-05 de julho de 1975 e 18-21 de outubro de 1976, Caxias do Sul. *Anais...* Porto Alegre, Escola Superior de Teologia são Lourenço de Brindes; Caxias do Sul, Universidade de Caxias do Sul, 1979.

MARGOTTI, Felício W. *Difusão sócio-geográfica do português em contato com o italiano no sul do Brasil*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

MARQUES, Agenor Neves. *Imigração Italiana – Edição Comemorativa do Centenário de Urussanga – 1878 – 1978*. Criciúma: Gráfica Ribeiro, 1978.

MARZANO, Luigi. *Colonos e missionários na floresta do Brasil*. Tradução de João Leonir Dall'Alba. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1985.

MELLO, Heloísa Augusta Brito de. Atitudes linguísticas de adolescentes americano-brasileiros de uma comunidade bilíngüe no interior de Goiás. *Revista Letras*, PUCCAMP, Campinas, v. 22, n. 1/2, p. 85-114, dez. 2003.

MIORANZA, Ciro. O futuro dos dialetos italianos. In: DE BONI, Luís A. (org.) *A presença italiana no Brasil*, v. II. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia; Torino: Fondazione Giovanni Agnelli, 1990. p. 595-601.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. *Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje*. Barcelona: Editorial Ariel, 1998.

NARO, Anthony. O dinamismo das línguas. In.: MOLLICA, Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). *Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 43-50.

NOVA VENEZA. Prefeitura Municipal. *Plano Diretor*. Disponível em: <http://camaranovaveneza.sc.gov.br/leis_ordinarias.php?news_id=105417&start=1600&category_id=100017&parent_id=0&arceyear=&arcmonth=>. Acesso em: 6 maio 2015a.

———. Prefeitura Municipal. *Pontos turísticos*. Disponível em: <<http://www.novaveneza.sc.gov.br/pontos-turisticos/>>. Acesso em: 3 mar. 2015b.

PAIVA, Maria da Conceição. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). *Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 43-51.

PAIVA, M. C. A. de.; DUARTE, M. E. L. Quarenta anos depois: A herança de um programa na sociolingüística brasileira. In: WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da sociolingüística*. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: 2006. p. 131-151.

PEDRAS GRANDES. Prefeitura Municipal. *Plano Diretor*. Disponível em: <<http://www.camarapedrasgrandes.sc.gov.br/site/images/Docs/Plano%20Diretor%20-%20Parte%201.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2014.

———. Prefeitura Municipal. *Turismo*. Disponível em: <<http://www.pedrasgrandes.sc.gov.br/turismo>>. Acesso em: 3 fev. 2015.

PIAZZA, Walter. *A colonização italiana em Santa Catarina*. Florianópolis: IOESC, 1976.

PIAZZA, Walter F.; HÜBENER, Laura Machado. *Santa Catarina História da Gente*. 4 ed. Florianópolis: Ed. Lunardelli, 1997.

PROGOETHE. Disponível em: <<http://www.progoethe.com.br/>>. Acesso em: 9 fev. 2015.

RÁDIO FUNDAÇÃO MARCONI. Disponível em: <www.radiomarconi.net>. Acesso em: 3 fev. 2015.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. *Por uma linguística crítica: Linguagem, Identidade e a Questão ética*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

RICHARDSON, Roberto Jarry *et al.* *Pesquisa social: Métodos e Técnicas*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

RODRIGUES, Aroldo. *Psicologia Social*. 7 ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1972.

SANTA CATARINA. Estado. Edital da Secretaria de Segurança Pública, aos 28 de janeiro de 1942. *Diário Oficial do Estado*, Florianópolis, 28 jan. 1942, p. 4.

SANTOS, Roselys I. dos. *A terra prometida – emigração italiana: mito e realidade*. Itajaí: Editora da UNIVALI, 1998.

SANTOS, Salete Rosa Pezzi. *O Radicci no contato italiano-português da região de Caxias do Sul: identidade, atitudes linguísticas e manutenção do bilinguismo*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/2275/000317092.pdf?sequence=1>> Acesso em: 9 set. 2013.

SAVILLE-TROIKE, Muriel. *The ethnography of communication: An Introduction*. Oxford: Blackwll Publishing, 2003.

SCHLIEBEN-LANGE, Brigitte. *História do falar e história da Linguística*. Trad. Fernando Tarallo et al., Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO, CULTURA E DESPORTO DE URUSSANGA (SECD-URUSSANGA). Estudantes de italiano na cidade [mensagem pessoal]. Mensagem recebida em 6 jun. 2015.

SERAFIM, Carla Nichele. *Construção da italianidade entre descendentes de imigrantes no município de Urussanga*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

SIDERÓPOLIS. Prefeitura Municipal. *Município*. Disponível em: <<http://www.sideropolis.sc.gov.br/municipio/index/codMapaltem/5716>>. Acesso em: 10 mar. 2015.

———. Prefeitura Municipal. *Plano Diretor*. Disponível em: <http://www.tubarao.sc.gov.br/cms/pagina/ver/codMapaltem/22109#.VZq_a_IViko>. Acesso em: 12 mar. 2014.

SILVA, Giselle Machline de Oliveira. Coleta de dados. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.) *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 117-133.

SILVA, F. C. O. Etnia, cor e raça: aspectos discursivos do uso institucional. In: *// Simpósio Internacional de Análise Crítica do Discurso. VII Encontro Nacional de Interação em Linguagem Verbal e Não-Verbal*, 2008, São Paulo. Anais do II Simpósio Internacional de Análise Crítica do Discurso VII Encontro Nacional de Interação em Linguagem Verbal e Não-Verbal. João Pessoa: Ideia, 2008. v. 1. p. 1-12.

SILVA-PORELI, Greize Alves. *Crenças e atitudes linguísticas na cidade de Pranchita PR: Um estudo das relações do português com línguas de contato*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.

SKEHAN, P. *A Cognitive Approach to Language Learning*. Oxford: Oxford University Press, 1998.

SKINNER, B. F. *Sobre o behaviorismo*. São Paulo: Cultrix, 1982.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. 8ª ed. São Paulo: Ática, 2007.

TOSCAN, Mirian Peccati. *O comportamento linguístico na comunidade bilíngue ítalo-brasileiro de Nova Pádua RS: identidade, prestígio, estigma linguísticos*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2005.

TUBARÃO. Prefeitura Municipal de Tubarão. *História*. 3 abril 2014. Disponível em: <<http://tubarao.sc.gov.br/turismo/informacoes/>>. Acesso em: 9 fev. 2015.

———. Prefeitura Municipal de Tubarão. *Turismo*. Disponível em: <<http://tubarao.sc.gov.br/turismo/informacoes/>>. Acesso em: 9 fev. 2015.

UGO, Gianluigi. *Piccola Storia d'Italia: Breve manuale di storia con spiegazioni e adattamenti anche ad uso degli stranieri*. Perugia: Guerra Edizioni, 1994.

UMA GÔNDOLA para Nova Veneza (teaser). Direção e produção: Joana Nin. 2014. 3,5 min. Disponível em: <<https://vimeo.com/62067544>>. Acesso em: 3 mar. 2015.

URUSSANGA. Prefeitura Municipal. *Plano diretor participativo do município de Urussanga/SC*. 1 jul 2008. Disponível em: <<http://198.106.215.51/maps/map8.pdf>> Acesso em: 12 mar. 2014.

———. *Turismo*. Disponível em: <www.urussanga.sc.gov.br/turismo/evento/detalhe/codEvento/432>. Acesso em: 6 fev. 2014.

VALES DA UVA GOETHE. *Histórico*. Disponível em: <<http://www.valesdauvagoethe.com.br/historico.php?id=1>>. Acesso em: 9 jul. 2015.

VARGAS, Getúlio. *As diretrizes da nova política no Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1943.

VETTORETTI, Amadio. *História de Tubarão: das origens ao século XX*. Tubarão: Prefeitura Municipal de Tubarão, 1992.

VOTRE, Sebastião Josué. Relevância da variável escolaridade. In.: MOLLICA, Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 51-57.

WARMLING *et al.* *Siderópolis: uma cidade boa para se viver*. Prefeitura de Siderópolis: Siderópolis, 2012.

WEBI. *Webi environment business innovation*. Disponível em: <<http://www.150anni.it>>. Acesso em: 5 dez. 2015.

WEINREICH, Uriel. *Lingue in contatto*. Trad. Giorgio Raimondo Cardona. Torino: Editore Boringhieri, 1974.

ANEXOS

ANEXO A – Questionário com entrevista semiestruturada

- 1- Você é descendente de italiano de qual cidade ou região da Itália, você sabe?
- 2- Como você se sente mais? Brasileiro ou italiano?
- 3- Você fala dialeto?
- 4- Gosta de falar?/Gosta de ouvir falar?
- 5- Hoje, em quais situações e com quem você fala (ou ouve) dialeto italiano?
- 6- Quando você era criança, seus pais falavam com você em dialeto italiano, em português ou em outra língua? Por quê?
- 7- Quando você era criança, em que língua você falava com seus avós? E com seus irmãos?
- 8- Seus pais tinham/tem sotaque italiano? Você gostava/gosta? Por quê?
- 9- Em que língua as crianças aprendem a rezar, hoje em dia?
- 10-E você, em que língua aprendeu a rezar na sua infância?
- 11-Continua rezando assim?
- 12-Seus pais e seus avós falavam dialeto entre eles? Por quê?
- 13-(se tiver filhos e souber dialeto) Você ensinou dialeto aos seus filhos? Por quê?
- 14-Você lembra algum fato importante, relacionado com a fala, na época que você frequentava a escola?
- 15-Você ouviu falar que, na época da guerra, foi proibido usar o italiano no Brasil? Conhece alguma história dessa época? Sabe de algum caso que tenha ocorrido com familiares? O que a polícia fazia com quem pegava falando italiano?
- 16-Você acha que ainda hoje existe esse sentimento (de medo, de vergonha) em relação à língua italiana?
- 17-E italiano “grammaticale” (padrão), você conhece?
- 18-Gosta dessa língua? Gosta de falar/ouvir?

- 19-Hoje você gosta de falar italiano? Quando você ouve alguém falando italiano o que você acha dessa pessoa?
- 20- Onde você aprendeu?
- 21-Você acha bonito ou feio o italiano? E o português, é bonito ou feio?
- 22-Qual a língua mais bonita em sua opinião?
- 23-Se você fosse comprar uma casa num bairro onde só houvesse italianos, você compraria?
- 24-Se você fosse comprar uma casa num bairro onde só houvesse brasileiros, você compraria?
- 25-Se precisasse de um médico ou dentista procuraria um italiano? Por quê?
- 26-Se precisasse de um médico ou dentista procuraria um brasileiro? Por quê?
- 27-Você tem amigos italianos ou descendente de italianos? Como começou essa amizade?
- 28-Você tem amigos brasileiros? Como começou essa amizade?
- 29-Com qual deles você sente que a amizade é mais sincera? Por quê?
- 30-Você já se desentendeu, brigou com algum deles? Por que motivo?
- 31-Com um namorado(a) você usa italiano ou português? Qual deles expressaria mais carinho? Que expressões seriam mais amorosas em português e/ou em italiano?
- 32-Quando você tropeça numa pedra ou em algum lugar e machuca o pé, em que língua você xinga? Me dê alguns exemplos de xingamento em italiano!
- 33- Você acha que a língua italiana está diminuindo na sua cidade?
- 34-Você acha que deveria ter italiano nas escolas? E se fosse ensinado o dialeto nas escolas? O que você acha?
- 35-Isto é bom ou ruim para nós?
- 36-Sobre esse contato entre o português e o italiano que acontece aqui em (nome da cidade), gostaria de falar mais alguma coisa que eu não tenha perguntado?
- 37-Você permite que eu use em meu trabalho o que falamos aqui?
- Duração da entrevista: ____ minutos.

ANEXO B – Tabela de análise para a compreensão de como foram elaborados os gráficos da cidade de Nova Veneza

	Dimensão	Diagenérica		Diazonal		Diageracional	
		H	M	R	U	J	I
N E G A T I V A S	Atitudes						
	1) Sente-se mais brasileiro (a).	0	2	2	0	0	2
	2) Não compraria casa em um bairro só de italianos.	2	2	2	2	2	2
	3) Descendência italiana não interfere na amizade.	5	2	2	5	5	2
	4) Já sentiu/sente vergonha do sotaque italiano.	2	5	5	2	2	5
	5) Fez bullying com outros descendentes por causa do sotaque italiano na escola.	2	0	0	2	2	0
	6) Sentiu-se mal por ser italiano alguma vez.	2	1	2	1	0	3
	7) Não conhece a origem do seu sobrenome italiano.	1	2	3	0	2	1
	8) Não sabe histórias dos descendentes italianos.	0	2	1	1	2	0
	9) Não sabe da história da proibição de falar italiano durante a guerra.	2	2	3	1	3	1
10) Afirma que a proibição de falar italiano durante a guerra não lhe fez mal.	1	1	0	2	0	2	
N E U T R A S	1) Tanto faz o médico (brasileiro ou italiano).	3	4	3	4	6	1
	2) Não tem como dizer qual língua é mais bonita (português ou italiano).	3	2	2	3	5	0
	3) Sente-se 50% brasileiro(a), 50% italiano(a).	4	2	4	2	4	2
	4) Tanto faz o bairro para comprar uma casa (brasileiros ou italianos).	5	4	4	5	6	3
P O S I T I V A S	1) Sente-se mais italiano (a).	4	5	3	6	4	5
	2) Compraria casa em um bairro só de italianos.	3	2	2	3	2	3
	3) Não compraria casa em um bairro só de brasileiros.	2	1	0	3	0	3
	4) Não iria a um médico brasileiro.	0	2	0	2	0	2
	5) Acha a língua italiana mais bonita comparada ao português.	2	2	1	3	2	2
	6) Descendência italiana interfere na amizade.	1	3	3	1	3	1
	7) Gosta de sotaque italiano.	2	1	2	1	1	2
	8) Gosta de ser italiano (a).	2	3	3	2	4	1
	9) Falou “Tenho orgulho de ser italiano”.	1	2	0	3	1	2
	10) Valorização das festas italianas da região, tornam-se mais italianos.	0	2	1	1	2	0
	11) Conhece a origem do seu sobrenome italiano.	3	4	1	6	4	3
	12) Tem contato com a língua italiana/diaeto atualmente.	6	5	6	5	5	6
	13) Sabe histórias familiares dos descendentes italianos.	3	3	3	3	2	4
	14) Sabe da história da proibição de falar italiano.	6	6	5	7	5	7
	15) Acha interessante/legal / bonita /gosta da língua italiana.	5	6	6	5	7	4
	16) Acha que deveria ter italiano nas escolas.	7	8	8	8	7	9
	17) Estudou italiano <i>standard</i> e gostou.	2	5	2	5	5	2

18) As tradições italianas estão presentes na casa (especialmente culinárias).	4	4	5	3	1	7
19) Ensinou dialeto aos filhos.	4	1	3	2	0	5
20) Admite que usa palavras italianas no seu dia a dia.	4	5	2	7	5	4
21) É melhor/mais fácil falar italiano que português.	1	2	1	2	0	3
22) Morou/visitou a Itália por ser descendente de italiano e gostou.	0	2	0	2	0	2
23) Expressões de amor em língua italiana/dialeto mexem mais com o coração.	0	4	2	2	0	2

Análise dimensão diagenérica

Atitudes negativas (10) 100%	
Predominantemente homens (3)	30%
Predominantemente mulheres (4)	40%
Homens e Mulheres (3)	30%

Atitudes positivas (23) 100%	
Predominantemente homens (5)	22%
Predominantemente mulheres (14)	61%
Homens e Mulheres (4)	17%

Atitudes neutras (4) 100%	
Predominantemente homens (3)	75%
Predominantemente mulheres (1)	25%
Homens e Mulheres (0)	0%

Análise dimensão diazonal

Atitudes negativas (10) 100%	
Predominantemente rural (5)	50%
Predominantemente urbana (3)	30%
Rural e Urbana (2)	20%

Atitudes positivas (23) 100%	
Predominantemente rural (7)	31%
Predominantemente urbana (12)	52%
Rural e Urbana (4)	17%

Atitudes neutras (4) 100%	
Predominantemente rural (1)	25%
Predominantemente urbana (3)	75%
Rural e Urbana (0)	0%

Análise dimensão diageracional

Atitudes negativas (10) 100%	
Predominantemente jovens (5)	50%
Predominantemente idosos (4)	40%
Jovens e Idosos (1)	10%

Atitudes positivas (23) 100%	
Predominantemente jovens (7)	31%
Predominantemente idosos (15)	65%
Jovens e Idosos (1)	4%

Atitudes neutras (4) 100%	
Predominantemente jovens (4)	100%
Predominantemente idosos (0)	0%
Jovens e Idosos (0)	0 %